

UM RAPAZ NO CONGRESSO

de

BORGES CARREIRA

Se, por um lado, devemos sempre lembrarmo-nos de que somos rapazes, e rapazes que andam na escola, por outro devemos ter presente em nosso espírito que formamos um agregado social completo... uma sociedade, na qual, pela natureza da conjuntura, devemos não só aprender mas agir e viver: e agir e viver não apenas como rapazes, mas como rapazes que hão-de ser homens.

“Rugby Magazine”

(citado a partir de “Tom Brown’s Schooldays” de Thomas Hugues, tradução de Edith Pinto)

RAPSÓDIA I

“ A fim de tratar de assunto do interesse do seu educando, Ulisses Berengário dos Santos e Silva, solicito a sua comparência no Gabinete da Direcção no próximo dia 17 de Dezembro de 2013, pelas 10h 00m.

Com os melhores cumprimentos

O DIRECTOR”

E vinha a seguir uma assinatura, decidida mas ilegível, a de quem prefere um pouco de mistério nas manifestações de autoridade, talvez por o mistério reforçar a autoridade.

O postal com a notificação foi deixado na caixa de correio da portaria na sexta-feira 12 de Dezembro, e Helena, a mãe de Ulisses, enrugou a testa, numa breve manifestação de contrariedade. Quarta-feira às 10 da manhã não lhe convinha mesmo nada e seria obrigada a desmarcar o que tinha de fazer a essa hora.

Mas na quarta-feira seguinte, cinco minutos antes da hora marcada, Helena apresentou-se na Direcção da Escola Secundária da Lapa. A telefonista leu o postal e olhou-a por cima dos óculos.

- É a mãe do Ulisses?

- Sou – confirmou Helena, com afável secura.

A telefonista voltou a ler o postal, como se necessitasse de repetir a leitura para se convencer de que não era tudo uma ilusão. Depois, medindo novamente Helena com o olhar, levantou-se e fez-lhe um gesto para que a seguisse. Convidou-a a esperar numa saleta envidraçada, com quatro sofás em volta de uma mesa de tampo de vidro, e seguiu sozinha por um corredor, levando consigo o postal.

Voltou, quase imediatamente.

- O Sr. Director, de momento, está ocupado. Já a vai atender. É só um momento.

Helena ficou sozinha na saleta e reparou que havia revistas em cima da mesa, como se fosse a sala de espera de um dentista.

Quando finalmente foi recebida passavam já trinta e cinco minutos das dez e o Director olhou-a com atenção de míope. Encontrou uma tranquila expectativa, sem sinais de enfado por ter esperado que ele acabasse de ler o jornal desportivo, nem sinais de alívio por afinal ter sido recebida.

A mãe do aluno era uma mulher impressionante. Repetiu mesmo, para si – impressionante, impressionante... Ia tentar o adjetivo “espectacular” mas decidiu-se antes por “monumental”. “Colossal” era demasiado e desproporcionado. Onde é que já a vira?

- Passa-se alguma coisa com o seu filho?

- Passa-se alguma coisa com o meu filho? – ecoou Helena, mudando apenas o possessivo.

Aqueles cabelos a meio caminho entre o castanho e o louro, finalmente ondedos, rodeando um rosto suavemente moreno, talvez dourado, iluminado por uns olhos claros de luz indefinida... Coisas da Poesia.

- Quero dizer, o Ulisses tem problemas em casa? Creio saber que se trata de uma família monoparental. Há mais gente em casa? Pessoas que bebam, consumam drogas, eu sei lá?...

Helena apertou os lábios, dando-lhes a forma de um beijo, e alargou o seu olhar pelo gabinete, como se a resposta tivesse de ser bem medida, e as palavras pesadas uma a uma antes de ser ditas.

- Por “monoparental” entende o filho que vive apenas com o pai ou com a mãe - é isso, não é? Pois então não é o caso. O pai do Ulisses anda embarcado, mas vem a casa sempre que faz escala em Cádiz ou Lisboa.

O Director mergulhou no processo que tinha à sua frente, com uma fotografia de Ulisses rodeada de anotações, setas vermelhas e pontos de interrogação.

- E todavia, pelas informações que tenho, o pai do Ulisses não vem a casa já vai para três anos. Acha isso normal?

- É uma viagem longa – asseverou Helena.

- Sim, não há dúvida que é uma viagem longa – repetiu o Director, incrédulo. – Alguma ocupação secreta, fora do comum, ou coisa do género?

Alta, de formas monumentais e extremamente bem proporcionadas. Mesmo com calças de ganga e um blusão vermelho vivo de uma fibra barata, adivinhava-se a deusa no seu interior.

- Já vê. Se lhe digo que a ocupação do pai do Ulisses é a mais banal do mundo, não me vai acreditar. Se a ocupação dele for secreta, nada lhe posso dizer. E, no entanto, a verdade é do mais simples que há – ele é um vulgar marinheiro, que faz viagens longas. Nada mais normal.

Aquele rosto e todo aquele porte majestoso não destoariam entre colunas de mármore recortadas no azul do Mediterrâneo, e num céu transparente e claro, com raras nuvens.

- Sim, compreendo – fez o Director, sem compreender.

- Telefona sempre que pode. Nunca esquece a família – acrescentou Helena, como que a querer desfazer qualquer mal entendido.

- Não faz mais do que...

- E voltando agora ao meu filho... - recordou Helena, sem o deixar terminar o lugar-comum que estava implícito nas primeiras palavras.

- Não veja nisto a mais leve censura, que não é. O Ulisses não é um rapaz normal. Com catorze anos já leu a “Guerra e Paz”, o “Dom Quixote”, o “Vermelho e Negro”, a “Educação Sentimental”, e o “Ulysses” de James Joyce. Kant, Hegel e Nietzsche. E ainda por cima no original, com excepção para a “Guerra e Paz”. Domina o latim e o grego clássico. Francês, inglês, castelhano, italiano e alemão. Mas que educação é que estão a dar ao rapaz? – aqui o Director sentiu-se feliz por ter omitido o “que raio de educação” que lhe tinha vindo quase a meio da boca mas que o seu refinamento de maneiras sufocara à nascença.

Helena mostrou espanto.

- Sério? Línguas, literatura e filosofia; haverá alguma coisa de errado nelas? Ler, pensar e falar será censurável? Já? Ainda só estamos em 2013.

O Director pensou que talvez o ar condicionado estivesse muito forte, apesar do frio que fazia em Dezembro.

- Tem calor? Se quiser tirar o blusão esteja à vontade.

O Director comunicou pelo telefone interno “D.Suzete, traga dois em vez de um”, e Helena aproveitou para tirar o blusão e colocá-lo nas costas da cadeira. Vestia uma camisola rosa, muito justa, modelando seios perfeitos, e o Director sentiu-se inexplicavelmente feliz.

- Que eu até nem concordo com a divisão entre “ordinários” e “extraordinários”, seja entre alunos, seja lá fora. Mas, porém, todavia, contudo, o número de ordinários aumenta e o de extraordinários concomitantemente diminui. Ora, como é que se acaba por sentir um extraordinário, rodeado de gente ordinária? Ordinária, por assim dizer...

A telefonista entrou sem bater à porta. Segurava uma bandeja metálica rectangular, com duas chávenas de café, colheres e um açucareiro. Passou uma chávena para as mãos de Helena, sem lhe perguntar se o queria ou não, como se desse por adquirido que a jovem mulher o beberia, com ou

sem vontade. Após o que fechou a porta atrás de si, com um esgar de dúvida – até que ponto é que uma mulher como Helena justificaria um gasto de amabilidades e café, eis o que ela não podia descortinar sem recurso à parte mais depravada da sua imaginação.

- Claro, quando me refiro a gente ordinária, não estou a falar dos colegas do Ulisses. A maior parte dos alunos desta Escola são filhos de pais que os poderiam pôr a estudar em Colégios de Jesuítas ou no Colégio Moderno, e que, todavia, preferem tê-los aqui. E aqui, aqui... aqui pratica-se um ensino de qualidade. Ensino público não tem de ser – e buscou desesperadamente palavras aladas -, não tem de ser sinónimo de falta de qualidade. Por isso estamos no primeiro lugar do *ranking* das Escolas Secundárias Públicas Nacionais e no 12º. do *ranking* das Escolas Secundárias Públicas da Europa.

Estava certo de que já a vira. Mas onde? Numa estreia de cinema, na missa, na cantina da Faculdade, passeando junto ao Tejo?

- Não me cabem a mim todos os louros pela educação de Ulisses – disse Helena, com a sua voz de timbre agradável. – Eu só lhe ensinei Latim e Grego, Francês, Inglês, Italiano e Alemão, História, Desenho, Solfejo, Piano e Matemática. O pai ensinou-lhe a Física, a Química, a Filosofia, a Economia e a Astronomia. Para além disso, moram muitos diplomatas no prédio onde trabalho – eu dou aulas de Piano aos filhos e eles dão aulas ao Ulisses... quando podem.

- Que engraçado – fez o Director, sentindo-se desajeitado e, ao mesmo tempo, procurando disfarçar a inveja que sentia por uma educação tão completa. – Julgo saber que a senhora é porteira. É raro encontrar tanta cultura numa porteira. Arriscar-me-ia a dizer que a senhora, sim, a senhora, o seu filho e o seu marido são gente... incomum.

Helena sorriu e o Director voltou a sentir-se feliz.

- Oh não. Somos vulgaríssimos de Lineu. Tudo se explica facilmente. Quando acabei o curso de Filologia Clássica, tentei o ensino. Concorri e fiquei colocada numa Escola, como se costuma dizer, por trás do sol-posto. Só em transportes, aluguer de casa e todas essas coisas, alimentação, etc., era mais do que o meu ordenado. Foi então que vi um anúncio para porteira, num prédio da Lapa, em que pediam conhecimento de línguas. A casa era excelente, o ordenado não era mau. Não hesitei.

- Vejam só... - admirou-se o Director. – Vejam só...

- Dizia então que o meu filho... - encaminhou Helena.

- Não é um rapaz normal, não é, não. Tenho pena, mas não é. Sim senhor, pratica exercício físico, gosta de atletismo, mas parece abominar o futebol. Utiliza a informática, mas foge de jogos de computador, alegando que lhe fazem mal à vista. E quando escreve *on line* é muito reservado no que diz, sendo de uma concisão propositada. Se isso não fosse chamar paranóico ao rapaz, eu quase diria que tem medo de estar a ser vigiado.

- E não estamos todos? – disse Helena, com a doçura de quem fala a uma criança.

- Ah não! – insurgiu-se o Director, mostrando espanto. – Por certo uma pessoa evoluída como a senhora não acredita nisso.

- Bem, os exemplos não faltam. Câmaras de video nas ruas, nos transportes, nas lojas, até nos restaurantes. Já viajou de avião, ultimamente?

- Percebo. É uma adepta da teoria da conspiração.

- Sr. Director, conspirações são casos de polícia. E eu não sou polícia, sou porteira.

O Director pôs os olhos no tecto, à espera de um chorrilho de lugares-comuns que não vieram. Helena não queria controvérsias. Não estavam no seu feitio e não se podia dar ao luxo de perder tempo.

- O seu filho, D.Helena, perdão, Dr^a.Helena, já me esquecia de que tem um curso superior, o seu filho tem problemas a nível dos valores... Por outras palavras, e creia que tem toda a minha simpatia, descobrimos que o seu filho rouba.

Olhou-a com a sofreguidão de quem esperasse ver toda aquela serena majestade esboroar-se como um castelo de areia diante da arremetida das vagas. Se Helena chorasse, ele saberia consolá-la. Pensou se o lenço que guardava no bolso das calças estaria suficientemente limpo. Não estava.

Helena, porém, encrespou um pouco as sobrancelhas, mais ofendida do que propriamente magoada.

- Vejamos, Sr.Director, deve haver um engano.

Vira-a num museu. Sim, era isso, aquele perfil esplêndido não enganava, Num museu, fortemente iluminado, um vaso grego, em que homens barbudos e sentados, erguiam os olhares para uma mulher que, de pé, hierática, nobre, infinitamente divina, lhes falava numa língua desconhecida cujos caracteres lhe saíam da boca inspirada.

- Não há engano nenhum, D.Helena. Eis como as coisas se passaram. Na aula de Inglês, no 3º. tempo da semana passada, a professora, a Dr^a.Ilda, deixou o telemóvel em cima da secretária. Quando tocou a sineta e a

professora se preparava para arrumar as suas coisas na mala, deu pela falta do telemóvel. Já não deixou sair ninguém, chamou o auxiliar, o Sr. Romão, e foram revistar as mochilas de todos os alunos. E onde é que estava o telemóvel da professora? Pois estava na mochila do seu filho Ulisses.

Por momentos, sentiu que estava num julgamento e que acabava de ler a acusação.

Helena suspirou, aparentemente aliviada.

- Bem vê, não pode ter sido o meu filho.

- Ora essa, Dr^a. Helena. Mas porquê?... Então se eu lhe estou a dizer?!...

- Não pode, por duas ordens de razões. Primeiro, o meu filho seria incapaz de qualquer baixeza. Não foi educado para isso.

- Sabe como se costuma dizer, D. Helena – interrompeu o Director. – Os nossos filhos são sempre os melhores do mundo...

Helena prosseguiu, indiferente à interrupção.

- E em segundo, como o próprio Sr. Director reconhece, o meu filho é inteligente e tem uma formação acima da média. Quem, nessas condições, iria fazer uma coisa tão óbvia como colocar um objecto furtado na própria mochila, como se quisesse mesmo ser descoberto? Se fosse o meu filho quem efectivamente tivesse furtado o telemóvel, não o teriam encontrado com ele.

- Dr^a. Helena, Dr^a. Helena – murmurou o Director, compadecido. – Bem se vê que nunca chegou a dar aulas. Eu ando nisto há muitos anos.

- Além de que – continuou Helena com a serena firmeza que tão bem se casava com o seu perfil de deusa -, o Ulisses nunca furtaria um telemóvel. Porque sabe que, através das antenas, é possível localizar o telemóvel. E que, mesmo que o não utilizasse e o vendesse, o comprador seria interrogado e apontar-lhe-ia o dedo. De todas as maneiras, seria apanhado. Logo, o Ulisses não faria isso.

- Ah, sim? Então quem foi, D. Helena? Quem foi?

- É claro que foi um colega de turma do Ulisses que não gosta dele e quis fazê-lo passar um mau bocado.

Lá fora, estava uma bonita manhã de Dezembro, fria mas com sol. Enquanto caminhava na rua, de regresso a casa, Helena sentiu pena do Director, e pensou que talvez tivesse sido melhor descer um pouco do seu pedestal e ter vertido uma lágrima, implorando compaixão e perdão para o seu filho.

Concordantemente, também o Director lamentava não ter falado com dureza e dito “Bom, os factos são graves e o meu dever é comunicá-los ao Ministério Público, para instauração de um processo tutelar, mas...” e logo depois acenar com os meios de abrandar a sua justa ira, talvez através de conversas mais esclarecedoras que viesse a ter com a mãe do aluno, noutra ambiente, mais propício à reflexão e ao entendimento.

Devia ter-lhe dado o seu número de telefone.

RAPSÓDIA II

Nunca em toda a sua vida sentira Ulisses como podia ser pesada uma manhã de Dezembro. A professora de pé, de lábios apertados, olhando para cada um deles, à espera de reconhecer o culpado só pela expressão. Dizem que há muitas maneiras de reconhecer um culpado. Ou porque fica vermelho, ou porque baixa os olhos ou porque não consegue estar quieto. O auxiliar, o Sr.Romão, vasculhava metodicamente e sem pressas as mochilas, à procura de um ***Something 1200***, e Ulisses olhava para fora, para a paisagem de casas e de uma nesga de rio que se descortinava entre as casas, porque não queria ver o interior das mochilas dos seus companheiros. Isso não era digno.

Vagueou, por momentos, pelo rio fora e desaguou no mar. Torneou continentes, à procura de uma ilha esquecida, onde houvesse uma lagoa de águas espelhentas que reflectissem o céu e as palmeiras. Entre as palmeiras insinuou-se o bafo a café do Sr.Romão.

- Com que então o menino? Bem me queria parecer.

O auxiliar segurava o telemóvel junto ao rosto de Ulisses.

- É este, Sr^a.Doutora?

A professora aproximou-se, trémula de raiva e disposta a fazer sentir o peso da sua decepção.

- Tu? Como foste capaz?

Era intolerável o olhar dos companheiros a convergir para o seu “eu” particular. Pareciam rajadas sucessivas de um fuzilamento por etapas. Ulisses gaguejou como pôde, vermelho como um tomate em Agosto.

- Não fui eu. Juro que não fui.

Mas sentia que a sua voz soava pouco convincente, quando as provas contra si pareciam tão esmagadoras. Acabava de ser atingido de uma forma traiçoeira, mesmo em cheio no seu brio de rapaz, e era como se tivesse sido expulso de uma festa.

A professora mandou sair os outros e ficou a sós com ele, que tremia de humilhação e dos esforços que fazia para não chorar.

Parecia um sonho mau, enquanto a Dr^a.Ilda lhe lançava em rosto o que pensava de filhos de porteiras e de que nem vale a pena falar, e que têm a sorte de frequentar um bom estabelecimento de ensino, que têm o privilégio de receber uma boa educação e de acamaradar com filhos das classes abastadas, mas deitam tudo a perder por não saber dominar os instintos perversos com que nasceram.

- Um ladrão no Liceu da Lapa, é coisa que nunca aconteceu, desde que me lembro.

A Dr^a.Ilda ainda não se acostumara à nova designação de Escola Secundária, mesmo que já tivesse mais de 30 anos, e continuava a preferir a designação de Liceu, que era mais aristocrática e soava melhor.

Ulisses tentava responder, explicar que não tinha sido ele e porque não podia ter sido ele. A sua mesa situava-se na quarta fila, afastada da secretária da professora. Teria de se agachar e aproximar-se da secretária sem dar nas vistas dos colegas, o que era muito difícil se não impossível. E nunca a Dr^a. Ilda lhe parecera tão insignificante e tão feia, nas suas calças pretas e camisola esverdeada, como se fosse um vômito. Como lhe poderia dizer, sem a magoar, que o seu Inglês era fraco e a pronúncia uma lástima?

- O teu lugar, Ulisses, não é aqui. Devias experimentar o Bairro de Santa Filomena, ou a Quinta do Conde, ou a Curraleira. Aqui não é o teu ambiente.

Ulisses negou com a cabeça e conseguiu articular – Mas não fui eu. Juro que não fui.

- Ulisses, não mintas. Bem basta o que basta. Foste apanhado. Confessa, que é melhor para ti.

Acabara de tocar a sineta para o 4º. tempo, quando a professora saiu da sala, dizendo que aquilo não ia ficar assim. E Ulisses sentou-se no seu lugar, como um náufrago que já desistiu de nadar.

O olhar dos colegas que regressavam à sala era... bom, a palavra era mesmo “intolerável”. Parecia que tinha havido uma combinação prévia entre todos ou quase todos – antes de se sentarem lançavam a Ulisses um olhar em que várias legendas desfilavam, todas do género “Cuidado que é ladrão”. Nestor, que se sentava nas filas da frente, tomou um caminho mais longo, para passar junto de Ulisses e resmungou baixinho o que daria um bom título para um filme “Afinal o génio era ladrão”. Só Herculano lhe deu uma palmada amiga no ombro “Então, pá, o que é que se passa contigo?”.

Ester, a condiscípula que Ulisses amava, ainda não estava refeita da surpresa e manteve-se imóvel no seu lugar.

A aula era de História e Ulisses reparou que o professor viera sem a pasta que costumava trazer para as aulas, e que o breve olhar que lhe lançou através das grossas lentes dos óculos, já não era amistoso, como costumava. “Então temos a esquadra romana a chegar a Actium. O nosso Ulisses, que estava lá, é que nos vai dizer o que fez António”.

Passados cinco minutos, entrou o Sr. Romão, com mais solenidade da que lhe era habitual no crânio que em cima reflectia a luz, e dos lados ostentava um semicírculo de cabelo negro.

- Peço desculpa, Sr. Doutor, mas o Ulisses tem que ir agora ao gabinete do Sr. Director – e espetou um dedo acusador na sua direcção.

Ulisses levantou-se e seguiu o auxiliar. Contou no caminho uma rampa em madeira que conduzia a um chão aos mosaicos brancos e negros, havia dez vidraças no átrio, que davam para o pátio superior, e oito lâmpadas fluorescentes no tecto.

- Que entre! Que entre! – fez o Director, deixando soar toda a autoridade que normalmente reprimia e que guardava para ocasiões como aquela, em que era preciso ser ríspido.

Convidou Ulisses a sentar-se e ergueu-se, para que pudesse olhar o jovem de cima para baixo, ao mesmo tempo que o encharcava de palavras que não eram aladas, antes sim um aliviar do peso de todos os preconceitos recalcados por uma Constituição em que não acreditava, como celebrante de uma religião que não era a dele.

- Raras vezes na vida sofri uma desilusão tão profunda. Tinha-te em muito boa conta. Eu tinha-te em muito boa conta. Alegro-me sempre que vejo pessoas de outros estratos sociais poderem estudar junto das classes mais - ia dizer “favorecidas”, mas receou que lhe fizessem interpretações esquerdistas do que eram apenas palavras -, junto das classes mais... preponderantes, enfim. Os teus méritos e os teus conhecimentos eram para mim uma prova da perfeição do nosso sistema e da vitalidade da nossa democracia, que permite o acesso a uma escola de qualidade a quem provém das classes menos – ia-lhe escapar outra vez a palavra “favorecidas”, e receou que vissem demagogia no que não passava de palavras -, das classes menos dominantes ou menos afortunadas, bastando para isso que se tenha potencial. Entraste pelos teus méritos na Escola Secundária da Lapa, e ninguém te disse “Vens de uma classe baixa. Não te podes sentar ao lado dos filhos das classes altas, que amanhã terão o poder neste País.”

Tanto o orador como Ulisses sabiam que isso não era verdade. Quando a mãe de Ulisses o viera inscrever na Escola Secundária da Lapa, que era a que ficava mais perto de casa, tivera de preencher uma ficha de inscrição muito pormenorizada. No espaço destinado às profissões do pai e da mãe, colocou, respectivamente “embarcado” e “porteira”. Logo de imediato o funcionário da Secretaria foi a um lugar misterioso chamado “lá dentro” e voltou, segurando o papel e dizendo-se consternado “Que era mesmo uma pena, mas é que já não havia quaisquer vagas”.

Mas Helena falara nesse mesmo dia com o adido cultural da Embaixada Americana, que morava no terceiro andar, e que tinha uma filha a quem a porteira dava lições de piano. Passadas 48 horas, Helena era chamada à Escola, com toda a urgência. Que tinha havido um lamentável engano e que havia de facto uma vaga para Ulisses, que lindo nome, não é?, Ulisses.

- E afinal – prosseguiu o Director -, vieram-se a confirmar todos os piores prognósticos que se fazem da convivência entre classes distintas e classes indiferenciadas. Porque, meu caro, a Escola Secundária da Lapa, ou Liceu da Lapa, como ainda lhe chama muita gente, não é lugar para ladrões, para ladrões, ouviste, Ulisses? Comigo à frente, esta nunca será uma Escola nem para ladrões, nem para drogados, nem para... prostitutas.

O Director suspirou, cansado. Receava ter-se excedido na oratória, mas há um estranho sortilégio nas palavras que empurra o discurso para o extremo e para o exagero, mesmo que não deliberado. Por exemplo, aquela referência a prostitutas talvez não tivesse sido muito feliz.

- Tens alguma coisa a dizer em tua defesa? – e o modo como fazia a pergunta trouxe-lhe à memória os filmes do Oeste, em que antes do julgamento já se tinham dado as últimas marteladas na forca.

- Não fui eu, Sr.Director.

- Como? – fez o Director, exprimindo o seu espanto com a boca aberta e as sobrancelhas carregadas. – Não foi? Não foooi?

- Estou inocente do que me acusam – disse Ulisses, na esperança de que a sua firmeza convencesse. – Não furtei o telemóvel da Sô Tôra de Inglês, e não sei quem mo pôs dentro da mochila.

Tinha havido algum rebuliço na sala, como uma onda que fora da secretária da professora à mesa de Ulisses e que refluía para as filas da frente. Mas Ulisses, que estava sempre atento às aulas, mesmo quando sonhava com outros mundos e outras dimensões, não reparara nos rostos visíveis na crista dessa onda.

- Está inocente. Não foi ele. Pronto, Ulisses, tenho estado para aqui a gastar inutilmente o meu latim. Claro que já sabes que vais ter um processo disciplinar, e que o meu dever é comunicar os factos ao Ministério Público. Prepara-te para o que te vai acontecer, e desde já te digo que não contes com coisa boa.

O Director suspirou, novamente. Como aquelas coisas o cansavam. Ficaria satisfeito se Ulisses fosse expulso do seu Liceu da Lapa, e, livre enfim da escumalha, só lá ficasse o escol. A palavra “nata” recordava-lhe pastelaria. Que Deus o livrasse para todo o sempre dos filhos das porteiras e dos seus estúpidos rancores de classe.

- Podes-te ir embora.

Quando Ulisses fechou, atrás de si, com suavidade, a porta da Direcção, nenhum deles se sentia satisfeito consigo próprio.

O Director lamentava não ter mantido o discurso nas regiões altas do ideal. Podia ter feito a história do Liceu da Lapa, desde a sua criação, em 1852, por Decreto Régio de Fontes Pereira de Melo. Podia ter aludido às tradições de mais de século e meio. Podia ter apontado para os retratos dos antigos Reitores, que se enfileiravam por três paredes do gabinete. Podia ter disfarçado melhor o seu preconceito de classe. Agora era tarde.

Ulisses lamentava não ter sido suficientemente convincente e por ter confiado em que o simples facto de estar inocente dispensaria argumentos como “Não sou assim tão idiota para fazer uma palermice daquelas. E se a tivesse feito, não me deixaria apanhar.”

O regresso a casa fora pelo caminho do costume. A única diferença era que agora seguia só, sem a companhia dos colegas que habitualmente seguiam com ele. Nem sequer a Ester, que também era filha única. Razão pela qual tinha uma especial predilecção por filhos únicos, que eram os que melhor aceitavam o papel de irmão em falta. Gostavam um do outro, como não poderia deixar de ser – quando alguém gosta de nós, há que retribuir. Esperava só pela ocasião certa para lhe confessar que a amava.

Logo à entrada, a mãe adivinhara a tempestade. Acariciou longamente os caracóis que o filho herdara do pai e disse-lhe que sabia perfeitamente que não fora ele, que o seu filho era nobre e tinha dentro dele todas as coisas boas das gerações que se sucederam aos caçadores deprimidos que pintaram nas cavernas o drama da partilha de espaços fechados. E, mais do que isso, tinha dentro de si tudo o que também viera das estrelas. A moral e a justiça comungavam da simetria universal das coisas e Ulisses nascera com o conhecimento e a força para destrinçar o certo do injusto.

Helena falava em poesia, quase como se cantasse, e Ulisses sentiu a música distante que acompanhava as palavras aladas de sua mãe.

Quando a música se calou, Helena falou em prosa:

- Agora, filhote, almoçar.

RAPSÓDIA III

Naquela quarta-feira, depois do regresso de Helena, mãe e filho almoçavam em silêncio, com a televisão acesa a um canto da sala de jantar. Dire-se-ia que as notícias do telejornal eram hoje excepcionalmente relevantes e absorventes, o que, como de costume, não era verdade.

Sacudiu-os do agradável torpor com que iam mastigando, o toque inesperado da campainha da porta.

- Quem será? – murmurou Ulisses, com pouca curiosidade.

Quando Helena abriu a porta, recortaram-se no rectângulo da entrada as silhuetas de dois polícias fardados, um alto, delgado e de sobrelhas espessas, o outro mais baixo, gordo, e de olhos azuis a sorrir no rosto algo bochechudo. Poderia ser uma dupla de humoristas que não tinha poupado esforços para imitar polícias a sério, ou então poderiam ser autênticos polícias disfarçados de uma dupla de humoristas. Foi o mais baixo que falou.

- Bom dia, minha senhora. Ou devo dizer boa tarde?

- Como quiser, senhor guarda – respondeu Helena. – O dia dura 24 horas.

- Claro, claro. Bem visto – concordou o polícia sorridente. – Sei que esta hora... bom (e o sorriso tornou-se mais compreensivo e mais sedutor ainda), não é das mais convenientes. Hora de almoço... Estava a almoçar, não é? Pelo cheiro, parece...

Helena aguardou a continuação, sem revelar ansiedade.

- Não sei como lhe pedir desculpa pelo incómodo. Mas será que não se importava que déssemos uma vista de olhos pela casa?

- Ah – fez Helena. – Uma busca domiciliária.

- Oh, não, não. Nada disso! – quase que se indignou o polícia sorridente, como se a simples ideia de uma busca o revoltasse até ao mais íntimo do seu ser. – Uma busca?! Pelo amor de Deus, nada disso. Coisa informal, apenas dar uma vista de olhos. Eu explico porquê: esta casa é um rés-do-chão e moram pessoas importantes no prédio. Compreende, com isto

agora do terrorismo, precisamos de ver se a casa é segura, se não há perigo de entrar gente pelas janelas. É essa a única razão pela qual pretendíamos dar uma vista de olhos pela casa. Não se importa, pois não?

- Vamos lá a ver – fez Helena, com a serenidade da deusa tranquila a quem as tempestades se deitavam aos pés a pedir carícias -, se fosse uma busca, não os deixava entrar cá em casa sem um mandado do juiz. Se é uma coisa informal, como diz o Sr.Guarda, então isso significa que não vão mexer em nada, nem tirar nada do sítio, nem desarrumar seja o que for. Nesse caso, eu consinto. Uma vista de olhos, tudo bem. Não vou assinar nada... (o polícia de sobranceiras espessas tinha já tirado um impresso de uma pasta que transportava) e então, Srs. Guardas, tenham a bondade de entrar.

- Com sua licença – e os polícias entraram, olhando em todas as direcções, como se tivessem radares implantados nas orelhas e buscassem o paradeiro de um inimigo invisível.

Helena levou-os a ver a sala de jantar, depois a cozinha, os polícias não mostraram interesse pela casa de banho; depois o quarto de casal.

- O seu marido está, D.Helena? – perguntou o polícia sorridente, que era o único que falava.

- Não, o meu marido anda embarcado.

- Ah, e já há muito tempo, minha senhora?

- Sim, sim, já há bastante tempo – respondeu Helena, sem concretizar.

- É muito dura a vida de um marinheiro – asseverou o polícia sorridente. – Ah, então este agora é que é o quarto do seu rapaz. Ih, tanto livro!... Não é normal no quarto de um rapaz. Deve ser muito estudioso. Deve ter muito orgulho nele, minha senhora – irradiando o sorriso de molde a abranger Ulisses e a mãe.

- Tenho, sim senhor – concordou Helena. – Tenho muito orgulho no meu Ulisses.

- Ah, e tem um computador, o que é normal no quarto de um rapaz. É o que há de mais normal.

Os polícias acercaram-se do computador e miraram-no de todos os ângulos, como se tirassem fotografias panorâmicas. O que mais os pareceu intrigar foi uma pequena caixa preta que se encontrava em cima da torre do computador.

- Que estranho... – disse o polícia sorridente. – Não conhecia este tipo de computador, com caixa preta acoplada.

- Não – explicou Helena, com a sua paciência mais sedutora -, não é um modelo de computador com caixa preta acoplada, é uma caixa preta que ficou arrumada em cima do computador, como poderia ter ficado em cima da máquina de lavar.

- Ah... - fez o polícia que falava -, e posso ver a caixa preta?

Abriu-a sem esperar pela autorização e no seu sorriso azul passou uma nuvem de contrariedade e decepção. A caixa só tinha fotografias no seu interior.

- Sabe, Sr.Guarda – falou Helena – agradecia que não visse as nossas fotografias de família.

- Ah... ah... então se é assim, não, claro que não. Fotografias íntimas não, está claro que não.

Levou o indicador aos lábios e suspirou, como se o fatigasse o cumprimento do dever.

- D.Helena, há queixas por aí que há um computador nesta casa que está a causar anomalias no sistema. Eu dou-lhe já a minha opinião. É de certeza alarme falso, e já se está a ver, quando não têm a certeza, põem-se logo a inventar coisas sem pés nem cabeça. Por exemplo, que este computador está a espalhar vírus na *internet*.

- Mas, Sr.Guarda, como é que isso pode ser, se este computador nem sequer está ligado à *internet*?

- Não está? – e o polícia agachou-se, à procura de fios e de tomadas que confirmassem a sua tese.

Ergueu-se e pareceu confuso.

- Vê lá tu, Fonseca, que tens melhor vista.

O colega mais alto, que permanecia calado, agachou-se também e tateou a torre do computador e a parte de trás do monitor. Ao levantar-se, era o rosto da perplexidade, em versão carrancuda.

- Pois, parece que não está ligado. Ainda por cima é um modelo antiquado, sem *wireless*. Mas isto agora é que não é normal, ó D.Helena. Todos os rapazes estão ligados à *internet*. Até para estudar, isso agora é preciso.

Passeou ao longo do quarto de Ulisses, e o passeio tinha de ser curto, porque o quarto não era grande.

- Aqui há coisa. Aqui há coisa. D.Helena, para a senhora ficar tranquila e para ficarmos todos tranquilos, vou ter que levar o computador do seu rapaz. Não demora nada. Daqui a uma hora, nem tanto, trazêmo-lo de volta.

Helena colocou-se à sua frente, de braços cruzados, mais serena mas com clarões terríveis no seu olhar, e falou com a contenção de quem traduzia raios por palavras educadas.

- Sr.Guarda, entrou aqui para avaliar da segurança da casa e agora diz-me que anda mas é à procura de vírus informáticos, o que já não é bem a mesma coisa. Ora bem, pode levar o computador, e pode levar o que quiser, se trouxer consigo um mandado do juiz que o autorize a fazer aqui uma busca domiciliária. Caso contrário, não pode levar nada daqui, nada – acentuando a última palavra e dando-lhe carácter definitivo.

Quando Helena fechou a porta depois da saída dos polícias, sorriu para Ulisses:

- Reparaste, não reparaste? Não eram verdadeiros polícias. O “crachat” era *made in China* e vende-se nas lojas de brinquedos. Quando os chamei de Srs.Guardas em vez de Srs.Agentes, não fizeram qualquer reparo.

Antes de Ulisses se sentar em frente ao computador, tiveram primeiro o cuidado de remover um minúsculo aparelho, em forma de moeda de 2€, que um dos falsos polícias colocara subtilmente num intervalo entre as tábuas do chão. Depois do almoço, Helena foi à pastelaria da esquina tomar o seu café habitual. Ao passar junto da máquina automática de venda de tabaco, deixou cair o aparelho na ranhura do moedeiro.

- D.Helena, não me diga que vai começar a fumar?

O sorriso dela mostrou a sua dentição regular e branca, circundada pelo vermelho dos lábios avivado pelo *bâton* que deixava sempre uma marca na chávena em que bebia.

Fora o pai de Ulisses quem lhe ensinara a usar o computador e que colocara a caixa negra em cima da torre. A caixa negra tinha o mistério que fica sempre associado a qualquer caixa negra, e poderia servir para uma infinidade de coisas. Mas ali desempenhava uma finalidade específica – servia para ligar Ulisses a uma rede de comunicações que era inteiramente segura, não podendo ser devassada nem escutada por qualquer sistema existente. Esse o motivo pelo qual os sistemas de vigilância global tinham dado o alarme – um computador que não emitia nem recebia quaisquer sinais.

Abria-se a caixa negra e ela nada mais continha do que fotografias de família. Fechava-se a caixa negra e desencadeavam-se vibrações quânticas que eram nada e alguma coisa ao mesmo tempo.

O pai não era só aquela pessoa dourada, encaracolada e barbuda que o adormecia, à noite, com histórias de deuses que começavam por “Há muito, muito tempo...”. Era também uma pessoa infinitamente sábia, com um conhecimento enciclopédico das ciências e das artes. Era também a pessoa prática que sabia pregar um prego ou colocar um candeeiro no tecto. Dava orgulho dizer “Meu pai, Apolónio”, com a língua a resvalar para “Meu pai, Apolo”. Um pai que desfaz as nuvens e as incertezas ao seu redor é necessariamente solar. Como naquele momento.

“Já sabes quem te pôs o telemóvel na mochila?”

“Foi o Nestor, tal como o pai disse na semana passada.”

“É elementar, não é? E sabes porquê, filho?”

“Eu acho que por ciúmes. Talvez ele também goste da Ester.”

“Ela chama-se Ester... Por alguma razão em especial?”

“Não sei, ela nasceu em Faro.”

“Não conheço nenhuma deusa chamada Ester. Será Astarté?”

“Não, mas a Ester podia muito bem ser uma deusa.”

“Não ponho isso em causa. Não a conheço. Ulisses, vamos repetir o exercício da semana passada. Tiveste uma pontuação muito baixa e a tua nave despenhou-se contra uma montanha do planeta Atalante no sistema Vega-Atlantis.”

Ulisses desligou o computador e foi primeiro à casa de banho, como costumava fazer, tal era a excitação que o invadia quando fazia os exercícios de tripulação espacial. O mesmo sucedia aos ladrões que assaltavam residências e eram traídos pelos intestinos quando sentiam a solidão da casa e o “estar tudo à sua mercê”, conjugado com a soberana emoção de transgredir.

Sentia-se leve. Entrou na despensa e fechou a porta, enclausurando-se no seu interior. A única luz era a que entrava pelos buracos feitos na porta. Pressionou para baixo o prego em que a mãe pendurava o espanador. Automaticamente e sem ruído o chão deslizou e desceu alguns metros para o subsolo de Lisboa.

Assim que a plataforma se imobilizou ao nível do chão de algo que não se via, luzes brotaram do tecto e surgiu aquilo que o pai de Ulisses chamava “o gabinete de trabalho do Capitão Nemo”. Era uma sala ampla,

em que o eco responderia ao que se dissesse. Se não fossem os quadros nas paredes, as estátuas de Fídias e de Praxíteles, se os vasos com cenas mitológicas não estivessem cravados no chão, amparados por armações de ferro, aquilo tudo não passaria de uma caverna sofisticada para dar guarida a segredos e a gente secreta.

Na parede fronteira, recortava-se na penumbra uma enorme lâmina de vidro ou do que parecia ser vidro. Nela brilhavam estrelas, galáxias e nuvens de gás iluminadas pelas estrelas que o seu interior aconchegava.

A alguma distância da parede, uma consola com inúmeros botões, visores e sensores, um teclado e um volante colocado à altura das mãos de quem se sentasse no cadeirão à sua frente e que tinha gravado nas costas a palavra “Comandante”.

Quando Ulisses se sentou no cadeirão e tomou os comandos, a plataforma já subira, porque a Mãe poderia necessitar de ir à despensa.

No visor em frente apareceram dois espaços para preencher – “Nome do utilizador” e “Exercício”.

A seguir a “utilizador” escreveu “Ester” e, depois de apagar o nome querido, escreveu o que lhe correspondia, “Odisseia”. E a seguir a “exercício” escreveu “LI”.

Surgiu o enunciado no visor:

“Suponha que tem o grau de Comandante da Frota Imperial e se quer deslocar de um dado ponto do sistema solar, digamos o planeta Terra, mais concretamente a cidade de Valladolid, para o planeta Atalante do sistema Vega-Atlantis, e sabido que as coordenadas de origem são “25.5.76.BEL.55.2.19.2E.75.3.27”:

I – Calcule as coordenadas do ponto de chegada segundo a Tabela Universal de Cagliostro.

II – Trace uma rota entre o ponto de origem e o ponto de chegada que passe entre os turbilhões de Cila e de Caríbdis, sem se deixar atrair por nenhum, e escolha o túnel espacio-temporal mais adequado.

III – Calcule o ponto exacto em que deve iniciar a travagem da nave.

IV – Se, a meio caminho, for contactado por um embaixador do Hades, qual é a pergunta que, por si só, não desencadeia uma guerra entre galáxias?”

Ulisses aplicou-se ao trabalho com prazer, pois aquilo nada mais era do que um jogo tremendamente agradável que o pai lhe ensinara e nada mais emocionante que ver desfilar na lâmina de vidro as paisagens estelares

que veria se, de facto, estivesse de viagem para Atalante e, ao mesmo tempo, estivesse fora das paredes de qualquer túnel espacio-temporal.

A Tabela Universal de Cagliostro estava impressa em papel de embrulho e ocupava um caderno de quarenta páginas. Era, porém, muito útil e condensava informações preciosas para qualquer comandante da Frota Imperial ou mesmo para qualquer estudante de Guitarra ou de Veterinária. Apolónio dizia mesmo que se admirava que alguém pudesse velejar ou defender uma causa em Tribunal sem dominar os princípios fundamentais da Tabela – tudo obedecia à lógica e o que era lógico estava sempre certo. Com excepção do senso comum, que quase sempre estava errado.

Feitos os cálculos, com auxílio de meios rudimentares como régua, esquadro, compasso e um lápis nº.2, introduziu os dados no que, para todos os efeitos, seria o computador de bordo, e agarrou com firmeza o volante, premindo com força o botão vermelho debaixo da luz vermelha que piscava a intervalos uma mensagem em Grego clássico que, traduzida em Inglês seria “Please do not touch”, e em Português moderno seria “Tira daí a mãozinha se faz favor”.

A imagem no écran cristalino modificou-se. Houve primeiro como que um relampejar e depois as estrelas fugiram à desfilada, transformando-se de pontos de luz em longos traços luminosos que logo desapareciam e eram transformados noutros traços e noutras luzes.

Tratava-se de um jogo, e Ulisses tinha marcada uma lição de piano com a mãe para as cinco da tarde. Por isso, uma viagem que deveria levar dias concluiu-se em menos de duas horas. As estrelas imobilizaram-se e a curva de um planeta fez lentamente a transição da linha esférica para a linha recta. A nave pousou quando o sol daquele mundo já nascera e o céu, de um pálido esverdeado ia desenhando uma imensa planície em que, ao fundo, se elevava uma montanha de pico coberto por uma camada branca que deveria ser de neve. À primeira vista, dir-se-ia que ninguém vivia lá. Mas, desconfiadamente ao princípio, depois com mais afoiteza, apareceram seres animados que pareciam gente autêntica e que brandiam cartazes em que se lia “American go home”.

A resposta à pergunta IV era “Lá no seu planeta existem por acaso outras pessoas que sejam quase tão inteligentes e quase tão bonitas como Vossa Alteza Sereníssima?”.

RAPSÓDIA IV

A visita mensal de Marcos Urias seria, como sempre, na última quarta-feira do mês, pelas 17h 06m. Naquele mês, coincidia com as férias de Natal, férias essas em que Ulisses mergulhara no estudo de Kant, da Física Quântica e do Neo-Realismo, com a sensação amargurada de que o mundo em que vivia pouco se importava com a sua sabedoria. Pior. Havia como que uma Inquisição latente, que pairava no ar e nas conversas e se insinuava nas entrelinhas do que era dito por quem, aparentemente, mandava. E para essa Inquisição difusa um espírito crítico não era bem-vindo. Era importante, para efeitos de futuro e de emprego, não se deixar catalogar como livre-pensador.

“Mas” – pensava Ulisses -, “deixar-me catalogar como ladrão também não me serve e é intolerável”.

Nos últimos dias de aulas, antes do Natal, sentira o desprezo que as classes altas e médias votavam aos filhos das porteiras, e que expressavam livremente quando os factos pareciam confirmar os seus preconceitos. Quem não sabia que fora Nestor que colocara o telemóvel da professora na mochila de Ulisses exprimia claramente a sua decepção por um rapaz, apesar de tudo tão prometedor, dar mostras de ter optado pelo crime. Os que tinham colaborado com Nestor mantinham um silêncio confuso, evitando Ulisses como evitariam a peste. A perspectiva de Ulisses ser expulso da Escola parecia-lhes a solução melhor para todos.

As únicas excepções eram Herculano, que mantinha teimosamente a sua amizade pelo colega e sentia que tudo acabaria por se esclarecer; a outra era Ester, que acreditava agora sem reservas na inocência do seu jovem apaixonado.

Nestor sentia-se, porém, como aquele polícia criado por Orson Welles, que estava convencido da culpabilidade do sujeito e facilitava a condenação forjando provas para o incriminar. Acontecesse o que acontecesse, Ulisses acabaria por conspirar contra a ordem social. Começasse por ler Kant e Hegel e acaba-se por atirar bombas ao poder legítimo. Sempre que passava por Ulisses rosnava baixo “ladrãozeco”, sentindo-se feliz pela sua iniciativa de esclarecer os demais quanto à natureza degenerada deste, como se fosse um estratega da “guerra preventiva” ou do “assassínio preventivo”.

Ulisses quase que o odiava. Ruminava uma vingança que não excedesse os limites da crueldade mais elementar e que, de alguma maneira, repusesse a harmonia das coisas. Mas reconhecia que era difícil a escolha de uma vingança equilibrada, quando a mais tentadora de todas era desfazer o traseiro de Nestor a pontapés, ou então arrancar-lhe os dentes um a um, sem anestesia.

No primeiro dia, Ester não se sentira com forças para aproximar-se de Ulisses e consolá-lo. Era a palavra “perplexidade” a fazer-lhe cócegas no céu da boca. Porque mesmo sem ter visto Nestor e os seus cúmplices a furtar o telemóvel, sabia que Ulisses não poderia ter cometido tão grande baixeza. Acreditava plenamente na honorabilidade do seu jovem amigo. Porque o ouvira tocar o Estudo op.10, nº.1 de Chopin, e o Prelúdio Coral BWV 639, de Bach, e não via como é que o belo e o reles podem coexistir na mesma pessoa.

Mas, no dia seguinte, voltara a acompanhá-lo e disse que acreditava nele.

Vinham juntos, de regresso a casa, já que Ester morava numa rua que ficava no caminho entre a Escola Secundária e a casa de Ulisses. O rapaz não lhe dissera que sabia que fora Nestor o autor do furto. Apenas que não fora ele, e Ester respondera, sem subtilezas na voz, “Acredito em ti”. Amava-a e não era só pela sua superior beleza, pelos longos cabelos negros, lisos e brilhantes, apartados ao meio, pelos lábios naturalmente vermelhos, pelo olhar aveludado, até pelo nariz aquilino que ele chamava de béri-béri em vez de berbere. Poderia catalogá-la como exótica, mas isso era para aqueles que chamam “exótico” e “étnico” a tudo o que não seja a boneca Barbie, o objecto mais louro que se inventou para opor ao carácter moreno das forças do mal.

No fim do período, o Director chamou Ulisses ao seu gabinete e mostrou-se generoso porque era Natal, disse ele. De cotovelos fincados no tampo da secretária e colocando as mãos no vértice de um ângulo agudo, à maneira dos arcos em ogiva das catedrais góticas, falou palavras de apaziguamento – que se estava numa época de perdão, a professora de Inglês não apresentara queixa, pelo que os factos, embora graves, bem graves, meu amigo, não iam ser comunicados ao Ministério Público junto do Tribunal de Família e Menores de Lisboa. O Conselho Directivo decidira aplicar-lhe uma pena disciplinar de uma semana de suspensão, mas, atento o bom comportamento anterior, e depois de eu ter falado pessoalmente com a Senhora Sua Mãe, isto é muito importante que se diga, a pena ficou suspensa. Ou seja, a pena só será aplicada se, digamos assim, voltar a delinquir. Os meus cumprimentos à Senhora Sua Mãe – e recostou-se na cadeira, pensando se não teria sido demasiado cerimonioso no tratamento de uma porteira.

Começaram as férias. No intervalo dos seus estudos particulares, fora com Ester ao cinema no *Centro Comercial da Lapa*. Quando se fez escuro na sala, atreveu-se a beijá-la na boca e ela correspondeu. Porque se

amavam como os dois pombos da fábula de La Fontaine – *Deux pigeons s’aimaient d’amour tendre*.

E Ulisses regressou a casa sentindo-se leve e prestes a levantar voo, mesmo a tempo da visita mensal de Marcos Urias.

Entrou em casa correndo e bateu a porta atrás de si. Não queria perder a entrada teatral a que este enviado de seu pai o habituara desde que se lembrava de ser gente e de Apolónio passar longas temporadas fora de casa.

O relógio da cozinha marcava precisamente 17h 06m quando a campainha da porta tocou, de forma alarmada, como se houvesse fogo na cavaliça inexistente. Mas, por sorte, não havia nada mais grave para além do próprio Marcos Urias.

Helena pusera um diadema sobre as ondas do cabelo castanho dourado. O que fazia parte do ritual e encantava Ulisses, que comparava o cintilar que se desprendia dos cristais do diadema a estrelas que viessem pousar no cabelo materno. Abriu a porta e lá estava, enquadrado pela soleira, a imponente figura de um homem mediano, de braços cruzados e olhar insolente, encimado por um boné com duas asas de cada lado, como se quisesse personificar um concreto deus da mitologia.

- Como tardais a abrir a porta, e logo agora que não me ocorrem os insultos adequados! Olhai que é Marcos Urias, o mensageiro alado dos deuses do Olimpo, que vos fala e não o Silva da esquina ou o pai do Pinóquio!

Falava com sotaque brasileiro, enrolando os erres, como se viesse de São Paulo. Poder-se-ia pensar que vinha de uma família evangélica, a julgar pelo Urias, e que trabalhava num café ou distribuía publicidade pelas ruas.

Falava zangado, sem se saber porquê.

Helena fez uma ligeira vénia, quase imperceptível, e Marcos Urias entrou, arrastando um saco de lona atrás de si. Agarrou Ulisses pelas axilas e levantou-o sem esforço. Abraçou Helena e beijou-a profusamente na testa. Depois, protestou:

- Mas que mal tratais o enviado, ó criaturas! Nem sequer um “senta-te, que deves estar cansado”, nem um “bebe, que deves trazer sede”.

- Senta-te, carteiro alado, e cala as tuas justas queixas – sorriu Helena, mostrando um sofá da sala, coberto por um pano encarnado.

- Enquanto eu vou bucar a água das ribeiras murmurantes – apressou-se Ulisses.

- Água?! – trovejou Marcos Urias, indignado e fazendo estremecer a mobília. – Por Zeus, no meu tempo, por muito menos se começava uma guerra, das que não duravam menos de dez anos.

- Vinho de Falerno? – perguntou Ulisses. – Que pena, acabou-se na semana passada. Há vinho do Porto, vinho da Madeira, sumo de laranja, água da torneira...

- Seja. No deserto não se pode ser esquisito – conformou-se Marcos, falando agora com outra pronúncia, a de um alemão que tivesse aprendido a falar inglês no dealbar da velhice.

Ulisses trouxe uma garrafa de vinho do Porto da colheita de 1901 e um cálice para uma mesinha colocada em frente ao sofá que em que Marcos se acabara de sentar. Abriu-a e, com precaução, verteu o vinho no cálice, vendo que Marcos Urias acabara de mergulhar a mão no interior do saco de lona que arrastara consigo e de lá retirara o que parecia um cilindro de barro com inscrições cuneiformes.

- Excelentíssimos e Meritíssimos! Meus queridos! Que querem, em primeiro lugar, receber nas vossas níveas mãos? As boas ou as más notícias?

- As más notícias – escolheu Ulisses. – Logicamente.

Marcos Urias fez um gesto de puro desalento.

- Nunca hei-de perceber esta gente de Portugal com o seu gosto macabro pelo sofrimento. Pergunto a mim próprio em que falharam os deuses que aportaram à Ericeira naquele longínquo mês de Maio... Más notícias? Francamente!... Não há.

- O que é que não há? – perguntou Helena, cruzando as pernas e colocando-se de um modo mais confortável no sofá em que se sentara.

- Não há más notícias – asseverou Marcos Urias, carrancudo. – Lamento.

Bebeu um pouco de vinho do Porto e fez uma careta.

- Está bom.

Exibiu o cilindro de barro e começou a apregoar, como se estivesse numa feira.

- Senhoras e senhores, meninas e meninos, quanto acham que custa esta pequena maravilha que foi pilhada do Museu de Bagdad e chegou-me às mãos à custa de muita traficância? Esta pequena maravilha substitui com vantagem o açúcar e os mata-moscas. Faz em apenas 10 minutos os mais saborosos guisados, previne o aparecimento do calcário e ajuda a manter

alta a cotação do iene. E para as primeiras 50 chamadas ainda haverá distribuição gratuita de pastéis de bacalhau fritos em azeite virgem. Quanto custa? Quanto custa? Não custa 10.000! Não custa 500.000! Não custa 823! Não custa 77.362!

- Então? – fez Helena.

- É dado. Manda Apolónio que o coloquem junto do computador e deem fora a caixinha das fotografias. O melhor é darem-ma já, para eu lhe dar o destino que lhe compete.

Ulisses trouxe a caixa das fotografias e Marcos Urias fê-la desaparecer no saco de lona. Depois, continuou a fazer a entrega dos presentes. Duas estatuetas de terracota destinavam-se a ser guardadas na sala subterrânea por baixo deles. Moedas de ouro cunhadas por Alexandre e por Vespasiano foram entregues directamente a Ulisses.

- Podes vir a precisar de trocos.

Depois de ter entregue a Ulisses, com cerimónia, a primeira edição de “As Viagens de Gulliver”, *Firft a surgeon, and then a captain of fveral ships*, recomendou-lhe que não levasse a literatura muito a sério.

- Pessoalmente, acho os habitantes de Liliputa gente bem perigosa, e não é que tenha algo contra a Lili e a sua profissão. Mesmo nada. Ou talvez tudo.

Ulisses apreciava as contradições do discurso de Marcos Urias. Este semicerrou os olhos, na sua direcção, entre o intrigado e o preocupado.

- É bom guardar o espírito crítico para as ocasiões críticas e pobre é aquele que gasta as suas ironias com as visitas da casa.

- Estás a ouvir, Ulisses? – sorriu Helena. – Duas frases boas para gravar em mármore, a letras de ouro, no pórtico do templo do papá em Delfos.

- Já estão gravadas – informou Marcos.

A visita bebeu o resto do seu cálice e Ulisses verteu-lhe mais vinho. Marcos fez um gesto horizontal:

- Basta. Ainda tenho mais viagens para fazer.

Suspirou e retirou do saco o que parecia um diploma, enrolado, e com uma fita púrpura pendente, e uma condecoração na ponta de uma fita de cor vermelha.

- Ninguém pergunta a opinião de um mensageiro, por mais alado que ele seja. Entregam as cartas e as encomendas, e aquilo que pode pensar quem as leva é-lhes de todo em todo... indiferente. É o caso agora. Se me

pedissem a opinião, e quem é que se importa com a opinião do carteiro?, eu diria bem alto: Sou contra. Sou contra. E sou contra! Eis o que penso.

- Sim, és contra – concordou Helena. – Mas contra o quê?

- Que se dêem a autênticas crianças cargos importantes na diplomacia universal. Eis o que penso. *Voilà!*

- E?...

- Ulisses foi nomeado representante do planeta Terra na grande conferência inter-galáctica que vai elaborar a Constituição Imperial destinada a substituir o antigo Direito Imperial e adaptá-lo ao novo espírito democrático que vai instituir a liberdade como regra – disse Marcos Urias de um jacto, sem pontuação e sem pausas. – Ainda nem sequer tem barba na cara e ei-lo Procurador Plenipotenciário ao Congresso Inter-Galáctico ou Imperial, que é mais fácil de dizer. Se isto não é favoritismo puro e simples, gostaria então que me dissessem o que é o desprezo.

- Mas, Marcos – fez Helena, no seu jeito sereno e conciliador, como se falasse a uma criança e não ao grande Marcos Urias em pessoa -, se não fosse Ulisses, quem mais poderia representar o planeta Terra? Vês alguém?

Marcos cruzou os braços e olhou o tecto com arrogância, deixando duas manchas castanhas claras onde fixara o olhar, mas que saíam facilmente com lixívia.

- Não. Mas isso não é desculpa.

A Ulisses aquele diálogo parecia sem qualquer sentido, como se se tratasse de um jogo de que desconhecia as regras.

- Eu fui nomeado o quê? E para quê? Em suma, para fazer o quê e como? – perguntou Ulisses, que apreciava a clareza e as certezas.

Marcos Urias retirou um quadro negro e colou-o à parede em frente da porta que dava para o corredor. Tirou também do saco um ponteiro metálico, com ponta de borracha. Ia começar a falar, quando bateu na cabeça.

- É verdade, os Procuradores devem-se apresentar no Congresso em traje de grande gala. Queres a farda de Almirante da Marinha Real, que acabei de roubar do guarda-roupa do *HMS Pinafore*, ou queres antes a toga de tribuno romano?

Ulisses abriu os olhos, aturdido.

- A farda de Almirante é mais vistosa, mas a toga é mais fresca. Reconheço que a escolha é difícil, tanto mais que a temperatura no planeta Arethusa é um tanto ou quanto variável. Se bem que a sala do Congresso

tenha ar condicionado, mas, lá está, são várias galáxias, são várias sensibilidades, e Deus dá o frio consoante a cultura donde se vem. Olha, Ulisses, vais levar as duas coisas e vestes o que mais te apetecer.

E tirou do inesgotável saco de lona dois porta-fatos, com o uniforme de Almirante e a toga que pertencera a Cícero e estava já um pouco lustrosa.

- Antes que me esqueça, ajoelha-te.

Ulisses obedeceu, sentindo o ridículo da situação, ajoelhado diante de uma visita e na sua própria casa. Mas Marcos fez-lhe deslizar pela cabeça a fita vermelha, onde pendia uma estrela de oito pontas, feita de um metal brilhante, com safiras nas pontas, e onde fora gravada uma inscrição em caracteres desconhecidos, mas que tinham sido outrora muito usados na ilha de Creta no tempo do Rei Minos, aquele que tinha um palácio de altos tectos e que tinha já casas de banho separadas para homens e mulheres.

- Ulisses, pelos poderes que me foram confiados pelo Grande Conselheiro do Pequeno Selo Privado, eu te condecoro com a Medalha do Monte Olimpo, e te exorto a que sempre te mostres digno, que procures a verdade, que não desanimes diante das adversidades, e que cultives o amor, a amizade, a paciência e o perdão. Já é muito e chega perfeitamente.

E continuou:

- Levanta-te, Lorde Ulisses. E agora presta atenção, que isto agora sim, agora é mesmo importante. A sério.

Começou a falar pausadamente, como um professor a dar uma aula ou a preparar uma força de “comandos” para uma missão suicida.

Sucediam-se as imagens no quadro, à medida que Marcos falava e gesticulava com o ponteiro.

A vida começara no planeta Terra havia milhões de anos. Tinham-se sucedido quatro civilizações humanas, separadas por idades do gelo. À medida que se desenvolvia uma civilização, verificava-se uma fatalidade genética. Os mais fortes dominavam os mais fracos, o saber concentrava-se numa minoria e acabava por se formar um império global no planeta, em que o fosso entre os ricos que sabiam fazer coisas ou tinham quem as fizesse para eles, e os pobres que só prestavam para servir os cafés e varrer as ruas, esse fosso tornou-se tão grande e tão intransponível que o mundo ficou inexoravelmente dividido em aristocracia e ralé, tendo a aristocracia direito de vida e morte sobre os que estavam fora dos estreitos limites da sua estreita classe.

Quando estava para começar a glaciação, os tremendamente ricos refugiaram-se nas suas naves e fugiram da Terra, enquanto a restante humanidade morria de frio e de fome, ou tinha o bom-senso de se refugiar em cavernas, redescobrir como é que se fazia fogo esfregando pauzinhos, e sobreviver como pudesse, o que, diga-se desde já, não era nada fácil.

A aristocracia, que dispunha para isso dos necessários meios, embarcara em naves espaciais para planetas que tinham sido previamente vistoriados e se concluía terem condições de vida idênticas à da Terra antes da glaciação.

Quando a idade do gelo se principiou a derreter, os sobreviventes saíram das cavernas, espalharam-se pelo mundo e voltaram a ceder à tentação de criar uma civilização, repetindo todos os erros da anterior. E, tal como nesta última, quando as coisas pioraram, a aristocracia fugiu para outras galáxias mais confortáveis, e deixou a escumalha entregue ao seu horrível destino.

Mais duas civilizações, aconteceu o que já era de esperar, e os aristocratas foram-se espalhando por essas galáxias fora. Como a peste.

Seguiu-se mais um degelo, e a Terra preparou-se para dar início à 5ª. Civilização. Naquele tempo, surgiu no Império Galáctico uma curiosidade mórbida pela gente que ficara na Terra, e que era muito atrasada e tinha hábitos cruéis, não sabia fazer megalitos e muito menos pirâmides. Nem uma simples conta de somar. Enfim, só serviam para deleite de quem tinha um prazer perverso na companhia de gente bronca e francamente atrasada. Eram parvos, mas faziam rir deuses neuróticos. Eis agora o que se passou...

Nesta altura, Marcos Urias lançou, por cima dos óculos que acabara de pôr, um olhar iracundo na direcção de Helena, tendo depois suspirado, abanado a cabeça e franzido o nariz, com ar desgostoso por tanta abjecção.

- Bom, ia o Neolítico já muito adiantado aqui na Terra, quando começaram a chegar os primeiros turistas galácticos, para se divertirem com a estupidez dos habitantes e para se refastelar na badalhoquite com raparigas hirsutas e mal-cheirosas que eram capazes de tudo quando lhes davam a provar iogurte de morango. Ensinaram-lhes algumas técnicas rudimentares (agora não estou a falar das raparigas), e exigiram que os tratassem por deuses e lhes erigissem templos. *Mea culpa*. Também há por aqui templos dedicados a mim próprio, mas já há muito que os deixei de visitar. Por vergonha.

Isto aqui na Terra, cantinho sistematicamente esquecido por Deus e lembrado pelo Diabo.

E lá fora, por esse vasto Universo?

O mundo inter-galáctico fora abalado por guerras que visavam a hegemonia global, em nome do princípio da concentração do capital e outras coisas terminadas em “al”, todas elas desagradáveis. Essas guerras, que eram particularmente devastadoras pois eram travadas por gente cientificamente muito evoluída, deixaram toda a gente ansiosa por tranquilidade e segurança. Daí a concentração dos vários Impérios num único Império Galáctico, que preconizava o que para uns era uma ditadura benévola e para outros era o puro e simples conformismo. Poder-se-ia dizer que foi uma época de despotismo iluminado. Mas na verdade não foi. Partia-se do princípio de que o Estado deveria ser a encarnação do bom-senso na vida social. O que cria o primeiro problema – será o bom-senso uma regra universal e imutável, válida em qualquer ponto do Universo? Num Império Inter-Galáctico, será que ainda se podiam ter opiniões iguais acerca do bom-senso, da beleza e do equilíbrio? Pudessem ou não, a verdade é que as pessoas tinham cada uma a sua opinião, que correspondia geralmente à soma da opinião oficial com o toque de originalidade que distingue as pessoas dos blocos de basalto.

Isso, ao princípio, foi tido como um mal e planearam-se campanhas para uniformizar o pensamento. Pensou-se em imprimir o conformismo no código genético dos cidadãos que seriam autorizados a nascer só depois de se comprovar que não iriam deitar pedradas nos charcos.

Só que a realidade – e Marcos Urias sentou-se no chão e chorou, sem se saber porquê – não teve senso nenhum. Num Universo em expansão, as galáxias afastam-se constantemente e aceleram para longe umas das outras, como se houvesse uma repugnância mútua entre elas. As ordens levam cada vez mais tempo a chegar aos vários pontos do Império. Ora – e Marcos suspirou -, o Império teve uma produção legislativa que era mais exagerada que o próprio exagero. A vida dos cidadãos era regulada até ao mais ínfimo pormenor – como deveriam sair de casa pela manhã, a que horas, como se deveriam pentear, que sapatos calçar, que poderiam comer ao almoço, que tipo de saudação deveriam proferir quando encontrassem um habitante da Nuvem de Magalhães, uma senhora de idade ou um funcionário subalterno da Corte Imperial. Eram circulares, editais, proclamações, posturas, leis, costumes ou simples desejos imperiais ainda não manifestados. Era difícil não transgredir a toda a hora, mesmo para quem tivesse um conhecimento enciclopédico de toda a legislação, quer escrita quer pensada.

Por sua vez, o Imperador tinha um Conselho Imperial cuja principal tarefa era elogiá-lo. A cada pergunta de “Acha bem que eu faça desta

maneira, assim e assim?” respondiam invariavelmente “Sim, Senhor”, “Que excelente ideia” e “É assim mesmo. Muito bem pensado”. O que, naturalmente, encaminhava o Império para a segunda lei da termodinâmica, que até nem era das piores, e que mais ou menos dizia que tudo ia acabar feito em merda.

De modo que as pessoas cansaram-se e informaram o Imperador que despensavam os seus serviços.

No ponto em que estamos, a liberdade já foi decretada e foi nomeado um **CAABE – Conselho de Anciãos Ainda em Bom Estado** para assegurar o período de transição da ditadura para a democracia. Mas há que fazer um inventário das leis imperiais e seleccionar as que se podem manter em vigor. Serão poucas. E vai-se elaborar uma Constituição Imperial, assim chamada porque se pretende que institua o império da liberdade e da razão. Ir-se-á constituir um Congresso Imperial e a Constituição será elaborada com os princípios gerais aceites nas 27 galáxias federadas, e que, de uma forma resumida, se podem definir como os limites do que a comunidade pode exigir ao cidadão, e do que este último pode, por sua vez, exigir da comunidade.

- Afinal, é bastante fácil – declarou Ulisses, sentando-se, como que aliviado, numa cadeira de madeira, de costas direitas.

- É, não é? – fez Marcos. – Acabou a aula. Todos para o recreio.

Encontravam-se agora na cozinha, onde Helena fazia café. O mensageiro explicava que o diploma estava redigido em grego, para que Ulisses o pudesse ler sem esforço, e concedia-lhe o grau de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Olímpica. A condecoração deveria usá-la quando se sentasse no anfiteatro do Congresso, junto dos seus pares. As moedas de ouro seriam para os gastos correntes, como dissera. Para os gastos mais importantes, Marcos Urias entregou a Ulisses uma nota de um Banco de uma galáxia remota. Era uma nota muito colorida, com a efígie de uma rã prateada, que mudava de cor e faiscava quando nela incidia a luz.

- Podes precisar de dinheiro. Esta nota não te dava nem para uma noite no “Hotel de l’Escargot”, no planeta do Guerreiro, embora eles aceitem tanto notas verdadeiras como falsas. Umas pela genuinidade e as outras pela arte, que a falsificação é uma arte como as outras e a sua musa é a Grã-Duquesa Kátia Vanessa. Quem te pode arranjar boas notas falsas é um paquistanês com escritório na Rua da Palma, 222 – r/c Dtº. Numa hora, arranja-te mil ou dez mil iguais a esta. Diz que vais da minha parte. Tenho aqui também três telemóveis, acabados de furtar no “metro”. Vai uma grama de cocaína? A primeira é grátis.

E enquanto Helena, segurando Marcos Urias pela asa direita do boné, o expulsava de casa mais ao saco de lona, Ulisses dava-se conta de que não perguntara quando é que se realizaria o Congresso, nem quando deveria partir e que transportes deveria tomar. Helena, acariciando-lhe os caracóis com discreto orgulho, tranquilizou-o, que o pai logo lhe diria tudo o que precisava de saber.

RAPSÓDIA V

O despertador na mesa de cabeceira marcava uma hora da manhã quando Ulisses concluiu que aquela era uma noite de insónia. Virava-se para o lado direito, pensando que aí o corpo repousaria e mergulharia na inconsciência. E, como não resultava, virava-se para o lado esquerdo.

Pensou, sem entusiasmo, ir sentar-se na biblioteca e ler até que o sono viesse. Mas era duvidoso que conseguisse concentrar-se na leitura. Porque o que atormentava era não conseguir esquecer.

A má reputação incrustara-se nele de um modo tão indelével, que nem o facto de a pena de suspensão ter ficado suspensa contribuíra para melhorar o clima em que a Escola o envolvia. De algum modo, parece que o destino de uma pena de suspensão é o de ficar em suspenso, como a famosa espada do famoso Dâmocles. Ulisses ficaria sempre como “aquele que rouba”, “aquele com quem se há-de estar sempre com atenção à carteira, ao relógio e aos anéis”. As más obras que não praticara ficariam para sempre coladas ao seu rosto franco em quem mais ninguém reconheceria franqueza, mas tão só dissimulação e perversidade.

O professor de Matemática nunca mais o chamara ao quadro para fazer uma demonstração. Nunca mais dissera “Ulisses, mostra-lhes como é”.

As observações do jovem na aula de História eram acolhidas com bastante frieza – “Sempre exibicionista, meu caro Ulisses. Que Carlos Magno foi coroado Imperador pelo Papa na Noite de Natal de 800, toda a gente sabe. Vem nos livros de História. E a que hora? Sabes, por acaso? Estes génios, sempre com a mania que sabem tudo, sabem tudo, e afinal...”

Acabara por recolher-se, nas aulas, a um mutismo de que só saía quando lhe perguntavam alguma coisa. O que se vinha tornando cada vez mais raro. Porque parecia que tudo faziam para sugerir a Ulisses – Oh pá, do que é que estás à espera para te ires embora? O teu lugar não é aqui.

Ontem, fora-lhe dado o que bem poderia ser o golpe de misericórdia. O Liceu da Lapa fazia 163 anos, e como tinham falhado a comemoração

dos 150 anos, por dificuldades de tesouraria, iriam agora fazer uma cerimónia.

O programa era muito variado, e dele faziam parte, *inter alia*, um ciclo de conferências por pedagogos do regime, a inaugurar pelo Presidente da República em pessoa, um Encontro Nacional de Atletismo em pista coberta, e a representação, integral e no Inglês original, de *As you like it*, de Shakespeare. Na sessão de encerramento das comemorações haveria um concerto de piano em que o solista seria Ulisses, conforme se programara antes da tragédia que sobre ele recaíra em Dezembro. Iria tocar a “Chaconne” de Bach – Busoni, e os “Quadros numa exposição” de Mussorgsky. Planeara o recital como uma forma de que cada nota fosse directa ao coração de Ester, como uma declaração de amor traduzida na clave de sol, que era a mais brilhante.

Fora o professor de Educação Musical, aquele que parecia ter mais dificuldade em ver Ulisses no papel de ladrão, que lhe dissera, no tom mais desprendido possível, que o concerto fora cancelado.

- Bem vês, a época é de aperto. Há que fazer economias. O aluguer e o transporte do piano ficam caríssimos. E a Escola não pode, não há dinheiro. Foi o que me disseram – juntou, para se ilibar de responsabilidades por qualquer eventual mentira -. A crise, sempre a crise.

Não era uma justificação séria, mas sim uma desculpa inábil para o privar de um prazer que o sustentara durante meses.

Quase odiava Nestor. Talvez se vingasse. De certeza que se iria vingar. O crime tem de ter o seu castigo, sob pena de a harmonia universal ficar comprometida. Se ao menos pudesse dormir e esquecer a dor que o corroía e que era indigna de quem recebera a Medalha do Monte Olimpo e que, portanto, deveria aguentar olímpicamente todas as desventuras.

Pegou no telemóvel que guardava na gaveta da mesa de cabeceira e ligou para Ester, com remorsos de ir despertar a amiga que amava, mas não eram uns remorsos assim tão grandes, senão abster-se-ia de telefonar.

- Desculpa, amor – disse baixinho, para não despertar a mãe, no quarto ao lado. – Não consigo dormir.

- Estava acordada – sossegou Ester, do outro lado, com voz de édredon de plumas. – Deitei-me cedo e acordei há bocado. Porque é que não consegues dormir?

- Não sei. Estava a pensar em tudo o que se está a passar. Acho que odeio o Nestor, e logo agora que não posso nem quero odiar ninguém.

- Ulisses, não te esqueças: errar é humano, perdoar é divino – a voz suave de Ester enriquecia o lugar-comum que acabara de dizer.

- O que eu devia fazer era desafiar o Nestor para um duelo e perfurar-lhe o antebraço direito. Era isso o que eu devia fazer.

- Ulisses, *mon petit*, não sejas tão bárbaro. Melhor uma bofetada com luva de pelica.

- E como é que se consegue dar uma bofetada com uma luva dessas?

- Eu sei lá, Ulisses. Tu é que leste o Hegel, o Heidegger e todos esses. Eu só leio a **Ragazza**.

- Eu não queria fazer carícias ao Nestor, queria era deixar-lhe a cara inchada.

- Ulisses, há já guerras a mais por esse mundo.

- Queria ver-te.

- A esta hora, Ulisses? Deves estar mas é maluco.

- Vou-te buscar. E vou-te mostrar uma coisa que nunca viste.

- Ulisses, espero que não seja aquilo que estou a pensar e que por acaso até já vi. E não foi por acaso.

O rapaz vestiu-se o mais silenciosamente que pôde, abriu lentamente a porta do quarto e esgueirou-se em passos de veludo pelo corredor, alumado por uma lamparina, que levava à porta que Marcos Urias franqueara no Natal passado. Convencido de que Helena não despertaria, fechou cuidadosamente a porta atrás de si e, cobrindo a cabeça com o capuz do blusão, avançou em passos rápidos para a rua da Ester.

Ela viu-o chegar, através dos vidros duplos da janela do quarto, e daí a cinco minutos estava a seu lado, abrigada como uma exploradora polar a preparar-se para hibernar.

- Diz-me que nunca contarás a ninguém o que vires hoje – exigiu Ulisses, com delicadeza, depois de a beijar.

- Posso jurar – asseverou Ester.

- Não é preciso que jures. Basta que me digas que não contas nada a ninguém.

- Não conto – prometeu Ester. – O que é que me vais mostrar?

- É surpresa.

Apressaram-se no caminho, pois o frio de uma noite de princípios de Fevereiro era cortante. Viam-se raros transeuntes na rua, que não pareciam

nada felizes por os ver, e apenas se aperceberam da passagem de três automóveis que transportariam gente que ou trabalharia ou se divertiria até tarde, ou então regressariam de uma viagem muito longa. Todas as hipóteses são permitidas quando se trata de desconhecidos.

Entraram em casa de Ulisses, no maior silêncio.

- Na cozinha, Ulisses? O que é que uma cozinha pode ter de tão especial?

Ulisses colocou o dedo indicador por cima dos lábios, a exigir silêncio – a mãe dormia e ele não queria ser surpreendido a fazer algo que a mesma reprovasse.

Entraram na despensa e Ulisses segredou-lhe que não se mexesse nem se assustasse com o que visse.

Empurrou o prego do espanador para baixo e o chão da despensa começou a baixar, levando-os para o subsolo de Lisboa. Ester abriu a boca de espanto. Espanto que se acentuou ao ver o gabinete de trabalho do Capitão Nemo. Enquanto Ester pasmava para os quadros, as estátuas e os vasos gregos, deslumbrada por encontrar um museu em lugar tão inesperado, o rapaz explicou-lhe:

- São coisas que o papá traz das suas viagens.

E acrescentou, colocando a mão na cintura da sua amada.

- Algumas destas peças faziam parte da colecção do Primo Pons. Isto no reino da fantasia. Porque, na verdade, fizeram parte da colecção do próprio Balzac. Aquela cómoda, por exemplo, pertenceu a Maria de Médicis.

O nome de Maria de Médicis não dizia nada a Ester.

- Veio parar às mãos da Angelina Jolie, que a vendeu quando remodelou a casa, e foi então que o meu pai a comprou.

E para afastar suspeições:

- Nada disto é roubado. Temos aqui recibos de quitação com mais de 300 anos.

Beijou Ester e disse-lhe que a amava.

Ela olhou para um retrato de Helena, emoldurado por cima da cómoda de Maria de Médicis. O jogo de sombras e de luzes realçava o olhar intenso da mãe de Ulisses, amável e, ao mesmo tempo, imperioso. O nome “Caravaggio” pintado no canto inferior direito da tela era, sem dúvida possível, uma falsificação. Só podia ser. Era evidente.

- Ulisses, achas-me parecida com a tua mãe?

Era uma pergunta inesperada e Ulisses não estava preparado para lhe responder de imediato. Aliás, tinha para com a Psicologia a desconfiança do cavalo perante o cavaleiro. Achava-a uma arte de compelir as pessoas a comprar o que, em condições de livre arbítrio, nunca comprariam. Mas, psicologia à parte, que tinham em comum Helena e Ester? Que poderiam ter em comum a mãe tão amada e a amiga desejada? A seu modo, era ambas muito belas. Uma era morena, com o exotismo de um oriente próximo, olhos de um fogo latente, cabelo da asa de corvo dos alquimistas. A outra, Helena, tinha o cabelo de um castanho claro, feito em ondas perfeitas, tal como o Mediterrâneo de onde viera. A Ester faltava o toque gentil e a macieza que só os anos dão. A mãe espalhava em torno de si o bem-estar e as certezas. Ester trazia consigo o desconforto da paixão insatisfeita.

- Não as acho nada parecidas.

- A tua mãe é a mulher mais bonita que já vi. Tirando a minha mãe, claro. Não, estava a ser... estava a dizer apenas o que se espera que eu diga... estava a ser previsível, como tu dizes. A tua mãe é mesmo muito bonita. Acho que qualquer homem se apaixonaria por ela. É mesmo muito bonita.

- Sem dúvida que é – concordou Ulisses, não procurando disfarçar o orgulho.

Apontou para o cravo, construído em Mogúncia em 1706, nas oficinas de Johannes Ruckers, e que estava aberto, à direita da estátua de uma musa sentada, com a túnica em desalinho, tangendo uma lira – Queres que te toque alguma coisa?

Ester acenou que sim e aproveitou para sentar-se no que fora um trono, mas dispunha de almofadas para o tornar mais confortável. O maravilhoso também cansa. E àquela hora toda a gente dormia. Quase toda a gente, pelo menos.

- Não se vai ouvir lá fora?

- Não. A sala é insonorizada, e mesmo que assim não fosse, os detectores da Polícia Municipal apenas procuram o som de escavações. Vão confundir a música com uma avaria no sistema.

Ulisses sentou-se ao cravo e tocou “Les barricades mystérieuses” de Couperin, como aperitivo. Depois, de “O Cravo Bem Temperado”, de Bach, tocou o Prelúdio e Fuga nº.12.

O ambiente tornara-se de tal modo mágico, que Ester, ao massajar os caracóis de Ulisses com as pontas dos róseos dedos da aurora, pensou que iria despertar a qualquer momento, estaria na sua própria cama, no seu próprio quarto, e tudo não teria passado de um sonho.

Já levava Ester de volta a casa e o despertador marcava as seis e meia da manhã. Pensou na sua amada e recordou como a sua pele era macia, e como cheirava bem a perfumes frescos, mesmo acabada de sair da cama. Sentiu, porém, que se esquecera de alguma coisa. Que se associa ao prazer? A dor. À dor, a injustiça, a podridão, as linhas oblíquas e torcidas, os cheiros pestilentos. Em suma, Nestor. Não se tratava de vingança. Mas a ordem universal fora violada e havia que repor a simetria quebrada. Não era vingança. Era castigo, a outra face do crime, o que falta para completar o título de uma obra de Dostoievsky. Quando acordasse pensaria nisso.

Porém, só pensou novamente na palavra “vingança” depois de manhã, na Escola, ter surpreendido um rápido olhar de viés de Nestor, com o desdém dos que vencem facilmente e sem esforço.

Nessa tarde, consultou o pai, sendo agora mais fáceis e rápidas as comunicações desde que instalara o cilindro de barro sobre a torre do computador. O pai transmitiu as suas instruções, via “audio”, em grego clássico.

- Recosta-te bem na cadeira, costas direitas. Repara que o écran do computador ficou de uma cor branca, leitosa. No centro há um disco dourado que parece a roda de um carro, com os seus raios, mas que na verdade é o símbolo da *Associação Lisbonense de Promoção do Comércio Tradicional*. Eis que a roda gira, a princípio lentamente, depois com mais força, mais rápido, mais rápido, até causar vertigens.

Parecia que se espalhavam no quarto guerreiros com cascos metálicos e proteger o crânio, escudos com símbolos de força, e lanças em riste, prontos a participar numa luta que se desenrolaria fora dali, talvez para lá dos limites da Rua da Lapa.

- Repete comigo, Ulisses – “conhece-te a ti próprio”.
- Conhece-te a ti próprio – repetiu Ulisses.
- Conhece-te a ti próprio.
- Conhece-te a ti próprio.
- Conhece-te a ti próprio.
- Conhece-te a ti próprio.

Soou no altifalante a risada clara de seu pai Apolónio.

- Está feito. Tens em ti a força de dez mil guerreiros. Podes escolher entre desancar o sacana do Nestor, e seres tão mau ou pior do que ele. O que me daria um grande desgosto, mas tens catorze anos, pelo que ainda tens direito ao meu perdão... Ou podes fazê-lo confessar o seu crime. O que te deve bastar. Só tens é de fazer como eu te ensinei.

- Conhece-te a ti próprio.

- Nem mais. Força, procurador plenipotenciário do planeta Terra no Congresso Imperial. Vai-te a eles.

No dia seguinte, a aula de Inglês era entre as 10h 40m e as 12h 00m. Ou seja, dispunha Ulisses de uma hora e vinte minutos para realizar o que projectara durante horas. A meio da leitura de um trecho dos “Pickwick Papers”, o filho de Apolónio levantou-se, admirado com a força com que o coração lhe batia no peito. A Dr^a.Ilda enrugou a testa.

- *What?* – fez ela.

Ulisses bateu as palmas e a Dr^a.Ilda ficou imóvel, parando o gesto que fazia naquele momento. E não devia ser de estupefacção pela audácia do seu aluno, porque todos os seus colegas, Ester incluída, se tinham também imobilizado.

Saiu do seu lugar e dirigiu-se para junto de Nestor, que ocupava uma mesa na fila da frente, a fila dos predestinados ou de quem ouvia mal. Sentiu uma alegria insana, que nem por isso deixava de ser alegria, de o sentir ali inteiramente à sua mercê. Poderia escavacá-lo à vontade, que o seu inimigo não reagiria. Mas isso era uma cobardia indigna de um herói. Se o fizesse, nunca mais poderia olhar nos olhos sua mãe Helena. Tocou com o indicador no peito desprotegido de Nestor e, por três vezes, com energia, repetiu “Conhece-te a ti mesmo!”

Móvel entre imóveis, regressou ao seu lugar e, de pé, bateu as palmas.

A Dr^a. Ilda completou o gesto que iniciara e terminou a frase que deixara no princípio:

- *What do you want?*

- É o Nestor, Sô Tôra. Ele quer esclarecer uma coisa.

Ulisses sentou-se, com o prazer de ter terminado uma tarefa nova e excitante. Nestor levantou-se e, como se não acreditasse que era ele próprio quem falava, foi desfiando perante a professora:

- Eu queria pedir desculpa, Sô Tôra. Fui eu que tirei o seu telemóvel no fim do período passado, e o pus na mochila do Ulisses. Era só uma

brincadeira. Depois tive muita vergonha e não fui capaz de dizer nada. Mas fui eu. O Ulisses não teve culpa nenhuma.

Era a verdade, com umas pitadas de mentira para desculpabilizar. Nestor estava destinado à baixa finança. Mentir e enganar eram para ele como respirar. Tal como o escorpião, não tinha culpa, era a sua natureza.

A professora enrugou a testa e abanou a cabeça, incrédula. Tirou os óculos, como se estes lhe impedissem a visão da nova realidade que contradizia a anterior. Esqueceu-se de falar em Inglês, o que era uma violação das regras que impusera logo no início das aulas – *English please* -, e gaguejou:

- Mas... mas então... Mas então não me deves pedir desculpa a mim. Ao Ulisses é que deves pedir. Não achas?

Nestor saiu a contragosto do seu lugar e dirigiu-se para Ulisses, de mão estendida.

- Perdoa, pá. Eu realmente sei que fiz uma coisa mal feita. Eu não queria que as coisas tivessem corrido assim, foi tudo uma brincadeira parva. Desculpas?

Ulisses levantou-se e apertou a mão que Nestor lhe estendia. Sorria por saber que o arrependimento do outro era tudo menos sincero e que a confissão agora feita se devia apenas a tê-lo feito sentir um súbito, repentino e inexplicável desejo de contar a verdade, mas a todos pareceu que era um sorriso de gratidão pela honra recuperada.

- Foi um gesto muito nobre da tua parte, Nestor. Fizeste-me sentir orgulhosa de ti – disse a Dr^a. Ilda, procurando disfarçar a emoção e não chorar diante de toda a turma. – Foi muito bonito. Só as grandes almas são capazes de reconhecer os seus erros, assim, em público, apenas por um impulso do coração. *How noble of you!*

RAPSÓDIA VI

A casa cheirava a pão acabado de cozer, um dos cheiros mais familiares para Ulisses. A mãe, como sempre, levantara-se mais cedo do que ele. Já limpara as escadas do prédio, aproveitando a parte do dia em que menos gente as pisava. Passara depois pela padaria e pelo lugar de horta, para fazer as suas compras matinais. Voltara com o saco de rede bem pesado e preparara o pequeno almoço enquanto Ulisses tomava banho de água fria, como sempre, para enrijar o corpo.

Quando se sentou, na sala de jantar, reparou como Helena continuava bela, como sempre fora e sempre seria, imutável e serenamente bela. Vestia

um robe castanho claro e, naquele momento, vertia leite para a caneca do filho. Ela chamava-lhe “the milk of cow kindness”, por descrença na capacidade leiteira da bondade humana. E as suas mãos não cheiravam à lixívia que usara na lavagem dos ladrilhos do átrio, simplesmente porque não havia cheiro desagradável que lograsse entranhar-se nela.

Tomavam o pequeno almoço na sala de jantar e não na cozinha, como faziam outras famílias para não deixar migalhas na sala nem sujar as toalhas de mais cerimónia. Para Helena, todas as refeições eram importantes. Dizia ela que se devia comer como se se estivesse na Igreja, ou seja, com cerimónia. E porquê? Porque, dizia ela, comas o que comeres, tu ficarás mais completo. Não te transformarás naquilo que comes, como aconteceu com Asqueronte, um rei despótico que reinou nas Ilhas Marfílias, no planeta Nova, há muitos e muitos séculos. Tinha um apetite perverso por umas aves que procuravam aquelas ilhas para nidificar durante a Primavera. Eram pequeninas, semelhantes a pardais, e tinham a desgraça de ser muito saborosas. Pois um dia, nasceram asas ao tirano, cresceu-lhe um bico, ficou coberto de penas, e sentiu um desejo irresistível de voar para sul. O que fez. Graças a Zeus.

Ulisses apreciava a vida que levava. Sabia que nos tempos homéricos o que os heróis apreciavam era o banho de água quente, nos momentos deixados livres pelas lutas, naufrágios e pelas deusas exigentes. Não sabia era se nos primeiros confortos das primeiras cidades se incluía um pequeno almoço tão cheiroso, na companhia de uma beleza tão sagrada como a de Helena.

- Mãe, aquilo do Marcos Urias de eu ir arranjar notas falsas da galáxia de não sei quantas...

- Ele não disse o nome. Aqui essa galáxia, a única que tem um Banco Central mesmo ao lado de um buraco negro, chama-se GCC 193.27, embora nós lhe dêmos o nome de Cabeleira de Berenice.

- É um nome bonito. Mas notas falsas, mãe? Era brincadeira, não era? Só pode ser.

Tinham acabado de comer e era o momento de partilhar a satisfação da saciedade, na presença um do outro.

- É como o nosso mundo. Não será todo ele uma fantasia? Eu gosto de viver neste universo de deuses e deusas, e é um mundo que acho que nunca vou trocar pelo real. Mas é como essa história de ter sido nomeado Procurador do planeta Terra no Congresso Imperial. Se eu não soubesse que era impossível, arriscava-me agora a ter uma decepção.

Helena riu-se, em gargalhadas francas e sinceras que a sacudiam toda.

- Ulisses, não sejas tão adulto. Sabes bem que o nosso mundo é que é o real, e que fora dele é que está a verdadeira fantasia. E já tiveste várias experiências que te provaram isso mesmo. Ou não? Os polícias de opereta do outro dia. Ontem, o caso do Nestor.

- Mamã, isso é verdade. Mas agora viajar para outra galáxia, que nem sei onde fica?...

- O teu pai deve saber. Pergunta-lhe.

- É o que farei. Mas ainda por cima estão em causa as leis da Física. Foi Einstein que disse que nunca se poderia viajar a velocidades próximas da da luz, que é uma velocidade intransponível.

- Ulisses, maldições foi coisa de que nunca gostei.

- Então, é mesmo possível?

- É – retorquiu Helena, peremptória.

- Mas ainda são quatro anos, só para chegar à estrela mais próxima.

- Isto, meu filho, se a velocidade da luz fosse a barreira da luz e não a estrada da luz. Eu e tu somos a prova viva de que se pode viajar no espaço sem limites de velocidade.

- Pronto. São factos, já cá não está quem falou. Mas ainda fica de pé a questão das notas falsas. Aqui não é crime, porque não corre o dinheiro da Cabeleira de Berenice. Mas admira que Marcos Urias tenha dito a verdade e lá nas 27 galáxias não exista o crime de passagem de moeda falsa, na forma tentada. Imagine-se um Procurador falsário e vigarista. Era uma vergonha para qualquer um.

- Ulisses, meu filho, é assim: Marcos Urias pode exagerar um bocado, mas não mente.

- Então, as notas são aceites, quer sejam verdadeiras ou não?

- Exactamente.

- Mas não há Direito Penal naquelas terras?

- Não. Apenas as regras da mais elementar boa educação. Não te lembras de Marcos Urias ter dito que o excesso de legislação levou ao fim do Império Autocrático? As pessoas pensaram melhor, e agora, no período transitório, apenas vigora o Imperativo Categórico – age de maneira que o teu comportamento se possa erigir em regra universal de conduta. Foi o que Jesus já tinha dito, embora de uma forma menos universitária.

Ulisses limpou a boca ao guardanapo e levantou-se.

- Vou lavar a louça.

Nesse dia, depois das aulas e depois de almoçar, Ulisses colocou no bolso a nota verdadeira emitida pelo Banco Central da galáxia GCC 193.27, também conhecida por Cabeleira de Berenice, e dirigiu-se para a Rua da Palma, à procura dos escritórios de Suleyman Praxidish.

A viagem de autocarro entre a Lapa e a Rua da Palma foi demorada, em razão das ruas estreitas e do trânsito que a partir das três da tarde começava a ser de uma lentidão mais que exasperante, e fazia pensar nas vantagens de voar ou andar a pé. Mas ainda não faltava um quarto para as quatro quando Ulisses chegou à porta de Suleyman, o paquistanês. Na rua, a uma distância respeitosa da porta, dezenas de pessoas que pareciam desembarcadas de todos os recantos do planeta discutiam animadamente em várias línguas, quase todas desconhecidas para Ulisses, mas foi o suficiente para perceber que negociavam passaportes, autorizações de residência e contratos de trabalho, e os que os vendiam garantiam que eram autênticos e melhores do que os verdadeiros, e muito mais baratos.

“Onde eu vim parar...”

Um, com todos os sinais de três horas diárias no ginásio, gesticulava para um ser franzino e de sexo indefinido que o escutava com a deferência do fraco para com o forte. “E então eu disse-lhe: Jorge, tu és muito porreiro, mas eu sou ainda mais porreiro do que tu. Por isso, cuidado. Cuidadinho.”

Sentindo-se culpado, abriu caminho por entre a gente, desculpe, desculpe, com licença, subiu um lanço de escadas e tocou à porta do rés-do-chão. Ao fim de um intervalo de segurança, a porta entreabriu-se e apareceu um rosto magro e moreno, de crânio quase rapado, e um sorriso interrogativo, que só deixava a recordação da alvura dos dentes e não da simpatia.

- Boa tarde. Era para falar com o Sr.Suleyman Praxidish.

- E?... - fez o outro, dando a entender que o requerimento estava cheio de lacunas.

- Venho da parte de Marcos Urias – esclareceu Ulisses, duvidoso de que a invocação do nome do mensageiro de seu pai lhe fizesse abrir as portas do santuário da Rua da Palma.

Sem razão, porém. O sorriso do porteiro apagou-se, como se tivesse caído um *abat-jour* sobre a luz dos seus dentes, e a porta escancarou-se, convidando a entrar. O porteiro fez-lhe sinal que o seguisse e levou-o para

uma sala de espera com meia dúzia de cadeiras em torno de uma mesa rectangular. Por cima da entrada, uma chapa metálica tinha gravado o nome de “Sala Rawalpindi”.

- O Dr.Suleyman já o atende.

Desapareceu instantaneamente, como um génio das “Mil e Uma Noites”. Ulisses ficou só na sala, sem nada em que valesse a pena fixar a vista. Nem gravuras nem revistas nem calendários com mulheres nuas. Apenas caracteres árabes, desenhados em louça policromática e pendurados nas paredes. Era um daqueles momentos para pedir à vida interior que nos faça companhia.

O cheiro que impregnava toda a casa era exótico para quem vivia na Lapa. Tentou defini-lo como uma mistura de chá, cera, ranço, caril e brilhantina, mas também podia ser de *toner*, maçãs e matadouro municipal. Não conseguira chegar ainda a qualquer conclusão sobre a proporção em que os elementos se combinavam, quando uma voz educada mas firme se impôs à sua surpresa:

- Não compro telemóveis. Se quiser, experimente o Martim Moniz. Aí comprem-lhos de certeza. Mas aqui nem pensar.

Era um indivíduo também moreno, alto, cabelos negros a enbranquecer nas fontes, barba negra e brilhante, uma espécie de Sandokan depois de ter ido ao barbeiro e dizer “só cabelo”. Vestia como um banqueiro em dia de assembleia geral de accionistas. Com anéis de ouro a brilhar nos dedos, não se poderia ser mais respeitável.

- Mas eu não venho vender telemóveis – disse Ulisses.

- Ai não? – alegrou-se o outro. – Ainda bem. Na verdade, não o estava a ver a assaltar turistas no eléctrico 28. Costumam ser pessoas de meia idade, com muitos anos de ofício, e você é muito novato. Deve ser cheques. É isso, não é? Quer que eu arranje um nome que comece por “GALP” e altere 150€ para 11.150€. Acertei, não acertei?

- Não, Dr.Suleyman. É apenas uma nota.

- Que pena. É um dos trabalhos que mais prazer dá a quem os faz, o que não é o meu caso, que odeio falcatuas. O cheque passa a ser à ordem de “GALPILÂNEO APARECIDO”. Ou “GALPÚRGIO”. Ou “GALPILHANA MARIA”. O engraçado é que os Bancos pagam. E alterar a escrita é uma brincadeira de crianças para quem sabe manejar uma lâmina de barba como deve ser. Uma nota, diz o senhor? Então, mostre lá a nota.

Ulisses tirou a nota do bolso e entregou-a ao paquistanês misterioso.

- Olá – fez o outro, examinando a nota contra a luz. – De onde vem o meu jovem amigo?

- Vivo aqui em Lisboa – respondeu Ulisses, expectante.

- E vem da parte de Marcos Urias, o mestre de todos nós? Pois isto, meu amigo, não é nota de nenhum país que eu conheça. Não conheço o alfabeto, não conheço a numeração e nem consigo ver aqui as marcas de segurança. Diga-me a verdade – não conhece Marcos Urias nenhum, pois não? Ouviu falar no nome e mais nada. É isso, não é?

- Não – protestou Ulisses. – Marcos Urias é um amigo lá de casa.

- Sim? Pois, pois, deve ser. E afinal, o que é que pretende?

- Seria possível fazer-me dez mil destas notas?

O outro sentou-se numa cadeira da sala de espera e olhou-o, incrédulo.

- Não, está claro que não. Veio enganado. Aqui não se fazem notas falsas, porque a minha religião não o permite. Isto aqui é um escritório de negócios da maior seriedade. Vou acompanhá-lo à porta e espero sinceramente não voltar a vê-lo. Notas falsas! Não queria mais nada! Mas onde é que já se viu uma coisa destas?!

Levantou-se, ainda a destilar indignação, e Ulisses imitou-o, estendendo a mão para receber a nota de volta. O outro, porém, fez-se desentendido. Já no corredor, Suleyman segredou-lhe:

- Até lhe fazia dez milhões, se fosse preciso. Mas, para dez mil, duvido que tenha dinheiro para me pagar. Por menos de 1.500€ não lhe posso fazer o serviço. E duvido que tenha tanto dinheiro.

Ulisses suspirou:

- Não tenho. Tem toda a razão. Sou filho de uma porteira e dinheiro é coisa que não abunda lá em casa.

Suleyman abriu exageradamente os olhos, como se fizesse parte de um filme cómico japonês, em que a coisa mais engraçada que pode existir é uma pessoa não ser muito inteligente ou enganar-se.

- Mas então... Não, não pode ser. Não me diga que é com Ulisses, o filho de Helena e de Apolónio, que tenho a honra de falar?

- Sou Ulisses.

- Mas já podia ter dito.

E Suleyman explicou-lhe que havia sítios na casa que tinham microfones colocados por polícias disfarçados de técnicos dos telefones, e, por isso, havia que ter cuidado com o que se dizia.

- A vigilância é muita no meu ramo de negócio, e há que ter cuidado com a língua e já agora também com o fígado. Fazemos assim. Eu faço-lhe dez mil cópias iguaizinhas e, em troca, fico com o original como recordação. Mas, se me permite uma observação, feita com toda a humildade de quem vem dos países proscritos, lá para onde vai não terá necessidade destas notas. E porquê? Porque, se bem me recordo do que ouvi ao próprio Marcos Urias em pessoa, nesses lugares há máquinas em que cada um pode fazer todo o dinheiro que quiser e até ao limite dos seus caprichos. E porquê, volto a perguntar? Porque o dinheiro nesses lugares distantes, não tem o valor de meio de pagamento, mas sim o valor da força de um desejo. É como o meu venerável amigo em vez de chegar a uma loja e dizer “Eu quero comprar aquela coisa que vale mil”, dizer antes “Eu tenho um desejo de mil de ter aquela coisa”.

- Estou a ver – compreendeu Ulisses.

- Pois. Lá entrega-se o dinheiro apenas por delicadeza, nunca por obrigação, e muito menos para pagar seja o que for. Pelo que, se o desejo é sincero, nenhuma nota é falsa.

- Parece poesia – extasiou-se o herói de catorze anos.

- E é poesia – confirmou Suleyman. – Foi da Cabeleira de Berenice que correu a primeira poesia do Universo, que antes da lavagem inicial não passava de prosa com as pontas espigadas.

O paquistanês estimou numa hora o tempo que levaria a fazer as dez mil notas e aconselhou Ulisses a visitar o resto do escritório e, se quisesse, ir até lá fora tomar café. Mas eu não bebo café. Não? Então, beba água que também é boa para os peixes.

Entregue a si próprio, Ulisses deambulou pelas instalações. O corredor dava para várias salas, quatro de cada lado. Antes do corredor, abriam-se duas salas para o vestíbulo – uma era o escritório de um advogado que raramente por ali passava, e só tratava da obtenção de vistos dourados, consoante tabelas que iam só até ao milhão, porque a partir do milhão deixava-se de contar. A outra sala era o escritório de Suleyman, onde ele se distraía dos inúmeros trabalhos a ver mulheres nuas no computador.

Cada sala tinha um nome tirado da Geografia do 9º. ano. O escritório de Suleyman, por exemplo, era a Sala Bramaputra. Onde se confeccionavam os documentos falsos era na Sala Mandalay. Ulisses

entrou e viu um senhor de idade avançada, todo curvado mas com mãos invulgarmente fortes e firmes, que, nesse momento, recortava pequenas tiras em notas de liquidação do IRS, para as substituir por novas tiras, calculadas para formar um rendimento concordante com recibos de vencimento e contratos de trabalho acabados de falsificar no computador.

- Aprendi este ofício quando estive preso no E.P.L. – justificou-se. – Agora não há nada feito em papel que eu não consiga imitar.

Faltava ainda meia hora, e Ulisses saiu para a rua, a ver as montras e os passantes. Era tão extraordinário tudo o que lhe acontecia. Marcos Urias acertara em tudo, até no tempo que levaria para fazer as notas.

Deteve-se junto de uma estação dos Correios, vendo os livros na vitrina. Ao virar-se, quase foi de encontro a uma mulher de cabelo castanho, que passava envolta num impermeável verde e que lhe ofereceu a sugestão de um sorriso. Ulisses pensou que aquela cara não lhe era estranha. Claro que não era estranha, era a famosa mulher do Rodrigues das *Três Gargantas*, as que tinham engolido as *Companhias Reunidas de Gás e Electricidade*, e depois de expelir o Gás tinham ficado apenas com a Electricidade. A mulher ficara famosa porque todos perguntavam o que é que ela, tipo estrela de cinema clássico, tinha visto nele, que era careca, barrigudo e uns bons anos mais velho.

- Desculpe – fez Ulisses. – Estava distraído.

- Eu reparei – disse a mulher. – Boa tarde.

Ulisses saudou-a, num cumprimento mudo, porque não lhe ocorreram palavras. Viu-a afastar-se e não sabia se havia de sentir-se inquieto ou feliz por ser alvo de uma perseguição tão desastrada.

Já decorrera a hora prometida. Os estrangeiros continuavam na rua, discutindo com veemência. Mas a porta do escritório abriu-se agora sem dificuldade e o seu cheiro peculiar sofrera uma pequena mutação, com um toque adicional de alfazema.

Suleyman entregou-lhe uma pasta de cabedal e abriu-a para que Ulisses visse os maços perfeitamente alinhados de notas faiscantes e coloridas.

O paquistanês apertou-lhe longamente a mão, como um dirigente chinês a posar para os fotógrafos.

- É uma honra para mim apertar a mão de Ulisses – e empurrou-o com delicadeza para um desvão de mais segurança, que bloqueava as ondas sonoras -, o representante do nosso mundo na Conferência Universal.

- Não é universal – corrigiu Ulisses. – É só inter-galáctica. O Congresso Imperial.

RAPSÓDIA VII

Quando Helena viera tomar posse da portaria daquele edifício da Rua da Lapa, tecera-se à sua volta uma nuvem persistente de suspeita.

Tratava-se de um prédio centenário, de apartamentos amplos e luxuosos, em que tradicionalmente se hospedavam membros do corpo diplomático, espiões e artistas. Lesley Howard tinha lá dormido. Kim Philby também. As rendas pagas nunca tinham menos de 5 algarismos, às vezes tinham vírgulas mas era raro, e quando algum apartamento era vendido, só o preço fixado na escritura (muito abaixo do real) já era de molde a fazer o notário resmungar, no mais recôndito da sua intimidade, “Tanto dinheiro só pode vir da droga ou do tráfico de armas. A trabalhar ninguém consegue”.

Tinha ficado mais ou menos apalavrado que o lugar de porteiro do prédio nº.166 da Rua da Lapa se destinava a um cunhado da porteira do prédio nº.147, que acabara de cumprir o serviço militar e estava agora desempregado. Tudo fora previamente tratado com o porteiro resignatário, que já tinha 82 anos de idade e ansiava pelo regresso à paz da sua aldeia de origem. Mas quando o velho porteiro, com a carteira ainda quente dos 80 contos que recebera da colega, se apresentara ao administrador do condomínio para receber o último salário, e lhe dissera “Quanto ao prédio, não se preocupe, que já lhe arranjei quem me substitua”, o seu interlocutor sorria com a gratidão de quem recebe uma prenda que não lhe faz falta nenhuma.

- Não tenho palavras para agradecer a sua diligência e o seu empenho. Gostaria de lhe expressar devidamente o meu reconhecimento pela maneira como cuida até ao fim dos interesses do prédio. Por sorte, já contratámos uma pessoa para o vir substituir, a partir de amanhã. Mas muito obrigado à mesma.

Essa pessoa era Helena, que cumpria os requisitos mínimos de falar várias línguas, o que era essencial num prédio onde coexistiam várias nacionalidades.

Quando a vizinhança a viu caminhar na rua, com o seu porte de estátua grega animada pelo dom da vida, encontrou logo a explicação para ter sido ela a escolhida e não o militar desempregado.

“Já se está a ver porque a contrataram a ela. Basta olhar. Será preciso dizer mais alguma coisa?”

As semanas que se seguiram foram férteis em suspeitas. A porteira tinha um curso superior e dava aulas de piano aos filhos dos inquilinos. E, apesar de tão doutora, o prédio como que rejuvenescera, de tão limpo e reluzente que agora andava, com todas as lâmpadas no seu lugar, e ainda por cima a funcionar, as fechaduras oleadas e as carpetes sem sombra de pó.

Por outro lado, tinha um filho ainda bebé, que era Ulisses, e um homem muito esquisito e fora do comum, que passava curtas temporadas em casa e que a porteira apresentava como “o meu marido”. Um homem alto, bronzeado, com caracóis de um louro que não devia ser natural, e com um traço negro a circundar os olhos, e ainda por cima chamado Apolónio, tudo junto era um tanto amaricado para a Lisboa de fins de século XX. Ulisses nascera em 13 de Março de 1999, e era do signo de Peixes. O seu pai, se é que era mesmo o seu pai, não se enquadrava no modelo normal dos maridos das porteiras, que ou são polícias ou trabalham nas obras, e costumam ressentir-se do facto de ter sido graças à mulher que conseguiram uma casa para morar. Quando, pelas informações coadas por Helena e por Apolónio, souberam que este era marinheiro e frequentemente andava embarcado, e daí as longas ausências e o aspecto bronzeado em pleno Inverno, todos concordaram:

- Que gente mais esquisita.

Colocada de lado, com pena, a hipótese de Helena ser prostituta, como inculcava a sua rara beleza, foi colocada em cima da mesa uma aposta ainda mais arrojada.

- É muito doutora. Dá aulas de piano à filha do adido cultural americano. Entra em casa de todos os diplomatas ou dos que se fazem passar por diplomatas. Está-se mesmo a ver. É espia e trabalha para a *CIA*.

Poucos meses bastaram para que a simpatia de Helena derretesse o gelo de desconfiança que a cercava. Depois de iluminado por um daqueles sorrisos de que a mãe de Ulisses não era pródiga, ninguém que tivesse sido submetido a esses raros sortilégios poderia ligá-la, por mais remotamente que fosse, a assassínios, torturas ou quaisquer outras indignidades.

Não foi surpresa para Helena o dar-se conta de que se tornara uma pessoa influente em todo o bairro da Lapa. Coisas pequenas como tratar de um cão que partira uma pata, ou descobrir onde é que uma septuagenária deixara as chaves de casa caídas na rua, ou aliviar dores só pela imposição das mãos, tinham-lhe criado uma reputação de pessoa benfazeja e com

quem se podia contar num caso de aflição. Até a porteira do 147 lhe viera bater à porta, que já não posso mais com esta ciática. E regressara dizendo de Helena que não a amava, mas também não a podia odiar.

Foi assim, sem mais reticências, admitida na confraria informal das porteiras do bairro, e quaisquer segredos que chegassem ao conhecimento de alguém, iam-lhe fatalmente parar aos ouvidos, como pardais fatigados que encontram um parapeito seguro onde pousar.

Uma vez por mês iam todos petiscar à Cervejaria “Cousteau mas foi”, que um emigrante, regressado de França, abrira numa transversal da Rua da Lapa. Normalmente, calhava ao primeiro sábado de cada mês, e aproveitavam-se todos os pretextos para celebrar fosse o que fosse – aniversários, baptizados, nascimentos ou prémios da lotaria. Ou simplesmente estarem juntos e terem saúde e dinheiro para comer e beber.

Ulisses, por vezes, acompanhava a mãe. Sentia-se feliz por presenciar o como a sua mãe era admirada e querida, como não podia deixar de ser, já que era da sua mãe que se tratava.

Não se tratava propriamente de uma ceia. Ninguém pedia pratos individuais. Mandavam vir doses de chouriço, queijo, mexilhões, salada de polvo, morcela, presunto, muito pão e vinho, e era tudo para partilhar.

Naquela noite de sábado, a primeira de Março, Helena e Ulisses chegaram quando todos os outros estavam de volta dos aperitivos e olhavam repreensivamente para o relógio.

Enquanto Ulisses provava o queijo e ficava a saber que a administração do 292 havia já um ano que não pagava nem a luz nem o seguro do prédio, e que transferira o saldo da conta dos condóminos para uma conta desconhecida, vagueou o olhar pela sala.

Qualquer coisa de atraente e de magnético sentava-se algures nas mesas próximas e Ulisses descobriu que era uma mulher que se sentava de frente para ele e de costas para a janela, e que tinha a seu lado um indivíduo gordo e calvo, que ria de satisfação consigo próprio e com o mundo inteiro. Era raro encontrar uma pessoa tão transbordantemente feliz nos dias de hoje. Mas talvez o motivo de tanta alegria fosse a mulher que tinha a seu lado que era exactamente aquela com quem ia quase esbarrando na Rua da Palma, enquanto aguardava que Suleyman lhe confeccionasse as notas falsas feitas da Cabeleira de Berenice.

Sim, ela era a famosa mulher do Rodrigues das *Três Gargantas* e chamava-se Artemísia. O Rodrigues era o careca.

- A teu Ulisses está tão calado – murmurou Viktoriya, que viera da Ucrânia, da região de Donetsk, expulsa pela guerra, era porteira na Rua do Quêlhas e trocava frequentemente os gêneros sempre que falava Português.

- Ele pensa – fez a mãe, apertando carinhosamente a mão do filho.

Artemísia dirigiu-se a Viktoriya. Soubera que no prédio dela morava um médico que trabalhava no **IPO**. Não lhe poderia arranjar uma consulta para o Rodrigues que era desmazelado e se recusava a fazer exames, porque tinha medo aos médicos, se é que se pode chamar medo ao pavor?

Artemísia não era casada com o Rodrigues, mas há anos que viviam juntos. O Rodrigues, como toda a gente sabia, trabalhava nas **Três Gargantas** e tinha um bom ordenado. Ela era dona de casa e com as tarefas domésticas preenchia o seu tempo.

- Aqui a Ulisses toca piano. É a filho do D.Helena – e Viktoriya apontou o jovem.

- Ah, sim? – fez Artemísia, com interesse. – Mas isso é magnífico. Quando é que o poderei ouvir tocar?

A voz tendia para o áspero, era escura, algo masculina, e tinha entoações rugosas como o granito.

- Mãe – e Ulisses tocou no braço de Helena – esta senhora...

- Sou Artemísia – disse ela.

- A Dona Artemísia – prosseguiu Ulisses – pergunta quando é que pode ir lá a casa para me ouvir tocar piano.

A mãe virou-se para Artemísia, que na verdade não falara em ir lá a casa, e pareceu medi-la e avaliá-la num breve instante, sem nunca perder o sorriso gentil.

- O Ulisses dá um recital no Salão Paroquial da Basílica da Estrela, no próximo dia 27, pelas seis da tarde. Obras de Schubert e Liszt – informou a mãe. Depois, pareceu arrepender-se do seu tom de agenda cultural e acrescentou. Mas sempre que aparecer lá em casa é bem vinda. Nº. 166 – c/v Dtª.

No caminho para casa, no silêncio da noite fria de Março, em que caía uma chuva tão miudinha que dava preguiça de abrir o guarda-chuva, Helena foi dizendo para Ulisses:

- O nome dela não é Artemísia, porque a verdadeira Artemísia é irmã gémea do teu pai. Também não é dona de casa, pelo menos em regime de exclusividade. É verdade que o Rodrigues trabalha nas **Três Gargantas**. Um casal estranho, para dizer pouco.

- E...

- É espia, meu amiguinho – disse Helena, apertando carinhosamente a mão do filho. – Ela e o Rodrigues. O Rodrigues nas horas vagas. Trabalham por conta de uma organização que dá pelo nome de *al-Oil*, e quer implantar uma ditadura mundial, que é sempre o maior sonho de qualquer maluco quando está acordado. E que sabem, por artes do demónio, que o procurador plenipotenciário do planeta... és tu em pessoa. Já a deves ter visto por mais de uma vez, sempre em situações em que não estarias à espera. Não te lembras?

Ulisses lembrava-se.

- Mas tranquilo. Basta que tenhas cuidado com o que dizes. E claro, nem sonhes em lhe mostrar a sala subterrânea. Esta falsa Artemísia não é a Ester. Nada de confianças. És um aluno do liceu, que toca piano, e que leu muitos livros. Nada mais.

- Compreendo – disse Ulisses. – E qual seria o interesse dessa organização em espiar-me?

- Já te digo, quando chegarmos a casa.

Apressaram o passo, que a noite convidava ao conforto e aos repousos de casa.

Quando Helena, de roupão vestido, se sentou no sofá da sala, com uma revista de Física nos joelhos, só para rir, como ela dizia, prosseguiu a explicação:

- Fazer parte do Congresso poderá trazer um grande poder e influência. Não será esse o teu caso, porque vais apenas em nome do bom senso e da liberdade, sem qualquer intenção de dominar este ou aquele. Imagina que eras substituído por uma pessoa desonesta e sem escrúpulos, que trabalha para a ditadura de merceeiros que infelizmente nos governa. Imagina essa pessoa a ter acesso a conhecimentos científicos muito avançados e a técnicas de controlo do pensamento e das emoções. Que inclusivamente já foram usadas no Império Inter-Galáctico, até se perceber que eram técnicas demasiadamente destrutivas para o espírito humano, pelo que foram postas de parte e nunca mais foram usadas.

Ora, nunca se sabe até onde é que a *al-Oil* quer ir. Poderão procurar apoios nos sectores mais conservadores do Congresso e combinar um ataque à Terra, que permita alcançar numa hora o que está previsto para demorar algumas décadas. Fiz-me compreender?

- Perfeitamente – disse Ulisses. – É horrível.

RAPSÓDIA VIII

Foi Ester a primeira pessoa conhecida com que se deparou ao acercar-se do Liceu da Lapa. Olhou-a com satisfação. Beijaram-se na boca e ela reparou:

- Dormiste mal. Tens cara de sono.

Ulisses fez que sim com a cabeça.

- Não é por causa do teste de Inglês, pois não? Sabes mais Inglês do que a Dama de Ferro. *By far*.

Seguiram de mãos dadas e ela assumiu o papel de mãe substituta, o que redobrava o prazer do namoro.

- Se calhar, passas demasiado tempo lá em baixo, naquele sítio. Não te faz nada bem. As antiguidades vêm sempre com muito pó agarrado, e sabe-se lá com que maldições complicadas.

Ulisses recordou-se da conversa da mãe e das prevenções que deveria ter para com a falsa Artemísia.

- Ester, amor, viste algum pó naquele sítio que deves esquecer que viste? Não, pois não?

Ulisses olhou em seu redor e desistiu de beijar Ester na boca. Havia demasiada gente, demasiadas caras conhecidas em seu redor. Mas, aproveitando os últimos momentos de intimidade ainda lhe disse:

- É muito importante. Nunca estiveste naquele sítio, não viste nada e não sabes de nada. Se não conseguires resistir à tentação, fala dele como os de Cambridge se referem aos de Oxford – “o outro lugar”.

- *All right* – Ester apertou-lhe a mão com mais força, antes de se separarem, por amor das conveniências, o que é muito importante quando se tem catorze anos e o ridículo ocupa um lugar muito importante nas nossas vidas em mutação.

Ulisses não teve outro ponto alto em toda a manhã. Resolveu o teste em 20 minutos, quando, mesmo com o mais extremo dos zelos, o poderia ter concluído em 5 minutos. Só para não vexar a professora.

Terminadas as aulas, Ester e Ulisses saíram juntos e caminharam em silêncio, embebidos um no outro e sem reparar num carro negro que seguia com um vagar inusitado, e que deveria ser um *Audi* ou um *Saab* de último modelo, Ulisses não era forte em marcas de automóveis.

À esquina da Rua do Quelhas com a Rua da Lapa, a viatura imobilizou-se à frente deles e um indivíduo exibiu na janela direita dos

lugares traseiros um rosto balofo, onde bailava um sorriso tão falso como os seus dentes da frente.

- Olá! – fez-lhes o indivíduo, com um entusiasmo superlativo e aparentemente sem causa.

- Bom dia – respondeu Ulisses, como responderia a quem lhe viesse pedir para se alistar nas cruzadas.

- Vão almoçar a casa? Já é tarde! – como se aproximavam, Ulisses pôde-se aperceber da extrema brancura e regularidade dos dentes que compunham o sorriso aberto do indivíduo sem nome.

- Não respondas – disse Ulisses, baixo, para Ester. – Não digas nada.

- Namoradinhos, hem? E a família sabe?

Ante o mutismo dos dois, o homem prosseguiu:

- Já é tarde. Querem que os leve a casa?

- Não, obrigado – respondeu Ulisses, procurando pôr na resposta a secura mais ácida que pôde. – Moramos já aqui.

- Não moram nada – retorquiu o homem do rosto balofo.

Ulisses prosseguiu o seu caminho, agarrando Ester com toda a força da sua protecção, procurando ignorar o carro e os seus ocupantes.

- Vocês vão desconfiados. Mas sem razão. Já pensaram que?... Pensem só nisto: e se estiverem, neste preciso momento, à beira de perder a oportunidade de entrarem os dois num filme e ganharem uma pipa de massa? Que tal, hem?

- Num filme? – exclamou Ester, assombrada.

Ulisses apertou-lhe a mão, como se ele fosse Orfeu e ela Eurídice, e não lhe pudesse permitir que olhasse para trás durante aquela fuga do Inferno, sob pena de a perder para sempre. Sabia que a estava a magoar, e segredou-lhe com inquieto carinho “cala-te, por favor”.

- Sim, meus amorzinhos. Um filme de Hollywood, um grande sucesso, e vocês nas bocas do mundo. E dinheiro à farta para tudo o que desejarem. Pensem em muito dinheiro e depois multipliquem por mil, e ainda hão-de ter muito mais do que isso.

- Não respondas, palerma – sussurrou Ulisses à companheira, vendo que ela ia abrir a boca para falar.

- Vocês são bonitinhos, meus amores – continuou o pertinaz desconhecido, forçando a simpatia -, mas não se iludam. Estão em Portugal, e em Portugal, em Portugal, ouçam bem o que eu digo, não há

futuro para vocês. Um emprego de 6 meses num supermercado, um emprego de 3 meses num centro comercial, e depois? É essa a vida que querem?

- É essa mesma – respondeu Ulisses, puxando por Ester, roída pela curiosidade.

O homem abriu a porta traseira da viatura, escancarando-a convidativamente e Ulisses deu-se conta de como os vidros eram escuros e não deixavam ver o rosto do motorista. Algo demoníaco deveria haver naquilo tudo.

- Vejam-me como uma pessoa mais velha, com idade para ser vosso pai. Pai? Até poderia ser vosso avô, meus amores. Olhem que a sorte não bate duas vezes à nossa porta. Se não aproveitarem esta oportunidade, e não tenhamos medo das palavras, esta oportunidade verdadeiramente, autenticamente fabulosa, não terão outra em toda a puta da vossa vida. Perceberam? Então – e o homem abriu os braços e exibiu as palmas da mão -, Vamos? Vamos entrar?

Ulisses apertou ainda com mais força a mão de Ester e gritou-lhe “Corre!!!” Arrastou-a pela Rua do Quelhas, até ouvirem bater a porta da viatura negra, com um despeitado estrondo, e seguir, agora em grande velocidade, na direcção oposta da fuga dos jovens.

Ester achava que a atitude de Ulisses, com todo o seu receio e desconfiança, era um pouco injustificada.

- Mas vê lá: podia ser a sério. E agora como vamos saber?

- Ester, amor, desculpa eu ter sido brusco e bruto. Mas teve de ser. Nunca me perdoaria se te acontecesse algo. “Tinq”, Ester, “tinq”. Primeiro: era um carro de luxo. Gente séria não tem dinheiro para comprar esse tipo de carros. Segundo: o homem tinha uma autêntica cara de aldrabão. Depois, e a finalizar: se tivéssemos entrado naquele carro, estaríamos a partir de agora nas mãos de uma rede de pornografia infantil. Bom, juvenil, porque já temos 14 anos e eu vou fazer agora os 15. Não íamos ter nenhuma carreira em Hollywood, nem nada que se parecesse. Iríamos ser escravos de gente cruel e maléfica, que tem prazer em torturar quem não se pode defender.

- Mas que exagero – insurgiu-se Ester.

- Não é exagero, meu amor, é a pura verdade. Daqui a 15 dias ias aparecer em filmes na “internet”, embriagada ou drogada, e com gente estranha a fazer-te coisas que só ocorrem ao diabo nos seus dias mais inspirados.

- Ulisses – Ester, de frente para o jovem, falava-lhe com o indicador direito em riste, como um estadista a ralar com os cidadãos -, na vida é preciso arriscar. Há que saber sair da zona de conforto. Não se pode estar sempre com medo. Acredita que há muita gente bem intencionada por este mundo.

Ulisses acompanhou Ester até à porta do prédio em que esta vivia e reiterou-lhe as suas razões para suspeitar ou ter a certeza de que o dono do rosto balofo tinha intenções sinistras. Mas, apesar da solidez das razões de Ulisses, Ester contrapunha “se calhar...”, “talvez afinal...” e “vá-se lá agora saber...”.

Ao deixá-la à porta de casa, Ulisses beijou-a na boca e recomendou-lhe que falasse do caso aos pais. Veria que existia mais gente da sua opinião e que confirmaria os seus receios.

Prosseguiu, sozinho, de olhos no chão, com uma sensação incomodativa de que alguém o olhava, e que algo no “puzzle” que era o seu mundo tinha sido trocado de lugar.

A mãe não estava em casa.

Faltavam dez minutos para as duas da tarde. O almoço de Ulisses estava dentro do forno, ainda quente e pronto a comer. Quando tinha de se ausentar, a mãe costumava deixar um papel, na cozinha, colado à porta do frigorífico.

O filho pensou que Helena tivera de sair à pressa e que não tivera tempo de deixar nenhuma nota, como já acontecera de outras vezes. Almoçou, mastigando devagar, tal como a mãe o ensinara - se não trabalharem os dentes, trabalha o estômago. Para fugir ao silêncio, ligou a televisão. Não havia notícias novas. Os salários e as pensões iam ser reduzidos. Os medicamentos aumentavam de preço. O petróleo subia. Ameaça de bomba num avião. Navio sequestrado por piratas ao largo da Somália. Palestínianos mortos num “raide” de aviões sem piloto. Sanções contra a Síria. Jogadores contratados.

- Se tudo isto fizesse sentido... E faz. É como uma única história, com vários episódios entrelaçados.

Veio-lhe à memória a expressão “déjà vu”, mas não sabia explicar porquê. Até sabia. Marcos Urias explicara. Estava-se já naquela fase em que as elites começavam a calçar as botas com espigão na ponta para desferir pontapés na escumalha ou no sub-mundo ou num sinónimo ainda mais deprimente.

Sentou-se no sofá e leu Aquilino Ribeiro, para desenjoar.

Esperava que a mãe não demorasse, porque tinha urgência em contar-lhe o que se passara na esquina da Rua da Lapa com a Rua do Quelhas.

O telefone tocou às três da tarde, quando a ausência da mãe já se tornara mais pesada, mesmo não querendo usar ainda a palavra “inquietante”, para não desencadear as sirenes da imaginação.

Quando atendeu, não era a voz de Helena que estava do outro lado. E, todavia, não podia dizer com segurança que nunca ouvira aquela voz. Talvez porque o dono da voz se insinuava com muita familiaridade pelo ouvido do jovem.

- Olá, rapaz, então?, bem, não é? Como sempre.

- Estou a falar com... - disse Ulisses, querendo repor as coisas nos seus lugares.

- Com um grande amigo da família. Olha, pá, a tua mãe está aqui agora e manda dizer para vires cá trazer uma coisa.

- Uma coisa?

- Oh, rapaz, coisa!... não sabes tu outra coisa. Estás mesmo a ver, não é? Oh, menino, é o cilindro de barro que foi gamado do Museu de Bagdad e que tens aí em casa.

- Aqui em casa? – admirou-se Ulisses. – Deve estar enganado, senhor... senhor...

- Não me chames Senhor, pá, que não estamos na Igreja. Olha lá, ó coiso, trazes o cilindro e a mamã, ou como raio chamas à gaja, está aí em casa mesmo a tempo de te fazer o jantar.

- Posso falar com a minha mãe?... Senhor...

- Podes. Depois de entregares a coisa podes falar com ela o tempo que quiseres. Agora mexe-te e traz-me aí a coisa. Rápido.

- Espere – fez Ulisses. – Não me diga que raptou a minha MÃE!?

- É pá, mas onde é que isso já vai! Raptar? Qual raptar? Aqui não se rapta ninguém, mas por quem é que me tomas, ó micróbio?

Quem estava do outro lado, desligou abruptamente.

Ulisses sentia o coração a bater como um sino enlouquecido. Procurou pensar, mas as ideias não vinham. Palavras como “Polícia”, “Pai” e “Acudam-me” não conseguiam entrar em frases com sentido. Se ao menos aquele fosse o dia de visita de Marcos Urias!...

O telefone voltou a tocar.

- Sim – fez Ulisses, ansiosamente.

- Pá – chamou o mesmo que acabara de falar -, nem penses em chamar a Polícia, se não dizes adeus à “Mamã” – distorcendo horrivelmente a última palavra, num escárnio sumamente ofensivo, como se o sacrilégio lhe desse um grande prazer.

- Pelo amor de Deus – afligiui-se Ulisses. – Eu levo-lhes tudo o que quiserem, mas não façam mal à minha mãe. Só preciso é que me digam a morada.

- Bom, vamos lá mas é a ter juizinho, que eu gosto disso. Daqui a meia hora, à esquina da Rua do Quelhas com a Rua da Lapa.

- E a minha mãe?

- A tua mãe estará lá à tua espera, ó palerminha.

- Mas espere, eu não sei de nenhum cilindro, nem conheço o Museu de Bagdad. Vou ter de procurar. Pelo menos preciso de cinco horas para procurar.

- Tu não me gozes, ó meu grande camelo – fez o outro. – Duas horas e já vais com muita sorte. Às cinco em ponto, então. E aí da tua mãe se não estiveres lá com o cilindro. E é o cilindro mesmo, está bem?, porque se for outra coisa levas com ela na tromba. E aí da tua mãe, estás a ouvir?

Desligou, sem esperar pela resposta de Ulisses.

Este, pela primeira vez na sua vida, sentiu o que depois chamou de “frieza dos heróis”. Deixou de pensar no perigo e na infelicidade. Era forte e o seu raciocínio voltava em ondas das que inundam rapidamente todo um areal.

Os seus adversários viam muita televisão – era o seu primeiro ponto fraco, porque as suas reacções já eram previsíveis. Não devolveriam Helena à liberdade, e fariam Ulisses refém, agora para fazer exigências a Apolónio ou então para interferir no Congresso.

Trancou a porta de casa. Fechou e trancou as portadas de todas as janelas, sem excepção, e tocou o chão, as paredes e os candeeiros com uma esferográfica que o pai lhe confiara, e que servia para detectar campos electromagnéticos que estivessem no sítio errado. Acendeu-se uma luz vermelha quando passou a esferográfica por uma das estantes da sala. Em cima do XVI Volume da Grande Enciclopédia havia um pequeníssimo objecto que passava despercebido a quem não estivesse munido de um detector, como era o caso de Ulisses.

Retirou-o com cuidado, descolando-o com uma pinça. Examinou-o à lupa. Tinha câmara de televisão e um microfone. Não tinha marca de fabricante. De imediato, o telefone voltou a tocar. Ulisses não atendeu, certo de que era a melhor solução. Não podia deixar o adversário formular novas exigências. Não podia jogar com regras que estivessem sempre a mudar. Mas com duas horas pela frente, havia coisas que ele podia fazer. E que ia agora fazer.

Ao ligar o interruptor da sala, deu-se conta de que a luz acabara de ser cortada. Todavia, o computador que usava para comunicar com o seu pai Apolónio, mantinha-se em funcionamento, como se fosse a única coisa inexpugnável depois de tudo o resto ter sido tomado pelo inimigo. Acendeu velas e sentou-se em frente do computador.

A comunicação fazia-se com mais lentidão do que era normal, mas em breve o rosto do pai surgiu no monitor. O rosto bronzeado, de caracóis louros, que parecia saído da Cinecittà dos anos 60, fez-lhe uma careta amigável.

- Papá, a mamã foi raptada.

Arrependeu-se do tom de tragédia grega que adoptara. Era com o pai que falava e não para o público sentado no anfiteatro. Contou tudo o que se passara, sem omitir o homem de rosto balofo e o seu convite para fazer cinema. O pai ouviu-o sem o interromper, olímpicamente sereno. Depois, abriu muito os olhos na sua direcção. E foi como se um raio de sol atravessasse a escuridão e arrumasse o que estava desordenado.

Explicou-lhe que ninguém poderia reter Helena contra a sua vontade. Ela era demasiadamente forte para eles todos juntos. Se ela se deixara, aparentemente, dominar, fora para o salvar a ele, Ulisses.

Deveria ir ao encontro dos indivíduos e levar-lhes um cilindro de barro. Os caracteres cuneiformes, depois de meses de estudo, dariam a tradução de “E mandou Gilgamesh que os saldos de Verão fossem antecipados para Maio. Picado por uma vespa disse “foda-se” e mandou que a última palavra fosse riscada por os heróis nunca dizerem palavrões”.

O que os indivíduos, que não passavam de um bando de malfeitores ao serviço da *al-Oil*, realmente queriam, não era nem Helena nem o cilindro, cujos poderes efectivos desconheciam e que só lhes poderia trazer algum dinheiro em leilões de objectos históricos. O que eles queriam era ele próprio, Ulisses. De certeza que levariam Helena até ao ponto de encontro. Não para a libertarem, evidentemente, mas para o convencerem a entregar-se. Mas que não se preocupasse. Ulisses corria mais rapidamente do que todos eles e, de carro, não o poderiam perseguir pelas ruas estreitas

do Bairro da Lapa. Assim que Helena se libertasse, Ulisses deveria correr, correr sempre, sem olhar para trás. E correr para onde? Bem, deveria dirigir-se a... e aí falar com... e depois... Boa aventura, meu filho.

RAPSÓDIA IX

Passavam dez minutos das cinco da tarde quando Ulisses saiu de casa. Fora esse um dos conselhos do pai – chegar atrasado ao local de encontro. Isso enervaria os raptos. Faria com que olhassem para o relógio e olhassem à volta, à espera de surpresas fardadas de polícias. Quer se entenda ou não a guerra como arte – e para Apolónio, que vira muitas, era apenas selvajaria -, uma das suas regras é a de confundir o adversário com algo inesperado. Um exemplo de escola é o de colocar um cavalo de madeira às portas da cidade sitiada.

Era a mãe de Ulisses que estava nas mãos dos misteriosos raptos. Logo, era de esperar que o filho fosse pontual ao encontro e seguisse à risca o que lhe fora ordenado.

Mas do plano de Ulisses, sugerido por Apolónio, não fazia parte o cumprimento das regras.

Levava uma mochila às costas e, na mão, um saco de plástico com a insígnia do supermercado onde a mãe fazia as compras da semana. Dentro levava um objecto cilíndrico cheio de incisões. Na verdade, só ele sabia o que levava. Quem visse o saco repuxado para baixo, só poderia saber que o objecto era pesado.

Sabia bem que não fazia sentido que lhe exigissem a entrega do cilindro. Não sabia em que local é que os criminosos se tinham apoderado de sua mãe, mas, das duas uma – ou tinha sido na rua e, nesse caso, nada mais fácil que obrigá-la a levá-los a casa e, lá dentro, tirar tudo o que lhes apetecesse; ou fora mesmo dentro de casa e, a ser esse o caso, até o frigorífico poderiam ter levado com eles, bastava querê-lo.

Subiu com vagar a rampa da Rua de Santana à Lapa e admirou-se de o seu coração bater com tanta força e de sentir o que era, sem dúvida nenhuma, medo puro e simples. O pai chamara-lhe herói. Mas não era isso o que sentia. Era apenas um desprotegido, débil e indefeso jovem de 14 anos, quase a resvalar para a criança que deixara de ser e que amanhã faria os 15 anos.

Ao aproximar-se da confluência da Rua da Lapa e da Rua do Quelhas, viu que se encontrava ali estacionado um veículo negro e reluzente, de quatro portas e vidros escuros. Não era o mesmo onde o

indivíduo balofo o convidara a Ester e ele próprio entrarem, mas dava para entender que era também de um modelo caro, só acessível a traficantes.

Já tinha sido visto, pois abriu-se a porta traseira do lado direito e saiu um indivíduo alto, vestido de negro, de cabelo rapado e óculos escuros, a fazer mau cinema.

Do outro lado da rua, outro indivíduo, também inquietante, começou a caminhar na sua direcção.

Ulisses ergueu o saco e disse, modulando a voz para ser ouvido pelos raptos, não pela rua inteira:

- Primeiro, preciso de saber que a minha mãe está viva e está bem. Caso contrário, esqueço já aqui o vosso vasinho. Há-de-se fazer em milhares de pedacinhos, para vossa informação.

O indivíduo que saía do carro fez menção de rir, mas as rugas do seu rosto eram difíceis de desfranzir. Ergueu a mão esquerda, agora a imitar o que poderia ser um imperador romano, mas também poderia ser um polícia sinaleiro. O homem que caminhava na direcção de Ulisses deteve o seu avanço.

- Ora essa, meu jovem amigo.

Fez outro sinal imperioso e, pela outra porta traseira, saiu Helena, escoltada por um possante energúmeno, provavelmente porteiro de discoteca ou gladiador romano reformado compulsivamente.

Helena olhou para Ulisses e este apercebeu-se de que a mãe lhe piscara o olho, como quem diz “Tudo pronto? Então vamos a isso”.

O jovem apercebeu-se de que a mãe não tinha as mãos atadas e que, portanto, a ameaça devia vir da força do brutamontes ou de armas apontadas que, todavia, não eram visíveis.

- Preciso de saber que vão cumprir o prometido – estava-lhe a sair tal qual o discurso que ensaiara ao espelho, antes de sair de casa. – Quero que a minha mãe se aproxime mais de mim, e que o gordo se afaste mais. Só depois é que lhes entrego o vaso ou o cilindro ou como lhe quiserem chamar.

- Quero? – admirou-se o indivíduo alto que fora o primeiro a sair do carro. – Mas que modos são esses, hem? É essa a educação que a tua mãe te deu? Meu jovem, aqui quem manda e quem dá ordens sou eu.

Nem fizera qualquer tentativa para sorrir.

Pareceu-lhe que ecoava no seu espírito a voz do pai, a gritar “Agora!”.

Ulisses ergueu o saco e retirou, com vagar estudado, um cilindro de barro, picado por múltiplas incisões cuneiformes.

- Sinceramente, não faço ideia de qual o motivo por que se deram a tanta maçada por uma coisa destas. Mas vocês é que sabem.

Sopesou o cilindro, na sua mão direita, e atirou-o na direcção do rosto do seu interlocutor.

Tal como o seu lendário homónimo, Ulisses praticava desporto. Corria os 5.000 e os 10.000 metros, mas também lançava o disco e praticava tiro de arco e flecha. Tinha a certeza de acertar e assim foi. O homem sinistro uivou de dor ao levar, em cheio no nariz, com a parte do vaso em que se lia “Recordação das Caldas”. Era o vaso que Ulisses riscara durante meia hora, seguindo as prescrições do Prof. Neils Hardental.

Acto contínuo, Ulisses correu na direcção da Rua de São Marçal, sem se voltar para trás. Fora uma recomendação de Apolónio, que lhe dissera que não se iria transformar em estátua de sal, mas iria atrapalhar a mãe, a qual, sem ele, saberia aproveitar de imediato o factor surpresa produzida.

- Não disparem! Quero-o vivo! E não quero isto cheio de polícias! – pela voz devia ser o ferido a falar.

- Agarra que é ladrão! – gritou um.

- Cala-te, estúpido, e corre mas é atrás dele.

Subiu a correr, galgando três a três as Escadinhas de São Crispim e pôde constatar que se tinha distanciado de vez dos seus perseguidores. Em cima, na Rua da Emenda, ninguém passava àquela hora e quaisquer gritos de perseguidores tinham-se já desvanecido na distância.

Continuando em passo de corrida, meteu-se pela Rua da Escola Politécnica e, ao chegar finalmente ao Largo do Rato, descansou por fim, envolvido pela multidão que saía dos empregos e regressava a casa. Embora ilusoriamente, sempre poderia pensar que agora estava em segurança.

Apanhou o autocarro da carreira 738, na direcção do Hospital de Santa Maria. O autocarro era preferível ao metropolitano, pois ainda não tinha câmaras de vigilância nas paragens. Não que fosse de esperar que os seus perseguidores fossem apresentar queixa à Polícia, mas porque era muito verosímil que a *al-Oil* tivesse acesso às redes de video-vigilância.

Saíu no Saldanha e prosseguiu a pé, com o rosto tapado pelo capuz do blusão, porque anoitecia e refrescava. Ao passar por uma cabine telefónica no Campo Pequeno, recordou-se de que o pai lhe dissera que,

pelo menos até à meia-noite, o telefone de casa ainda não estaria sob escuta. Ligou, em sobressalto, e, do outro lado, ouviu a voz da mãe, em toda a magnificência da sua beleza e poder.

- Oh, meu querido, estou tão orgulhosa de ti!

- Mamã, estás bem?

- Claro que sim – respondeu, tranquila, Helena. – Como é que poderia não estar bem? Agora tens é de cuidar de ti. Já sabes: nem penses em vir a casa. Eu estou bem, mas completamente bem, Ulisses. Faz exactamente o que o papá mandou, e tudo correrá bem. Adeus, meu herói.

Desligou, e Ulisses sentiu o peito inundar-se do que parecia ser felicidade. Se fosse um aviador da R.A.F. poderia pintar uma cruz gamada na carlinga do avião. Se a *al-Oil* tivesse um símbolo, bem poderia ser esse.

Continuou a caminhada, com a confiança atenta de um domador que está em plena aventura na selva, de chicote em punho, à procura de mais feras para domar.

Passou Entrecampos e seguiu em direcção à Cidade Universitária. A casa que procurava ficava perto do “Colégio Moderno” e tinha uma pastelaria no rés-do-chão. Cheirava a bolos e café e Ulisses, com surpresa, descobriu que tinha fome.

Tocou para o segundo esquerdo e uma voz roufenha perguntou pelo intercomunicador “quem era!”

- Foi daí que pediram uma *pizza* morangada? – perguntou Ulisses, sentindo-se ridículo, pois já vira tarte com morangos, mas *pizza* que levasse morangos era coisa que nunca tinha visto. Mas era o que o pai sempre lhe dizia: “Por não teres visto uma coisa, isso não significa que a coisa não exista”.

A frase era realmente eficaz, pois o trinco da porta abriu-se e Ulisses subiu até ao segundo andar, perguntando a si mesmo quem viveria naquele apartamento.

A escadaria era de madeira, com uma passadeira de um vermelho desbotado que começava logo no átrio.

À porta, esperava-o uma senhora de cabelo alvo como a farinha de trigo e uns óculos de aros dourados, onde se abria o típico sorriso de uma avó. Até vestia avental e era, sem dúvida, uma velha simpática e bonita.

- Entra, entra, rapaz – convidou a senhora.

Ulisses entrou, e a senhora, que se chamava Clementina, nome que recordava que ainda era tempo de tangerinas, fechou a porta, suavemente, atrás de si, convidando-o a segui-la.

Numa sala, abria-se um piano de cauda e estava posta uma mesa redonda, com uma terrina de sopa no meio, e três pratos à volta dela, o que indicava que faltava uma pessoa.

- A Helena não veio?

- A mamã ficou em casa – informou Ulisses.

Clementina convidou-o a sentar-se num sofá de três lugares que ocupava metade da parede fronteira e sentou-se num sofá mais pequeno que fazia esquina com o maior.

A avó não tinha aquela voz roufenha que saía pelo intercomunicador. Pelo contrário. Falava num tom de voz muito musical, que era raro encontrar num tempo em que todos falam com secura e autoridade, em nome de coisas abstractas como personalidade forte e capacidade de liderança, como se os donos do mundo tivessem falta de capatazes.

Apresentou-se e falou do seu passado. Tivera a cabeça a prêmio no antigo regime, porque fazia parte de uma organização marxista-leninista. Fora apanhada pela PIDE e sujeita a 8 dias de tortura do sono. “Mas não falei, nem denunciei ninguém.” Protagonizara uma fuga e estivera vários meses na clandestinidade, até conseguir fugir para França, de onde só regressara depois do 25 de Abril.

Depois, bateu com a mão na testa.

- E eu aqui a falar, a falar, e tu que deves estar cheio de fome.

Fê-lo sentar-se à mesa e serviu-lhe um prato cheio de sopa de feijão com lombardo. Ficou a vê-lo comer pois, segundo disse, já tinha jantado.

- Um pouco de vinho? – ofereceu a avó.

Ulisses negou com a cabeça.

- Fazes bem.

E continuou com a história da sua vida, enquanto lhe trazia carne de vaca estufada com ervilhas. Até que se interrompeu e bateu novamente com a mão na testa.

- Pois é, mas tu tens que ir para outro lado, não é?

- O meu pai disse-me que tenho de ir para Madrid.

- Tem graça. Então vais seguir quase pelo que era o meu caminho de fuga. Só que eu ia de Lisboa a Paris, e tu vais só até Madrid.

A avó explicou-lhe que havia várias maneiras de ir para Madrid, para além de ir a pé, naturalmente, o que lhe levaria muito mais tempo.

- Poderias ir de comboio. Sai daqui às dez da noite e chega à Estação de Chamartin pelas oito da manhã do dia seguinte. Autocarros há dois por dia, mas levam mais de oito horas a chegar. De avião é só três quartos de hora e é mais o tempo que passas no Aeroporto do que o que passas a voar.

Interrompeu-se para tomar um comprimido esbranquiçado que retirou de uma caixinha que parecia uma tartaruga negra e brilhante.

- Mas davas muito nas vistas, o que não convém.

Ulisses estava em boas mãos. Clementina, com os seus óculos, o seu avental e os seus cabelos brancos fazia parte de uma organização de resistência, a qual se encarregava de pôr o jovem são e salvo em Madrid, lugar de onde deveria partir para aquele lugar misterioso cujo nome nem ela poderia dizer.

- Se fosse mais nova, ia contigo.

Em Madrid estaria à sua espera uma jovem “muy guapa”, que se encarregaria dele e o encaminharia.

- Vê lá, não te esqueças de nada, meu filho – fez a avó. – As moedas de ouro? As notas falsas? Um agasalho para o frio? Escova de dentes? Vê lá bem. Não te falta nada, mesmo nada?

Ulisses negou. Não, não se esquecera de nada e levava na mochila tudo o que era preciso.

- A sério? – insistiu a avó, aparentemente divertida e, na verdade, muito divertida mesmo.

- A sério, sim senhora – certificou Ulisses.

- Ulisses, o que é que um procurador, que vai representar o seu planeta numa conferência inter-galáctica que, na verdade, é inter-mundial e que, portanto, é mais que meramente internacional... estás-me a seguir?... o que é que uma pessoa dessas, que é mais do que um mero diplomata, precisa?

- Credenciais? – arriscou Ulisses.

- Ora nem mais. E tens tu essas credenciais?

- Bom – respondeu Ulisses -, suponho que mas darão.

- Sim, claro que tas darão. Mas onde?

Ulisses fez um gesto de ignorância. Era coisa que não o preocupava.

A avó, triunfante, exibiu um tubo prateado que era mais comprido do que o envólucro de um charuto e pouco mais largo.

- Aqui estão as tuas credenciais - e passou-lhe o tubo para a mão.

Ulisses segurou-o e sorriu de satisfação. Dava prazer ter responsabilidades, mesmo sem saber exactamente o que se esperava do procurador plenipotenciário de um planeta tão minúsculo, escondido numa galáxia devoradora de galáxias. Só a palavra “plenipotenciário” fazia rir, não sabia porquê, talvez por ser muito grande.

Abriu o tubo, retirando-lhe a tampa, que era de um vermelho vivo que parecia borracha mas não era, e extraiu do seu interior um rolo de papel que tinha estranhas semelhanças com o que se fabricava em Córdova, no tempo do Califado. Alisou-o como pôde, em cima da mesa, e tentou ler o texto, em caracteres muito compactos e minúsculos. Estava dividido em três partes, que correspondiam a três versões, uma em latim, outra em grego clássico, e outra em hieróglifos do Baixo Império Egípcio.

Segundo a versão latina, era a ele, Ulisses, quem cabia representar no Congresso Inter-Galáctico o actual terceiro planeta a contar do Sol. Houvera o cuidado de escrever Inter-Galáctico e não Imperial, para dar sinais claros de que os novos tempos eram de liberdade, embora o comum das pessoas preferisse a designação de Imperial, por mera facilidade na pronúncia. E depois não há nada de mal num Império, desde que o que impera seja o direito à felicidade – não o direito a procurá-la, que para isso já existe a lotaria, mas o direito a tê-la, toda inteirinha e sem restrições.

Para o efeito, Ulisses dispunha de plenos poderes, reconhecidos simultaneamente pelos deuses do Olimpo e pelos representantes do Império, e lá estava a assinatura de seus pais Helena e Apolo a dizer que estavam impedidos de votar porque o rapaz era seu filho e parecia mal. Tinha poderes para se pronunciar sobre todas as questões postas a votação, e o seu voto era vinculativo.

O texto grego era mais prolixo, e realçava a linhagem ilustre de onde Ulisses descendia, atribuindo-lhe os adjectivos mais grandiloquentes, como “egrégio”, “ilustre”, “magnífico” e “omnisciente”, mas dando subliminarmente a entender que o rapaz fora designado procurador mais pelas relações de família que por mérito próprio. Porque o relator, além de um grande sofista, era também um grande invejoso, para que tivesse dois defeitos em vez de um só.

Quanto ao texto egípcio, Ulisses não era capaz de o ler, nem fazia sentido pôr à margem a anotação “*graecum est, non legit*”, já que era o texto egípcio que estava em causa e não o grego.

- Hem?... Que tal? – fez a avó.

Ulisses sorriu e voltou a guardar o diploma no tubo e enfiou-o na mochila que tinha deixado em cima da cama onde iria dormir nessa noite,

A sobremesa era leite creme e notava-se a mão experiente de muitos anos de cozinha.

- Está precioso – disse Ulisses, e era apenas por amor à verdade, não por delicadeza.

A avó conversou e deu mais pormenores da sua vida passada, que era tão interessante como um romance de aventuras e, para mais, real. Lamentou que fosse tão tarde; se não fossem horas de a vizinhança querer dormir, pedir-lhe-ia que tocasse uma peça para piano, pois era do seu conhecimento, já que estas coisas se espalham nos mundos subterrâneos da resistência, que Ulisses era um virtuoso, com a técnica vertiginosa de um pianista russo e o sentimento de um ocidental.

- Amanhã de manhã, talvez – sugeriu Ulisses.

- Mas que boa ideia – entusiasmou-se a avó. – Então vais-me tocar um pouco de Chopin. Eu sei que sou muito óbvia nos meus gostos, mas adoro aquele Frederico.

Despediram-se com um beijo e Ulisses, depois de lavar os dentes e se despir, meteu-se na cama que lhe fora destinada e que cheirava agradavelmente a lençóis acabados de lavar. Adormeceu a pensar na mãe e, sem saber explicar porquê, e quem é que se vai meter a explicar os sonhos?, sonhou com Ester, vestida de branco, como uma noiva, e acenando-lhe com a mão esquerda, onde brilhava um anel, ao mesmo tempo que cantava “Regressa vencedor”. Mas se ele não ia para a guerra...

RAPSÓDIA X

Ulisses acordou tarde, não se recordando de ter alguma vez dormido tão bem em casa estranha. Ninguém o despertara. O primeiro pensamento foi “Hoje faço quinze anos”. O segundo foi saudades da mãe. E o terceiro foi o de que, se não estivesse em fuga, àquela hora estaria na aula de Educação Física a fazer exercícios nas barras paralelas.

Vestiu-se e dirigiu-se para a cozinha, de onde vinha barulho de tachos e frigideiras, e um aroma a pão fresco. Ia beijar a avó, mas ela abraçou-o apertadamente e entre beijos deu-lhe os parabéns pelo aniversário. Como a tua mãe deve estar orgulhosa de ti. Até eu, que não te sou nada, sinto-me feliz por te conhecer e ver pessoalmente o grande herói, tão simpaticamente plenipotenciário. Mar calmo e viagem feliz é o que eu

te desejo. Ou, agora em prosa e sem Mendelssohn, que tenhas uma vida longa e feliz, meu querido rapaz.

Depois, voltou a assumir o papel de avó.

- Não vais com essa roupa para Madrid. Vais tomar banho e tens roupa lavada que eu deixei nas costas da cadeira. Não reparaste?

Uma avó normal e corrente. Ulisses não sabia que aquelas roupas eram para ele. Mas depois de tomar banho e vestir a roupa nova, viu que lhe servia perfeitamente e que correspondiam rigorosamente ao seu número, como se a avó tivesse sido prevenida da sua chegada com bastante antecedência para correr as lojas à procura de roupa para um neto que nunca vira e que nem sequer era seu neto.

Tomou o pequeno almoço na cozinha e a avó pôs-lhe à frente dos olhos um jornal onde, na primeira página, com destaque, um título rezava **CONHECIDO ADVOGADO ASSALTADO EM PLENO DIA NO BAIRRO DA LAPA**. Ulisses leu por alto, enquanto mordida as torradas e bebia o chocolate, que um *gang* tinha atacado um indivíduo altamente reputado, quando este saía do seu automóvel. A intenção dos delinquentes era roubar o referido cidadão, o qual ficara ferido no rosto, com gravidade, não tendo sido encontrada a arma do crime. Um dos meliantes tinha fugido pelas Escadinhas de São Crispim e a Polícia tinha várias pistas sobre a sua identidade, sabendo-se já que se tratava de um toxicodependente, muito conhecido no Bairro de Santa Filomena.

- Seu bandido – fez ela, acariciando-lhe os caracóis. – Já a gente honesta não pode andar descansada, com estes malandrins à solta.

- Graças a Deus que o indivíduo não morreu – suspirou Ulisses.

- Mas levou 15 pontos – advertiu a avó. – E vai ter que levar um nariz novo. Se queres a minha opinião sincera, não o convides para a festa dos teus anos.

Quando acabou de tomar o pequeno almoço, a avó agarrou-o por um braço e impeliu-o meigamente até ao piano.

- Não quero obrigados. Quero Chopin.

Ulisses sentou-se e, em homenagem à resistência actual e passada da velha senhora, tocou o Estudo nº.12, op.10, conhecido por “Revolucionário”. E continuou com Barcarolas, Nocturnos e a Grande Polaca Brilhante, a finalizar.

Quando os dedos de Ulisses se imobilizaram, fez-se na sala um grande silêncio. A avó sentiu vontade de bater palmas, mas preferiu beijar vezes sem conta as faces do neto adoptivo. E havia lágrimas nesses beijos.

- Que felicidade tão grande. Que felicidade tão grande.

Passou para as mãos de Ulisses um pequeno embrulho, atado por uma fita de um vermelho brilhante.

- Abre-o só esta noite, meu anjo.

Enxugou os olhos a um lenço que retirou do avental, e prosseguiu:

- Bom, deixemos as coisas sérias e passemos agora às ninharias. Tens tudo contigo?

- Sim. Tenho tudo comigo. Não falta nada.

- Certo. Então, escuta-me com atenção.

Clementina apertou-o contra si, e falou-lhe ao ouvido, de uma maneira que só ele podia escutá-la. Depois, à despedida, beijou-o estrondosamente nas faces.

- Ela chama-se Isabel, não esqueças. Adeus – e fechou silenciosamente a porta, enquanto Ulisses descia as escadas, quase com pena de ser herói e de ter de ir para longe, que é o destino dos heróis.

Já na Rua João Soares o céu estava azul entre as árvores do Campo Grande, e a temperatura era a de uma tranquila Primavera. Caminhou ligeiro pelo Campo Grande e, ao passar em frente à Biblioteca Nacional, um carro imobilizou-se à sua frente, e o condutor chamou-o:

- Ó amigo, desculpe.

Ulisses acercou-se:

- Sim?

- Sabe-me dizer como é que se vai daqui para a Barata Salgueiro?

- Sei, mas é um pouco complicado de explicar. Se quiser, vou consigo.

- Olhe, isso é que era um grande favor. Suba.

Ulisses colocou a mochila na bagageira e entrou, sentando-se ao lado do condutor e encaixando o cinto de segurança.

- Vamos lá então. Chamo-me Alberto Magno.

- E eu sou Ulisses. Muito gosto.

Foram até ao Campo Pequeno e depois Alberto Magno tomou a direcção do Aeroporto e seguiu para a Ponte Vasco da Gama.

O rio brilhava, embora as previsões apontassem para um agravamento do estado do tempo a partir da noite, por causa de uma superfície frontal que vinha de ocidente.

Poucos eram os barcos que ainda sulcavam as águas do Tejo. Por grandes que fossem, eram insignificantes vistos do alto da ponte. E como eram curtas as suas viagens para quem estava destinado a viajar pelas galáxias fora!

Pensava Ulisses no significado emocional das palavras “longe” e “distância”, quando Alberto Magno começou a desfiar informações sobre o trajecto.

- Podíamos seguir pela A 12, depois a A 2, e por fim a A 6 até Elvas. Mas íamos ter portagens e, no teu caso... perdão, posso tratá-lo por “tu”?

Ulisses abriu os braços em sinal de “Por amor de Deus, claro” e o condutor prosseguiu:

- No teu caso, não nos convém mesmo nada. Há lá câmaras de televisão e todo o cuidado é pouco. Não conhecemos ainda a extensão das infiltrações da *al-Oil* e então o melhor é jogar pelo seguro. Viramos para o Montijo e vamos por estradas secundárias até Elvas. Estás de acordo?

Ulisses não podia estar mais de acordo. Parecia-lhe um bom plano.

As nuvens começavam a acumular-se no céu e parecia que a superfície frontal se antecipara às previsões. O jovem ficou à espera de ouvir o condutor dizer “Parece que vamos ter chuva”. Mas ele nada disse, o que o fez subir na consideração de Ulisses, que fora educado na convicção de quem fazia conversa sobre o tempo era porque, ou era tímido, ou então as poucas ideias que tinha não iam além do frio, do calor, da humidade, e qualquer rajada de vento os fazia vacilar.

- Queres que te fale da *al-Oil* ou queres que ponha música dos anos 60?

Ulisses não estava à espera da pergunta, mas optou pela música.

- Claro, tu tens os teus problemas, eu tenho os meus.

Seguiram ao som de *You’ve got your troubles*, dos “The Fortunes”. Passou uma fila de camiões em sentido contrário, e Alberto Magno falou da sua vida, do seu passado de revolução e clandestinidade.

- A princípio chamavam-me “O Cardeal”. Depois passaram a chamar-me “O Isidoro das Etimologias”. Para confundir a PIDE.

Interrompeu-se para ultrapassar um autocarro de carreira, e prosseguiu:

- Mas nunca me apanharam. Quem é que se lembra agora de Gene Pitney?

- Não faço a menor ideia de quem seja – confessou Ulisses.

- É o que estamos agora a ouvir. *The man who shot Liberty Valance*. Coisas que ouvíamos no nosso tempo de fugitivos. A rádio era uma grande companhia nesses tempos.

Em Montemor-o-Novo pararam para ir à casa de banho. O rapaz bebeu apenas água, mas o seu condutor tomou um café ao balcão, garantindo que era a única maneira de se manter acordado até Madrid. Ou então, falar na *al-Oil*, que era um assunto tão revoltante que não deixava ninguém dormir.

Quando prosseguiram viagem, Alberto Magno asseverou que detestava Espanhóis.

- Não posso com eles. Espanhóis nem pensar. Agora Espanholas é outra coisa. Imagina que até casei com uma Espanhola. Fascista, a gaja. Franquista. E já lá vão quase 40 anos, e a gaja não me larga. E agora, deu-lhe para casar, que já está farta de viver em pecado.

- Mas não me disseste que eras casado?

- Eu disse que era casado? Ah, pois disse. Mas não sou. Só que agora quer casar e com padre, véu, grinalda, e todas essas coisas. Casar, e logo na Igreja, eu que sou livre-pensador. Então eu disse-lhe “Mas para quê mudar o que é perfeito? Mudar agora só serve para estragar” E ela “Ah, mas por isto e por aquilo, e porque a minha família já fala e porque não quero morrer em pecado”. E tudo isto em tom de zarzuela. Estás a ver a minha vida, Ulisses?

- Sim, é complicado – assentiu Ulisses, sem ver onde é que estava o problema.

- Ouve o conselho de um parvo que já fez muitas parvoíces, e por isso é a experiência a falar. Nunca te cases com Espanholas.

- Não, não caso. Está descansado – disse Ulisses, recordando os cabelos e o olhar de Ester.

Já se avistava a torre do Castelo de Elvas e o Forte de São Filipe. Passaram por baixo dos arcos do longo aqueduto.

- Grande obra dos Romanos – informou o condutor.

- Não é dos Romanos, Alberto. É do século XVI.

- Ah, ah, era para ver se te apanhava. Também sabes cada coisa...

- Porque é que te chamam Magno, Alberto?
- Porque é o meu apelido, ora essa. Pensavas que fosse porquê?
- Sei lá, outro nome de guerra.
- Não, é mesmo apelido.

Passaram em frente ao Tribunal de Elvas e seguiram sem se deter até à fronteira, que ainda distava uns 12 quilómetros. As instalações aduaneiras estavam desertas e havia ninhos de cegonhas nas torres metálicas onde outrora tinham estado holofotes. Atravessaram a Ponte José Saramago, sobre as águas do Caia, e Alberto Magno gritou:

- *España, te quiero!*

Seguiram por estradas secundárias, porque o seu condutor queria evitar a Nacional V até Trujillo.

Almoçaram tranquilamente em Cáceres, e Alberto Magno resignou-se a tomar café em Espanha, que era coisa de que não gostava.

- É das poucas coisas de que não gosto em Espanha – afirmou Alberto, que era fértil em contradições e desdizia com facilidade e sem remorsos o que dissera no mesmo dia ou na mesma hora.

Fez uma exclamação de surpresa.

- Olha, até está bom. Ah, claro, é café português.

Quando retomaram a viagem, Alberto garantiu que com os cafés que tomara já não havia perigo de adormecer. Pelo menos até Madrid. A não ser que falemos da *al-Oil*, que então adormeço mesmo.

Seguiram até Trujillo e aí ganharam a Nacional V. Por alturas de Navalморal de la Mata, Alberto garantiu que dali a menos de duas horas já estariam em Madrid.

Eram quase seis da tarde quando chegaram a Mendez Álvaro. Alberto estacionou o veículo e foi telefonar à “Estación Sur de Autobuses”, que pelo telemóvel poderiam localizá-lo. Voltou pouco depois.

- Falei agora com a Isabel. Ainda está no comboio, no “Cercanias”, mas já não tarda.

O carro ficara estacionado em frente ao terminal rodoviário e Ulisses foi deixar moedas no parquímetro, a cerca de 15 metros do local onde a viatura se quedara. Chegava para uma hora e Alberto afirmou que fora um desperdício. Um quarto de hora seria suficiente. Vinte minutos quando muito. Traz já a tua mochila.

Encaminharam-se para o interior do terminal que era enorme. Tudo em Espanha tendia para o grande – o génio, as distâncias, as torres da Plaza Castilla.

Caminhavam com a lentidão pacata de quem estava de férias entre gente que se apressava em todas as direcções, e em filas de bancos metálicos repletos de gente e de malas e maletas, e de vigilantes e polícias, todos fardados e quase indistintos uns dos outros. Estavam na mira de objectos suspeitos, malas abandonadas e de rostos que se enquadrassem nas fotos de foragidos da ETA ou de gente suficientemente barbuda e mal encarada para ser recrutada pela *al-Oil* para o papel de mártir.

Os passageiros que saíam do “Cercanias” passavam obrigatoriamente por uma linha de cancelas com portas de vidro que se abriam com a passagem do bilhete pelo detector.

De entre o fluxo interminável de pessoas que transpunham a cancela magnética, o dedo de Alberto seleccionou uma rapariga alta, de rosto sério e concentrado no caminho que seguia.

- É a Isabel. Eu não te disse que era “muy guapa”, mas mesmo “muy guapa”?

Não parecia espanhola, pelo menos no tipo da mulher morena, de longos cabelos negros, *peineta* e *mantilla*, podendo antes passar por nórdica. Era de facto alta, delgada, olhos azuis e cabelos de um louro escuro que roçava pelos ombros. O rosto era sério e sardento, mas quando sorria era como se o sol surgisse por detrás das nuvens. Vestia uns calções de ganga presos aos ombros por suspensórios, uma camisola branca, e calçava meias grossas de lã vermelha. Parecia que os deuses a tinham destinado a ser jovem por toda a vida.

Alberto Magno abraçou Isabel e beijou-a estridentemente em ambas as faces. Depois, apontou para o seu companheiro:

- Este é que é o Ulisses, o famoso Ulisses.

- Já o tinha reconhecido – respondeu misteriosamente Isabel, pois Ulisses não se recordava de alguma vez a ter visto, e se alguma vez a tivesse visto não a esqueceria nunca.

A jovem baixou um pouco o rosto, para o pôr à altura de Ulisses, e abraçou-o, dando-lhe a face a beijar.

- *Hola, que guapo eres, tio! Te comeria a besos!*

Ulisses pensou “Que exagero! Serão assim todos os Espanhóis?” Mas, no íntimo, sentiu-se muito feliz. Não era nada que se comparasse a

Nestor e ao Reitor do Liceu da Lapa, que eram, cada um a seu modo, gente dissimulada.

Alberto olhou magnamente o relógio e pôs fim à sua intervenção na história.

- Ulisses, deixo-te em boas mãos, aliás nas melhores mãos possíveis. Eu vou para casa, que ainda fica em Nuevos Ministerios. Só tenho pena é de não poder ir contigo.

Fez uma pausa e, levando teatralmente a mão ao peito, declarou e por vezes chegou mesmo a declamar:

- Daqui a um dia estarás a milhões de milhões de todo o mundo conhecido, que é só esta parvalheira de todos os dias, mas, apesar disso, estarás dentro dos nossos corações.

Ulisses procurou palavras aladas para uma resposta à altura, mas não lhe ocorreu mais do que

- Adeus e obrigado, camarada. Cumprimentos lá em casa.

RAPSÓDIA XI

Bastaram uns minutos na companhia de Isabel para Ulisses sentir que a conhecera desde sempre e que fazia parte dos planos do Destino que as mais sólidas cadeias de Amizade os prendessem para todo o sempre.

Isabel exalava segurança por todos os poros, sabia sempre o caminho a tomar e a solução mais certa para cada problema. E, apesar do seu ar decidido e de toda a sua aparente infalibilidade, era maternal como uma brisa de Primavera, já nas fases adiantadas do mês de Maio.

- Estás com sorte. Partilho com outros colegas um apartamento em Embajadores e esta semana temos um quarto vago, que é dum italiano que está num congresso em Birmingham. Queres ir de “metro” ou vamos na “Renfe”? Vamos na “Renfe”.

Isabel passou pela bilheteira para comprar um bilhete para Ulisses, ela não precisava pois tinha um *bono* que lhe dava para todo o mês.

O trajecto foi curto. Embajadores ficava depois de Atocha. À saída, Isabel explicou-lhe que era ali que todos os Domingos se montava “El Rastro”, uma feira em que tudo se comprava e tudo se vendia.

- É assim como a nossa Feira da Ladra – comparou Ulisses, no seu melhor Castelhana.

Isabel estivera só uma vez em Lisboa, num congresso sobre líquenes, que era a sua especialidade e sobre os quais fizera a sua tese de doutoramento. Gostara da cidade. Ulisses garantiu-lhe que, quando voltasse da viagem que ia fazer, e no caso de Einstein se ter enganado nas contas, porque se o Prémio Nobel estivesse certo ele estaria jovem e ela não estaria em lado nenhum, nesse caso, no de haver erro, que era o mais provável, ficava desde já convidada para ir a Lisboa e ficar na casa da Lapa. Correriam a cidade em todas as direcções, e ele mostrar-lhe-ia as coisas fantásticas que os turistas nunca vêem.

Quando chegaram a casa, que ficava num terceiro andar da Calle Embajadores, ainda mais ninguém tinha chegado.

- Melhor. Assim, podes deixar aí a tua mochila e conversamos.

Ulisses deixou a mochila no roupeiro do quarto onde iria dormir, e que era o do Italiano que era bolseiro do “Erasmus”, e era sóbrio e muito limpo, virtudes muito apreciadas lá em casa.

Sentaram-se no sofá em frente da televisão e Isabel trouxe-lhe bolachas e um copo de leite com chocolate. Ulisses poderia pensar em comida de hospital se a mesma não fosse acompanhada de um sorriso tão desbordante como o da sua hospedeira. Não havia coisas dessas nos hospitais.

A jovem, com os olhos azuis a brilhar, era a alegria em figura de gente. Falava com entusiasmo e sem pausas. Explicou que Ulisses passaria aquela noite ali em casa. Depois, no dia seguinte, acompanhá-la-ia a Mostoles, onde Isabel era Professora na Universidad Rey Juan Carlos I. Almoçariam na Cantina da Universidade e depois seria uma amiga sua que o iria levar ao ponto de partida para a primeira etapa da sua longa viagem. Ela não o poderia acompanhar, porque tinha um projecto para acabar e entregar na terça-feira seguinte, sem falta, na Universidade de Uppsala, respeitando ao estudo dos líquenes.

Ulisses imaginou que Isabel tinha amigos por tudo o que era galáxia, o que devia ser verdade, tal era a simpatia que dela transbordava, uma simpatia natural como a das fontes que brotam das montanhas, sem nada de artificial nem de estudado.

A jovem explicou que o destino final da viagem, onde o Congresso se realizaria, era o planeta Arethusa, na parte mais periférica da galáxia Mar-um-Mar, baptizada 2222-BXM-3K por um funcionário do Registo Automóvel que fazia horas extraordinárias no Observatório do Monte Palomar.

- Não te esqueces de nada? Tens as moedas de ouro, as notas falsas? As credenciais? A escova de dentes?

Ulisses respondeu afirmativamente a tudo e pareceu-lhe que os olhos azuis de Isabel riam, apesar de o seu rosto ter ganho a imobilidade das estátuas.

- Ulisses, tu pensas que em Arethusa, ou no Congresso, as pessoas irão falar Português ou Castelhana? Que é que achas? Falarão Inglês, por acaso?

Ulisses riu. Nem tal ideia lhe passara pela cabeça. No cinema esses problemas nunca se punham – o Comandante da nave terrena falava um Inglês de Oxford; os do Império do Mal falavam à moda dos apaches e tinham nomes nitidamente zulus. Mas todos se entendiam na perfeição, embora estritamente no plano linguístico, e tudo acabava com as naves inimigas destruídas por explosões inaudíveis e com um pouco de calíça caída do tecto da nave boazinha.

Quanto a ele, tinha as suas credenciais, suficientemente políglotas para confiar que o entenderiam se falasse no Grego clássico do tempo dos deuses seus avós, ou mesmo em Latim. Não via necessidade de falar em Egípcio e tinha medo de começar a olhar as pessoas de lado.

- És um bichinho da terra, Ulisses. Nada cosmopolita.

Exibiu-lhe o que parecia uma pequena e achatada caixa de fósforos, que retirara de um bolso das calças e que ainda vinha quente e com um cheiro vivo e agradável. Passou-lho para as mãos e recomendou-lhe que não o perdesse por nada deste mundo. O seu uso era simples – retirava-se uma espécie de um pequeno e côncavo botão acinzentado, ligado à caixa por um fio tão fino que era quase invisível, e colocava-se o botão no ouvido. Qualquer pensamento expresso em palavras podia ser novamente reconduzido ao pensamento que o gerara e esse pensamento ser novamente expresso, agora numa língua conhecida do ouvinte.

- Isto é um tradutor universal. Eu prefiro chamar-lhe um “chiribibi”, que é a tradução em língua Arcádica de “tradutor universal”. Parece uma lenga-lenga para crianças, porque se trata efectivamente de um brinquedo infantil. Muito útil para gente da Terra, pouco dada a línguas. Não te esqueças de o guardar na mochila.

- Que pena que não possas vir comigo!

- *Cuanto me gustaria!* Ver todas aquelas maravilhas, mergulhar na Nuvem de Magalhães, perder-me na Cabeleira de Berenice! Mas sou

Professora, Ulisses, não posso deixar os meus alunos a meio do ano, compreendes.

“Isabel” e “mistério” eram duas palavras que não se conjugavam entre si. E todavia, apesar de tão bela, simples e natural como o sol da manhã, deixava no ar interrogações que Ulisses perguntava a si próprio se não seria falta de educação formulá-las. Uma delas escaldava-lhe a língua: “Se sabes de todas essas maravilhas, é porque já lá estiveste. Ou não?” Imaginou que chegava mesmo a fazer a pergunta e que a jovem respondia “Ulisses, não me admira nada que faças perguntas. Agora o que não estava à espera era da Inquisição Espanhola”. E, logo de imediato, a porta abria-se e entravam os “Monty Python” vestidos de inquisidores, com inquietantes sotainas vermelhas e bradando “Nunca ninguém está à espera da Inquisição Espanhola”. Riu-se, involuntariamente.

- *De que te ris, tio? Cuéntame el chiste.*

Ulisses falou-lhe nos “Monty Python”.

- *Si? Y donde los has visto?*

Ulisses contou que a mãe tinha uma grande colecção de DVD’s, na sala, na prateleira que ficava logo por baixo da prateleira onde guardava as partituras.

Isabel fez-lhe uma festa na cabeça e garantiu-lhe que não era tempo para tristezas. Iam jantar com uns amigos numa rua perto da Estação de Sol. Um menu valia apenas 9€ e comia-se bem – dois pratos, pão, bebida, sobremesa e café ou uma infusão.

- Sim, porque os professores são mal pagos e os procuradores plenipotenciários então nem se fala.

Eram seis ao todo quando se sentaram no Restaurante e Ulisses sentia às vezes dificuldade em acompanhar a conversa, tal a maneira vertiginosa como falavam. Para mais, eliminavam o “d” da última sílaba, e assim ficava “mareao”, em vez de “mareado” (estonteado) e “constipao” em vez de “constipado”. Um deles era andaluz e eliminava os “eles” finais, trocando Manuel e Rafael por “Manué” e “Rafaé”. Mas, no geral, entendia tudo o que diziam e entrava na conversa sempre que tinha oportunidade. Ao seu lado ficara Guadalupe, que nascera na aldeia onde também nascera a mãe de Isabel.

À sobremesa veio um bolo inesperado, com duas velas, uma com o nº.1, outra com o nº.5. Isabel acendeu as velas e as luzes do restaurante baixaram.

Todos começaram a cantar-lhe “Cumpleaños feliz” e os ocupantes das mesas vizinhas fizeram coro. Bateram palmas enquanto Ulisses apagava as velas de um único sopro e as luzes do restaurante eram restabelecidas.

- *Hombre*, vocês são mesmo impecáveis. Não estava nada à espera.

Regressaram cedo a Embajadores. Guadalupe vivia noutro quarto da mesma casa, e estudava Medicina também na Universidad Rey Juan Carlos I.

- Amanhã acordo-te a horas, digamos uma hora antes de irmos. *Vale?*

Isabel despediu-se com um beijo. Sairiam pelas sete e meia da manhã.

- Defende bem os interesses da Liberdade. Confiamos em ti para que a vida das pessoas melhore.

Antes de se deitar, Ulisses abriu a prenda de Clementina. Era as “Obras Completas” de Georges Courteline, com uma dedicatória “Ao meu neto adoptivo, pelos seus 15 aninhos, para fazer de vez em quando um intervalo nas alturas e descer nem por um bocadinho que seja à terra e às suas coisas pequeninas e engraçadas. Com todo o meu carinho / Clementina”.

Cansado de um dia tão cheio, despiu-se e enfiou-se na cama, que não tinha aquele cheirinho a lavado da noite de ontem, mas estava razoavelmente bem para as suas últimas horas em Madrid. Nem sequer lavara os dentes, mas adormeceu sem culpas e tão profundamente que só despertou com Isabel a abaná-lo e a chamar por ele:

- *Ulisses, date prisa que ya estamos atrasados.*

Ela disse que nem valeria a pena tomar o pequeno almoço, poderiam comer alguma coisa no caminho.

Seguiram de “metro” para o *Campus* de Mostoles da Universidad Rey Juan Carlos I. Ulisses trazia vestida a mesma roupa da véspera e não esquecera a mochila, onde agora guardava também o tradutor universal que Isabel lhe oferecera, ou “chiribibi” em língua arcádica.

A Universidade fora inaugurado ainda havia só uma década e era um complexo de edificios baixos e compridos, em que predominava um cinzento monacal, propício ao estudo. Recentemente, fora inaugurado o Hospital Escolar que era uma obra-prima de Arquitectura, em forma de cilindro, recheado de pequenos losangos e em cada losango uma vidraça circular, o que lembrava uma jóia fabricada para czares e não um edificio.

Ulisses ficou na Biblioteca, enquanto Isabel se dirigia para o pavilhão em que dava aulas de Ciências Ambientais.

A princípio não se conseguia concentrar no livro que lia e que era o “Manual de Ciência Política e Direito Constitucional” do Prof. Lucas Pascoal, porque se queria preparar bem para o papel que iria desempenhar – legislador constitucional. Circunvagou o olhar pelas outras pessoas que estavam na sala tão ampla e tão largamente iluminada pelo sol, com espaço para centenas de mesas. Era gente fascinante, que não o fazia sentir-se estrangeiro. Uns de barbas longas e cabelos compridos e desgrenhados, como pessoas que impunham a si próprias o regresso à natureza original e recusavam qualquer tipo de artificialismo. Mas também se encontravam na sala raparigas de tez tão fresca e olhar tão brilhante que pouco mais velhas seriam que a sua amada Ester. E havia também um indivíduo de cabelo cortado rente e óculos escuros, e que parecia saído da mesma fornada dos raptos de sua Mãe. O que, como o bom senso de Ulisses logo reconheceu, ou era possível, e nesse caso a organização maldosa não dava tréguas nem descanso, ou então era impossível, e esse caso chamava-se “paranóia”.

Almoçaram os três na Cantina da Universidade. Guadalupe estava silenciosa, porque não falava enquanto comia. Por uma questão de educação. Isabel não quis falar sobre líquenes, mas sim sobre o sentido da vida, que era sempre uma questão sem fim à vista, e deu-lhe conselhos práticos para a viagem. Engolir em seco quando a nave baixasse para uma velocidade inferior à da luz. Se o convidassem para tomar um copo, não deveria sequer tentar pagar a conta, o que, em civilizações mais adiantadas era uma ofensa tão grande como noutras, mais atrasadas, recusar dormir com a mulher do chefe. Há lugares em que as regras da etiqueta são quase normas constitucionais. De resto, usar sempre o “chiribibi” até se aperceber que o seu interlocutor falava latim ou grego clássico (o que seria o mais normal). No caso de outras línguas, não te esqueças que a entoação das vogais é muito importante, e que dela depende que digas um elogio ou saia insulto. Um exemplo de uma das regras de etiqueta - não apertes a mão a um adepto do Hesperion XXL – aí a forma correcta de saudar é esticar o dedo médio e flectir o indicador e o anelar. O significado não é “que te déen”, mas sim “o que me daria mesmo gosto era que subisses de divisão”. Vês como é fácil evitar um conflito diplomático?

Isabel olhou para o relógio e suspirou.

- *Listo?* – perguntou.

Levantaram-se e Isabel despediu-se de Ulisses com sonoros beijos nas faces. Havia como que uma sugestão de lágrima nos seus olhos

brilhantes, quando disse “*Eres un cielete. Cuidate mucho*”. Recomendou a Guadalupe que tomasse bem conta dele.

- Que se o apanham, estamos tramados, eu, tu, nós, vós, o planeta inteiro. *Adiós, petardos, que tengo classes*.

Ulisses, de mochila às costas, e Guadalupe, com um pequeno *trolley* em que levava livros, e os livros de Medicina são sempre grandes e pesados, tanto podem ser utilizados para estudar Fisiologia como para esmagar baratas. Dirigiram-se para a entrada do “metro” que levava o nome da Universidade. Apanharam a linha 12 que se dirigia para a estação terminal de Puerta del Sur, em Alcorcón. Ulisses reparou que circulava pouca gente no “metro” àquela hora e que os dois seguiam sozinhos na carruagem em que tinham entrado.

Guadalupe sentou-se a seu lado e olhava em todas as direcções. Aconselhou-o a que deixasse a mochila no assento a seu lado, para ir mais comodamente sentado.

Na estação de Parque Oeste entrou um indivíduo que se assemelhava ao de cabelo rapado e óculos escuros que vira na Biblioteca da Universidade. Guadalupe teve uma fugaz expressão de contrariedade que logo desfranziu num sorriso de fico feliz por te ver.

Sacou de um bloco e de uma esferográfica e tomou notas.

- Vamos lá a ver – disse ela, mordiscando a ponta da esferográfica. – *La leche, los zumos, detergente para la lavadora, embutido, mini-biscotes...*

Levantou-se, de esferográfica presa nos lábios, e bloco na mão, parecendo querer consultar uma indicação afixada no ponto da carruagem em que o desconhecido continuava a fazer mau cinema – sentado, rígido, imóvel. Nem sequer fez menção de se ter dado conta da aproximação de Guadalupe quando a jovem soprou a esferográfica. Um pequeníssimo dardo foi cravar-se na orelha direita do indivíduo que se manteve sentado, rígido, imóvel, com uma ínfima diferença – deixara de pensar e de ter vontade própria, o que é normal entre espões ao serviço de causas perversas.

- Não faças perguntas, Ulisses. Deixa-te estar.

O comboio parou em Alcorcón Central e Guadalupe tocou no ombro do espão.

- *Señor, señor, esta es su parada. Yo le ayudo.*

Com uma força inesperada, Guadalupe levantou o desconhecido pelas axilas, saiu da carruagem e foi sentá-lo num banco. *Tranquilo, que*

Pepe ya viene a recogerlo. E regressou à carruagem, quando as portas já se iam fechar.

Sentada junto de Ulisses, a jovem recomendou-lhe que não se assustasse com nada, porque estava preparado para a aventura e, para mais, era filho de Helena e de Apolónio. Ulisses garantiu-lhe que não tinha medo, só não fazia ideia de como iria agora para Arethusa, quando saísse na estação de Parque Sur.

- Agora, Ulisses, é preciso que saibas que...

Quando pararam em Parque Lisboa, Guadalupe despediu-se com um beijo e recomendou-lhe que pusesse o cinto de segurança que só agora reparara que existia um em cada assento. Saiu apressada do comboio e ficou na gare a acenar-lhe.

Assim que o comboio retomou a marcha, Ulisses colocou o cinto de segurança.

A meio do caminho, a carruagem em que seguia abrandou e Ulisses apercebeu-se de que tinham mudado para outro túnel, escuro, sem qualquer outra iluminação para além daquela que era projectada das janelas do veículo em andamento. Ao mesmo tempo, os assentos, que estavam colocados em fila, com as costas para a janela, mudaram de posição, ficando em posição transversal para as janelas.

Depois, lenta e progressivamente, a carruagem ganhou velocidade e Ulisses sentiu que o corpo se colava às costas do assento e que a forma do mesmo assento se modificava, até ficar sentado na posição de decúbito dorsal. A velocidade aumentava inexoravelmente e Ulisses dava instruções ao seu corpo para que respirasse como Deus manda.

Uma voz fez-se ouvir nos altifalantes e parecia a voz de Apolónio:

- Ulisses, tranquilo. Está tudo bem. Encontras-te a caminho de um túnel espacio-temporal que tem uma entrada na barragem de Alarcón onde apanharás a nave **Thomas More**. Depois farás transbordo numa estação espacial e é lá que vais apanhar o transporte para Arethusa. Portanto, ao todo, milhões de anos-luz e apenas um transbordo, parece que não nos podemos queixar. Não achas? Abraço. Pronto nos veremos.

Era efectivamente a voz do pai. Na boca de outras pessoas, seriam meras palavras de circunstância que nada significariam. Mas vindas de quem vinham, eram uma garantia de que os deuses velavam e estava tudo bem, mesmo que não o parecesse.

RAPSÓDIA XII

A carruagem começou a abrandar no subsolo de Tarancón, ainda a meio caminho, e acabou por se imobilizar numa enorme estação.

- Pede-se aos senhores passageiros o favor de abandonar o comboio – repetiu por três vezes uma voz ofegante que, apesar de ter sido obrigada a interromper o que estava a fazer, não parecia muito preocupada com a eventual relutância dos passageiros em abandonar o comboio.

Só havia um passageiro, que era ele próprio, Ulisses. Saiu da carruagem, que se desligara do comboio onde entrara na Universidad Rey Juan Carlos I, e tinha feito sozinha aqueles cerca de 200 kms que separavam Madrid de Villaverde y Pasaconsol.

Depois a carruagem pareceu suspirar e voltou para donde viera. Pertencia à *Metrosur*, e não queria que dessem pela sua falta. Não é normal que desapareçam carruagens do metropolitano, pelo que o inquérito seria extremamente rigoroso.

A estação situava-se exactamente por baixo da barragem de Alarcón. Pelo menos era o que estava escrito nos inúmeros cartazes que se espalhavam pelas paredes. Até havia fotografias ampliadas da cerimónia de inauguração da estrutura, para que tinham sido convidadas pessoas ilustres como Lope de Vega, Cervantes, António Machado e El Greco, o que não permitia datar a cerimónia com o mínimo de segurança. Até estava já afixada no Canto General uma fotografia de Ulisses vestido de Almirante da Marinha Real, tirada algures no futuro – era uma profecigrafia, a cores e em várias dimensões.

A estação de Villaverde y Pasaconsol, que era a aldeia onde nascera Guadalupe e que se debruçava para a barragem de Alarcón, funcionava como uma espécie de entroncamento de túneis espacio-temporais e ligava os pontos mais distantes do Universo. Ligava-se também às diversas estações espalhadas na Terra em que havia saídas para outros túneis espacio-temporais. A sua extrema importância legitimava o recurso a todos os expedientes para que não caísse nas mãos da *al-Oil*. Era o que se informava nos cartazes e nas fotografias. De momento, a organização criminosa ainda só dispunha da estação de Cuzco e de naves alugadas aos sectores mais retrógrados do Universo, as quais, por medida de segurança, já traziam condutor e trancavam a sete chaves todas as portas que dessem acesso ao conhecimento. Por sorte, a *al-Oil* pensava que a estação de Cuzco era única no mundo e que o túnel baptizado de Charlotte era o único que dava acesso ao Universo. Obra-prima da Resistência, que dispunha de um serviço de contra-espionagem e desinformação muito eficaz.

De resto, a estação tinha semelhanças com qualquer aeroporto directamente servido por uma linha de “metro”. Tinha écrans gigantes, com

o horário das partidas e chegadas. Um rápido exame dava para concluir que o total de saídas para o Universo era sete – além de Cuzco e de Pasaconsol, havia estações em Giseh, Angkor Vat, Benim, Santiago de Compostela e Vila do Bispo.

Uma voz envolvente, como a de uma mulher que ataca com os registos mais baixos da sua voz para seduzir, foi informando (e a voz era mesmo envolvente, não se sabia se vinha da direita ou da esquerda, de cima ou de baixo, mas vinha de todos os lados ao mesmo tempo) foi informando que a nave *Thomas More* estaria no Cais nº. 7 pelas 16h 35m 22s e que partiria exactamente às 17h 12m 00s com destino à estação espacial Nova Arganilense. Uma informação que repetia a que era dada pelos écrans gigantes, mas que ganhava outro relevo quando vinha de uma voz envolvente. Era o mesmo filme nas versões a preto e branco e a cores.

Os passageiros poderiam aproveitar o tempo livre para ver a espaço-gare de Alarcón, e tomar o que quisessem. Bastava só que o pedissem às máquinas automáticas que encontrassem pelo caminho. De resto, não havia perigo que se perdessem, porque o caminho estava profusamente assinalado e, para mais, havia uma regra elementar – vire à direita, torne a virar à direita, e, na dúvida, volte a virar à direita.

Ulisses olhou em seu redor, e para além dos mármorees que cobriam as paredes e as plataformas, para além dos cartazes e das fotografias, não havia qualquer outra presença humana. Estava só.

- Que triste. Até me alegraria se visse a cara do Nestor.

O tempo estava contado, apesar de tudo. Colocou-se em cima de um tapete rolante que seguia para a direita, e viu-se transportado para fora da gare. O tapete abrandou numa sala enorme, em que o tecto era transparente e filtrava uma luz esverdeada, que era a que vinha das águas da barragem. Deu tempo a Ulisses para admirar a espantosa obra de arquitectura e pensar nas incoerências do tempo e do espaço.

Depois o tapete acelerou e enveredou pelo caminho da direita, que estava assinalado “Todas as direcções”. Era um túnel sem história. O tapete rolante voltou a virar à direita, e seguiu pelo túnel assinalado como “Cais nº.s 1 a 7”, depois pelo túnel assinalado como “Cais 5 a 7” e finalmente pelo túnel que anunciava secamente “Cais nº.7”.

Era ali que o tapete terminava e foi ali que o depositou. Uma sala com sofás, mesinhas baixas, e uma porta, com um enorme e negro “7” pregado por cima. Era guardada por uma hospedeira, com o peito resguardado por uma couraça faiscante e a cabeça protegida por um

capacete de prata e que lembrava algo da deusa Diana, talvez o aspecto ressentido.

A porta estava fechada e tinha ao lado um rectângulo onde, com a regularidade de um relógio, se acendiam as letras vermelhas de “Não passar”.

Sempre era uma presença humana ou algo parecido com um ser humano. A expressão trombuda e a couraça faiscante é que estragavam tudo e pareciam sugerir o perigo de a qualquer momento voarem flechas de pontas finamente aguçadas.

Ulisses permanecia de pé, até sentir junto de si uma máquina automática que se aproximara sem ele se aperceber.

- Temos *patatas bravas*, *patatas alioli*, *tortilla de patatas*, *paella*, sanduíches vegetais, e para beber há sumos de todas as letras do alfabeto.

A máquina falava com muita desenvoltura e não tinha botões porque detestava todas as formas de contacto físico. A electricidade estática dava-lhe arrepios.

- Quero uma ração de *bravas*, uma ração de *tortilla*, e um sumo de... pode ser FM.

A máquina fez-se de várias cores, como se estivessem a gozar com ela, o que não era senão verdade, e, abrindo uma cavidade na sua parte frontal, expeliu metade de uma bandeja com os pedidos de Ulisses – um prato de plástico com as *bravas* e um triângulo de *tortilla* em que se espetava um garfo também de plástico, e um copo de sumo de framboesa (F) e maracujá (M).

- Bom proveito – fez a máquina depois de Ulisses retirar a totalidade da bandeja, e fugiu rapidamente dali, para evitar os agradecimentos, que não estavam no seu feitio. Era muito sensível.

Comendo e bebendo, Ulisses passeou lentamente ao longo da sala. Diana parecia não dar pela sua presença, absorvida unicamente pelo que tanto poderia ser a lista de passageiros, como o calendário da caça à lebre.

Afinal não era o único. Sentado num dos sofás, via-se a silhueta de um rapaz alto, vestido com uma túnica branca e com um barrete egípcio de um vermelho vivo, em forma de vaso de flores invertido.

Dirigiu-se para junto da outra presença humana (Diana ainda não se sabia ao certo o que era ou deixava de ser) e sentou-se no sofá mais próximo.

- Bom dia. Ou boa tarde. Chamo-me Ulisses e também vou apanhar a *Thomas More*.

O outro, que lia um grosso volume antes de ser interrompido, colocou uma marca na página onde ia, e virou-se para o seu interlocutor.

Sim, ele também ia para a Nova Arganilense, chamava-se Abdel, vinha de Perseu, e ganhara uma bolsa de estudos em Semiramis pelos seus trabalhos sobre as dimensões paralelas, não sei se ouviu falar.

- Nunca saí da Terra – confessou Ulisses. – É a primeira vez.

Abdel destinava-se à investigação e a uma carreira universitária. Falava pouco e Ulisses lutou enquanto pôde para manter uma conversa e quem sabe?, ganhar um amigo, mas Abdel tinha tantos silêncios e tantas reticências, que era como se dissesse - Por favor, vai chatear outro.

Deixou o jovem erudito com o seu grosso volume e deambulou pela enorme sala, à procura de algo para admirar. Havia sete portas, que tinham sido cobertas com uma argamassa branca extra-dura para as inutilizar para todo o sempre. Eram do tempo da Ditadura Esclarecida, a que reinava nas 27 galáxias confederadas ao tempo em que Cervantes escrevia o “Don Quijote”. Equivaliam às 1ª, 2ª e 3ª classe e “Só para brancos” de outros tempos, mas com mais sofisticação. Por cima de cada ex-porta estava a designação da classe que se podia servir dela. Subindo na escala social tínhamos

- 1) escória;
- 2) indiferenciados;
- 3) professores;
- 4) técnicos de ar condicionado;
- 5) assimilados;
- 6) filhos de algo assim como direi?
- 7) conquistadores, compressores, comentadores, aceleradores, opressores e administradores, tudo menos professores.

No rectângulo ao lado da porta verdadeira acenderam-se as letras verdes “Passe”.

Diana desagrafou a couraça e deixou cair o capacete de prata. Os cabelos eram curtos, de um castanho claro, os olhos estavam entre o verde e o cinzento. Vestia um colete às riscas, por cima de uma camisa branca, e tinha ao pescoço um laço de cetim preto. Na vida civil deveria ser empregada no balcão de uma cafetaria. Apesar de nunca rir, tinha uma dose discreta de encanto. Um encanto muito sério.

Ulisses e Abdel seguraram as suas bagagens e aproximaram-se da porta 7. Como Abdel chegara primeiro, Ulisses deixou-o passar à sua frente. Diana olhou cada um deles de alto a baixo e disse apenas “Pode passar”, como se o simples exame a olho nu a tivesse deixado satisfeita.

Passada a porta, havia um corredor iluminado pelo que pareciam lâmpadas de petróleo, e que terminava numa abertura que se escancarava para uma enorme gare onde repousava um monumental dirigível, inteiramente feito de porcelana, e que parecia datar da dinastia Ming.

Uma voz imperiosa ordenou como quem apregoa sardinhas:

- Pede-se aos senhores passageiros que se destinam à Nova Arganilense o favor de embarcar de imediato.

O dirigível não tinha barquinha, e era como que feito de uma peça só. Tinha uma abertura mesmo em frente, de que descia uma escada feita de luz, mas não poderia ser, pois não?, a luz não sustenta ninguém, a não ser nas Escrituras, em que tudo é possível.

Mas, tal como nas Escrituras, a escada de luz era suficientemente sólida para aguentar com Ulisses, Abdel e ainda com dois rinocerontes, um hipopótamo e um elefante, se também houvesse um circo para embarcar. De momento não havia, mas não era caso inédito. Muitos artistas de circo só noutras galáxias encontram quem lhes dê o devido apreço.

Ninguém. Só vozes a encaminhá-los para um salão, com as paredes cobertas de estantes com livros, e sofás confortáveis espalhados na alcatifa. Não era aquela a ideia que Ulisses fazia de uma nave espacial, ao menos pelos padrões dos jogos de computador a que estava habituado por seu pai Apolónio. Aquilo era uma biblioteca. O que fazer em caso de aceleração?

Abdel correu as estantes, à procura de uma Enciclopédia, e, encontrando o que procurava, sentou-se e cruzou as pernas, concentrado na letra K, entre Kelsen e Kelvin.

Ulisses sentou-se também e preparou-se para que o surpreendessem mais ainda.

A abertura do imenso dirigível fechou-se e as janelas encerraram-se, como que amuadas com a realidade lá de fora.

A massa do dirigível pôs-se lentamente em marcha e enveredou por um ramal que ia desembocar num túnel espacio-temporal, onde, a partir daí, as leis da Física ficavam com a validade suspensa.

Ulisses sabia que

Existe uma anomalia espacio-temporal que se origina num turbilhão de matéria negra e depois se regulariza num túnel em que só a parte exterior da parede respeita as leis da Física clássica, o interior não podia ser mais quântico. O túnel atravessa Vega, entra na Terra nos antípodas de Pasaconsol, atravessa todo o planeta, sai onde dantes era terra firme e agora é a barragem de Alarcón, dirige-se ao Sol, atravessa-o de uma ponta à outra, e segue por toda a Via Láctea, até sair dos seus confins, e mergulha a direito até terminar no que fora outro turbilhão de matéria negra, mas que, depois de sujeito a obras de saneamento, era agora a estação espacial Nova Arganilense. A estação tinha magníficos jardins, o Hotel Melhor, e um tremendo porto espacial, em que se podia partir, à escolha, para outras dimensões ou para outros túneis espacio-temporais. A entrada de um deles situava-se a 17.200.080 kms de distância, mais quilómetro menos quilómetro, e tinha paragem na capital de Arethusia.

A nave incorporou-se no túnel espacio temporal e tomou o caminho do centro do Sol, apontando a proa ao centro da nossa estrela privativa. O calor e a luz eram insuportáveis fora do túnel, mas dentro da nave, pelo menos no salão onde Ulisses se sentara, a única coisa que lhe chamou a atenção eram luzinhas multicores que piscavam em jeito de árvore de Natal fora de época.

A temperatura e a pressão fundiam os átomos de hidrogénio em hélio e a massa perdida nessa fusão transformava-se em energia. Era essa energia que o túnel transferia para os reservatórios das naves e permitia-lhes que fossem arrastadas pela galáxia a velocidades vertiginosas e dispusessem de autonomia para vogar fora do túnel por milhões de quilómetros, até alcançarem o próximo túnel.

Passados vinte minutos, a temperatura na Terra baixou cerca de 8º centígrados, voltando ao normal quase um quarto de hora depois.

Ulisses notou com surpresa que não houvera aceleração alguma. O seu corpo não ganhara o peso de um elefante, e agora a gravidade mantinha-se igual à do Bairro da Lapa. O que era uma pequena desilusão, pois gostaria de experimentar o fenómeno da imponderabilidade, e poder voar livremente de encontro às paredes da nave. Mas haverá cá mais gente ou estou sozinho nesta Utopia?

Numa Utopia ninguém está sozinho pois, tal como Thomas More, a maioria das pessoas aspira a um lugar que não existe mas que deveria existir.

Abriu-se a porta do salão, com uma súbita rajada de vento, e entrou um indivíduo de barba negra e cachimbo nos dentes, vestido de marinheiro

e segurando com a mão o boné negro, com uma âncora dourada, que teimava em escapar-se-lhe da cabeça.

Dirigiu-se aos dois passageiros com um sorriso do qual escapava um persistente cheiro de álcool sob todas as formas proibidas a menores e a maiores fora do prazo. Mas como pode um homem assim conduzir uma nave espacial, com toda a responsabilidade que isso implica? Porque é que ainda não lhe tiraram a carta de patrão da costa?

Já conhecia Abdel e respeitou-lhe a introspecção. O rapaz era um génio, e fazia experiências mentais a todo o momento, pelo que era melhor deixá-lo sossegado. Foi a Ulisses que dirigiu o seu melhor sorriso de dentes cariados.

- Aproveita agora rapaz para te divertires. Temos aqui de tudo, jogos, filmes, livros, e comida da mais requintada. Bebidas à escolha. Mas eu tomo sempre um *Glen Etive* depois do almoço, ao lanche, depois do jantar e antes de deitar. Para ti há sumos exóticos, como pêra, maçã, alperce e por aí fora. Água também temos. Mas esqueci-me de qualquer coisa importante. O *Glen Etive*? Já tomei. As pastilhas para o fígado? Também tomei. Ar condicionado? O computador ligou. Gravidade artificial? O computador ligou. Mas então de que é que me esqueci?... Ah, já sei. Esqueci-me de me apresentar. Sou...

- Não vale a pena – atalhou Ulisses, de mão estendida para o marinheiro. – Conheço perfeitamente. Como vai, Capitão Hard Rock?

- E de onde é que me conheces, rapaz? Alguma aventura no Kilimanjaro?, foi isso, não foi? Não és jornalista, pois não? Odeio jornalistas, principalmente quando metem as calças para dentro das peúgas.

- Não, Capitão. Sou estudante, e pianista nas horas vagas.

- Ah, nesse caso, vamos fumar o cachimbo da paz?

- Eu não fumo, Capitão.

- Não faz mal. Fumo eu pelos dois.

O Capitão Hard Rock nunca revelava se tinha feito carreira na marinha de guerra ou na marinha mercante, nem como ganhara os seus galões de capitão. Fazia, porém, questão em vincar que o Castelo de Vaux-le-Vicomte era uma herança de família, e não fora comprado com rendimentos de contrabando e muito menos de tráfico.

Apesar do álcool, era uma pessoa responsável e procurava deixar nos seus ouvintes a impressão de uma meia-idade respeitável e fonte de bom conselho. Eram precisos momentos de cólera para que o verniz estalasse

com estrondo e o Capitão vomitasse em golfadas as ricas imprecações a que habituara os que o conheciam mais de perto.

- Estava com vontade de te falar um pouco de Física Quântica, mas parece-me que estás com vontade é de experimentar a gravidade zero. É ou não é?

Ulisses acenou afirmativamente.

- Está bem. Só um pouco, para experimentar. Não é muito saudável a ausência de peso por muito tempo. E então para quem bebeu, nem te digo nada... Agarra-te, Abdel, que já sei que não aprecias a falta de peso.

O Capitão aproximou-se de um painel, agarrou-se a um varão, e carregou num botão alaranjado, com um mocho impresso a negro.

Ulisses sentiu como se tivesse deixado de existir e se tivesse confundido nas flutuações iniciais, energia pura, só energia e pensamento, o que fica depois de tudo o resto desaparecer. Ergueu lentamente o braço direito e os pés levantaram-se do chão e o corpo prosseguiu sem que tivesse de fazer qualquer esforço. Perdera o sentido da orientação e já não sabia se os cadeirões repousavam no chão ou no tecto. Movimentava-se com a mais estudada lentidão para evitar choques contra as paredes e começou a evolucionar, bailar, e imaginou danças barrocas a acompanhá-lo – *allemande, courante, sarabande, gigue* – as mais apropriadas a movimentos matemáticos e precisos.

Naquele momento, todas as vigias do veículo estavam cobertas por uma camada opaca e espessa, e mesmo que fossem transparentes, era inútil, porque as paredes do túnel espacio-temporal não deixavam ver o que se passava lá fora. Ulisses queria bailar à luz das estrelas, que era um sonho que lhe ficara do tempo que passara na barriga de Helena. Mas foram momentos de puro êxtase, mesmo assim, quando os seus braços e pernas evolucionavam até às paredes que, afinal, eram almofadadas, mesmo que o “em cima” e o “em baixo” tivesse desaparecido. Luzes coloridas apareciam e desapareciam no espaço onde evolucionava. E até a música acabou por se ouvir. O Capitão Hard Rock era um grande apreciador de Mozart e fazia-se ouvir o 3º. andamento, *Presto*, da Sinfonia nº.38, “Praga”, do compositor austríaco (para não repetir o nome de Mozart duas vezes na mesma frase).

O Capitão Hard Rock imobilizara-se no centro do salão, com as pernas cruzadas e levando à boca o cachimbo apagado, com o olhar semi-cerrado de quem se abstraía de onde está e navega em espírito noutros lugares ou noutras eras. Ulisses tinha de tomar cuidado para não embater na figura imóvel, que lembrava um Buda a dieta, carrancudo e com problemas em cada porto.

Alargou repentinamente os olhos e recuou em movimento *Lento, Adaggio ma non troppo*, até ao painel dos comandos, onde fechou a palma das mãos.

- Meninos, acabou-se o recreio. *À vos places! Êtes-vous prêts? Partez!*

Ulisses mal tivera tempo de sentar-se no cadeirão mais próximo quando o corpo lhe voltou a pesar como habitualmente, e o que está em cima e o que está em baixo voltaram a ser coisas completamente distintas.

O Capitão insistiu em mostrar-lhe o resto da nave. Abdel já a conhecia – era um grande viajante e tinha o cartão de passageiro frequente, sendo por isso que lhe davam o devido desconto.

Não teriam tempo de a ver toda, e grande parte estava ocupada por reservatórios de energia, cercados por campos electromagnéticos tão intensos que passado, presente e futuro se entrecruzavam de uma forma chocante. O resto era composto por alojamentos e zonas de lazer, como o salão por onde entrara.

- Há mais passageiros?

- Não são bem passageiros, mas também não sei exactamente que nome lhes dar.

- Armando é um nome bonito.

- Eles preferem Long John Silver ou Barbarossa ou Ivan, o Terrível, ou Pedro, o Cruel, tudo menos nomes tirados de “A Dama das Camélias”.

Noutro salão, homens de cerca de 20 anos, com a cabeça coberta por lenços coloridos, e camisolas sem mangas, estampadas no peito com uma caveira e duas tíbias cruzadas. Tinham longas espadas de raios *laser* presas à cintura, guardadas em bainhas reflectoras, e ostentavam com orgulho cicatrizes de duelos, cozidas por cirurgições inexperientes, pelo que também poderiam ser estudantes de Heidelberg fiéis às tradições. Falavam entre si línguas desconhecidas, originárias da Mongólia anterior a Gengis-Khan.

Ulisses perguntou são piratas?, ou é gente contratada pela **Metrosur**, para assegurar a linha Parque Lisboa - Pasaconsol – Nova Arganilense?

A barba negra do Capitão eriçou-se como se percorrida por uma carga de electricidade estática, e as suas sobrancelhas tornaram-se desmesuradas, enquanto se apropriava de uma ofensa que não lhe era destinada.

- Pirata, eu? Pelas barbas de Polifemo, que quem tal me chamar vou cremá-lo à força de lamparinas. Vai engolir as palavrinhas todas, com

molho e acompanhamento da Banda da Força Aérea. Não querem lá ver o “download” fedorento!? Pirata, eu? Há alguém que impeça a **Metrosur** de me contratar, por acaso? A **Metrosur** estará proibida de explorar a linha Parque Lisboa – Nova Arganilense, por acaso? Fazem-me rir estes Aquiles imberbes, com a mania de que conhecem o Decreto Régio 29.276, de 3 de Março de 1997 ou o § único do artº. 123º. da Convenção de Bruxelas Relativa aos Cheques. Por todos os fogos do Hades, como eu odeio gente culta!

Apaziguou-se, tão repentinamente como se inflamara. Tirou o cachimbo da boca e sorriu:

- O que faço eu aqui? Coisas, meu filho, coisas. Lembras-te da Rainha Santa Isabel, acompanhada de um séquito de tochas, à espera do marido? Que fazeis aqui, Senhora? E ela, com aquele ar compungido de beata que não perde ocasião de dar a sua ferroada – Senhor, a cumprir o meu dever, que é o de alumiar os que erram -. Exactly como eu. Cumpro o meu dever, que é o de servir de guia à juventude que se inicia na carreira das aventuras.

- Mas eu não me referia a si, Capitão. Perguntava pelos outros passageiros.

- São exactamente o que parecem. São estudantes de Göttingen e só não tos apresento porque não vão seguir viagem contigo para Arethusa e, essa ainda é a razão mais importante, porque estão aqui completamente incógnitos. A ciência é perigosa e já tiveram más experiências no passado.

Insistiu em dar lições de Física e de Cosmologia a Ulisses.

- Não poderia ser depois de comer? – perguntou o jovem aventureiro, que começava a sentir fome.

O Capitão conduziu-o até uma das máquinas automáticas que ocupavam todo um corredor, com várias teclas, cada uma com o seu prato. As teclas estavam separadas por cores – verde para as sopas, encarnado para as carnes, escamado para os peixes e mariscos, castanho para os pratos vegetarianos e azul para as sobremesas. As bebidas eram na máquina ao lado. Ulisses escolheu sopa de puré de ervilhas, pescada cozida com bróculos e manga retalhada com morangos. A máquina disse – faz favor, são dois soberanos e meio presidente, ou então é grátis. Ulisses tirou a carteira do bolso das calças e manuseou as notas até encontrar cinco soberanos, que fez desaparecer na ranhura da máquina. Enquanto aguardava pelo troco, que deveriam ser dois soberanos e presidente e meio – 2£ e 1,5p – a máquina começou a tilintar, como se tivesse um sino no seu interior. – Venham ver! – chamou. – São as primeiras que me aparecem e já

não vou indo para nova. Que bem feitas. Devem ter custado um trabalhão a quem as fez.

Ulisses e o Capitão afastaram-se, porque as restantes máquinas saíram do seu lugar e acercaram-se da que estava a cozer pescada com bróculos, e as notas falsas entravam numa e saíam para outra, todas num coro de louvores – Mas que bem feitas! Por mão de mestre! Como é que ele se chama?

- Chama-se Suleyman Praxidish e tem escritório na Rua da Palma, em Lisboa.

- Ah, um artista novo. E onde é que fica Lisboa? Em Andrómeda?

Ulisses explicou da maneira que lhe pareceu mais acessível a máquinas de distribuição automática.

- É assim. Estão na Via Láctea. Procurem o Sistema Solar. É o terceiro planeta a contar do Sol. Vão até Rabat, no Marrocos, e sobem sempre para norte, até chegarem ao rio Tejo. Chegadas ao Tejo, seguem para a esquerda, sempre para a esquerda. Quando virem ao longe a Torre de Belém já estão em Lisboa, mas convém seguirem um pouco mais em frente, até aos Jerónimos, e então aí podem apanhar o eléctrico 15, que as deixa na Praça da Figueira, ou o autocarro 727, que as pode deixar no Marquês de Pombal, e aí estão no centro de Lisboa. Atenção às carteiras.

Enquanto Ulisses comia, o Capitão Hard Rock abriu uma caldeirada de choco, que trouxera do “Tico-Tico” num *tupperware*, numa das suas aventuras anteriores, e acabara agora de descongelar. Sentou-se à sua frente. Os piratas costumavam almoçar mais tarde, para ninguém descobrir que, na verdade, eram estudantes de Göttingen em fuga, por terem descoberto uma forma prática de criar feixes de bosões de Higgs que tornariam todas as armas nucleares objectos inofensivos, o que daria oportunidades inesperadas aos países produtores de mocas.

O Capitão aproveitou a oportunidade para falar do que mais o interessava para além do ***Glen Etive*** – a Física e a Cosmologia.

Criticou a teoria das cordas, que os seus piratas já tinham posto à prova numa abordagem, e todas as cordas, sem excepção, se tinham quebrado. Já se vê que não é uma coisa séria.

- No fundo – e falar no fundo era algo terrível para um marinheiro, quando o importante é mantermo-nos à superfície – no fundo estão-se a esquecer do factor tempo e é o tempo que determina que o momento seguinte seja diferente do momento imediatamente anterior. Ou seja, o fenómeno do Universo, o seu momento inicial, que uns comparam a uma

explosão, não é nada disso – foi o tempo que transformou as flutuações quânticas, ou a energia, em matéria. Em termos simples, a equação verdadeira é $m = t + e^2$. A massa é igual ao tempo mais a energia ao quadrado.

- Capitão, não percebi nada, mas talvez seja porque agora me tenho dedicado mais ao Direito Constitucional. Mas, quando acabar o Congresso, prometo estudar os autores cosmológicos mais modernos das 27 galáxias. Há só um ponto em que discordo já de si – qual a necessidade de elevar a energia ao quadrado? Parece-me um absurdo.

- Ah, sim? – fez o Capitão, cofiando a barba. – És capaz de ter razão, mas de outro modo a equação perde grande parte da sua graça, não negues.

- Capitão, quem é que está a conduzir a nossa nave, se é que alguém a vai a conduzir?

- Por acaso, até nem havia necessidade, estando cá eu. Mas a verdade é que existe mesmo um condutor, que também assegura a manutenção dos equipamentos e das funções vitais, e que é a Tia Ernestina.

- A Tia Ernestina?

A Tia Ernestina era o computador de bordo, milhares de milhões de vezes mais esperta que o famigerado *HAL 9000*, que só servia para ler nos lábios alheios. Quando fazia o percurso entre túneis, sacava a carta de condução do porta-luvas e escolhia sempre o caminho mais seguro entre a imensa constelação de corpos celestes luminosos e buracos negros. Podia-se dormir descansado quando a Tia Ernestina estava em funções quânticas ou quando puxava a saia para baixo e se punha mais composta, mais senhora, a meio caminho entre Newton e Mary Poppins.

- Penso que o teu pai Apolo te explicou como funcionam as viagens inter-galácticas.

Ulisses confirmou com a cabeça.

- E é bastante simples, não é? – e o Capitão concentrou-se em acender o cachimbo, o que não conseguiu. - O nosso caso, por exemplo. A nossa nave parou no tempo. A temperatura do casco exterior é exactamente o zero absoluto e todas as partículas que o compõem estão imóveis, esqueceram-se de que eram partículas e comportam-se agora como ondas, porque o tempo deixou de correr. O túnel em que circulamos arrasta-nos a uma velocidade que não é exactamente o conceito clássico de velocidade – quer dizer, estamos ao mesmo tempo no ponto A e no ponto B, a cinco milhões de anos luz de distância um do outro. Basta deixarmos de vez o ponto A e estamos já no ponto C, cinco milhões de anos luz adiante. E isto

porquê? Porque o nosso meio de transporte não é feito de massa mas de energia. E porque somos ondas, puras e simples ondas, que estão em todo o lado ao mesmo tempo. Nunca seremos partículas.

- Parece elementar.

- Eu diria ainda mais. É complicadamente elementar.

A pedido de Ulisses que, na companhia do Capitão, apeteceu ver e ouvir uma pessoa sensata, o seu mentor levou-o para dentro da cabina de comando, que era espaçosa e tinha nas paredes reproduções de quadros célebres que a todo o momento se podiam transformar em visores que transmitiam imagens lá de fora, embora de momento não fizessem falta, porque lá fora não havia nada que se pudesse ver. Era na poltrona do Comandante que estavam todos os botões que não eram propriamente botões, mas anéis de ouro com pedrarias engastadas. Cada comando correspondia a uma certa e determinada pedra. Um rubi não provocava o mesmo efeito que um diamante, e uma safira não era tão poderosa como uma água-marinha. Para ver a Tia Ernestina, enfiava-se o dedo no terceiro anel a contar de baixo.

Logo, de imediato, apareceu um holograma de uma dona de casa, de mini-saia, limpando as mãos enfarinhadas ao avental. Era feita de uma matriz para que tinham contribuído algumas das mulheres mais formosas do Universo conhecido – Afrodite, Sara Montiel, Dianne de Poitiers e Michelle Morgan faziam parte da lista. Tinham sido adicionadas rugas de expressão e os cabelos eram de um negro sedoso, com o brilho do chocolate.

O Capitão fez uma pergunta, para que a Tia não pensasse que a tinham chamado só para a ver, o que lhe iria parecer de mau-gosto quando passasse aquela fase quântica em que nada parece mal.

- Ainda falta muito para chegar à Nova Arganilense?

- Mantendo a deslocação actual de 5,3 flux, sairemos do túnel dentro de 0h 45m 32s, e atracaremos à estação espacial dentro de 01h 12m 17s. Para dentes brancos e saudáveis, prefira a nova pasta *Alicate*, à venda em drogarias e casas de espectáculos.

- São “cookies”. Nem sequer o computador de bordo conseguiu escapar à publicidade.

RAPSÓDIA XIII

Já terminara o processo de travagem quando as janelas recuperaram a sua normal transparência de janelas.

Havia uma poeirada de estrelas no céu e, à direita, flamejava uma estrela brilhante, mas em formato de edição de bolso. Era uma estrela artificial, que resultara de leituras de Arthur C. Clarke, e que cumpria tudo o que se podia esperar de uma estrela.

A mesma iluminava uma volumosa esfera do que parecia um gigantesco berlinde, e que se colocava à esquerda do cenário. Porquê berlinde? Porque o vidro ou o que parecia vidro era percorrido continuamente por manchas como as que se deixam na água quando se lavam os pincéis. Manchas coloridas onde predominava o azul, o castanho, o pérola, o violeta, o rosa e o amarelo. Manchas bailarinas de formatos caprichosos que nunca se repetiam. Esse vidro, envolto por um halo verde amarelado, era também o céu que circunscrevia uma esfera interior, com oceano e continentes, e uma atmosfera das autênticas. As cores em anarquia não deixavam ver nem as pessoas nem as coisas lá de baixo.

Entrava-se por uma abertura que surgia no cristal quando se aproximava uma nave, e que se fechava logo que a nave entrasse pelo que parecia um corredor e que desembocava num cosmódromo de dimensões... bom, era grande e chamava-se Planetarium.

Ulisses estivera sinceramente à espera de uma imensa roda a rodar – roda a rodar, era inevitável – em torno de um eixo, com imagens de Kubrick e música de Strauss. O cinema também é inevitável. Mas não ficou desapontado, tal era a beleza do planeta artificial.

- A Nova Arganilense é das estações espaciais mais belas. Obra do Grande Arquitecto do Universo, Siza Moura.

E o Capitão prosseguiu, sentado na poltrona de comando:

- Rodar 15° para bombordo. Amainar o traquete. Amainar a bujarrona. Direcção SSW, depois virar para BMW. Içar o velacho e agora tudo a estibordo e uma garrafa de rum.

A Tia Ernestina deu o devido desconto, que era de 100%, às ordens de quem dobrara a ração de **Glen Etive**. Ignorou todas as ordens, que só fariam sentido se a **Thomas More** mudasse o sexo para veleiro. Impeliu a nave para a gigantesca esfera, e alinhou-a rigorosamente com a porta de entrada, que era grande como três estádios de futebol todos juntos.

Acabaram por pousar com a suavidade de uma pena de pato.

- Estamos na Nova Arganilense, rapaz – informou o Capitão, aliás desnecessariamente. – Chegámos.

- O que é que eu digo na Alfândega? – inquiriu Ulisses. – Porque aqui deve haver uma Alfândega, não é? Que é que eu faço? Mostro as minhas credenciais?

- Não, meu rapaz – fez o Capitão, agastado. – Se tiverem dúvidas, metem-te no leitor de pensamentos e se concluírem do exame que és uma pessoa perniciosa, torram-te e dão os teus miolos a comer aos pássaros. Alfândega?!... Francamente... Mas onde é que pensas que estás? Em Denver, Colorado?... Vamos mas é embora.

A Tia Ernestina reapareceu, agora vestida com um vestido de saia e casaco cinzentos, e um pequeno chapéu, como se fosse a protagonista de um breve romance com Trevor Howard.

- Tudo em ordem? Ulisses, não te esqueças da mochila.

A maneira correcta de desligar a Tia era com beijinhos. O manual de instruções “Como lidar com a Tia” deixava ao critério de cada um o local e o modo como os beijinhos deveriam ser dados. Ulisses beijou a face esquerda da Tia e não sentiu nada, porque era um holograma e não havia nada para sentir, era tudo só para vista. O Capitão beijou um anel de rubi que lhe fora, em tempos, devolvido por uma namorada descontente e estava agora solidamente fixado num dos braços da poltrona. Não era muito higiénico, mas beijar hologramas é que não. Embirro com fantasmas – dizia ele.

Abriu-se a porta e entrou uma brisa tépida e levemente perfumada. O Capitão fez-lhe sinal que esperasse. Sairam em primeiro lugar os estudantes de Göttingen disfarçados de piratas, que tinham à sua espera uma entusiástica delegação de estudantes da Complutense disfarçados de canalizadores.

A *Thomas More* imobilizara-se em cima de uma espécie de palanque para celebração dos 200 anos da Rainha Vitória. Desciam-se três degraus da escada de luz e estava-se no solo, neste caso a pista do Planetarium. O Capitão foi à frente e Ulisses, atrás dele, desceu com o coração alvoroçado por estar noutro mundo tão inesperadamente longe de tudo o que lhe era habitual.

Três pessoas, que eram rigorosamente iguais às que existiam na Terra, porque caminhavam erectas, apoiadas em duas pernas, e tinham mãos com cinco dedos, e o polegar opunha-se ao indicador, e por tudo isso não havia dúvidas de que eram pessoas, encaminharam-se vagarosamente na sua direcção.

Abraçaram apertadamente o marinheiro barbudo, demonstrando o gosto que faziam em revê-lo.

- Larguem-me, espécie de canibais! – gritou o abraçado, não escondendo a alegria do reencontro.

Os três indivíduos vestiam formalmente de azul, com uma lista branca de cada lado das calças e, na lapela dos casacos, ostentavam um símbolo feito de um círculo sobreposto por um triângulo, o que o jovem Ulisses calculou respeitar a uma organização virada para a descoberta dos mais básicos princípios da existência – porque o triângulo é a mais simples das figuras geométricas fechadas e porque numa circunferência todos os pontos estão à mesma distância do centro.

O Capitão Hard Rock fez as apresentações do seu jovem acompanhante:

- Ele está à espera que lhe gritem “Mãos no ar! Documentos!”, e em Alemão, para impor mais respeito.

Os outros três riram-se com gosto, mesmo sem saber em que galáxia extravagante ficaria a Alemanha. A conselho do Capitão saudaram o procurador plenipotenciário com apertos de mão, o que causou um formigueiro na mão de Ulisses, ao sentir um toque a escamas que não eram visíveis a olho nu.

- E para onde vão agora? – perguntaram os três, que eram de facto polícias.

- Vou deixar o Ulisses no Hotel Melhor, que é o que ficou no contrato. E depois estou por minha conta. Quero ir ver um espectáculo, e depois porque é que não nos encontramos para beber um copo e discutir as magnas questões do Universo?

RAPSÓDIA XIV

Antes de abandonar o Planetarium, Ulisses foi, com gentil determinação, empurrado por uma hospedeira para um compartimento cilíndrico e totalmente envidraçado onde a palavra “Descontaminação” estava impressa em grego, latim e três outras línguas que desconhecia.

Foi inundado por focos de luz que, em dois minutos que pareceram dois séculos, percorreram todo o seu corpo em todas as cores do espectro.

“Será que vim parar a um mundo obcecado pela limpeza?”, pensou. O pensamento que se seguiu foi ainda mais preocupante - “E onde é que eu terei deixado a minha mochila?”

Fora a hospedeira. A profissão adivinhava-se pelas roupas desenhadas por Avondano e pela maquilhagem multi-colorida. E

manifestava-se nos bons modos e delicadeza refinada com que tratava as pessoas em trânsito de um mundo para outro. Mas isso não a impedia de ser forte e determinada, como aquela que ostentava na testa uma fita azul marinho, onde as letras douradas se escrevia o seu nome, PROSERPINA MARIA, e que, em movimentos rápidos e sincronizados despojara Ulisses da mochila e o empurrara para dentro do descontaminador.

No terminal rodoviário, já a hospedeira restituíra a Ulisses a mochila, que agora tinha colado um selo de “Pode Passar” com o símbolo do Império.

Apanharam o autocarro 212, que fazia a carreira Planetarium – Grand Trianon, onde ficava o Hotel.

O Capitão Hard Rock foi-lhe explicando que todas aquelas formalidades por que passara aplicavam-se a poucos mundos, mas no caso da Terra revelavam-se essenciais. O planeta de onde provinha vivia numa era de obscurantismo e de autêntica selvajaria social, onde até se difundiam doenças para fins de controlo demográfico. Poderia assim ser portador de uma infinidade de novos vírus e bactérias, criados ou não em laboratório, os quais poderiam ter efeitos devastadores em planetas desprevenidos.

- É melhor prevenir – asseverou o Capitão, fincando os dentes no cachimbo apagado. – Há uma grande diversidade de seres vivos pensantes neste Universo e nem todos reagem da mesma maneira às *Pseudomonae*.

- Então, mesmo que tivesse algum desses bichos, agora estou limpo?

- Limpíssimo, meu rapaz. Até brilhas.

O Hotel Melhor ficava na zona temperada da Nova Arganilense, que era praticamente toda a zona entre os pólos, cobertos de um gelo pertinaz que não era retirado nem sequer para refrescar as bebidas.

Era visível de muito longe - um gigantesco cubo azul turquesa, em que não se viam janelas. Em cada extremidade havia uma torre de mármore em forma de coluna, e todas ligadas por cordas de onde esvoaçavam as bandeiras das 27 galáxias do Império. Aqui, pelo menos, a teoria das cordas parecia funcionar.

O autocarro da carreira 212 planava a poucos metros do solo, deslizando de um modo tranquilo, e vencias as distâncias sem aparente esforço e com total ausência de trepidação. Ulisses recordou os “eléctricos” de Lisboa, sem saber exactamente porquê.

O autocarro imobilizou-se junto de uma das colunas do Hotel, e nada havia a pagar, pois não dispunha de cobrador, nem de holograma a fazer as suas vezes.

Ulisses vagueou o olhar pela paisagem em volta do gigantesco cubo. Estendia-se em todas as direcções um imenso jardim, em que os canteiros se sucediam aos canteiros, e havia flores e árvores de grande porte, espalhando sombras. Mais ao fundo, o oceano. Ulisses perguntou a si próprio se haveria praias por perto.

Entrava-se no Hotel atravessando as paredes, que não opunham qualquer resistência à passagem, razão pela qual não havia portas. Como se costuma dizer, num mundo civilizado as portas estão sempre a mais.

Ulisses colocou a mochila às costas e seguiu atrás do Capitão. Os olhos habituados à luz tiveram dificuldade em adaptar-se à relativa penumbra que reinava em seu redor.

- Vamos, meu rapaz. Vou-te deixar na Recepção e depois vou jantar com os meus amigos polícias.

Entraram no ascensor que parecia uma sala de espera e sentaram-se em luxuosos cadeirões, em torno de uma mesa com brinquedos, em que havia um comboio eléctrico que lhe dava uma volta completa, depois de várias paragens em vilas e apeadeiros imaginários, como Braço de Prata e Marvila.

“Quanto custará a diária, com todo este luxo?”

Pareceu-lhe, em nome da lógica dos sentidos, que o ascensor efectuava um trajecto vertical e passava depois a horizontal. Então a Recepção não ficava à entrada do Hotel, mas bem escondida no seu interior. Prometeu a si próprio que não se iria espantar com nada para evitar alcunhas deprimentes. De momento, era apenas Ulisses e cabia-lhe a sorte de viver uma aventura extraordinária. Ulisses, o Magnífico, para um rapaz de quinze anos, era um nítido exagero, daqueles que só são permitidos aos autocratas artríticos.

Saíram do ascensor, e logo os pés se afundaram numa alcatifa onde se caminhava com ligeireza por um corredor que parecia um Museu em que a espaços regulares se perfilavam estátuas de deuses, sábios e musas diversas. Entre as estátuas havia sofás feitos para repouso dos passantes.

Foi então que Ulisses viu a primeira excepção à regra de que todos os habitantes das galáxias eram feitos à semelhança do Homem. Ali mesmo à sua frente estava um ser inteligente que fugia de forma descaradamente frontal ao paradigma greco-romano. Era um ser de óculos, com vários braços, flexíveis e tentaculares, como se de um polvo se tratasse e não de um ser humano ou de um ser a dar-se ares de humano. O ser desempenhava várias funções ao mesmo tempo, servindo-se simultaneamente de todos os tentáculos. Lia o jornal, fumava um charuto, bebia uma bebida acastanhada

por um copo de cristal, tomava notas para um discurso e contava as moedas que retirara das algibeiras das nove calças com que aconchegava os três triplos de três pernas. Ulisses calculou que fosse prodigiosamente inteligente, e esse pensamento ajudou-o a sufocar a vontade de rir que lhe viera só de pensar naquele indivíduo feito em salada ou servido com arroz.

À sua frente, no balcão de mármore com tons de pérola, uma camareira, morena e normal, olhava-os, os braços nus com os cotovelos fincados no balcão e o queixo apoiado nas palmas das mãos unidas. Só fugia à normalidade estrita no tocante aos cabelos, que se lhe erguiam da cabeça feitos em serpentes que se tocavam e entrelaçavam, os dentes à mostra, num impensável diálogo em que nunca se conseguiam pôr de acordo. A voz era, porém, melodiosa e, sob os cabelos indisciplinados, os olhos azuis sorriam atentamente ao Capitão.

- Trago-lhe aqui o meu amigo Ulisses – apresentou o Capitão, pondo paternalmente a mão no ombro do apresentado. - Não é um Ulisses qualquer e Poseidon nada tem contra ele. É nem mais nem menos que o filho de Helena e de Apolónio.

- Quanta honra! – fez a camareira, extasiada, e com todos os acentos da sinceridade.

Estendeu a mão a Ulisses, que a beijou, sugestionado pelo perfume que dela emanava, mas sem saber que, na Nova Arganilense, aquele cumprimento significava “Para a próxima vez não ponha tanto sal na comida”.

- Então, cuide-me do rapaz e instale-o nas “suítes” reservadas aos visitantes de origem divina. Adeus, rapaz, cuida de ti e, naquilo em que não fores capaz de cuidar de ti próprio, pede ajuda. É o que eu sempre faço. Adeus! – e desapareceu em largas passadas, e de cachimbo esquecido na mão direita.

Ulisses ficou sozinho, frente a frente com a morena de cabelo revoltoso, dela separado por toda a largura do balcão. Ela tinha ao peito uma chapa em que deveria ter gravado o seu nome e Ulisses tentou lê-lo para poder tratá-la pelo nome, mas sempre que se esforçava, os cabelos da rapariga serpenteavam até cobrir a totalidade ou a parte mais importante da placa. Se calhar chamava-se Medusa e envergonhava-se do seu nome de baptismo.

Pondo os cabelos de lado, Ulisses achou tudo extremamente correcto e formal. Estranhou – e era mais uma estranheza – estranhou o modo como a camareira preenchia a sua ficha, pintando hieróglifos num papiro que não

crescera nas margens do Nilo, mas sim em Vladivostok, 132 milhas náuticas a nor-noroeste do Grand Trianon.

- É preciso pagar? – perguntou, apesar de a pergunta lhe soar a falso à luz de pelo menos duas ou três doutrinas económicas.

A morena camareira apagou o sorriso e fez uma expressão fechada, ao mesmo tempo que as serpentes se eriçaram, ou de horror ou de alegria, mas o mais certo era o horror. Finalmente pôde ler o nome da camareira – Quilómetros de Prazer – que era realmente o nome mais óbvio para quem fora feita em viagem.

- Quer pagar? Ora essa, e porquê? E como quer pagar?

Ulisses recordou Marcos Urias e sacou para fora da mochila a carteira onde guardava as notas falsas. Exibiu uma delas.

- Aceitam notas falsas? – a pergunta agora não lhe soou a falso, pois era mesmo estúpida e estragava-lhe a biografia.

- Como não?! Posso? – e a camareira retirou-lhe a nota da mão e examinou-a contra a luz que jorrava para dentro do cubo em que se encontravam. – Excelente trabalho. Uma só nota destas dá-lhe direito a quatro noites em pensão completa.

- Quatro noites? – admirou-se Ulisses. – Com uma nota destas, lá no planeta de onde venho, teria direito a quatro noites mas na prisão.

Quilómetros de Prazer voltou a sorrir, e os cabelos tranquilizaram-se e repousaram em paz.

- Mas, se faz tanto empenho em pagar de outro modo a sua estada, que até nem vai ser muito longa, porque a nave *Sirius* parte para Arethusa dentro de uma semana, porque é que não paga em música?

- Com música? – inquiriu Ulisses, esmagado pela estranheza do lugar estranho em que se encontrava.

- Sim, com música. Corre em todo o Universo a sua fama de pianista.

Ulisses ficou sem palavras, sem poder acreditar no que ouvia e que lhe parecia um elogio refinadamente mentiroso, como o que os cortesãos eram obrigados a dirigir aos reis absolutos, mesmo que fossem apenas relativos.

- Um concerto pode pagar toda a sua estada, com todos os regalos e miminhos que dispensamos aos viajantes da sua divina laia.

E, consultando tabelas escritas numa língua desconhecida, pôs-se a fazer cálculos num papiro ao lado.

- Vejamos. As dormidas pode pagar com “Nocturnos” de Chopin. Como é lógico. A alimentação pode resumir-se a “4 Improvisos op.90” de Schubert, mas se quiser incluir as bebidas terá de acrescentar a “Suite Bergamasque” de Debussy. Para piscina, esteticista, massagens, hipnoteca, tudo o que for fonte de prazer, parece-lhe excessivo “Variações Goldberg” de Bach, e a “Gymnopédie nº.1” de Satie? Garanto-lhe que por este preço não encontra nada melhor entre galáxias.

Ulisses desistiu de perguntar quem é que fixara os preços e qual era o valor relativo de Bach ou de Schubert nas tabelas hoteleiras.

- Parece-me razoável – admitiu o rapaz. – Mas talvez o ideal fosse repartir o programa por dois concertos, em vez de um concerto único.

- Hmm, sim... sim... talvez... Agora que mo diz... Pois sim. Então ficamos combinados para amanhã e depois de amanhã, à noite, no Salão Franz Hals. Vou anunciar os concertos em megafonia e prepare-se para uma grande enchente.

A camareira bateu as palmas e os cabelos voltaram a serpentear, virando o olhar meigo, e com dentes na ponta, para uma das estátuas, justamente a que representava Osíris, a qual se animou e dirigiu-se em passos maquinais para junto de Ulisses. Quilómetros de Prazer entregou a Ulisses uma chave, das próprias para abrir barracões onde se guardam ferramentas fora de uso, mas em que refulgia o brilho do ouro.

- Vai ficar na Suite Americana, na Rua Dvorak.

Osíris fez menção de levar a mochila de Ulisses, mas este recusou, não porque desconfiasse da mitologia egípcia, mas porque não estava habituado a ter criados para coisas tão simples como transportar uma mochila.

Osíris ou, melhor dizendo, a sua estátua, deslizou à sua frente, encaminhando-o para outro ascensor, o qual subiu, avançou e desceu, demonstrando o teorema de Pitágoras ao mesmo tempo que cumpria os seus normais deveres de ascensor e os depositava no lugar marcado. Ulisses pensou se haveria necessidade de pôr a funcionar o tradutor automático, ou “chiribibi” em linguagem Arcádica, caso o autómato se pusesse a dar-lhe indicações na língua nativa do deus que era o seu modelo. Na verdade, não era necessário. Osíris apontou-lhe a porta da “suite” e da sua boca saíram várias indicações em Latim, escritas em letras luminosas que tardavam minutos a esfumar-se no ar. Ulisses agradeceu, disse-lhe “Vale” e fez a chave rodar na fechadura. A porta da “suite” abriu-se e o autómato afastou-se, digno e vagaroso.

Ulisses entrou.

Era um palácio de altos tectos, com vista para o mar. Para um jovem de 15 anos acabados de fazer era de um luxo exagerado, como toda uma Versailles feita para um pequeno rei com grandes caprichos.

Pousou a mochila num dos sofás que se abriam à sua preguiça e procurou o computador, que se resumia a um grande espelho com as dimensões de um écran de cinema, e que podia deixar de reflectir o que estava à sua frente, e passar a reflectir por conta própria nos grandes problemas que se punha a si próprio. Espelhos fizeram-se para reflectir, é esse o seu destino.

Ulisses descalçou os sapatos e sentou-se na cama, empunhando o comando, que era minúsculo, do tamanho de uma caixa de fósforos das pequenas. Recostou-se na cabeceira e deixou os textos e as imagens saírem do espelho e formarem-se à sua frente, em relevo, materializadas até aos mais ínfimos pormenores.

- Televisar;
- Outros;
- Mãe.

Helena apareceu, de braços abertos, livre, inteiramente livre:

- Oh, meu querido, como te sentes, como estás? Estás feliz?

Ulisses abriu o coração e confessou as saudades que sentia, o receio que o invadia quando pensava na enormidade da viagem, nas dificuldades teóricas que punha a explicação da mesma e, acima de tudo, afinal o que é se esperava de um procurador plenipotenciário de quinze anos?

E de que maneira poderia o seu voto obrigar um planeta inteiro, onde apenas alguns poucos sabiam do Congresso que podia decidir as vidas de todos, e desses que sabiam, uns eram boa gente, e eram menos que poucos, e o resto era a escória que tinha o poder de infernizar a vida alheia, a *al-Oil*?

A Mãe respondeu com a clareza ensolarada que lhe era costumeira.

Com quinze anos, está-se na plenitude da razão e vêem-se as questões na sua justa medida. A Terra era um mundo à parte, uma espécie de parque natural onde as civilizações dignas desse nome gostavam de passar férias, e durante semanas e meses inteiros viver à margem da moral e da decência. Observavam com espanto o espectáculo de milhares de milhões a sofrer pelas decisões de uns poucos déspotas que tudo controlavam e que, tal como os eucaliptos, tudo secavam em seu redor, como praga que eram, e a culpa não era da República Checa. Ele, Ulisses, vinha de uma aristocracia que chegara à Terra como observadora e que

acabara por amar aquele mundo e aquelas gentes, cujo único e maior defeito era o de serem influenciáveis em alto grau, sem qualquer defesa contra demagogos e publicitários.

Ele, Ulisses, herdeiro das melhores linhagens estelares, era o melhor representante que podia esperar um povo de crianças, vivendo nas trevas. Só quem sente a verdadeira compaixão poderá trazer de novo a vida a um planeta sobre que adeja a sombra da morte.

A Mãe sorriu o seu sorriso mais solar e desanuviou o ambiente, explicando que a morte é, acima de tudo, mudança. E que a Terra estava fadada para a vida, e que a inteligência prevaleceria. Não era ele o único que tinha quinze anos, pois não?

Recomendou-lhe que não se esquecesse de lavar os dentes antes de ir dormir. Que fosse extremamente educado para o Comandante da *Sirius*, que era um primo afastado de Apolónio e partilhava portanto da natureza divina. Que tal dedicar-lhe um recital de piano? Já te deste conta que o Universo te conhece como um grande pianista? Estas coisas sabem-se e correm de galáxia em galáxia. Agasalha-te bem se visitares os pólos da Nova Arganilense, não te quero constipado. Boa viagem meu querido, meu herói da sua mamã.

Ulisses reagiu contra a lágrima que assomava ao canto do seu olho de herói e ligou para o Pai. Saíu do espelho e materializou-se no ar a silhueta de Apolónio, que estava de costas e se virou, surpreendido.

- Ulisses, filho, já chegaste à Nova Arganilense!?... Que tal a viagem?

Ulisses contou o que se passara, fazendo um relato que ia desde a fuga aos raptos da Mãe e que terminava no Hotel Melhor, passando por Isabel, Guadalupe, pelos piratas estudantes de Göttingen e pelo Capitão Hard Rock, mais as suas teorias cosmológicas e a equação em que a massa equivalia à energia mais o tempo.

O pai fechou os olhos, de puro deslumbramento.

- Que soberba aventura, meu filho. E está apenas no começo. Mal saíste da Via Láctea e já te apercebeste de como tudo é maravilha atrás de maravilha. A mãe já te disse que o Comandante da *Sirius* é meu primo? Parente afastado, mas laços de sangue ainda contam. De Alfa até Ómega a família continua a ser o mais importante apoio do Homem. Dá-lhe cumprimentos meus e dedica-lhe um recital. Sempre é família.

O pai terminou com alguns exercícios práticos de navegação estelar e fez recomendações para o contacto com criaturas exóticas. Nada de mostrar

espanto, que era falta de educação. Também Ulisses não gostaria que alguém se virasse para ele e exclamasse “Que estranho, apenas dois braços!”. Embora todos os actuais habitantes do Universo fossem oriundos da Terra e, portanto, fossem feitos à imagem e semelhança do modelo único, havia de contar que diferentes condições de espaço e tempo levam a modificações, pelo que já não há regras universais para a estética, tirando o princípio da simetria e a regra de ouro de Euclides. Não te esqueças da saudação especial para os adeptos do Hesperion XXL.

Terminou, como Pai que era, recomendando-lhe que tomasse banho antes de ir jantar e vestisse o traje azul que estava pendurado no armário e que fora feito rigorosamente por medida.

RAPSÓDIA XV

Ulisses mirou-se ao espelho antes de descer para o jantar e sentiu-se feliz por não estar ali presente nenhum dos seus colegas do Liceu da Lapa. Não que fosse um vestuário “amaricado”, mas sim porque era demasiado ostentoso para quem crescia feliz com o seu próprio corpo. As calças de seda terminavam pouco abaixo dos joelhos e as pernas eram cobertas por meias de seda de um tom opalino. Nos sapatos fixavam-se fivelas quadradas que brilhavam como prata. A casaca, sulcada por veios dourados, terminava pouco acima das calças. A camisa tufava-se em inúmeros e complicados folhos. Faltava apenas uma cabeleira empoada para que estivesse completa a personagem que aparece no quadro “O Chá à Inglesa em casa do Príncipe Conti”, de Ollivier, e que é o último à direita, tirando a cara e tudo o mais que fazia com que Ulisses fosse Ulisses.

Tocaram à porta e Ulisses, sem saber que língua usar, preferiu gritar em Italiano:

- *Avanti!*

Osíris abriu a porta, erguendo nas mãos automáticas uma cabeleira empoada, como se os pensamentos de Ulisses tivessem sido lidos ou adivinhados.

O rapaz retirou-lha das mãos prestáveis e agradeceu, pensando “Ponho? Não ponho? Ainda me vai fazer comichão no alto da cabeça”.

Osíris levou a mão majestática ao peito e uma série de informações úteis escaparam-se-lhe pelas narinas, em letras luminosas que formavam palavras gregas e que se acumulavam, por momentos, em cima da sua cabeça. O jantar estaria servido dentro de meia hora, um jornalista espanhol pedia-lhe uma entrevista exclusiva de um quarto de hora, e três senhoras

tinham-se inscrito para dançar com ele. O tempo estava ameno e não se previam trovoadas para essa noite. Cientistas tinham descoberto que o metano podia sonhar. Em caso de emergência, ligue o número universal 666.666AHAH.

Ulisses teve vontade de perguntar se havia farmácias de serviço, mas receou que a resposta fosse longa, desmesurada e abrangesse várias galáxias. Por isso, levou também a mão ao peito e fez uma reverência que significa respeito em qualquer recanto do Universo. E disse que sim, que aceitava a entrevista e dançaria com gosto.

A sós, hesitou diante do espelho, pondo e tirando a cabeleira. Tinha medo do ridículo. Por um lado, a cabeleira completava o traje e tudo se harmonizava na perfeição. Mas, por outro, pesava-lhe na cabeça e, para além do incómodo, dava-lhe um aspecto artificial e pesado, impróprio da sua natureza solar, herdeira de seu pai Apolo.

Saiu para o corredor e encaminhou-se para o ascensor. À porta deste perfilava-se uma gentil camareira, feita, como era normal, à imagem e semelhança das gentes da Terra, loura e de rosetas nas faces, toda ela frescura e boas-vindas.

- Vou levá-lo ao restaurante.

Não havia qualquer perigo de se perder. No ascensor, Ulisses perguntou-lhe o nome, admirado por a jovem mulher não trazer qualquer etiqueta com a identificação, e ela respondeu qualquer coisa como 4464-501GMBH, após o que retirou da algibeira uma placa que colou na perna direita. Ulisses hesitou um pouco antes de olhar para as pernas da camareira, com receio de violar algum parágrafo obscuro de algum código de conduta. Mas depois afoitou-se, curvou-se e olhou com atenção. Dizia MEDUSA – GLÓRIA DE ARETHUSA. Olhou com atenção os cabelos da jovem e os mesmos eram ruivos e normais, ondulados, quietos e tranquilos, com pouca tendência para se morder entre si.

- Há uma colega sua chamada Quilómetros de Prazer...

- É minha madrinha. Foi ela quem me escolheu o nome.

O salão do restaurante era vasto, tão vasto que Ulisses perguntou a si próprio como é que o tecto aguentaria, não se vislumbrando o mínimo pilar de sustentação. Totalmente envidraçado, vinham-lhe de fora as cores do crepúsculo enquanto a estrela artificial mergulhava lentamente no horizonte do Hotel.

A Medusa deixou-o à entrada do salão e um outro jovem, com o nome PERSEU, também feito à imagem e semelhança das gentes da Terra,

cumprimentou-o com a delicadeza da melhor hotelaria, reconhecendo-o sem mais delongas – É Ulisses, filho de Helena e de Apolónio. Como não podia deixar de ser. Queira seguir-me.

Precedeu-o ao longo de um corredor que seguia entre filas de mesas. Gente variada erguia os olhos à sua passagem e Ulisses logrou ouvir comentários daqui e dali “*Voilà! Um original*”.

Ulisses ficou sozinho, numa mesa em que estavam postos quatro lugares. Olhou em seu redor e viu que ninguém vestia como ele, e era por isso que o achavam original. Todos os outros homens optavam por registos mais sóbrios, por túnicas, togas, ou simples calças e camisa. Só as mulheres vestiam pelos últimos figurinos estelares, lembrando-lhe a velha Creta, de onde tudo provinha ou parecia provir em matéria de boa vida.

Ninguém lhe vinha trazer a comida à mesa. Era *buffet* livre. Nada mais do que levantar-se e retirar um prato das pilhas que se acumulavam entre expositores onde recipientes metálicos mantinham a comida a uma temperatura constante.

Enquanto Ulisses seguia, recolhendo os bocados que à vista lhe pareciam mais prometedores, um indivíduo baixo e sorridente, colou-se-lhe aos passos e apresentou-se:

- *Hola. Soy Mariano Muñoz, el periodista.*

Enquanto Ulisses, com pinças de madeira, recolhia troços de salada, o jornalista ia agradecendo a entrevista concedida. Seguiu-o até à mesa onde Ulisses se sentou e colocou em cima da toalha dois copos de sumo das famosas frutas de Arethusa, um para si e outro para Ulisses, ficando assim com um pretexto para se sentar a seu lado.

- Mas a entrevista não é para já, pois não? Ainda estou a jantar.

O outro negou com a mão. Nem pensar numa coisa dessas. O jantar era sagrado. Mesmo assim, Mariano era de uma loquacidade sem limites, como os inspectores que falam sem cessar até conseguir o primeiro deslize por parte do suspeito. Contou-lhe toda a sua vida, que já fora transmitida no programa “Madrileños por el Universo”, e explicou-lhe o que fazia naquele recanto fora de todas as galáxias e que lhe fazia lembrar a estação de Atocha, mas para melhor. Nascera no Bairro de Vallecas e fora aí que vivera até completar o curso de jornalismo. O primeiro contacto com extra-terrestres fora ainda na Universidade. Depois tivera um convite para um programa de televisão no planeta Kottilla, um planeta que valia a pena visitar, embora ficasse noutra galáxia e um pouco fora de mão, sendo escandalosamente falsa a lenda que circulava de sugarem o sangue de

famosos para sobreviver. O seu programa chamava-se “Paradigma do Encaixe”.

- Lá temos os nossos costumes exóticos, mas também o que é que haverá nestes sítios que não seja exótico, para nós, ibéricos, acostumados à pacatez e ao tudo mais ou menos igual?

Ulisses escutava-o, feliz por não ter de responder. Até que Mariano achou que já era tempo de o tratar por tu e perguntou:

- Então, já sabes com quem é que vais dançar? Ou é segredo?

Ulisses respondeu-lhe que, na verdade, não fazia a mais mínima ideia de com quem iria dançar, só sabia que havia três inscrições de três senhoras distintas - no sentido de serem diferentes umas das outras.

Acenderam-se luzes por cima das suas cabeças e a noite transformou-se em dia de festa. A meio da sala ergueu-se uma plataforma, em que se sentavam duas dezenas de músicos. Tocavam sem maestro, tendo à sua frente um metrónomo silencioso que marcava os tempos com sinais luminosos.

- Diz-se para aí que os ensaios de orquestra são substituídos por sessões de choques eléctricos. Desafinar dói – segredou Mariano.

- Não acredito – reagiu Ulisses. – Isso era colocar uma civilização requintada ao nível da... Terra, eu sei lá... Não pode ser.

Mariano sorriu, meio criança, meio adulto, e totalmente irresponsável.

- Também não acredito. Foi um boato que eu puz a circular.

Ulisses ia perguntar mas que raio de jornalista é você, afinal?, quando uma autêntica mulher, alta, de cintura fina e ancas largas e finamente remodeladas, abriu três pares de braços na sua direcção e em voz quente, não propriamente a esquentar mas mesmo assim quente, sussurrou:

- A primeira dança é minha, *darling* – e mostrou um cartão com o nº. I, numeração romana.

Mariano ergueu o copo na direcção da beldade, que tinha realmente um rosto muito belo, emoldurado por uma farta e negra cabeleira, e segredou a Ulisses que era mesmo um afortunado porque *la tia tiene un cuerpazo de infarcto*. E ainda por cima com seis braços.

A orquestra tocava uma valsa que Ulisses nunca antes ouvira e que tinha um nome bem romântico – “Nas ondas gravitacionais” -, tendo sido composta por um físico teórico que, depois de um choque de partículas, dedicara o resto da sua longa vida ao vinho, às mulheres e às canções.

Com o coração a bater mais acelerado do que o normal, Ulisses sentiu-se envolvido pelo calor perfumado de seis braços e rodopiou em movimentos circulares e ritmados por entre as mesas do salão, imerso na sensação inusitada de que ele sozinho envolvia todo o Universo, palmo a palmo, estrela a estrela. Ou era exactamente o contrário e era o Universo que o engolia todo inteiro. Recordou com gratidão as lições que lhe dera a Prof^a. Terpsichore, quando ia lá a casa, de visita a sua mãe. Umas vezes era ele que conduzia a dança, outras vezes deixava-se simplesmente conduzir. A bela mulher, numa voz íntima que fazia cócegas no aqueduto de Silvius, debitava informações como se Ulisses tivesse de fazer um relatório sobre ela própria, coisa que o jovem não pretendia fazer.

Que se chamava Carmina, nascera e vivera nas Curvas de Gauss, mas já era tempo de mudar de horizontes e recebera 7.000 adiantados para ir ao planeta Kotilla, mais precisamente ao “Paradigma do Encaixe”, contar tudo mas mesmo tudo acerca do que se passara entre ela e Alcibíades e que este negava, dizendo Carmina? Qual Carmina? Não conheço Carmina nenhuma. E Curvas de Gauss? Curvas? Sinceramente, não me diz nada.

Não lhe ia dizer a idade, porque ele não acreditaria se ela lhe dissesse que apenas tinha sete anos, e havia filmes que ainda não podia ver, como “Branca de Neve e os Sete Anões”. Mas gostava do mar, das flores e das estrelas, nascera para amar e ser amada, achava a Paz uma coisa maravilhosa, e ouvira falar muito da Terra, um lugar de maravilha habitado por bárbaros, com excepção dele, Ulisses, dos seus pais e de alguns mais.

Carmina era uma poderosa descarga eléctrica para qualquer jovem dos 15 aos 115 anos de idade, mas Ulisses sentiu que àquela luxuriante e magnífica beleza faltava algo que Ester tinha e as outras não.

A segunda mulher com que Ulisses dançou tinha uns pequenos e graciosos chifres, cor de marfim, que lhe nasciam na confluência entre a testa e o cabelo, que era de um azul escuríssimo, liso e apartado ao meio, caindo poderosamente para as costas. Tinha também uma cauda que pendia de uma minúscula abertura no vestido muito justo e cintado. Olhando para baixo, os sapatos não revelavam nenhuma particularidade e Ulisses ficou algo decepcionado por a dama não ter pés de cabra nem qualquer outro tipo de ferramenta adequada para arrombar cofres. Pintava-se com exagero, mas era graciosa e bastante sedutora, embora dela se exalasse, por vezes, uma sugestão de enxofre. Tinha uma voz melodiosa e era boa conversadora, intercalando aqui e ali tentações evidentes. Não se chamava Devília mas sim Cândida, era publicitária e tinha uma agradável *villa* no deserto, longe de qualquer oásis. Aí poderia desvendar a Ulisses coisas como o horário das carreiras Planetarium – Quatro Ventos. Dar-lhe-ia a provar uma certa

maçã de uma certa árvore de um certo jardim. Oferecer-lhe-ia uma capa que o tornaria invisível e lhe permitiria entrar na casa de banho das senhoras. Ulisses teve a sensação de que, se fizesse o sinal da cruz, a dama desfazer-se-ia em labaredas.

O cartão com o III foi-lhe apresentado por uma jovem sem sinais particulares, que bailava com assombrosa ligeireza e falava pouco, mas com uma dicção muito cuidada, separando bem as sílabas. O cabelo era de ondas curtas mas a voz era de frequência modulada. Confessou-se ansiosa pelo concerto de amanhã e parecia sincera, não tinha aquele cheiro rançoso da boa-educação.

Ulisses sentou-se para comer a sobremesa e confessou a Mariano Muñoz, que parecia ter ali permanecido sem sair da mesa nem por um instante, que as três senhoras com quem dançara tinham uma coisa em comum – eram, a seu modo, umas sedutoras natas, embora um pouco excessivas para os seus quinze anos. Gostava das mulheres mais maternas (Ester, às vezes, chamava-lhe *mon petit*), não daquelas mulheres duras que contracenavam com homens de cenho carregado e toda a razão do mundo a irritar-lhes as rugas da testa. E depois pensou - mas porque estou eu para aqui a falar da minha vida íntima a uma pessoa que nunca vi antes em toda a minha vida e ainda por cima é jornalista?

- Que género de jornalista és tu, Mariano? – inquiriu Ulisses, devolvendo ao outro o tratamento por “tu”. – Política? Matéria negra?

- Imprensa rosa. Escândalos e mais escândalos. Toda a verdade sobre a vida das vedetas. E toda a mentira também.

E Mariano empunhou um pequeno cubo, em cubo sê cubista, e o aparelho tinha o que parecia uma lente numa das faces, justamente a que focou na direcção de Ulisses.

- *Dime, tío, te han gustado las tias?*

- Sim, gostei, eram bonitas, não há dúvida. Mas desvia lá essa merda – e logo pensou que o convívio com jornalistas rebaixava os costumes, pois já estava a dizer “merda” e ainda não tinha idade para ser tão amargo.

Altas vozes ressoavam pelo salão, anunciando que o baile terminara e que amanhã, no “Salão Franz Hals”, Ulisses, o mais famoso pianista do Universo, iria dar um concerto único, com obras de Chopin, Debussy, Schubert e Bach. Sentiu um verdadeiro prazer ao ver os restantes convivas a bater palmas, virados para ele. Agradou-lhe sobremaneira o modo como Carmina batia as suas seis mãos, umas atrás das outras. Parecia o som da água corrente!

Mariano acompanhou-o até ao salão de jogos que ficava na parte sul do Hotel. Durante o trajecto, o jornalista foi-lhe dizendo que as três danças que tivera com as três inscrites, iam resultar pelo menos em dois divórcios, bem apimentados.

- E no caso da Cândida vai ser um divórcio diabólico. Dizem que quem faz amor com ela nunca a consegue esquecer, por mais tempo que viva, e fica com uma espécie de saudade chamada candidíase. Tenho de conseguir *la exclusiva*. Se ela e o marido aceitarem descompor-se em público será um êxito mais que galáctico.

- Mariano – censurou Ulisses -, mas isso é pôr a gente daqui ao nível da Terra. É contaminar a nobreza com os hábitos da ralé. Mas que desagradável!

- *Que va!* – indignou-se o outro.

E explicou que esse tipo de questões era para consumo interno de Kotilla. Assim como a Terra era uma reserva natural de crueldade, Kotilla era uma reserva natural da estupidez, assim mantida porque, como dizia o outro, “é preciso de tudo para fazer um Universo”. De resto, nas 27 galáxias, só via as emissões do “Paradigma do Encaixe” quem queria. Verdade que era um número muito elevado de pessoas e calculá-lo implicava recorrer a um algoritmo que não tinha agora presente e até nem era indicado para logo depois de jantar. Que ele, Mariano Muñoz, era um ser eminentemente moral, e ele, Ulisses, ainda haveria de explicar-lhe se era melhor, como na Terra, as televisões transmitirem a toda a hora cenas de tortura e morticínio, mesmo para públicos de crianças acabadas de nascer, ou, como em Kotilla, transmitirem cenas de casais desavindos, a falar das suas desilusões mais íntimas e a acusar-se de tudo e de mais alguma coisa, sem por isso começarem ao murro e à pantufada.

- O que eu faço não deita sangue, meu amigo – asseverou Mariano. – Nem sequer lágrimas verdadeiras. Suor já não digo que não.

Estavam agora no salão de jogos. Dos vários jogos que ali se desenvolviam, Ulisses apenas conhecia o xadrez, as damas, o dominó e os matraquilhos, que eram jogos espalhados pelo Universo. Estava decidido a repelir logo à partida qualquer sugestão de Mariano para jogarem a dinheiro, que isso era coisa que ele nunca faria, por achar uma coisa desprestigiante e por envergonhar a Mãe, se ela algum dia viesse a saber.

O jornalista tranquilizou-o. Agora não estava a trabalhar e não tinha interesse nenhum em pôr Ulisses a fazer figuras tristes para todas as galáxias se rirem dele.

- És o procurador plenipotenciário da Terra. E ainda por cima somos da mesma Península, quase do mesmo bairro. Eu cá tenho amor à camisola. A entrevista pode ficar para amanhã. Com tranquilidade.

Até ao recolher, que soava às dez para a meia-noite, jogaram um jogo chamado “Quem me roubou os suspensórios?” ou, pelo menos, era essa a tradução literal do Aramaico para línguas e literaturas modernas.

Era um jogo realmente absorvente. Ulisses nem deu por a Cândida se ter sentado num sofá, atrás dele, acomodando a cauda a seu lado, e bebendo a pequenos sorvos de um largo cálice que continha um líquido rubi que deveria ser um estimulante para o pecado.

RAPSÓDIA XVI

Quando despertou, a estrela artificial já se erguera no horizonte e a primeira coisa em que pensou foi “hoje é o dia do concerto”. A segunda nem traduziu para pensamento, limitou-se a sentir – a falta da Mãe, do Pai, de Ester, dos cheiros familiares, de Lisboa, e até de Isabel.

“Maldita nostalgia” – enquanto enfiava os pés nas pantufas e se dirigia para o duche. “Que não me estrague logo o concerto”.

Na sala, enquanto tomava o pequeno almoço, reparou em Cândida, sentada num sofá, embrenhada na leitura de uma revista de escândalos, e tendo ao lado uma chávena de chá de urtiga branca, esquecida, a arrefecer.

Em letras vermelhas, da cor do fogo incontrollável, o título da capa era HEBDOL SARATOL e Ulisses necessitou do tradutor universal, ou “chiribibi”, em linguagem Arcádica, para saber que significava qualquer coisa como “revista marota” ou “revista malandrecas”.

Embora a Cândida fosse digna de contemplação, Ulisses preferiu olhar noutra direcção, para não misturar chifres e caudas com o carácter sagrado das coisas caseiras como o pequeno-almoço – a Mãe diz que é a primeira comunhão do dia.

Quando terminou, Cândida pousou a revista, levantou-se, segurou a cauda e volteou-a como se fosse uma ventoinha. Caminhou ondulosamente na sua direcção.

- Então? Fazendo de conta que não me vê?

- Oh não – mentiu Ulisses, com toda a sua boa educação. – É que nem tinha reparado.

Cândida sorriu, como que aliviada, mostrando os quatro caninos excepcionalmente desenvolvidos. Convidou-o a sentar-se a seu lado, no

sofá, e falou do concerto. Como se sentia? Não estava nervoso? Nem um bocadinho? Podia lá ser?! Todos os grandes pianistas estavam nervosos antes dos concertos.

Ulisses respondeu-lhe que Maria João Pires lavava a louça antes dos concertos, e se calhar era daí que vinham as suas interpretações claras e cristalinas.

Cândida riu artificialmente, não porque tivesse pouca vontade de rir, mas porque não sabia exactamente a sério o que era o riso, apenas sabia que na Terra era a única maneira de distinguir o Homem dos restantes animais; a hiena não contava porque rir não é o mesmo que arreganhar o dente.

– Que engraçado. Lavar a louça. Que ritual mais estranho.

Ulisses respondeu que não, até nem era, porque ninguém gosta de comer em louça suja, não é nada higiénico.

- Diga-me, não me acha a mulher mais bela da galáxia?

- Qual é a sua galáxia?

- A Via Láctea.

Ulisses hesitou, tanto a pergunta lhe parecia parva demais para uma civilização evoluída que, apesar de tudo, ainda lia o HEBDOL SARATOL.

- A mulher mais bela da Via Láctea? Não, não acho.

O rosto de Cândida modificou-se, escureceu e os olhos tornaram-se fomalhas enquanto os chifres cresciam cerca de 25 cm. Envolveu-a um intenso odor a enxofre.

- Com licença – levantou-se. – Tenho de retocar a maquilhagem – e abalou de fuga em direcção à casa de banho das senhoras.

Voltou dali a dez minutos, com a serenidade recuperada e os chifres de sempre, mas talvez ainda mais sedutora. Voltou a sentar-se ao lado de Ulisses e suspirou pelas boas maneiras do passado, e como é que se educa agora a juventude? Que valores? Que princípios? O jovem pensou que ela se referia ao problema da educação em geral, e informou-a do que se passava na Terra.

- Em Portugal, por exemplo, de onde eu venho, e que já foi um País, dá-se uma ênfase especial à Informática e ao Inglês. Porquê? A razão é simples: para mandar é preciso vigiar tudo o que se escreve, diz ou faz; para obedecer é necessário compreender a língua de quem manda.

Cândida pareceu interessada.

- Mas isso é muito inteligente da parte dos vossos governantes. Acha-os diabólicos?

Ulisses assentiu com a cabeça: - Sim, acho.

- Oh, não! – gritou Cândida, ao mesmo tempo que lhe crepitavam faíscas entre os chifres e um fumo negro lhe saía pelas orelhas, empestando o ar de enxofre. – Lá tenho eu que ir retocar a maquilhagem.

Fugiu para a casa de banho das senhoras, deixando Ulisses a interrogar-se “Mas o que é eu fiz, afinal?”

Voltou daí a um quarto de hora, a imagem viva da tranquilidade, caminhando felina de volta ao sofá, onde se tornou a sentar, depois de acomodar a cauda.

- Que estranho aquilo que me disse – declarou. – Mas se é assim, se preferem viver numa sociedade carcerária, porque é que, se bem me recordo da ficha “Terra” da “Enciclopédia Universal”, porque é que fizeram tantas guerras em nome da liberdade? O que eu fui dizer! Não me responda! – atalhou ela, aflita. – Que idade me dá?

Ulisses abanou a cabeça: - Não faço a mínima ideia.

- Assim é melhor – disse Cândida. – Nunca devemos desistir de educar. Mas fale-me de si. Já sei que tem muitas qualidades e que é um pianista de fama universal e, para mais, procurador plenipotenciário no Congresso Imperial. Tem aspirações, claro.

Ulisses concordou com um gesto de cabeça e repetiu: - Claro.

- Para isso, lá está, terá de ligar-se a pessoas influentes, que o poderão ajudar a subir, a subir sem cessar até chegar ao topo... e quem sabe, ainda mais além...

- Não me diga – interrompeu Ulisses – que chegando ao topo teria de...

- Pouca coisa – tranquilizou Cândida -, nada que dê trabalho. Não lhe custaria absolutamente nada. Só prostrar-se e adorar uma pessoa importante da minha família.

- E o que é que entende por adorar?

- Oh, Senhor das Trevas, tanto preconceito numa simples frase. Adorar é o mesmo que submeter-se, prestar vassalagem, é como pedir dinheiro emprestado ao Banco, lá na Terra. Não tem nada a ver com pornografia, descanse. Prostrar-se e adorar, nada mais. E as vantagens são mais que muitas. Ficaria com todo o Poder, em maiúsculas, sobre tudo o

que os seus olhos abarcassem, mesmo que ficasse muito longe. Não acha uma proposta interessante? Ora diga lá...

Ela ia completar a frase com “se é ou não é”, mas Ulisses antecipou-se:

- Ter todo o poder e, ao mesmo tempo, ser vassalo, é uma contradição nos seus próprios termos e, portanto, uma falsidade. Depois, o poder é coisa que não me interessa. Tenho quinze anos e sou saudável.

O cheiro a enxofre à volta de Cândida era intolerável e os chifres cresciam imparáveis em direcção ao tecto. Com o rosto feito em brasas de carvão, a diabólica mulher fugiu novamente para a casa de banho, gritando não saber o que se passava hoje com a sua maquilhagem.

Saturado de enxofre, Ulisses foi até ao balcão pedir um sumo de fruta, em dose dupla, para acalmar a garganta irritada. Reparou em Mariano que estava sentado numa mesa ao canto da sala, acompanhado por uma mulher de cabelo de várias cores, com a pele coberta por escamas que brilhavam à luz do dia artificial. Ulisses espreitou para debaixo da mesa. Ao contrário do que era de supor, ela tinha o que aparentava ser um normalíssimo par de pernas, embora também cobertas de escamas.

- Estava ali no sofá, com uma senhora, a Cândida – informou Ulisses, depois de ter saudado o jornalista. – A Cândida dos chifres – precisou.

- Bem vimos. Mas o que é que lhe dizes para ela ficar tão enxofrada? Não me digas que lhe disseste a verdade?

Ulisses bateu com a mão na testa: - Ah, então era isso!

Mariano Muñoz fez uma expressão de censura: - Onde é que isto já se ouviu, dizer a verdade ao diabo?! Pior que fazer o sinal da cruz.

E o jornalista apresentou-lhe a acompanhante, que também era jornalista e trabalhava em Kotilla, mas era apresentadora do programa “O Paradigma da Culpa Esquecida”, onde senhoras já maturescentes vinham contar que havia cerca de 50 anos tinham tido uma relação com um famoso que agora era casado e avô de netos. E as suspeitas de Ulisses tinham razão de ser. Ela já fora sereia e fizera uma operação estética para mudança de natureza.

Cândida saía agora da casa de banho, com a dignidade redobrada, e Ulisses regressou ao sofá. Mas Cândida não se sentou. Olhou para ele e disse – Agora não. Estou com uma grande dor de cabeça.

Seguiu para o terraço do salão e ficou solitária a contemplar o mar, que azulava lá longe.

Ulisses dirigiu-se à recepção e procurou a camareira Quilómetros de Prazer que era uma das maiores atracções do Hotel Melhor. Por baixo dos cabelos que prosseguiram imparáveis o seu diálogo, a camareira sorriu e prestou todas as informações que Ulisses lhe pediu – onde ficava o auditório, se podia experimentar o piano, porque razão tinham ignorado o seu pedido de o concerto ser dividido por dois dias, quando chegava o Comandante da *Sirius*, e se sabia o que era feito do Capitão Hard Rock.

Quilómetros de Prazer preferiu responder por alíneas.

Mas antes anunciou por megafonia:

- Atenção! Avisam-se os hóspedes do Hotel, que, na sequência de vários pedidos, o famoso pianista Ulisses aceitou dar dois recitais em vez de um:

Na noite de hoje farão parte do programa

- “Nocturnos” de Chopin; e
- “4 Improvisos op.90” de Schubert.

Amanhã à noite, o programa será composto por

- “Suite Bergamasque” de Debussy;
- “Variações Goldberg” de Bach, e
- “Gymnopédie nº.1” de Satie.

Depois virou-se para Ulisses e respondeu às perguntas ainda sem resposta ou sem solução:

- a) O auditório, ou Salão Franz Hals, fica no último piso, e está devidamente assinalado. Em caso de dúvida, leve Hórus consigo. Hoje Osíris está de folga.
- b) Pode experimentar o piano sempre que quiser, a qualquer hora do dia ou da noite, porque as paredes do auditório são insonorizadas.
- c) A *Sirius* chega depois de amanhã e vai ficar aqui uns dias para revisão antes de seguir para Arethusa. Poderá falar com o Comandante logo que ele chegue.
- d) O Capitão Hard Rock seguiu viagem para o País dos Cogumelos. Não se sabe quando voltará.

A camareira bateu as palmas e Hórus, o deus com cabeça de falcão, animou-se. Avançou educadamente para Ulisses e, de braços levantados e paralelos, as palmas das mãos para cima, exclamou palavras numa língua nunca dantes ouvida. O tradutor universal traduziu para Castelhano “*Sigame! Sigame!*”

O auditório era tremendo e tinha assentos para milhares de pessoas. Ulisses fez cálculos e achou que, se a sala se enchesse, era como se uma pequena cidade fosse toda inteira assistir ao concerto.

O piano era feito à imagem e semelhança de um *Steinway* mas era da marca *Asclepius*, fabricado na Arcádia. Ulisses sentou-se no banco de madeira negra estofado a seda vermelha, e tocou as primeiras sete das “Variações Goldberg”. Existia uma coincidência inesperada entre a música de Bach e o deus da medicina, pois Bach compusera aquela obra para que a música acalmasse os nervos de um diplomata russo chamado Goldberg.

A afinação era perfeita, um tudo nada para o mais que perfeito, pois tratava-se de um piano que se afinava automaticamente, dispensando a intervenção humana ou de outros seres pensantes. O som era fino e aveludado e mesmo o mais imperceptível toque nas teclas era audível no fundo da sala. Hórus aplaudiu, excedendo a natural reserva de um autômato, e recomendou a Ulisses uma massagem para antes do almoço.

Guiou-o até aos gabinetes de massagem, que ficavam por cima da piscina, a qual estava cheia àquela hora. Ulisses teve a oportunidade de ver sereias autênticas que tinham recusado a operação e permaneciam fiéis à sua cauda e às suas barbatanas. Hórus informou-o, para o tranquilizar, de que elas estavam proibidas de cantar enquanto estivessem dentro de água, pois eram conhecidos desde a antiguidade os efeitos maléficos do seu canto quando se saía para fora de pé. Agora só cantavam em programas de televisão e em prisões em que os reclusos recusassem tomar banho.

A única massagista que estava livre era Carmina, e em breve os seus três pares de braços e mãos trabalhavam de alto a baixo o corpo de Ulisses. Ela falava pouco e em voz baixa, algumas oitavas abaixo do normal, parecendo querer massajá-lo também com a voz. Explicou que não trabalhava por dinheiro, estava ali só a fazer voluntariado, e porque lhe fazia bem à pele e mantinha os seus braços ocupados. Sabe o que se diz da ociosidade – justificou-se a massagista voluntária.

Terminada a sessão, que durara uns bons três quartos de hora, todos bons sem excepção, Ulisses sentou-se na marquesa, sentindo-se como que envolto em algodão em rama. A marquesa não protestou e o jovem deu graças por a Cândida não se encontrar ali a empestar o ambiente.

Ao almoço, Mariano Muñoz marcou a entrevista para depois do concerto, quando estivesse mais tranquilo, e para poder juntar a entrevista às reacções dos espectadores, o que daria amanhã um programa mais animado. Achas bem?

Ulisses concordou e subiu, ou melhor, deslocou-se para o seu quarto, na Suite Americana. Pensou em recostar-se na cama e fechar os olhos por um bocado, mesmo que não dormisse, apenas para estar fresco e repousado, ou melhor, para manter-se fresco e repousado até à hora do concerto. Manter aquele bem-estar que lhe trouxera a massagem.

Abriu a mochila para uma inspecção rápida aos seus haveres e comer um dos chocolates que trouxera, pois na Nova Arganilense ainda não vira nem cheirara chocolate. O tubo, o tubo prateado que a avó Clementina lhe entregara e em que guardava as suas credenciais, não estava lá. “Tê-lo-ei colocado noutro sítio?” Olhou em seu redor, embora já soubesse que não poderiam estar noutro local, pois deixara-as bem guardadas na mochila e sabia bem que não as tirara de lá. Ainda ontem à noite se certificara de que as credenciais se mantinham no seu sítio. “Fui roubado” – concluiu, de modo penalmente incorrecto, mas porque dava trabalho e era algo pretensioso dizer “Acabei de ser vítima de um crime de furto qualificado, p. e p. pela conjugação entre os artº,s 203º., 1. e 204º., 1. e) e f), em concurso aparente ou de normas com um crime de subtracção de documento, p.e p. pelo artº.259º., 1., todos do Código Penal.

Sentou-se, incrédulo, na beira da cama. Na Terra aquelas coisas aconteciam, até nos melhores hotéis. Mas na Nova Arganilense, no Hotel Melhor, em plena civilização, era difícil acreditar que andassem a subtrair credenciais a rapazes de 15 anos.

E agora, quando chegasse a Arethusa, ao local do Congresso, e tivesse de exhibir as suas credenciais que o acreditavam como procurador plenipotenciário, o que faria? Perdi-as, não sei onde estão. Ou então alguém mas tirou. Não faço ideia do que terá acontecido.

O que é que iriam pensar dele? Que era um intruso, talvez um espião a soldo da *al-Oil*. E depois? Prendiam-no, expulsavam-no? Quem poderá saber como actua gente forte de culturas fortes? E se o Comandante da *Sirius* lhe viesse logo pedir as credenciais, como um motorista de autocarro que primeiro quer ver o passaporte e só depois deixa entrar?

Sempre que necessitares pede ajuda. É o que eu sempre faço. Era o conselho do Capitão Hard Rock.

Saiu do quarto e dirigiu-se à recepção, saudando no caminho os autómatos que faziam reverência à sua passagem. Quilómetros de Prazer estava no seu posto e os seus cabelos eriçaram-se ameaçadoramente, de goelas escancaradas, como se quisessem engolir Ulisses todo inteiro. Ela sorriu, indiferente à revolta que lhe grassava nos cabelos.

- Em que o posso ajudar?

- Sabe se alguém, por engano, levou alguma coisa do meu quarto?

Quilómetros de Prazer pegou no telefone e falou numa língua nova, fresca, húmida e rosada, e Ulisses com a preocupação, nem sequer pegou no “chiribibi” para ouvir a tradução. A recepcionista desligou e informou no seu melhor latim, que

- as toalhas sujas;
- o frasquinho de sabão;
- o frasquinho de champô; e
- as chinelas,

eram as únicas coisas que tinham levado do quarto da Suite Americana, e tinham-nas substituído por outras novas.

- Sabe onde pára o Capitão “Hard Rock”?

- Neste momento, se não me engano, creio que andará pela Nuvem de Magalhães, à procura do País dos Cogumelos. Se não é exactamente na Nuvem, andará lá por perto.

- E posso entrar em contacto com ele?

- Se quiser esperar alguns anos, ao certo não sei quantos, pela ida da pergunta e pela chegada da resposta... Não se esqueça que a velocidade da luz é intransponível, a não ser que se vá pelo túnel, senão não estaria aqui a falar comigo.

- E a mensagem não poderia seguir por túnel, para chegar mais depressa?

- Só se tivesse privilégios de administrador, como levantar-se mais tarde, lugares cativos nos estádios, descontos em restaurantes, etc.

- Obrigado – e Ulisses regressou ao quarto, à procura de meios mais expeditos.

Ligou o computador e televisou o Pai, que estava naquele momento a colar um mastro numa trirreme miniatura. Contou-lhe o que se passara e Apolónio desfez-se em luz. Havia coisas que o deixavam apolíneo de todo. A *al-Oil* conseguira cumplicidades diabólicas. A Cândida? – perguntou Ulisses.

– Não, essa dá demasiadamente nas vistas. Deve ser alguém que ainda nem sequer deste pela sua presença e que deve ter jantado ontem a pouca distância de ti, o suficiente para te tirar a chave do quarto e fazer um duplicado. Se não me engano, foi o... foi a... Deixa estar, prefiro investigar

primeiro, depois logo acuso. Bom, então o que é que há a fazer? Vamos lá por partes:

- a) fazer queixa à Polícia. Furtar coisas de valor é crime em qualquer parte do Universo, e também é assim na Nova Arganilense;
- b) pedir uma quarta-via das credenciais. Segundas-vias fazem muitas perguntas e demora muito tempo. Terceiras-vias são perigosas e dão sempre mau resultado. Perfeita, perfeita, mesmo perfeita, é uma quarta-via;
- c) como vais ser entrevistado pela Televisão de Kotilla, aproveita para fazer um apelo a quem te subtraiu as credenciais para que tas restitua. Claro que não vai restituir coisa nenhuma, mas ajuda a apressar a quarta-via; é simples estratégia.

Estes são os passos a dar.

Quando chegares a Arethusa, ser-te-ão entregues as credenciais por correio especial. Por isso, filho dos deuses, ânimo e prepara-te para hoje dares um concerto memorável na Sala Franz Hals.

A Polícia foi chamada e deslocou-se ao Hotel disfarçada de animadores, para não criar alarme nem dar má fama ao Hotel. Mediram o quarto, analisaram os vestígios e informaram que não ia ser fácil, mas a coisa fazia-se. Os crimes eram raros na Nova Arganilense e a Polícia estava algo desabituada.

- Isto foi alguém que o quis homenagear com uma evocação dos costumes da Terra. E não suspeita de ninguém?

Que não, não suspeitava de ninguém em concreto. Era tudo demasiado abstracto. Os agentes entregaram a Ulisses uma certidão em que se declarava que o cidadão em causa, filho de Helena e de Apolónio, participara o desaparecimento de credenciais que o habilitavam a intervir no Congresso Inter-Galáctico, também chamado de Congresso Imperial, que se iria realizar em Arethusa. E foram-se embora, consolando Ulisses com a garantia de que as coisas estavam bem encaminhadas.

Seguindo os conselhos do Pai, Ulisses enviou-lhe cópia da certidão e um requerimento para que lhe fosse passada uma quarta-via das credenciais que lhe tinham sido entregues pela avó Clementina.

Apolo reexpediu o expediente para o Secretariado Permanente do Congresso Imperial – Planeta Arethusa -, a seguir por correio quântico, o mais rápido e o mais seguro de todos.

RAPSÓDIA XVII

Ulisses concluiu que situações como aquelas faziam as pessoas envelhecer e que se arriscava a ficar adulto em pouco tempo se persistisse em ficar preocupado.

Quem é que se chama quando se quer colinho, um ombro amigo e consolações sem limite? Nem mais. A Mãe.

A Mãe, bela e serena como sempre, sorriu e citou Nicolau Tolentino: “Sumiu-se-lhe a credencial? É forte pena. Olhe não lhe fique o Congresso arruinado”. E rira-se, com aquele riso que lhe vinha às vezes e que a sacudia toda e que o Pai chamava de gargalhadas homéricas. Ela disse-lhe coisas extraordinárias, mais afagantes que o próprio amor – que era tão conhecido no Universo que ninguém lhe viria pedir as credenciais, e que qualquer procurador ao Congresso que o visse o iria conduzir ao seu lugar na assembleia sem lhe perguntar o nome. E mais – a sua auréola fulgiria com uma luz única que não permitiria enganos nem equívocos. *Bjinhos* – e a imagem da Mãe desvaneceu-se, embora o seu calor persistisse no coração do filho.

Meteu-se debaixo do chuveiro e disfrutou de um duche de água fria que arrastou para o ralo as preocupações que lhe estavam agarradas à pele. Ainda lhe chovia em cima quando o telefone tocou. Correu para a mesa de cabeceira, pingando para o chão do quarto. Era a camareira Medusa – Glória de Arethusa, que lhe pedia para descer ao salão, onde o esperava a pessoa que o iria apresentar ao público.

Enquanto se vestia, pensou que era a última oportunidade de se preocupar com o ocorrido e que depois esqueceria tudo. Não sabia como funcionava a burocracia estelar nem quais as regras rígidas e inultrapassáveis que teriam. Ou correm comigo mal chegue a Arethusa, ou está tudo bem e deixam-me entrar, com ou sem credenciais. E deixam, claro, porque eu tenho uma auréola única, e uma boa auréola dispensa credenciais.

Quando chegou ao salão, que era o de jantar e não o salão dos concertos, a Medusa indicou-lhe com o dedo uma mulher jovem, sentada num sofá, que bebia pausadamente o seu copo de sumo e que não tinha qualquer particularidade extra-terrestre para além da sua divina beleza. A primeira coisa que nela chamava a atenção era o sorriso, que ao mesmo tempo convidava e tranquilizava. Depois os cabelos negros e lisos, compridos, separados ao meio, e apanhados atrás num rabo-de-cavalo. Os olhos rasgados e negros, a boca vermelha e naturalmente pulposa, o nariz direito, e um corpo de proporções áureas. Era alta, mas calçava sapatos com o tacão muito alto e fino, como se ambicionasse ser mais alta ainda.

- Já sei que és o famoso Ulisses – e a jovem levantou-se e estendeu-lhe a mão macia. – E que coincidência, um Português. Eu sou Galega, e chamo-me Nelly Fernandez.

O nome não lhe era desconhecido. Ulisses disse-lho.

- Sim, dantes aparecia muito na *Televisión de Galicia*. O “Supermartes”, “Bombordo”... Há muito, mesmo muito tempo.

Sentaram-se e a Medusa veio trazer-lhes um jarro de sumo das melhores frutas de Arcádia e mais dois copos de cristal de uma Boémia respeitosa.

Ulisses hesitou, porque temia as grandes frases e todas as grandes afirmações em geral. Causavam-lhe arrepios, sem saber porquê. Mas acabou por lhe dizer que, para além da Mãe, que era um caso único e que estava para lá de todos os limites do Belo, ela, Nelly

- É a mulher mais bela de todo o Universo, sem qualquer dúvida.

Não disse que, para além de Helena, Ester, tal como as flores, estava destinada a desabrochar e a transformar-se noutra deusa saída da mesma concha especial de onde saem as Vénus e as Nelly Fernandez.

- *Mentireiro* – fez a Nelly, com um sorriso meio repreensivo, batendo-lhe no ombro com a ponta do indicador direito.

- É verdade – e Ulisses contou-lhe o caso insólito de Cândida. – Se eu lhe dissesse que... posso tratá-la por tu?... se eu lhe dissesse que és a mulher mais bela do Universo conhecido, ela desfazer-se-ia em chamas e enxofre e ficaria boa só para adubo.

- Coitada – apiedou-se a Nelly. – No fundo até é boa pessoa, mas ainda não se conseguiu livrar do síndrome diaboliforme. Já aguenta, às vezes, que lhe façam o sinal da cruz. Agora a verdade é coisa que não aguenta mesmo, é superior às suas forças. Mas honra lhe seja feita, poderia ter enveredado pela política e optou por permanecer claramente diabólica. É uma grande mulher, a Cândida.

A Nelly criava à sua volta um casulo invisível de bem-estar. Seria pelo sorriso, pela música da voz, ou talvez pela maneira como punha a palma das mãos à sua frente e recuava o queixo, e sim, tinha mãos perfeitas, com dedos longos e afilados, no melhor estilo de Santa Cecília, e unhas preciosas como gemas raras escondidas no sertão brasileiro.

Ela conhecia a biografia de Ulisses. Mas para além destes dados que eram do conhecimento público, diz-me qualquer coisa que...

- Bom, surpreende-me – disse a Nelly com o seu sorriso mais cativante.

Ulisses reflectiu e fez um inventário do que era omissa na biografia. Gosto de papas *Maizena*. Consigo cuspir mais longe do que todos os meus colegas de turma. Consigo sustentar a respiração por mais de dois minutos. Não falo Chinês nem Hindu. Mas posso aprender.

A Nelly franziu o nariz e negou com o dedo indicador direito. Não era matéria de interesse para quem gosta de música ou mesmo de Direito Constitucional. Ulisses aproximou a boca da orelha perfeita da mulher perfeita e segredou qualquer coisa. Ela riu-se.

- Mas, Ulisito, é uma sala de concertos, não um confessionário.

Continuaram a conversar tranquilamente. Ulisses sentiu que se afogava lentamente e sem remissão no olhar negro da belíssima Nelly.

Ela sacudiu-o pelos ombros, com a gentileza que lhe era habitual.

- Ulisito, estás a sonhar e já são horas de nos irmos vestir para o concerto.

Despediram-se e Ulisses, descendo à realidade, subiu até à Suite Americana, imaginando os primeiros acordes de uma composição que se chamaria “Rapsódia Galega” ou “Capricho Galego”, a opus 1 dele próprio, e que teimava em colar-se aos primeiros acordes de “A Gruta de Fingal”, de Mendelssohn.

Percorreu com o dedo os trajes que se perfilavam no vasto guarda-roupa, tudo roupa à sua medida, e optou por um fato convencional, azul marinho, uma camisa branca, laço preto e sapatos de verniz. Notou, com agrado, que parecia mais velho. Seria isso suficiente para agradar à Nelly?

Faltavam dez minutos para o concerto quando Hórus o veio buscar e o levou paternalmente até ao camarim onde a Nelly acabara de se vestir e se revelava em toda a sua plenitude de deusa do Olimpo que florescera na Galiza. A jovem vestia um vestido preto, acetinado, decotado, seguro por duas finas alças, que parecia copiado da sedutora malvada de “Um dia nas corridas” dos Irmãos Marx, mas que ficava ainda mais electrizante por ser vestido por uma mulher infinitamente mais bela, sem resquícios de malvadez.

- Não vais implicar comigo por eu ser mais alta do que tu, pois não Ulisito? – e a Nelly mostrou-lhe os tacões finos e altos dos sapatos que ia calçar no concerto, e que tinham sido fabricados na Arcádia, pátria de tudo o que era bom.

- Se não implicares comigo por eu ter 15 anos. É normal que sejas mais alta do que eu, não achas? E é mesmo assim que gosto de ti, a tender para o elevado.

A Nelly sorriu, com o queixo recuado e o dedo indicador direito erguido, numa atitude pedagógica.

- Ulisito, *no te hagas ilusiones*, não me tentes deslumbrar com as tuas palavras mas sim com a tua música. *Vale?*

A jovem deusa ajeitou-lhe o laço e foi espreitar a sala Franz Hals. Voltou alargando desmesuradamente os braços para abarcar o infinito:

- Está cheia. Completamente cheia.

Fez sinal a Ulisses para que respirassem fundo, e entraram no palco ao mesmo tempo que rebentava uma trovoadas de aplausos que persistiu enquanto caminhavam até ao centro do proscénio. Ulisses fez uma reverência ao público e recuou até se sentar ao piano. A Nelly, através de um microfone disfarçado num colar que lhe dava três voltas ao pescoço, apresentou-o na sua voz sonora e doce:

- Caros amigos de todas as galáxias irmãs, quero agradecer, em nome do Hotel Melhor, a vossa presença neste auditório, a todos por igual, independentemente do número de olhos ou de tentáculos, da língua ou dos hábitos alimentares. É com prazer e emoção que lhes apresento o mais recente prodígio do Universo, o pianista maravilhoso que nasceu na Terra para dar voz às emoções de todos os tempos.

E a formosa Galega prosseguiu, misturando verdades com mentiras. Que Ulisses salvara Helena, sua Mãe, de uma quadrilha de malfeitores da *al-Oil*. Que Ulisses limpava sozinho as cavalariças de Augias. Que transformara Circe, esse modelo de asseio e boa educação, numa grande porca. Que aprendera a tocar piano aos três anos de idade. Que descobrira erros na doutrina económica de Adam Smith logo aos sete anos de idade. E por aí fora, entoando mais louvores ao herói em todas as gamas e registos da emoção... E que gostava muito das papas da mãezinha.

- Papas *Maizena* – suspirou Ulisses, sem que ninguém o ouvisse.

Inesperadamente, deu-se conta de que estava a sós com o silêncio e a sua tarefa agora era quebrá-lo.

Curvou-se reverentemente sobre o teclado e atacou os “Nocturnos” de Chopin. Dos 21 seleccionara os nº. 2, 5, 7, 8, 12, 15 e 18. Na sala, que era imensa, um homem sublimava ao piano a sua vida interior, e milhares de outras pessoas ouviam incrédulas.

Ao intervalo, depois de uma chuva de lágrimas e aplausos, a Nelly confessou-se maravilhada. Era então mesmo verdade, e ela podia testemunhá-lo, que Ulisses era o maior pianista do Universo conhecido. O jovem sentiu o peito a dilatar-se.

A segunda parte do concerto foi inteiramente preenchida com os “4 Improvisos op.90” de Schubert e quem já ouvira a interpretação de Alfred Brendel dizia que lhe faltava qualquer coisa que só Ulisses tinha, talvez o arrojo. Decorreu como um sonho e Ulisses só despertou quando uma ovação imensa estremeceu toda a sala Franz Hals.

Os aplausos foram tão intensos e duraram tanto tempo que Ulisses sentiu-se na obrigação de dar-lhes um “encore”, o Prelúdio op.23, n.5 de Rachmaninoff, bom para exhibir toda a técnica pianística que aprendera com Helena.

Terminado o concerto, e quando as luzes da sala começaram a diminuir, a Nelly tinha outros compromissos e Ulisses tinha Mariano Muñoz à espera para a entrevista. A hora fora bem calculada, porque a excitação não lhe permitia ainda jantar, mas seria um alívio para todas as tensões poder desabafar mesmo que fosse para um programa tão disparatado como o “Paradigma do Encaixe”.

A entrevista decorreu numa pequena sala adaptada a estúdio de televisão, e os sinais eram enviados por estafeta quântico e seguiam por um túnel que atravessava pelo menos dois portais – o Portal da Glória, na Catedral de Santiago de Compostela, e Sir Charles Portal, que estacionava no lugar destinado aos guerreiros britânicos no Walhala, já que o Paraíso puro e simples está vedado a quem faz a guerra.

Mariano sentou-se fazendo ângulo com a cadeira em que Ulisses se sentava e começou a fazer a apresentação do herói, descendente em linha recta dos Duques do Escorial,

- Não tenho nada a ver com os Duques do Escorial. *Lo siento*.

- Não? Que estranho. É que, nesse caso, a alternativa que resta é só a fantástica. Ulisses descende em linha recta dos deuses do Olimpo e tem por isso natureza divina, pelo que lhe podemos desculpar muita coisa, por exemplo ter destruído três lares felizes apenas no baile de ontem à noite.

Ulisses tentou explicar que não era uma questão de natureza divina, e que não destruíra lar nenhum. Deus é Deus e é Único, o que acontece é que alguns descendentes dos terrestres que tinham fugido da Terra tinham voltado e tinham ficado seduzidos pela beleza do Mediterrâneo, pelos frutos da oliveira e da videira e pelas infindáveis oportunidades de pregar partidas aos povos que lá viviam, que eram muito brutinhos e para eles

fazer uma tigela de barro já era o supra-sumo da tecnologia. Era tudo tão bom e tão divertido que decidiram ficar, uns na Grécia, outros no Egito, outros por aí e por ali, e encheram os nativos de histórias maravilhosas. Quem são vocês? Nós? Ah, somos deuses. Ele, Ulisses, descendia dos que tinham ficado na Grécia.

- Correm por aí rumores de o facto de um filho dos deuses ter nascido na cidade que leva o seu nome, Lisboa, antiga Olisipo, significar que querem criar uma nova civilização na Península Ibérica, uma espécie de Renascimento. Até que ponto é que isso é verdade?

- Espero que não me leve a mal, mas tenho apenas 15 anos, e não estou a par dos planos dos deuses para a Península.

A entrevista virou-se para as questões do amor. Corria por aí, e havia tanta coisa a correr por aí que se não sabia como é que se havia de apanhar a maior parte, corria por aí que Ulisses ficara perdidamente apaixonado por Carmina, a que dava massagens em regime de voluntariado, e que a prova estava no facto de logo no dia seguinte ter recorrido aos serviços dos seus três pares de mãos e de o marido dela ir dar entrada com três pedidos de divórcio simultâneos, à razão de 15 advogados por cada um.

- Não, isso não é verdade, quer dizer, não fiquei apaixonado, simpatizei apenas com ela e para mais é muito boa a dar massagens.

Mariano Muñoz virou-se para a câmara e piscou o olho:

- Para bom entendedor.

Mais grave fora o caso com Cândida, a diva das divas, conotada com o diabolismo e com o mundo da moda em geral, cujos chifres se espetavam em todas as revistas da imprensa rosa. Não conseguia estar junto de Ulisses mais de cinco minutos sem começar a deitar fumo. Não havia no mundo conhecido um tão grande exemplo de paixão. Já se dizia que ela, Cândida, estava grávida dele, Ulisses.

- Mas não, que disparate. Apenas conversámos. E dançámos. Como é que é que ela poderia engravidar nessas condições? É impossível.

Mariano contou para o seu público, que era vasto e muito espalhado, que a mesma desgraça acontecera à dançarina que tirara o cartão nº.III, e que agora não me ocorre o nome...

- Penso que era Liddida, penso...

- Ah – fez o jornalista – e depois diz que não aconteceu nada. Quem é que recorda um nome se não aconteceu nada? Acham que se não tivesse acontecido nada o marido teria pedido o divórcio? Pois acabou mesmo de pedir, há coisa de três horas e meia.

Era mentira, a Liddida não era casada, mas quem é que se vai dar ao trabalho de desmentir uma afirmação que é vendida como se fosse uma verdade autêntica?

À pergunta de quem era a mulher mais bela que vira na Nova Arganilense, Ulisses não hesitou.

- É Nelly Fernandez, a apresentadora galega. É belíssima. Se não é deusa, devia ser.

- Apaixonado, hem?

Ulisses calou-se, porque não queria falar de Ester, por razões de segurança. Se por algum canal desconhecido a *al-Oil* viesse a tomar conhecimento da entrevista, poderiam usar Ester para fazer chantagem com ele. Ester não tinha as mesmas defesas nem a mesma protecção de sua Mãe, Helena.

- Não quero responder a essa pergunta, por ser de carácter muito pessoal. Posso aproveitar esta oportunidade para fazer um pedido?

- Força.

Ulisses revelou então que as suas credenciais tinham sido roubadas do seu quarto de hotel e que as mesmas não tinham utilidade para mais ninguém. Só para ele. Esse o motivo por que pedia ao ladrão que deixasse as credenciais em qualquer lado do hotel e depois avisasse onde é que as mesmas se encontravam. Ulisses não apresentaria queixa (já tinha apresentado) nem haveria qualquer outro tipo de represálias. Ficavam amigos como dantes.

Mariano ainda quis regressar ao tema Nelly Fernandez, que parecia inesgotável, mas Ulisses garantiu que não valia a pena insistir, eles eram dois profissionais, uma da televisão, outro da música, e tudo o que tinham feito estava contido dentro das suas atribuições – tocar e apresentar. O facto de a Nelly ser de uma tão extraordinária beleza não afectava as profissões de ambos. Como se diz na Terra, serviço é serviço e conhaque é conhaque.

- Então, quer com isso dizer que o facto de se pretenderem casar em Arethusa não passa de um boato?

- É a primeira vez que ouço falar em tal coisa, e espero, ou melhor, peço de mãos juntas que não arranjem problemas a Nelly Fernandez pelo facto de ela ser alta e bonita. Não existe nada, e é falso que tenhamos planeado qualquer casamento. Já ouvi muitos boatos na vida, em Portugal estamos acostumados à guerra psicológica entre o Governo e os cidadãos, mas boato tão idiota é a primeira vez.

E a entrevista terminou. Seria transmitida em directo no dia seguinte, porque espaço, tempo e verdade é tudo relativo.

RAPSÓDIA XVIII

Na noite seguinte, Ulisses deu o segundo recital na Sala Franz Hals.

Não seguiu uma ordem cronológica – começou pela “Gymnopédie nº.1” de Satie e seguiu para a “Suite Bergamasque” de Debussy. Toda a segunda parte do recital foi consagrada à versão integral das “Variações Goldberg” de Bach.

Mais um sucesso estrondoso. O público aplaudiu de pé, gritando “Bravo!”, com entoação francesa.

E pronto. A opinião unânime do dono do Hotel, que tinha um pensamento tão poderoso que valia por dez cabeças, foi a de que Ulisses pagara a totalidade da dívida e com juro, pelo que o vício que o jovem manifestara de pagar as suas contas estava plenamente e mais que do que plenamente satisfeito.

- Pagar as suas próprias contas, onde é que isto já se viu?! Se eu alguma vez tivesse pago alguma conta, não seria a pessoa que sou hoje – afirmou o Presidente do Conselho Generalíssimo, enquanto a esteticista lhe avivava o brilho das escamas, mandadas refazer em ouro de 21 quilates e mais um nadinha de nada. Por nenhuma razão em especial, apenas para ter sinais exteriores de riqueza.

A *Sirius* chegou no dia seguinte. A nave ainda tinha os depósitos de energia quase cheios e tinha autonomia para fazer duas viagens de ida e volta entre a Nova Arganilense e a entrada no túnel para Arethusa. Mas era altura de fazer a revisão trimestral, sendo efectuada de quatro em quatro anos a revisão geral, aquela que obrigava à desmontagem de toda a nave.

Ulisses apressou-se a conhecer o primo e teve a surpresa de encontrar, pela primeira vez na vida, jogadores do Hesperion XXL, com os seus equipamentos cor de malva e tília. Fez-lhes a saudação recomendada, o dedo médio esticado, e o indicador e anelar flectidos, e eles responderam-lhe exactamente do mesmo modo. O significado, quanto a ele, já não poderia ser o desejo de que subisse de divisão, talvez fosse que tenhas uma vida longa e feliz e sempre a subir.

O Comandante não parecia feliz de o ver, como se preferisse o *Glen Etive* à presença de Ulisses.

- Penso que somos primos por parte do meu pai Apolónio. Eu sou o Ulisses.

- Ah é? Ainda bem, porque assim posso dar-lhe desde já uma informação sem ter que andar à sua procura. É que... Eu não sou o seu primo Páris. Sou Horácio, o imediato, e assumi o comando da nave porque o seu primo adoeceu de febres ternárias e teve de ser internado no Centro Hospitalar Norte do Agrupamento de Estrelas Anãs Mambo nº.5. Não é grave, e prevê-se que tenha alta dentro de duas semanas, mas os transportes é que não podem parar, senão não transportam.

Riu-se da própria graça.

- De qualquer modo, uma grande honra conhecê-lo. Em todo o Universo só se fala em Ulisses, Ulisses para aqui, Ulisses para ali, até enjoar. Mas uma pessoa como eu, de origens humildes, nunca se pode faltar de nada. É verdade que já tem pronto um projecto de Constituição para o Império?

- Não é bem verdade – confessou Ulisses. – Ainda estou a pensar, mas já tenho mais ou menos delineados os traços gerais.

- Que bom – respondeu o Comandante, sem mostrar qualquer alegria.

Agora não era Imediato, e nada o obrigava a mostrar entusiasmo. Fora educado no despotismo e na selecção oficial a completar as falhas da selecção natural. Tinha saudades desses tempos. A liberdade parecia-lhe uma ilusão e tinha argumentos a favor da tirania que escondia dos outros como um avaro esconde os seus diamantes.

O que não escondeu foi a notícia preocupante de que estavam sem médico de bordo. O que havia tinha-se jubilado e não dispunham de quem o pudesse substituir.

O Comandante parecia ansioso por que o deixassem a sós e Ulisses apressou-se a fazer-lhe a vontade.

A partida seria para dali a três dias e Ulisses aproveitou o descanso para aprofundar os seus estudos de Direito Constitucional e Direitos Fundamentais, e reler a “Crítica da Razão Prática”, de Kant.

Todas as manhãs fazia o circuito da piscina do “spa”, jorro a jorro, sentindo-se aí tão leve como depois se sentia tão pesado ao sair da água. A seguir não dispensava a massagem de Carmina, que o deixava a flutuar num mar de coisas boas, enquanto lhe fazia o relato das peripécias do seu pretendo divórcio que não passava de uma encenação do “Paradigma do Encaixe” para aumentar as audiências.

Depois estudava, almoçava, e praticava um pouco de piano porque não encontrava melhor maneira para exprimir os sentimentos desconstruídos da idade difícil que é ter quinze anos.

E voltava a estudar, fazendo um intervalo para uma hora de ginástica.

Depois de jantar, passeava pelos jardins do Hotel e quando encontrava a Nelly sentia-se como que abençoado e até parece que à noite dormia melhor.

O Comandante Horácio mostrou-se menos coriáceo na véspera da partida e convidou Ulisses a visitar a nave, na parte em que ela era visitável, ou seja, tudo menos os tanques de energia e as salas de interposição, onde só autómatos podiam penetrar.

Ao contrário da *Thomas More*, que era um dirigível de porcelana, a *Sirius* tinha o formato de um submarino talhado na madeira de uma única árvore, o que era impossível, pois Ulisses não sabia da existência de uma árvore tão alta e tão grossa, e não havia notícia de submarinos de madeira e ainda por cima com aquelas dimensões. A pintura azul celeste não disfarçava os veios, que afinal até davam à nave inter-galáctica um aspecto mais decorativo.

- A nave é mesmo de madeira?

- Só o exterior, a parte que se transforma em energia quando circula nos túneis. É feita duma árvore que só cresce na região dos Grandes Lagos do planeta Amazonas, uma árvore chamada *Maxplanckis brasiliensis L.*, a única árvore quântica do Universo, e que só pode ser talhada à força de paciência. Qualquer demonstração de porra, já chega, já estou farto desta merda, e a árvore torna-se de uma dureza a toda a prova.

O interior da nave, aquela parte que era visitável e que coincidia com a parte em que se podia lá viver, nada tinha de artesanal. Ulisses reparou no luxo sóbrio do salão, da cozinha, do refeitório, dos camarotes, e da sala das máquinas, de onde o Comandante dirigia as manobras sentado no sofá ainda com o nome “Comandante Páris” gravado no espaldar. Havia numerosos écrans e mostradores, mas tudo estava apagado, com excepção dum mostrador em que piscava uma luzinha verde, e que era sinal que estava gente dentro da nave, mas que eram pessoas de confiança.

- Que tal é o computador de bordo?

- O nosso computador é o General Belisário, a última novidade em matéria de inteligência artificial, embora ele encare a inteligência como algo de natural e tenha sempre o cuidado de não humilhar o utilizador.

Ulisses ficou à espera de ver o holograma de Belisário materializar-se e dar sinais de vida, com acontecera com a Tia Ernestina. O Comandante em funções pareceu adivinhar-lhe os pensamentos.

- Neste momento está desligado. Não queremos gastar energia antes da viagem. Sei que me chamam somítico, mas quero lá saber.

O salão tinha estantes com livros, cinema holográfico, poltronas e aparelhos de musculação. Quanto aos camarotes, eram formados por filas de beliches, separadas por chapas de vidro fosco, para garantir um mínimo de privacidade e ao mesmo tempo evitar a sensação de estar fechado num espaço estreito. A cozinha era ainda mais completa do que a da *Thomas More*, com maior variedade de pratos, incluindo novidades como farófias e salada de polvo com molho vinagrete. O refeitório tinha acomodação para 50 pessoas, pelo que dava para ter convidados ao jantar. Até havia instalações sanitárias, separadas por homens, mulheres, e pessoas com mais de três pernas ou qualquer outro tipo de singularidade, porque a emigração dos humanos ultra-ricos para zonas remotas do Universo produzira, nalguns casos, mutações como aquelas que Ulisses vira no Hotel Melhor.

Ulisses esperou pela chegada da quarta-via das suas credenciais até quase ao momento da partida, mas elas não chegaram.

Televisou a seu pai Apolónio, e ele não estranhou pela demora.

- Isto são coisas da burocracia estelar. Mas acredita, se tivesses pedido uma segunda-via, ou, pior ainda, se tivesses optado pela terceira-via, então é que poderias esperar sentado. Creio que te avisaram que o local do Congresso foi mudado, por razões de logística. Já não será em Arethusa, mas sim em Arcádia. Mesma galáxia, mas sistema solar diferente.

- Papá, mas ninguém me disse nada!...

- Sêrio?... – Apolo franziu os olhos pintados e pareceu expelir raios pela nuca. – Mau. E ainda por cima com o meu primo doente... Ulisses, está quase na hora da viagem, e só te recomendo é que estejas atento. Tens quinze anos. Adeus, meu filho. Cuida-te. Pronto nos veremos.

Televisou de seguida à sua mãe, Helena, a qual acabara de saber que Ulisses não fora informado da mudança de local do Congresso.

- Tem cuidado, Ulisses, e não te preocupes que as credenciais estarão à tua espera quando chegares a Arcádia. Mas agora, e durante toda a viagem, toma atenção a tudo. Tens quinze anos, mas não te envergonhes se tiveres de ser adulto. Adulto não é desonra para ninguém e muitos dos meus melhores amigos são adultos. Beijinhos, meu querido, não falta muito para nos vermos.

RAPSÓDIA XIX

O embarque foi rápido, no total eram 27 os passageiros que iriam seguir viagem na *Sirius* e não houve necessidade de mostrar passaportes, pois eram todos pessoas conhecidas e iam todos para o Congresso, uns como procuradores, outros como observadores, e os que não eram nem uma coisa nem outra eram jornalistas.

O Comandante reuniu-se com os passageiros no salão e deu-lhes as novidades que Ulisses acabara de saber.

- Penso que a maioria de vocês ainda não sabe, mas houve uma pequena alteração no nosso plano de voo e, em vez de irmos para Arethusa, seguiremos para o planeta Arcádia, que também fica na galáxia Mar-Um-Mar, mas no sistema da Estrela Ruiva, também chamada Madalena em linguagem arcádica. Que alterações implica no nosso plano de voo? Poucas. Em vez de seguirmos pelo túnel que nos conduziria directamente a Arethusa, obliquaremos mais para a esquerda até ao túnel que começa exactamente no Turbilhão de Coriolis e termina na Cintura de Belén, ou seja, a cintura de asteróides que envolve todo o sistema da Estrela Madalena, se quisermos falar em Arcádico. Estamos todos, creio.

Errou o olhar pelos passageiros, com os olhos meio cerrados, como se estivesse a fazer a contagem dos presos. Ninguém faltava.

O Comandante propôs uma saúde, em nome da tradição intergaláctica. Havia 27 pequenos copos na mesa do salão. O Comandante não bebia, por a tradição assim mandar – dizia ele.

Encheu os copos com licor de dólares silvestres e falou solenemente, tentando imitar o que de melhor ouvira a Churchill nos documentários sobre a pré-história:

- Isto não é o fim. O princípio do fim também não é. E se me perguntarem “É o fim do princípio?”, terei de responder frontalmente que sim, pode ser. E porquê? Porque a nossa viagem já se iniciou há cerca de 1 minuto e 23 segundos. Que os deuses me sejam propícios.

Ninguém se dera conta de qualquer tipo de movimento ou aceleração, embora a *Sirius*, depois de largar amarras e de se escapar pelo buraco aberto no céu da Nova Arganilense, tivesse acelerado para 1/10 da velocidade da luz, e isto porque aquela era uma zona de tráfego movimentado.

Ulisses estranhou que o Comandante ao apelar aos deuses, tivesse pedido que lhe fossem propícios, em vez de “que nos sejam propícios”. Era uma manifestação de egoísmo sem precedentes querer açambarcar os favores dos deuses. Talvez já tivesse nascido com a pessoa.

O Comandante demorou-se uns momentos a trocar impressões com os cinco procuradores ao Congresso, dos quais só Ulisses era plenipotenciário, uma categoria de procuradores com voto de qualidade.

- Vamos atravessar o núcleo de quatro estrelas e passaremos apenas pelo Portal da Glória. Desta vez deixaremos *Sir* Charles Portal tranquilo. Só em energia vamos ficar com os depósitos sobresselentes cheios até à borda.

- E o General Belisário? Já está ligado?

- Claro. Venham vê-lo.

Na sala dos comandos Horácio premiu um dos botões do seu sofá (a *Sirius* já não usava o sistema dos anéis de comando, que fora considerado um preciosismo, pois fazia um gasto desmesurado de pedras preciosas). Materializou-se o holograma de uma enorme cabeça, que os saudou numa mistura de línguas desconhecidas, e de vez em quando piscava-lhes o olho.

- Porque é que o General só tem cabeça? – perguntou Ulisses, que ainda tinha a Tia Ernestina na memória.

- Para demonstrar a vitória do espírito sobre a matéria. Tão simples quanto isso.

- Sempre vamos para Arethusa ou houve qualquer coisa que ainda não entendi bem? – perguntou a cabeça sem corpo numa língua que Ulisses só entendeu à força de “chiribibi”.

- O General está apenas a exhibir o seu inexcelável sentido de humor – sorriu-se o Comandante, mostrando a parte melhor da sua dentadura. - O plano de voo foi mudado, conforme ele sabe muito bem. Agora o nosso destino é a Arcádia. É só apontar ao Turbilhão de Coriolis, o que já foi feito, e depois de lá entrados é como ser conduzido num palanque por 300 escravas núbias campeãs de luta livre.

Ulisses sentiu-se dominado pela sensação de um *puzzle* em que as peças não encaixavam. Só faria sentido se tivéssemos presente que estávamos no campo em que o ser e o não ser coexistiam sem problemas de maior.

Os jornalistas tinham-se retirado para a zona do “bar”, com exceção de uma jornalista delgada e nervosa que trabalhava para a Agência *Esse*, e que ficara sentada num sofá, de pernas cruzadas, um joelho mais alto do que o outro, a ler uma revista de análise cosmo-política com as tendências para a moda Primavera / Verão do próximo ano.

Ulisses ficou a conversar com os seus camaradas procuradores, e trocaram impressões sobre o que era para eles a liberdade e de que modo a mesma poderia ficar garantida numa Constituição.

Heliogábalos provinha do sistema de Nobile e havia nele algo de aparentemente desequilibrado, pois tinha um ombro mais alto do que o outro.

- A palavra “liberdade”.... aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa... - e ficou-se pelo início.

- Não há papel nenhum que garanta a liberdade – garantiu Ulisses e outros dois concordaram com ele. – É tudo uma questão de educação para exercer plenamente a sua vontade, até aos limites ditados pelo pleno exercício da vontade por parte de todos os outros. Parece contraditório, mas não é. Ou seja, a liberdade tende para a plenitude, mas não a atinge porque é necessário contar com a liberdade dos outros.

Já tinham jantado no Hotel e Ulisses sentiu-se invadido pelo sono.

- Vou para o meu beliche. Até amanhã.

Já estava meio a dormir enquanto lavava os dentes. E ao deitar-se no beliche, perdeu definitivamente a consciência.

Mesmo sem despertar, houve um momento em que se sentiu tremer de frio, como se tivessem aberto as janelas e lá fora nevasse e o vento soprasse. Era um pesadelo frio, e voltou a mergulhar na inconsciência, sem sonhos para recordar.

Quando despertou já tinham decorrido mais de 10 horas, e deveriam estar a uma distância enorme da Nova Arganilense.

Levantou-se e desceu cautelosamente os degraus do beliche para não despertar os que ainda dormiam, e que aparentemente eram todos os outros. As luzes dos corredores estavam reduzidas ao mínimo para distinguir um ser humano de um pastor alemão. A temperatura baixara. O duche não funcionava. Vestiu roupa quente e foi à cozinha. Reinava a mesma penumbra e teve dificuldade em encontrar a tecla do seu pequeno almoço preferido – torradas e chocolate quente. As torradas vinham carvão e o chocolate não passava de água que parecia ter sobrado da última lavagem da louça. Por sorte, não tinha apetite.

Procurou o comandante na sala dos comandos, a mais própria para encontrar quem comanda, mas só lá encontrou a mesma semiobscuridade e o pensamento incómodo “Será que já fomos ou vamos ser engolidos pelo Reino das Trevas?” O sofá da autoridade estava vazio. Procurou noutras salas igualmente óbvias e nem vestígios do Comandante Horácio.

Sentou-se no sofá dos comandos e tocou no botão em que o Comandante tocara na noite anterior. Materializou-se a cabeça do General Belisário, mas sem capacete e com barras negras a cortar-lhe partes do crânio e do rosto, como se o herói bizantino fosse agora alvo de censura por parte da Imperatriz Teodora, que não admitia brincadeiras desde que se casara com Justiniano.

- Bom dia, General.

- E tu quem és, ó amostra?

- Sou Ulisses, filho de Helena e de Apolónio, também conhecido por Apolo.

- Tu, conhecido por Apolo? Não me lixes.

- Não, o meu pai é que é conhecido por Apolo.

- E o que é que eu tenho a ver com isso? Deixa-me em paz e vai dormir que deves ter falta e eu também tenho direito.

A gigantesca cabeça, mesmo incompleta era gigantesca, desvaneceu-se de todo. Aqui há coisa, no género avaria ou partida de mau gosto. O que fazer?

Primeiro – tentar encontrar o Comandante;

Segundo – se o não encontrar, descobrir o que é se passa;

Terceiro – acordar toda a gente.

Não, o terceiro passa a segundo. Se não encontrar o Comandante, acordo toda a gente.

Foi à sua mochila buscar uma lanterna e com ela acesa correu todas as divisões, vasculhou todos os recantos, abriu todos os armários e pareceu-lhe ver uma mulher minúscula, do tamanho de uma boneca, sentada, segurando com as mãos as pernas flectidas. Vestia de vermelho e não lhe era desconhecida. Mas ele nunca brincara com bonecas.

- Um holograma recreativo. Para crianças. Não pode ser outra coisa. Mas tem graça, é tão parecida com...

Espreitou para debaixo das mesas e cadeiras. O Comandante não estava em parte nenhuma e não era lógico que se tivesse ido desfazer a si próprio nos reservatórios de energia.

Correu até à zona dos beliches e, batendo as palmas, gritou como se fosse Hardy Kruger a imitar um general prussiano:

- Todos de pé! Imediatamente! Todos de pé! Estão-se a passar coisas graves! Grrrraves!!! De pé!

Que escândalo é esse, que nem deixam uma pessoa dormir? Mas sem esconder a contrariedade, os passageiros foram-se levantando.

- Que é que se passa? E porque é que estamos quase às escuras? E porque é que está frio? – perguntou uma jornalista, enquanto procurava o cartão do seu Sindicato, que funcionava como uma espécie de talismã.

- Passa-se que o Comandante desapareceu, os sistemas da nave estão a funcionar mal e o computador de bordo parece ter enlouquecido. Em suma, até descobrirmos o que se passou, estamos simplesmente à deriva. Somos o que se chama uma comunidade em perigo. Alguém quer assumir provisoriamente o comando?

Os outros viraram-se para Ulisses, em silêncio, ignorando a pergunta, como se nada daquilo lhes dissesse respeito, nem sequer a própria sobrevivência. A exceção foi Constance au Paradis, a jornalista nervosa, que olhou para todos à espera de quem fosse ou fizesse notícia. Depois, foi ela quem tomou a iniciativa de quebrar o silêncio que se instalara. Não tolerava hesitações. Não estavam no seu feitio.

- Penso que a pessoa mais capaz de assumir o comando provisório é o Ulisses. Como já sabemos, tem origem divina. E além disso tem uma grande preparação científica e filosófica – Volume XXVI, páginas 327 a 342 do *Who's Who In The Stars*. Por isso a minha sugestão é que Ulisses seja eleito Comandante desta nave. Quem tiver outra ideia melhor deve lançá-la agora, que é agora que faz falta. Não? Nada? Ninguém? Então, quem estiver de acordo com Ulisses no comando, pode, digamos assim, pôr o braço no ar? É outra sugestão.

Levantaram-se 26 braços, Ulisses não votava em causa própria, e a questão do comando ficou resolvida.

- E agora? O que é que fazemos?

- Parece que a primeira coisa a fazer é reparar o computador – afirmou Ulisses. – Há aqui alguém com conhecimentos de Informática Quântica?

Os passageiros entreolharam-se, como se alguém tivesse perguntado “Está aqui algum médico?”

- De informática, penso que todos temos as luzes suficientes para lidar com os nossos computadores. Agora o General Belisário, o último grito em inteligência artificial...

- Eu inclinava-me mais para o último suspiro em vez do último grito. Mas não há problema. Se souberem manejar uma chave de parafusos já

podem dar uma grande ajuda. Arranjem lanternas. Vamos precisar de mais luz.

Ulisses subiu até ao seu beliche e sacou do interior da mochila o vaso assírio que Marcos Urias lhe trouxera, e que estava agora embrulhado como se fosse uma prenda de Natal. Desembrulhou a prenda e levou-a até ao sofá de comando. Depois, foi como se o vaso puxasse a mão que o segurava e o encaminhasse até um corredor onde pregada na parede estava uma tampa alaranjada, com uma caveira e duas tíbias cruzadas.

- É estranho. Os piratas modernos não costumam deixar a sua assinatura no local do crime.

Por baixo das tíbias, as palavras latinas equivalentes a “Perigo. Não tocar a não ser com luvas de pelica”.

- Não se preocupem com as luvas de pelica. De borracha servem muito bem.

Ulisses deu o exemplo e, depois de calçar as luvas próprias para cirurgiões ou donas de casa,

“Olha, afinal foi para isto que meu pai Apolónio me preparou ao longo de todos estes anos, que são quinze”.

Desaparafusou os seis parafusos que fechavam a tampa, e a cada parafuso que caía ao chão, ouvia-se como que o guincho de um porco que finalmente se tivesse apercebido de que o sentido da vida era o talho.

Caído o último parafuso, ficou à mostra um amontoado de fios e de válvulas. Um sinal de ultra-modernidade, pois as válvulas tinham acabado por suplantam os transístores. Outro sinal - havia resistências, as quais tinham sido banidas durante a Ditadura Imperial. Vários fios de várias cores tinham sido cortados artesanalmente com um alicate, pois não havia vestígios de queimado. Faltava mais qualquer coisa e Ulisses recordou os jogos de computador que jogava com seu pai Apolónio, ou Apolo para encurtar mitologias. Era isso, e disse-o em voz alta.

- Tiraram daqui um alternador obstativo de 301 nano-ciclos. Talvez consiga o mesmo efeito com um obstador alternativo de 280 nano-ciclos, o General não fica tão super-inteligente, mas fica inteligente que chegue, ao nível da Tia Ernestina, mais uma velha coscuvilha e 116 treinadores de futebol para arredondar.

- E tens esse obstador alternativo?

- Não, mas posso fazer um em coisa de duas horas. Entretanto, alguém pode soldar os fios que foram cortados?

Um dos procuradores encontrou um ferro de soldar a laser que, por sorte, tinha a bateria carregada e começou a soldar os fios enquanto Ulisses se isolava a um canto do refeitório, trabalhando com uma lente presa ao olho direito. Sempre que necessitava de algo metia a mão na mochila e retirava de lá a peça que fazia falta. O resultado foi um minúsculo cilindro esverdeado, do qual saíam cinco picos metálicos que encaixaram no espaço em que estivera a peça que fora retirada.

Estando todos os fios já soldados, Ulisses voltou a aparafusar a tampa.

As luzes aumentaram de intensidade e a temperatura foi evoluindo de um Inverno inesperado para um normal mês de Abril em Portugal. Ulisses levantou-se e pareceu satisfeito.

- O General Belisário só deve voltar ao normal daqui a meia-hora, que é o tempo que lhe levará para fazer um exame de consciência.

- Mas onde estamos? – perguntou Malvestiti.

- Vou calcular as coordenadas do lugar e pôr a nave em comando manual.

Voltaram à sala dos comandos e Ulisses sentou-se no sofá que trazia estampado no espaldar “Comandante Páris”. Tocou num botão vermelho e surgiu um écran de vidro, com a imagem de corpos luminosos a fugir à desfilada.

- Deus queira que não vamos em excesso de velocidade. Não quero arriscar uma multa.

Ulisses apontou o dedo ao écran e escreveu em grego clássico a pedir as coordenadas do lugar. Empalideceu com a resposta, mas não hesitou em ordenar por escrito, bastava apontar o dedo, não havia necessidade de tocar em teclas – Ordeno-lhe que principie de imediato a alteração da rota, descrevendo uma curva que gaste o menos possível de energia, e aponte para as coordenadas do Turbilhão de Coriolis, que são justamente “332.5.72.COR.55.NANA.2.28.3D.75.13.229”. É para Arcádia que vamos.

Ulisses tinha à mão a Tabela de Cagliostro, e podia dispensar o último grito da inteligência artificial, pelo menos nestas questões mais simples. Suspirou e depois arrependeu-se de ter suspirado. Não queria assustar os seus companheiros de viagem.

- É assim. Estávamos na direcção de um buraco negro muito especial, chamado “Lasciate ogni speranza”, ou seja, íamos direitinhos para o abismo. Felizmente estamos agora a dar uma volta até ficarmos na direcção do Turbilhão de Coriolis. Quando o General estiver em condições

pergunto-lhe que tal estamos de reservas de energia. Mas é só para nos certificarmos, porque penso que...

Ulisses não tinha a certeza, mas não queria assustar ninguém com a dúvida “E se não forem suficientes?”

O observador Astrolábio informou que faltava um módulo de salvamento e que não sabia se havia mais.

- Não farão falta – sossegou Ulisses. – Não conheço nenhum caso em que alguém se tenha salvo num módulo de salvamento. Se a nave explode, isto é um supor, o módulo explode também. Não há motivo para preocupações.

Heliogábalou pôs a mão no ombro de Ulisses.

- Não estamos preocupados.

Já passara a meia-hora concedida para o exame da consciência quântica do computador. Ulisses tocou no botão respectivo.

Materializou-se a figura do General Belisário, agora já não era só cabeça e vinha de armadura bizantina e sandálias *made in China*, que ao que parecia era o único efeito dos nano-ciclos em falta. Parecia menos impressionante, agora que já não era só cabeça, mas inspirava mais confiança.

Levou a mão ao peito e falou para Ulisses.

- Peço desculpa pelo meu comportamento incorrecto de há bocado, mas há já cerca de 47h 12m 29s que não me ando a sentir nada bem, com umas dores de cabeça que só uma pessoa com cabeça é que pode avaliar. Que posso fazer para que me perdoe e não me mande para a sucata, como é aliás seu direito?

- Não há nada a perdoar, meu General. Ninguém está livre de uma avaria e lamento informá-lo de que foi objecto de sabotagem.

O General confirmou com a cabeça, envergonhado por se ter deixado sabotar.

- Precisamos de esclarecimentos. Em primeiro lugar, onde está o Comandante Horácio?

- O Sr. Comandante, depois de, no período que se iniciou há cerca de 47h 13m 05s me ter afagado as válvulas, retirado o alternador obstativo e cortado os fios condutores do meu pensamento, posicionou a nave para cair num buraco negro, entrou no módulo de salvamento e abandonou a nave, depois de ter emitido um pedido de socorro por correio normal, que levará

semanas a chegar a qualquer lado. Antes, porém, alijou vários pacotes de energia.

- É medonho como pode um Comandante descer tão baixo. Abandonar o navio à sua sorte é grave. Preparar a morte dos seus passageiros mais grave ainda. É caso para os Tribunais. Mais perguntas – as nossas reservas de energia são suficientes para atingir o Turbilhão de Coriolis?

- A resposta é: Não. Nem sequer dão para meio caminho. Desculpe.

- Quantos módulos de salvamento tem a *Sirius*?

- Apenas um. Aquele que o ex-Comandante Horácio levou.

- Isso quer dizer que... - e Ulisses olhou o rosto dos seus companheiros, à procura de sinais de pânico.

- Deus nos acuda – afirmou o General Belisário, como se a Imperatriz Teodora estivesse ali a dez passos a ouvir a conversa.

Ulisses consultou a Tabela de Cagliostro, que normalmente guardava no bolso traseiro das calças, razão pela qual o documento em causa tinha simultaneamente o aspecto de engomado e de enrolado.

- Diga-me, General, concorda comigo que poderemos tentar alcançar o planeta Devihaver e aí pedir ajuda?

O General foi rápido na resposta, como se os 280 nano-ciclos estivessem agora a fazer todo o efeito.

- Podemos. O planeta Devihaver está fora da Confederação das 27 galáxias. É um planeta isolado e tem uma estrela privativa. Já há muito que deixaram de praticar a antropofagia. Agora dedicam-se ao capitalismo puro e duro. Empréstimos a juros exorbitantes, cobranças difíceis, gestão e administração de participações sociais, esse género de coisas. Se prestarem qualquer tipo de ajuda será sempre a troco de qualquer coisa mais valiosa.

- Temos alternativa, Sr.General?

- Não temos, Comandante.

Ulisses sentou-se no sofá do comandante, porque também ele vira muito cinema e sabia que, para tomar decisões correctas, há que estar sentado o mais comodamente possível.

- Então, altere as coordenadas que dei há pouco, e que eram as de Arcádia, via Turbilhão de Coriolis. Vamos para Devihaver.

Levantou-se e dirigiu-se aos companheiros. Malvestiti parecia o mais assustado de todos. Ulisses recordou as lições do seu instrutor de mergulho,

e foi o mais carinhoso que era possível, e que era a maneira de lidar com pessoas assustadiças.

- Vamos, calma, não é nada de cuidado. Temos energia suficiente para alcançar o planeta Devihaver. Eles já não são antropófagos e vão-nos ajudar. É um instante e já estaremos em Arcádia. Vai ver.

Se se tratasse de uma pessoa com a mania que era máscula, a receita era outra:

- Olá, mas que é isso? Com medinho, hem?

Fez o ponto da situação:

- O Senhor General Belisário está neste momento a traçar a rota para o planeta Devihaver, como já ouviram. Temos reservas suficientes. Em suma, a situação não é de modo nenhum preocupante. É apenas uma mudança de planos. Uma mudança temporária. E escuso de lhes chamar a atenção para que estamos nas mãos super-competentes do Senhor General Belisário, que salvou o Império Bizantino de uma situação desesperada.

O General inclinou-se e agradeceu, levando a mão ao coração, com a sua cortesia mais bizantina.

- Entretanto – e agora Ulisses dirigia-se ao computador de bordo -, se ainda sentir alguma indisposição, diga-me, que eu posso fazer a navegação manual. O meu pai preparou-me. E ele é o melhor professor do mundo.

- Eu também era capaz de adorar Apolo, mas já vê, na minha situação tenho de ser muito ortodoxo.

- Pois sim, naturalmente. Quero também que mande um relatório ao Secretariado Permanente do Congresso Imperial – Planeta Arethusa -, a seguir por correio quântico, com a gravação de todos os sons e imagens dos factos ocorridos desde o começo da sabotagem até ao momento em que o módulo abandonou a nave. Melhor – até ao momento presente.

- O Secretariado foi mudado para Arcádia.

- Então mande o relatório para Arcádia. Imediatamente.

O General respondeu afirmativamente com a cabeça.

- O relatório acabou agora mesmo de seguir... Ah, havia só mais uma coisa que lhe queria dizer.

- Diga, General.

- Temos um passageiro clandestino a bordo. Dirige-se agora para a sala.

RAPSÓDIA XX

O passageiro, que afinal era uma passageira, tinha estado escondido num dos armários em que se guardavam os uniformes de gala, e fora ela que Ulisses de facto vira e pensara que fosse o holograma de uma boneca ou mesmo uma boneca propriamente dita. E na verdade já a conhecia – era a Liddida, a mulher sem história que tirara o cartão III para dançar com ele no Hotel Melhor.

- Mas eu via-a no armário, tão pequenina, e agora está... está normal, com um tamanho normal, o tamanho que tinha quando dançámos.

A Liddida sorriu:

- Eu sou uma mulher elástica. Talvez a palavra mais correcta seja “extensível” e também “contráctil”. No limite, posso transformar-me numa mulher de bolso mas de um bolso muito pequenino, próprio para guardar formigas. Ou então no colosso de Rodes, em versão feminina.

- Incrível.

- Foi por isso que consegui entrar na nave sem dar nas vistas. E é verdade, reconheço - sou clandestina, ilegal, e os papéis que tenho é só o de Cordélia numa super-produção estelar que vai descer ao anfiteatro no próximo ano.

- Não se preocupe – sossegou Ulisses, embora a Liddida não estivesse preocupada. – Houve uma pessoa que abandonou a nave, de uma forma muito estúpida aliás, e, portanto, temos uma vaga.

- Eu sei – sorriu a Liddida. – Assisti a tudo, e se eu não estivesse aqui já não havia ninguém vivo a bordo da *Sirius*. Eu conto, mas primeiro dêem-me de comer. Tenho fome.

Ulisses levou-a às cavalitas até ao refeitório. Não queria que a Liddida se cansasse, e as obrigações de um comandante decalcam-se pelas regras da cavalaria.

Os observadores ficaram imóveis a observar. Constance au Paradis sentou-se ao lado da clandestina, para guardar todo o acontecimento na memória. Os outros jornalistas sentaram-se, sacaram dos seus gravadores de pensamentos e tiraram fotografias. Liddida era a última notícia e até prometera novidades para depois do almoço. Os procuradores punham a mesa, colocavam os talheres e verificavam os copos contra a luz para detectar sujidade.

O jovem comandante de 15 anos enfrentou as máquinas cozinheiras automáticas e foi gritando para a clandestina o nome de todos os pratos do

dia. Ela escolheu lombos de bacalhau dos Mares Cor de Vinho, fritos com cebola, batata e couves de Andrómeda, e muito pão para ensopar no azeite.

- A fome – desculpou-se ela, como se fosse pecado.

E bebeu meia ânfora, das pequenas, de vinho de Quios, para molhar o interior. Sendo elástica, não podia correr o risco de secar e tornar-se quebradiça.

As máquinas já funcionavam na sua potência máxima. Tanto que até foi possível obter um arroz doce com canela que ninguém distinguiria do arroz doce da avó, tão perfeito ele estava.

Acabado o almoço, e a Liddida era a única que tinha fome àquela hora, chegou o momento das explicações.

- Ulisses, foi a tua mãe que me pediu que te guiasse e protegesse, porque ela está bem ciente dos perigos e das armadilhas que a *al-Oil* te estendeu para que não vás ao Congresso. Vou começar por uma declaração e depois estou pronta para as perguntas, uma por cada órgão de comunicação social.

A declaração:

Como já referi, o meu papel, para além do de Cordélia, é o de mentora e guarda-costas do jovem Ulisses, que ainda não tem idade para andar dez anos a flunar por tudo o que é ilha antes de regressar a casa. Embora tenha idade para comandar uma nave, mas isso porque foi preparado para tal desde menino.

O sinal de alarme foi a súbita doença do Comandante Páris, depois de ter comido o pomo da discórdia, convencido de que era uma vulgar maçã de Alcobaça. O imediato Horácio chegou a imediato através de conhecimentos feitos ainda no tempo da Ditadura, mas é conhecido por facilmente influenciável e pouco trabalhador. Enfim, ali havia conspiração e da grande, e Helena disse-me – Vai, Liddida, e cuida do meu menino, que é já um homem mas para mim é como se tivesse nascido ontem.

Assim, reduzi-me à minha maior insignificância e entrei na nave, entalada entre duas toalhas de rosto. Escondi-me e tornei-me indetectável ao mais bisbilhoteiro dos sensores de movimento. Agora o sensor de movimentos era eu. Via tudo, ouvia tudo. O imediato, depois comandante, agora criminoso de guerra, começou a afagar as válvulas do General Belisário há coisa de mais ou menos 49h 31m 15s. Ora sabe-se o que acontece a um computador quando lhe fazem festas nas válvulas – descontrola-se todo e gasta muita energia para recuperar o bom-senso perdido. Daí os primeiros curto-circuitos. Depois, cortou o primeiro fio. Aí

o computador sentiu as primeiras tonturas. Vi também o indigno Horácio colocar no licor de dólares silvestres uma molécula tão complexa e tão monótona que causava o sono eterno. Graças a Deus, ainda fui a tempo de neutralizar parcialmente essa molécula arrancando-lhe os átomos de carbono, hidrogénio e azoto que pude. Coisas da Química. O certo é que ao fim de um sono profundo de horas a pessoa regressava à vida. Como regressaram, o que se pode ver pela fotografia anexa.

Depois de estarem todos a dormir, o ex-Comandante foi-se ao General, cortou-lhe mais fios e retirou-lhe um alternador obstativo, o que o deixou apenas com a inteligência de 1/36 de um carimbo automático. Mais grave ainda – antes de expedir o pedido de socorro por correio normal e embarcar no módulo, o indivíduo expulsou pacotes de energia pelo buraco do porão e desligou as máquinas que aqueciam a nave e que lhe garantiam o fornecimento contínuo de ar respirável. Era o morticínio. Assim que o bandido abandonou a nave que condenara à morte, restabeleci como pude o aquecimento e voltei a ligar a ventilação. Salvei-os e não quero agradecimentos. Só fiz o que me pediu a minha amiga Helena.

Era tudo o que tinha a declarar e estou agora pronta para as perguntas dos senhores jornalistas.

As perguntas choveram.

Se já havia provas de uma transferência bancária de uma conta que a *al-Oil* tinha aberta no *Banco Mecenaz* para uma conta em nome de Horácio, aberta numa agência do *Banco Pai & Filho*. Não posso responder a essa pergunta, as investigações começaram agora e estão em segredo de sumário.

Se era verdade que Helena lhe pedira que iniciasse Ulisses nas artes do amor. É um assunto que respeita só ao Ulisses e a mim própria, e é falso que Helena me tenha pedido qualquer coisa nesse sentido. E deixe-me que lhe diga que acho a sua pergunta extremamente preconceituosa – lá por eu ser, digamos, elástica, não quer dizer que seja badalhoca.

Se estava pronta a testemunhar contra Horácio no Supremo Tribunal Imperial. Homem, claro, eu vi tudo e há crimes que não se podem deixar impunes.

E a Liddida pôs termo à conferência de imprensa, que estava na hora da sua sesta, e se não lhe arranjassem um bom beliche, ela contentava-se com qualquer guarda-jóias.

A salvadora foi encaminhada para um dos beliches que era dos mais sossegados e mais recatados, e foi deixada em tamanho natural para repousar depois de tantos trabalhos.

Ulisses comeu três rissóis de camarão e bebeu um sumo de laranja. Era o comandante em exercício e só tinha tempo para refeições rápidas. Na verdade o que lhe tinha tirado o apetite devorador de todos os dias tinha sido a molécula monótona, mais o facto de ter estado à beira da morte, mais o peso das responsabilidades que tinham caído nos seus ombros desprevenidos.

Sentou-se no sofá do comando.

Na sala, e para além dele, estavam três procuradores e dois observadores que também queriam ser úteis. Numa comunidade em perigo todos têm o seu papel – e o de Cordélia já estava atribuído.

Mas o General Belisário voltara a ser o herói de Bizâncio em toda a sua plenitude e não havia necessidade, pelo menos por agora, de navegadores ou penduras. Pôs Ulisses a par da situação presente e fez previsões para o futuro.

- Já descrevemos a curva de rectificação da rota e conforme ordenado pelo Meritíssimo Comandante, estamos agora a seguir para Devihaver. Devemos atingir a sua órbita dentro de 18h 31m 05s, que é como quem diz amanhã de manhã cedo.

Notas finais:

Antes do jantar transmitiremos música de dança para abrir o apetite.

Prevê-se que Nelly Fernandez regresse à *Television de Galicia* com o programa “Quanta à noite”.

Também se prevê a explosão de uma super-nova na galáxia de Arminius, mas só daqui a mil e duzentos anos e numa zona muito pouco frequentada, pelo que os danos serão mínimos.

E finalizo a sugerir que seja atribuído à Liddida o Grande Colar de Brilhantes de Cavaleira da Ordem da Liga Atrevida, em reconhecimento dos serviços prestados, pois salvou 27 pessoas da morte certa, e 28 se contarmos com ela própria. O Comandante da nave pode atribuir a condecoração, pois tem poderes para tanto, e o Colar em causa está guardado na terceira gaveta, a contar de cima, da estante colocada junto da porta da sala recreativa.

RAPSÓDIA XXI

Ulisses prometera a si próprio não dormir até que a nave orbitasse Devihaver e conseguisse comprar a energia em falta. Não dormir, nem distrair-se a olhar por tempo superior a 5 minutos para a Liddida, que era

de facto uma mulher muito bela. Estranho só agora reparar nesse facto. Mas tinha de limitar-se a ser um prazer para os olhos por tempo limitado, porque um Comandante é como um filho único com uma nave para cuidar. Guardaria a cerimónia da condecoração para quando já estivessem no túnel, pois fazia parte da cerimónia um apertado abraço. Se não fazia passava a fazer – e bem apertado. E um apertado abraço a uma mulher que à primeira impressão não tinha história, e depois acabamos por lhe dever a vida, e ainda por cima ela veste de vermelho, é um abraço que pode ter consequências.

Estava Ulisses sentado no sofá de comando, a pensar “faltam 14h mais qualquer coisa e já estaremos em Devihaver, se Deus quiser fora de perigo” quando sentiu algo em cima da orelha direita. Agarrou esse algo e viu que tinha a Liddida presa na sua mão, a rir-se como uma perdida.

- Eu bem notei que estavas com a pulga atrás da orelha. Mas agora pousa-me no chão, se fazes favor.

A Liddida retomou as suas dimensões normais de todos os dias e informou que além de ter o papel de Cordélia na próxima super-produção estelar, era também licenciada em Medicina, especializada em todo o género de corpos.

- Mas isso é uma maravilha, Liddida. Assim já temos médico de bordo para qualquer eventualidade. Passas de passageira clandestina a membro do pessoal de bordo, que agora somos só tu e eu.

O General Belisário tossiu.

- Tu, eu e o Sr.General Belisário. Só nós três.

O General apareceu em toda a sua plenitude e agora segurava uma lança e tinha um ar preocupado, como se andassem cruzados por ali a rondar.

- Não, por quem são. Eu não sou susceptível e sei perfeitamente que não passo de uma máquina aperfeiçoada. Se tossi foi para avisar de uma coisa que não me agrada. Chegou-me agora a comunicação de que vem uma encomenda a caminho. Ora, segundo o Ritual de Registos e Recepções, o RRR, o facto de recusar uma encomenda equivale a uma ofensa de 19,9 na escala de Paula Bobone, o mesmo que 712 bofetadas na cara, intervaladas por duas escarretas a cada 27 bofetadas. Têm começado guerras por coisas muito menos graves. No tempo em que havia guerras. Ou seja, temos que aceitar a encomenda, quer queiramos quer não. O problema é que para a encomenda se materializar há que diminuir a velocidade, o que representa um gasto suplementar de energia. Só para

diminuir a velocidade ao nível estritamente necessário gastaremos um disparate de energia. E para acelerar, outro igual.

Ulisses suspirou:

- E depois disso, ainda teremos energia suficiente para alcançar Devihaver?

O General semicerrou os olhos e fez cálculos a uma velocidade estonteante.

- Quase de certeza que não. Mas se tivermos, do que duvido muito, é mesmo à justa para ficarmos a meio caminho.

- Mas então, se explicarmos que estamos numa situação de emergência e que a travagem pode significar o ficarmos à deriva no espaço, por certo compreenderão.

- Compreenderão que é uma desculpa como outra qualquer e não lhe darão o mínimo crédito. Uma nave estar nos limites da energia fora de um túnel espacio-temporal é coisa que nunca se viu. Presume-se que a irresponsabilidade é coisa do passado.

- Não há alternativa, General?

- Não há mesmo nenhuma, Comandante.

- Então faça o que tem a fazer, e tente gastar o menos energia possível. E trace um plano para obtermos energia suplementar.

- À primeira vista, não me parece nada fácil. E à segunda parece-me impossível de todo. Mas de todo o modo pensarei em alternativas. Sempre sou um super-computador.

A nave começou a travar de uma maneira gradual, até atingir um quarto da velocidade da luz, que era a velocidade indispensável para poder ser atingida por uma encomenda postal.

Acenderam-se luzes verdes e vermelhas e o cilindro transparente, feito em forma de marco do correio, iluminou-se com uma luz violeta. Ao apagar-se a luz, viu-se uma caixa de cartão castanho, segura por agramos e fita isoladora.

- O que será?

- Bomba? – aventou Heliogábalos.

O General sossegou-o.

- Não. Bomba não é.

- Sinal de vida inteligente? – e era Constance au Paradis quem perguntava.

- Talvez uma oferta de energia, quem sabe... – aventou Ulisses, envergonhado por ter de assumir o papel de optimista sem causa.

O computador tossiu, embaraçado, sem saber a resposta. O marco de correio transparente subiu e a encomenda ficou ao alcance de todos. Ulisses, que era o comandante, munuiu-se de um canivete universal, cortou a fita isolante e abriu a caixa que viera num tempo, num lugar e por um modo tão indesejado. O que quer que fosse estava resguardado por fitas de plástico brancas. Sondadas as fitas, havia uma caixa de esferovite, que Ulisses retirou, ansioso.

A caixa não tinha partes móveis e parecia feita de um único bloco. Como abri-la para retirar o que estava lá dentro? Ulisses fez incisões na caixa até praticar uma abertura. Sondou com os dedos o que parecia um caderno de papel com poucas páginas a envolver uma caixa de cartão.

O caderno era apenas publicidade. Os Grandes Armazéns de Arethusa iniciavam agora a época de saldos e os preços dos bens de primeira necessidade como os filetes de foca e os hipnotelevisores (última oportunidade antes de o seu comércio ser proibido, tanto dos hipnotelevisores como das focas) era mil vezes inferior ao que fora praticado no Verão passado em Marienbad, planeta esse em que o luxo se reflectia nos preços, como aliás era de esperar. A caixa de cartão vinha com o telemóvel da Professora de Inglês, com uma etiqueta colada com fita gomada “Roubado à Dr^a.Ilda por Ulisses em plena aula”.

- É mentira – ruborizou-se o herói.

Constance aproximou-se dele e repôs a verdade em menos de meio minuto. Era jornalista e a verdade era o seu modo de vida.

- Já todos sabemos que é mentira. Veio noticiado em todas as cadeias de televisão hologramática e o rosto do culpado foi utilizado durante duas semanas para lançamento do dardo nos “bares” de 25 galáxias.

- Então, e foi por causa disto que puseram a nossa sobrevivência em risco? Quem foi que mandou a encomenda?

O General Belisário encolheu os ombros, fazendo ranger as escamas de ferro da armadura.

- Que foi um tal Horripilis da Rocha, gerente de uma cadeia de centros comerciais. É falso. Isto parece mais uma manobra para nos impedir de chegar a porto de salvamento. Já se aperceberam de que o golpe do ex-Comandante Horácio falhou e que estamos vivos. Estão a tentar tudo

por tudo. Mas nós também estamos a dar tudo por tudo. Já acelerámos. Só que os níveis de energia actuais estão na zona entre o “Ai, ai, ai” e o “Valha-me Deus”. Entretanto, vem uma nova encomenda a caminho.

- E não a podemos recusar?

- Evidentemente que não. Seria um rude golpe no manual de etiqueta e boas maneiras e um atentado ao RRR.

- Senhor General, faça de conta de que não chegou mensagem nenhuma. Simule uma avaria, interferências, o que quiser. Assumo a responsabilidade. Neste caso, as boas maneiras seriam a nossa perdição.

O General Belisário não respondeu, porque estava ocupado a produzir ruídos estranhos e a pensar no destino dos computadores das naves perdidas. Não era brilhante. A sucata era uma espécie de asilo temporário, antes da reciclagem que poderia transformar o que era o mais avançado dos computadores quânticos em 15.000 ferros de engomar, 4.271 telemóveis e duas frigideiras anti-aderentes para acertar a conta.

Ulisses só tinha uma preocupação. Que ninguém se apercebesse de que estava preocupado. A Liddida pressionou-lhe a mão e recordou que a divisa do pára-quedista que está a cair em espiral é “em primeiro lugar, manter a calma” e depois encostar os joelhos ao peito e pôr-se numa posição que lhe permita abrir o pára-quedas.

- Eu sou médica – recordou ela.

O General Belisário interveio, com as más notícias que não lhe davam sequer margem para começar por “Tenho duas notícias, uma boa, outra má. Por onde querem começar?”

- As nossas reservas de energia não chegam para alcançar Devihaver, mesmo recusando todas as encomendas novas.

A Liddida reduziu-se ainda mais e pousou familiarmente no interior da orelha de Ulisses e disse-lhe algumas verdades. O rosto do jovem Comandante acenou afirmativamente.

- Qual a nave mais perto de nós, Sr.General Belisário?

- Somos seguidos pela nave *Efialta*.

- Mais alguma?

- Há mais uma ou duas, mas seguem noutras direcções. Se nos recolhessem como náufragos, o que, por um lado, duvido, e, por outro, é inviável porque já nem podemos mandar mensagens, ainda iria demorar muito até que chegássemos a Arcádia a tempo do Congresso.

- Como é a nave *Efialta*, em matéria de inteligência?

- Em termos simples, as pessoas, o que se chama pessoas, são burras. A inteligência artificial está a cargo do super-computador Unamuno. O Comandante chama-se Quisling, o Imediato é Laval, e todos são colaboracionistas, como não podia deixar de ser. Os passageiros têm caspa oleosa e cheiram mal da boca.

- Que possibilidades haveria de estabelecer um acordo com Unamuno sem que mais ninguém se apercebesse?

- A nível quântico tudo é possível. Enquanto a tripulação e os passageiros vivem uma determinada realidade, pode estar a desenvolver-se outra realidade bem diferente mesmo nas suas barbas.

Ulisses fez mais uma pergunta ao General e a resposta deixou-o satisfeito.

Tomou decisões rápidas. Precisavam de energia. Não iriam pedir a ajuda de uma nave tão mal afamada como a *Efialta*. Então iriam desfazer-se de tudo o que não fizesse falta e remetê-lo para os tanques de energia.

- Tragam para a sala Armamar tudo o que não faça falta até chegarmos à Arcádia.

Em vez de fazer um inventário, todos fizeram buscas e trouxeram coisas para o monte que iria ser devorado pela energia. Se tivessem feito o inventário, teriam perdido minutos preciosos, mas o resultado teria sido:

- fronhas das almofadas;

- toalhas de mesa;

- cafeteiras e saleiros;

- perfumes;

- os bâtons que a Liddida podia dispensar;

- dois pares de sapatos de Nelly, com tacão em forma de agulha, que se ignorava como é que tinham entrado na nave, e a única explicação era o furto por um admirador que quisesse ficar com uma relíquia da belíssima Galega. Ulisses nunca faria uma coisa dessas. Era um herói e o único fetiche dos heróis é a Glória;

- uma coleção de discos em vinilo de Rafael e Marco Paulo;

- as obras completas de Sócrates, acompanhadas das respectivas maquetes;

- a série completa dos “Sopranos”, a série completa dos “Tenores” e parte dos “Contraltos”;

- um jarão da China da dinastia Ping e uma rã em porcelana da dinastia Pong;

- fatos de treino;

- alcatifas;

- o telemóvel da Dr^a.Ilda. Depois compro-lhe um melhor.

- todo o **Glen Etive** que o ex-Comandante não levara consigo. É do conhecimento geral que o whisky escocês dá um alto nível de energia, por isso era o mais indicado para atirar às fomalhas da **Sirius**.

O espólio recolhido foi transportado por tapete rolante para os diversos compartimentos que se interpunham entre os alojamentos para humanos e os reservatórios de energia, sendo pulverizado pelo caminho até ficar todo desfeito em átomos que integralmente se transformaram em energia.

O ganho obtido em energia, apenas permitiu repor os níveis anteriores à primeira encomenda, os estritamente suficientes para alcançar Devihaver.

Juntaram-se todos, procuradores, observadores e jornalistas, na sala de comando e o coração batia-lhes mais depressa. Ulisses lembrou as palavras sábias da Liddida “em primeiro lugar, manter a calma”.

RAPSÓDIA XXII

Quando os sensores de bordo acusaram a atracção de Devihaver, mandou Ulisses que fosse emitido, a cada três segundos, o sinal universal de socorro, acudam-me, que estou numa situação desesperada – EFA, EFA, EFA, ou seja, “Estou a Ficar Aflito”.

- O tempo vai mudar – observou o General Belisário.

Neste momento, a nave **Sirius**, com reservas de energia que nem dão para assar sardinhas com o exaustor de fumos ligado, começa a descrever uma elipse em volta do planeta. Ainda não chegou qualquer resposta aos pedidos de socorro e Ulisses, que folheia avidamente a Enciclopédia Estelar e aprende que a Terra e Devihaver são os únicos sítios do Universo conhecido em que se praticou o canibalismo e agora se pratica o capitalismo como forma mais evoluída de engolir o seu semelhante. Não fica mais animado pela informação, e a Liddida, reduzida ao tamanho de uma boneca para idades entre os três e os sete anos, senta-se-lhe ao colo e diz coisas consoladoras, como “Vais ver que não há-de ser nada” e “É tudo uma questão de atitude”. Depois recorda-se que Ulisses fez quinze anos, já

é um homem, e diz então a verdade tal como ela é – “A situação é extremamente difícil, mas tu foste preparado para lhe fazer frente. Quando surgia algum problema, sei lá, naufrágios, sereias, monstros ou deuses rancorosos, achas que Ulisses se iria sentar e chorar aí coitadinho que eu sou? Não – ele pensaria, e por isso é que Homero lhe deu os melhores adjectivos que tinha em reserva - Bom, temos um problema, e a solução é: Vou dizer que me chamo Ninguém e vazo o único olho do Ciclope. Ele grita e os outros perguntam o que é que se passa. A resposta – Ai amigos, que Ninguém me mata! Os outros encolhem os ombros, irritados com o Ciclope a que já não resta nem o olho que tinha – Então, se ninguém te mata, vai-te mas é foder e deixa-nos dormir tranquilos.

- Eu não ia chorar nem lamentar-me – justifica-se Ulisses.

- Bem sei – diz a Liddida, aconchegando-se mais no espaço livre entre o braço e o tronco do jovem comandante. – Por alguma razão te chamaram ao Congresso. E por alguma razão, alguém está a fazer tudo o que pode para que não chegues lá.

Nesse momento, soam sinais de alarme por toda a nave. Aproximam-se visitas. Duas naves rebrilhantes, como se o casco tivesse levado por fora uma camada de berílio, e outra negra e baça, como se absorvesse toda a luz e a guardasse nos porões. Foi a negra que se encostou ao casco da *Sirius*, porta com porta. E agora Ulisses prepara as frases e os argumentos para pedir energia e negociar as modalidades de pagamento, porque num planeta capitalista não se dá nada a ninguém a não ser desgostos.

Abrem-se as portas e vem da nave negra uma corrente de um ar bafiento, como depositado muito tempo no armário a render juros. Recorta-se na abertura da porta uma silhueta que, quando se aproxima da luz, faz lembrar a Ulisses um estudante de Göttingen disfarçado. Mas a perna de pau, o lenço na cabeça e o papagaio empoleirado ao ombro, não deixam dúvidas de que se trata de um pirata genuíno, especialista em dívida soberana, privações, privatizações e comércio internacional.

Seguem dois acólitos atrás do pirata, vestindo de negro como se estivessem de luto ou fossem magistrados.

- Bom dia – disse o pirata, erguendo o braço direito.

O papagaio imita-o e ergue a asa direita.

- Bom dia, bom dia, bom dia – grasna o pássaro.

- Ulisses Berengário dos Santos e Silva, *I presume*.

- Sim, sou Ulisses, o Comandante da nave.

- O Comandante... – duvidou o pirata. – É o que vamos a ver. Tem advogado ou podemos partir-lhe já as pernas?

- Advogado? Mas porquê? Isto é um caso de sabotagem e o culpado fugiu depois de praticar o crime. Nós aqui não passamos de vítimas.

Deveria ter logo referido o problema da falta de energia, mas foi apanhado de surpresa com a questão do advogado. Ainda lhe faltava o traquejo suficiente para uma vida de herói. Os heróis nunca são apanhados de surpresa e têm sempre a resposta na ponta da língua.

- Disse “culpado” – triunfa o pirata, armado em psicólogo forense. – O uso dessa palavra não é inocente. O Dr.Acúrcio pode ler o mandado de detenção.

Um dos homens de negro adiantou-se e empunhou um rolo, que não havia maneira de se desenrolar, mas que tinha um visor rectangular onde o texto passava à medida que era lido.

“Manda o Presidente do Conselho Fiscal de *Devihaver, S.A.*, que qualquer órgão de polícia criminal proceda à detenção de Ulisses Berengário dos Santos e Silva, solteiro, estudante, filho de Helena e de Apolónio, com última residência conhecida na Rua da Lapa, nº. 166 – c/v Dtª., na cidade que leva o seu nome, por decorrerem dos autos fortes indícios de

- ter chefiado uma revolta a bordo da nave *Sirius*, a fim de se apoderar da mesma, o que fez;

- ter abandonado o legítimo Comandante da nave à deriva no espaço, o que provocou perigo para a vida do mesmo, o que quis e fez;

- ter enviado para o Secretariado Permanente do Congresso Imperial – Planeta Arcádia, um relatório e imagens falsificadas, a fazer ao Comandante Horácio acusações totalmente mentirosas, o que quis e fez;

- ter-se apoderado do telemóvel da Drª.Ilda, ciente de que o mesmo lhe não pertencia e que, actuando dessa maneira, o fazia contra a vontade da proprietária, bem sabendo que a sua conduta era proibida por lei.

A estes factos correspondem os crimes 876-HGVW-I221, 1121-BGB-AI-227, 208-A-241 e 42178-OPIDE-58, sendo os três primeiros punidos com prisão perpétua e o último com 347 anos de trabalhos pré-esforçados, pelo que é admissível a prisão preventiva.

Prova: logo se verá.

Devihaver, 15 Brumário de 3521

O Delegado do Presidente do Conselho Fiscal

Acúrcio.

Ulisses, apesar de saber que está a tratar com piratas, insiste que vieram apenas comprar energia, que pagarão o que for preciso, e que não cometeu crime nenhum. Mas é nessa altura que a nave é invadida por uma chusma de quadrilheiros bancários, que o deitam ao chão e lhe colocam as algemas. Cumprindo o plano, esquadrinham todos os compartimentos da nave e confirmam ao chefe dos piratas que a nave está praticamente a zero no que toca a reservas de energia e que não poderá sair da órbita de Devihaver sem que a abasteçam. Ulisses é transportado à força para o interior da nave negra, enquanto o pirata-chefe diz aos passageiros da *Sirius* que ficam proibidos de abandonar a nave. Di-lo a rir, claro, porque se praticamente não têm já qualquer energia, também não têm hipóteses de ir a lado nenhum, mesmo que queiram. Isto no campo da física clássica, porque no âmbito da física quântica e da poesia, a impossibilidade é coisa que não existe. Mas como explicar tal coisa a um pirata?

A Liddida, o oficial médico, assume automaticamente o comando da nave prisioneira, e protesta. Não socorrer uma nave em perigo é uma clara violação do direito humanitário. Fazer detenções sob pretextos falsos é puro e simples abuso do poder. O papagaio acena afirmativamente com o bico e repete “Olá bo... bo... bo... boneca”, em recordação do seu anterior dono, que era gago e também pirata, e que nunca pôde assumir cargos de chefia porque demorava muito tempo a dar uma simples ordem como “Tragam-me a cabeça de Alfredo Garcia”.

A nave negra não tem nada que se veja. É tudo demasiado escuro, demasiado monótono, sem nada para recordar. Até o papagaio fica deprimido e remete-se ao silêncio.

Mas quando pousam no Cosmódromo Milton Friedman e saem para o exterior do planeta, Ulisses repara num céu que se poderia pintar com uma lata de tinta branca e umas gotas de ocre, o que dava um tom deslavado de terra diluída no céu. O solo era verde, não da cor da relva ou da vegetação viçosa, mas do verde das notas ensebadas pelo muito andar de mão em mão. A cidade onde acabam de pousar é feita de edifícios altíssimos, porque o preço do metro quadrado sofreu tanta especulação, que está *por los cielos*. E assim um edifício só começa a ser lucrativo a partir do 115º andar.

Ulisses é levado para a Cadeia Central de Spread, que é assim que se chama a Cidade Carcerária.

- Tenho direito a um telefonema?
- Isso é noutro filme.

É despojado do cinto e de todas as moedas de ouro que traz consigo e que Marcos Urias lhe dera para as pequenas despesas. Dão uma rápida vista de olhos à Tabela Universal de Cagliostro e não se interessam por ela, talvez por estar impressa em papel de embrulho.

- Pode-lhe vir a fazer falta. Não temos papel higiénico nas celas.

Terminada a revista, Ulisses é empurrado para um elevador que, em vez de subir, desce interminavelmente. Ao princípio, a temperatura baixa mas agora começa a subir à razão de um grau centígrado por cada 67 metros que se descem. Quando chegam ao destino, a temperatura é de 41°, e Ulisses está já alagado em suor.

- Agradável, não é? – faz um dos guardas, fazendo voltear o bastão dos choques eléctricos. – Até há uma piscina, para os interrogatórios musculados. Aqui não falta nada.

A cela de Ulisses até nem é das piores, porque não é um criminoso de direito comum – embora não lhe seja dito, sabe que é um preso político e ao mesmo tempo um refém. É uma cela individual e tem uma retrete privativa e até um lavatório. E sim, tem papel higiénico, um papel especial, revestido por uma camada de vidrinhos minúsculos. Mais anti-alérgico não poderia ser. A cama foi comprada a um faquir arruinado e o colchão é composto de uma infinidade de pregos com a ponta para cima, mas o chão parece macio, embora sujo. As coisas não são assim tão boas, mas podiam ser piores. É assim que um herói deve pensar.

É deixado só, com o aviso de que dentro de três horas será servida uma refeição ligeira. E à noite costuma haver surpresas, como acordarem o detido e levá-lo à presença de um magistrado privativo (porque a sua função é privar da liberdade), para um interrogatório estremunhado, em que tudo costuma parecer um sonho a quem ouve perguntas que parecem vir de longe, formuladas por seres irreais.

Daí a nada, Ulisses sente comichão no ouvido. É a Liddida que se faz agora tão pequenina, que quase lhe pode entrar pelo ouvido interno e dormir ali uma sesta. Mas a bela mulher, com uma voz que só ele pode ouvir, dá-lhe as últimas informações – ele está ali em trânsito, a nave *Efialta* já está em órbita e apenas se aguarda a decisão final do Presidente do Conselho de Administração da *Devihaver, S.A.* para depositar o herói nas mãos da *al-Oil*. A não ser que Ulisses pague um resgate superior ao que a *al-Oil* está disposta a pagar aos piratas. Mas o General Belisário está agora em contacto permanente com Unamuno e estudam todos os meios de salvamento. Parece que já têm um plano, a “Operação Underlord”, algo que ainda não foi feito e depois logo verás. É preciso que saibas que o General tinha feito algumas economias de energia e é graças a elas que estou aqui a

falar-te ao ouvido. Vou-me embora, meu herói. Ânimo e está preparado para tudo. Só não te dou um beijinho para não te fazer cócegas.

A temperatura na cela baixa para os 35° e, como ali não há relógios nem entra a luz da estrela privativa de Devihaver, também chamada Estrela de Novak, do nome do seu criador, Ulisses não sabe se é noite se é dia quando lhe vêm trazer um tabuleiro com o que parece sapo estufado com baratas fritas, salada de algas alucinogénias e pudim de leite bolorento. O rapaz bebe apenas água da torneira. Justifica-se com a falta de apetite causada pelas perspectivas de prisão perpétua por crimes que não cometeu.

- Há-de acabar por se habituar – diz o guarda que vem recolher o tabuleiro. – Se tiver tempo, é claro.

O guarda trabalha nas horas vagas para a empresa ***D. & ARREIA – Comida Especial para Pessoas com Necessidades Especiais, S.A.***, que costuma ganhar os concursos para fornecimento de refeições aos presos. Oferece os seus préstimos para qualquer coisa. Ah, pois é, o seu dinheiro foi confiscado. Enfim, se alguma vez tiver dinheiro, fale comigo que eu desenrasco-o, como se costuma dizer.

Ulisses dorme deitado no chão quando o vêm buscar para ir ao magistrado. O tribunal funciona fora de Spread, e o jovem detido sobe no ascensor até ao piso térreo e é atirado para dentro de um carro celular, com amplas janelas de vidro inquebrável. É de noite e a cidade brilha de anúncios luminosos. Em cada esquina há um Banco, e uma Seguradora em cada beco sem saída. Há lojas de roupas de marca, e hospitais privados colocados estrategicamente junto de restaurantes que costumam servir comida estragada, porque é mais barata e dá mais lucro. Costumam ir aos caixotes do lixo recolher os morangos apodrecidos que foram deitados fora, e servem-nos em salada de frutas. Não existem repartições de finanças, porque em Devihaver ninguém paga impostos. Pagam apenas uma percentagem de 65% dos seus ganhos, a troco da protecção dos piratas dominantes, e por protecção subentende-se o não levar uma tareia por falta de pagamento.

Era o Dr.Acúrcio, e a sua mania de glosar com o parceiro. Veste uma longa beca negra, que arrasta pelo chão e vai limpando o pó à sua passagem.No lugar do coração tem bordadas a ouro uma caveira e duas tíbias cruzadas. Não faz qualquer pergunta. Diz que Ulisses tem contra ele um mandado de detenção inter-planetário e que, em princípio, será entregue às autoridades efectivas do planeta Terra, e poderá talvez, e eu digo talvez, evitar o cumprimento da pena se colaborar e defender no Congresso Imperial os princípios sensatos e aceitáveis que depois lhe serão comunicados. É o que consta dos autos. Poderá também ir em liberdade se

fizer uma doação ao Presidente do Conselho de Administração da *Devihaver, S.A.* no valor de 350.000.000 em dobrões de ouro.

A esse montante acrescem juros e comissões.

Os juros são de 47% por cada dia de atraso, contados a partir de... agora!

As comissões desdobram-se em:

- a) comissão de dossier;
- b) comissão de resgate;
- c) comissão de avaliação do risco político;
- d) comissão de avaliação do risco económico;
- e) comissão de avaliação do risco social;
- f) comissão dos riscos na parede;
- g) comissão de gestão;
- h) comissão de manutenção;
- i) comissão de levantamento;
- j) comissão de depósito;
- l) comissão de licenciamento;
- m) comissão de amortização;
- n) comissão de preparação;
- o) comissão de carta de curso;
- p) comissão de apoio psicológico;
- q) comissão do aperto de mão;
- r) comissão da palmadinha nas costas;
- s) comissão dos bons-dias;
- t) comissão das boas-tardes;
- u) comissão das boas-noites;
- v) comissão pelo uso da casa de banho;
- x) comissão do comissário; e
- y) comissão do cálculo das comissões.

Como vê, não esgotámos o alfabeto e, por outro lado, evitámos o Kapa que podia ser mal interpretado. Assim, eu creio que se pagar,

digamos amanhã, isto é um supor, o valor não excederá o dobro ou quando muito o triplo do valor inicial do resgate.

Ao que ainda acrescerá

- a) o adicional para o Fundo de Apoio às Viúvas dos Banqueiros;
- b) o adicional para as contas numeradas de terceiros;
- c) a taxa de saneamento;
- d) a taxa de gestão de resíduos sólidos;
- e) a taxa de gestão de resíduos líquidos;
- f) a taxa variável de XPTO;
- g) a taxa de exploração;
- h) a taxa municipal de direitos de passagem; e
- i) a contribuição psicológica.

Acúrcio semicerra os olhos e abre os braços, numa manifestação de simpatia. Cansativo, não é?

Chega o momento de mostrar um pouco de razoabilidade.

- É muita coisa a pagar, dirá o senhor. Coisas muito disparatadas, dirá o senhor. Mas quando penso nas infinitas possibilidades de que dispomos, o que me admira é a nossa própria moderação.

Suspira, na esperança de que o seu interlocutor desconheça aquela citação de um dos conquistadores da Índia. O magistrado prossegue:

- Sim, eu sei que não traz esse dinheiro consigo, mas pode falar com seu pai Apolo, que é rico. Como, não pode telefonar? Claro que pode. Quem é que lhe disse isso? Nós aqui somos civilizados, mesmo que não pareça por força dos nossos rígidos princípios bancários.

Ulisses telefona na própria sala em que teoricamente está a ser interrogado. O pai já está a par de tudo, só desconhecia aquela novidade do resgate. Mas diz bem alto que se alguém fizer mal ao seu filho Ulisses, ele, Apolo, em nome dos rígidos princípios que também tem, limpará o planeta de todos os piratas, e entendam o que quiserem pela palavra “limpeza”. E quanto ao resgate, poderá ser pago dali a três dias, depois de se fazer prova de que Ulisses está vivo e bem de saúde. E o deus indignado desliga indignadamente a chamada.

A chamada foi escutada e gravada, e o resultado foi benéfico. De volta a Spread, Ulisses é colocado no piso -3, num autêntico apartamento

de duas assoalhadas e uma casa de banho. Existe uma cama fofa, televisão e ar condicionado.

Antes de adormecer, Ulisses tem a sensação de alguém estar sentado no sofá do quarto, a olhá-lo. E só pode ser o princípio de um sonho, porque essa pessoa ou entidade é exactamente igual a ele próprio.

RAPSÓDIA XXIII

Quando acorda, está ainda em pleno sonho. Agora ele, Ulisses, é o Menino Jesus e está ao colo da Madona, porque não é (físio)lógico chamar de Virgem uma mulher que teve um filho.

Está ao colo da Liddida, que assumiu proporções gigantescas e o embala como se ele fosse o seu bebé. Está na *Sirius* e faz a cara que os heróis costumam fazer quando não encontram explicação para o que os seus olhos vêem - a chamada cara de parvo.

A Liddida, que abdica das suas funções e lhe devolve o comando da nave, explica tudo numa palavra:

- “Underlord”.

Sim, já tivera início a Operação “Underlord”, a mais arrojada de todos os tempos, e da qual dependia o futuro do mundo livre. Começara exactamente às 03h 45m, e estava a ser dirigida pelo General Belisário e por Unamuno, tudo a nível quântico, na faixa de flutuações em que tudo era possível.

Uma réplica de Ulisses ocupava o seu lugar na cela / apartamento que lhe fora ultimamente destinada. O original seguira o caminho inverso e fora transmitido por ondas de volta à nave. Porque tudo tem natureza ondulatória, meu amigo. Por isso, e para todos os efeitos, os piratas e a *al-Oil* estão convencidos de que tudo como dantes, quartel-general em Abrantes.

Agora é o momento crucial.

A *Sirius* comunica pela frequência universal que há uma encomenda para a *Efialta*, ao mesmo tempo que o General Belisário cria uma encomenda postal, envolta em papel de embrulho de cor parda, com a etiqueta “Marmelada”.

A encomenda de marmelada pousa na caixa do correio da *Efialta* e Unamuno apressa-se a divulgar que é da melhor marmelada que se produz a leste da Cabeleira de Berenice, e que o remetente, Augusto Boas Contas, é pessoa generosa e de muito bom gosto. É incalculável o preço daquela

marmelada nos circuitos paralelos e ainda mais nos convergentes, em que abundam os intermediários.

Simultaneamente com a encomenda da marmelada pouso na *Efialta* a miniatura da *Sirius*, sem que ninguém se dê conta menos Unamuno, como é evidente. A nave está perfeitamente invisível e com as cumplicidades simultâneas dos dois super-computadores quânticos, as reservas de energia de *Efialta* começam a ser transvasadas para a *Sirius*, sem que a tripulação ou os passageiros, ocupados a provar a marmelada, se preocupem com a baixa das suas reservas de energia que aliás nenhum instrumento acusa. O General e o Filósofo tinham subscrito um ruidoso pacto de silêncio. Unamuno iria ocultar a verdade até a *Sirius* ficar fora de perigo, e só então daria as novidades, mas de uma forma tão mentirosa que não prejudicasse pessoas concretas. As culpas ficariam por conta das franjas de interferência com outra dimensão que se intrometia no seu caminho, assim que soubera que ia haver marmelada.

Ulisses, protegido pela invisibilidade, sai da *Sirius* e desce para o tampo de mármore de um aparador da sala. Vê que, numa mesa colocada ao centro, os tripulantes e passageiros da nave hospedeira devoram a marmelada. Todos têm um aspecto ostensivamente sinistro, como se toda a maldade da *al-Oil* tivesse ficado gravada nos rostos respectivos, e agora já fosse tarde para mudar, pelo menos de cara. A única excepção era uma mulher que Ulisses reconhece... mas não pode ser, tão fora dos limites fluidos da Via Láctea... mas é efectivamente a falsa Artemísia, a mulher do Rodrigues das *Três Gargantas*.

Tão gigantesca como agora se encontra em relação a ele, a Artemísia fingida já não parece tão atraente e a cabeça bonita parece desproporcionada para o resto do corpo. Se ela o vê, o certo é agarrá-lo com a mão até o esmagar e depois então vem o triunfo completo: - Apanhei-te. Bem podes dizer adeus ao Congresso.

A Liddida está agora a seu lado.

- A Adosinda, hem? Sempre aquela menina! Estará comprometida com qualquer plano diabólico, senão não estaria aqui nesta companhia. Não te preocupes. Preciso que me ajudes. Já entrei no aparador e vi que na gaveta da direita, estão documentos que provam o comprometimento de alguns procuradores com a *al-Oil*, e que vão ao Congresso com o único propósito de defender o regresso à ditadura e o apoio antecipado aos aristocratas terrestres. E também lá estão as credenciais que te foram roubadas na Nova Arganilense. Foi a Adosinda, disfarçada de enfermeira. Preciso que me ajudes a abrir um pouco a gaveta e retirar de lá os papéis. Quando os tirares cá para fora, eu encarrego-me do resto.

Ulisses agarra-se a um braço da Liddida que começa a esticar como uma corda que se desenrolasse e desce até ao puxador. Faz a força necessária para levantar um haltere de 185 quilos e a gaveta principia a abrir-se e logo a fechar-se, em movimentos pendulares. Olha em seu redor e ninguém do mundo visível presta qualquer atenção. Oxalá continue assim.

- Ulisses – sussurra a Liddida -, assim não vais lá. Estás a ver os botões ao teu lado direito? Então toca, por esta ordem, 293678. Assim que estiver só um pouco aberta, toca no botão azul, para que a gaveta pare. Depois logo entras. É melhor assim.

Ulisses segue as instruções da mulher contráctil e deixa-se cair suavemente pela abertura, sempre agarrado à mão da Liddida. À pouca luz que se filtra pela abertura pode ver logo em cima as suas credenciais. Puxa pelas folhas uma a uma e vai-as passando à sua companheira, que as agarra com a mão livre. Depois das credenciais vêm os documentos comprometedores, que são ainda mais importantes para o futuro do mundo livre, mas verdadeiramente livre, não usando “livre” em vez de “ervil”, que é exactamente o oposto se lhe acrescentarmos o “s” que falta para “servil”.

- Já podes sair – comunica a Liddida, estendendo-lhe a mão mínima mas suficiente. – Depois toca no botão vermelho, para que a gaveta se feche. Vamos, rápido, que a nave já tem os depósitos cheios e temos de partir antes que a física clássica desabe em cima de nós.

Quer ela dizer - antes que fiquemos visíveis e à mercê dos nossos inimigos, que aqui ninguém gosta de nós, tirando Unamuno que é um caso à parte.

Ulisses reentra na *Sirius* e vê a sombra da falsa Artemísia e verdadeira Adosinda agigantar-se na sua direcção. Estariam invisíveis o suficiente? Ela dirige-se a uma taça de cristal, colocada rigorosamente, mais coisa menos coisa, no centro do mármore do aparador, e recolhe cerejas das muitas que lá havia. Foi bom encontrar uma fraqueza por parte do inimigo. Talvez se pudesse levar a espia a passar-se para o mundo livre à força de cerejas, nêspers, damascos e peras, toda a fruta que floresce na Primavera.

Esperam que a espia se afaste para ir cuspir os caroços das cerejas para uns pratinhos de vidro que tinham ficado junto da marmelada, para quem preferisse comê-la com garfo, já que a marmelada é muito peganhenta, é bem sabido.

Ulisses estranha – a marmelada é muito doce. As cerejas devem ter-lhe parecido amargas.

Enquanto a Liddida restitui ao jovem Comandante as suas credenciais e passa uma vista de olhos pela documentação incriminadora dos agentes da *al-Oil*, o General e o Filósofo saudam-se e desejam-se mutuamente Paz e Alegria.

A *Sirius* atravessa as paredes da *Efialta*, porque não há obstáculos que a teoria quântica não consiga ultrapassar, e em micro-segundos reocupa o lugar que ocupava no espaço antes do envio da marmelada, substituindo a fantasmagoria que lá fora deixada a fazer as suas vezes.

Logo de imediato acelera para uma velocidade de 299.977 Kms por segundo, que já não permite que seja alcançada, nem pela artilharia TAEG, que é das mais mortíferas do mundo bancário, nem por qualquer mensagem para levantar encomendas e, portanto, garante que alcançarão finalmente o Turbilhão de Coriolis sem quaisquer novos entraves ou interrupções.

Só então é que o super-computador *Unamuno* dá o sinal de alarme – os níveis de energia nos tanques tinham baixado em cerca de 75%, tinham sido negado o acesso ao Turbilhão e eram agora arrastados por uma força irresistível para um túnel espacio-temporal com o nome pouco promissor de “Primavera Adiada”. Era um túnel que descrevia um enorme U e os devolveria à Via Láctea de onde tinham saído com tantas e tão belas esperanças de sabotar o Congresso. Ao princípio, pensara que fora o cruzamento com as franjas de interferência de uma outra dimensão, que vinha ao cheiro da marmelada, mas afinal tem agora informações seguras que tudo se resume a ordens do Secretariado Permanente do Congresso Imperial, que já recebeu as provas da traição do Comandante, ou melhor, ex-Comandante Horácio, e também a queixa de Apolo contra a *Efialta* como instigadora do rapto de Ulisses, procurador plenipotenciário ao Congresso Imperial, o que é um crime de lesa-liberdade, infinitamente pior que noutros tempos a lesa-majestade.

O Comandante Quisling exclama:

- Porra! E agora?! Que fazer?

Adosinda, a espia mulher do Rodrigues das *Três Gargantas*, dá um conselho breve, e os bons conselhos são assim mesmo, breves.

- Negar. Negar tudo.

- O tempo vai mudar novamente – observou o General Belisário.

Faltavam dois minutos para o turbilhão e, na *Sirius*, todos se encontravam na sala de Comando, com o General Belisário no seu uniforme de grande gala e Ulisses em calças de ganga e camiseta branca, porque decidira guardar as cerimónias para quando chegasse à Arcádia.

Não valia a pena gastar etiquetas e boas maneiras num túnel espaciotemporal em que as paredes interiores são pura e simples energia. A Liddida vestia de vermelho, que era a sua cor favorita e lhe ficava diabolicamente bem. Os outros vestiam informalmente. Mesmo os procuradores tinham renunciado a envergar as suas togas, porque realmente ainda era muito cedo para cerimónias que só fariam sentido ao desembarcar na Arcádia.

Todos estavam sentados e tinham os cintos de segurança a segurá-los o peito, menos o General Belisário, que só lhes aparecia em holograma.

Faltava um minuto e começaram as primeiras sacudidelas, próprias de quem vai entrar num turbilhão e aquele, como notou o General, até nem era dos piores comparado com outros turbilhões por onde já passara, como por exemplo o de Humboldt. Esta era o que se poderia chamar de turbulência moderada.

As sacudidelas aumentaram e, de repente, foi como se a tempestade se tivesse evaporado. Sucedeu-lhe a mais completa imobilidade. Nem a mais ligeira trepidação nem qualquer outro sinal de comboio em andamento ou de fosse o que fosse que se deslocasse no tempo e no espaço.

- Já estamos no túnel. Agora dispomos de umas horas de repouso até à Cintura de Belén, aquela que envolve o Sistema da Estrela Madalena, na galáxia de Mar-Um-Mar, onde se encontra o planeta Arcádia, que é o nosso destino.

Era o General a falar.

Tirados os cintos, Ulisses falou palavras aladas:

- É bem sabido por todos que nunca conseguiríamos ter aqui chegado se não fosse a actuação da nossa distinta Médica de Bordo, a Dr^a.Liddida. Salvou-nos de uma morte certa, ao frustrar os planos da *al-Oil* e do seu sicário, o falso Comandante Horário. Se não morremos envenenados, se não morremos enregelados ou sufocados, foi porque ela esteve sempre vigilante e livrou-nos de todos os perigos. E quando a *al-Oil* jogou a sua última cartada de esgotar as nossas últimas reservas de energia à força de encomendas parvas, e também de ordenar o meu rapto, foi ela também, a Liddida, a Dr^a.Liddida, que, combinando esforços com o Sr.General Belisário e o filósofo Unamuno, engendrou e planeou a operação “Underlord”, que em traços largos consistiu em transformarmo-nos a nós próprios em encomenda e por força dos princípios da física quântica entrarmos na *Efialta* simultaneamente em dois pontos diferentes e sob formas diferentes. A outra forma foi integralmente comida e deixámos

aqueles piratas a lamber os beijos. Como se isso não bastasse, foi a actuação da nossa homenageada que me permitiu recuperar as minhas credenciais bem como outros documentos de interesse fundamental para o bom andamento do Congresso. Senhor General, peça à máquina apropriada, que é a CLÉRICE, ÉCLAIRE ICI, que nos traga champanhe e 27 copos, enquanto eu vou buscar uma coisa e não demoro nada, só o tempo de ir e vir.

Ulisses foi em passo de corrida para a sala recreativa e retirou o Grande Colar de Brilhantes de Cavaleira da Ordem da Liga Atrevida da terceira gaveta, a contar de cima, da estante colocada junto da porta. Era uma condecoração de um valor simbólico superior e dava a quem a recebia o estatuto de semi: semi-humana ou semi-divina, mas nunca semi-desnatada.

- No uso dos meus poderes de Comandante, e pelos motivos que já foram expostos, decido conferir à Dr^a.Liddida... como é o seu nome todo?

- Liddida. Não tenho outro. Agora alcunhas são mais que muitas, mas este é um momento solene e eu não queria baixar o nível da conversa...

- Tem razão, aliás como sempre. Ia eu dizendo... Decido conferir à Dr^a. Liddida o Grande Colar de Brilhantes de Cavaleira da Ordem da Liga Atrevida, por serviços excepcionais prestados à causa da vida e da liberdade, que merecem maiúsculas de tão importantes que são. Aproxime-se, por favor.

Os jornalistas filmavam o acontecimento, pois eram raras as pessoas a que fora atribuído o Grande Colar de Brilhantes de Cavaleiro da Ordem da Liga Atrevida, e Constance au Paradis tomava notas, numa caligrafia muito própria que só ela conseguia ler.

A Liddida aproximou-se, em tamanho natural, com o seu vestido vermelho a acender pequenas fogueiras no coração de Ulisses. Este envolveu-a com os braços e tentou prender o fecho do colar nas costas da médica, mas sem ver os pontos em que o fecho encaixava, era uma tarefa difícil, mas o Comandante não queria ajudas de ninguém. Ele era Ulisses, filho de Helena e Apolónio, procurador plenipotenciário no Coicínio Imperial. Por certo conseguiria fechar um simples colar. Com toda a gentileza fez a Liddida dar meia-volta e facilmente prendeu o fecho do colar da grande condecoração.

Já a podia abraçar, depois de a Liddida fazer outra meia-volta e, agora sim, principiou o abraço mais longo da História. A maneira de os antigos Chefes de Estado darem provas de consideração podia ser ou com palmadinhas nas costas ou então com um abraço. Foi por esta última prova

de apreço que Ulisses optou. Abraçou a Liddida com todas as forças do seu coração e ia-lhe dizendo “Obrigado, minha querida. Queria-lhe dizer tanta coisa bonita e não me ocorre nada, a não ser coisas como obrigado por tudo, é uma querida, foi um prazer conhecê-la, e por aí adiante. Mas é tão bonita e eu gosto tanto de si e devo-lhe tanto que qualquer palavra é tão inútil como regar as plantas num dia de chuva.”

Decorrida mais de meia-hora, a Liddida deu-lhe um rápido beijo na face.

- Ulisses, e se nos deixássemos de cerimónias?

O Comandante pensou em futebol e em política até conseguir desfazer o abraço e os jornalistas respiraram aliviados por já poderem largar as câmaras e os blocos de registo de pensamentos. Por sorte, o champanhe não perdera as suas bolhas nem aquecera nos copos e deu à justa para brindar

à Liddida, a grande heroína da festa,

a Ulisses que mantivera sempre o sangue frio, como é apanágio dos heróis filhos dos deuses,

ao General Belisário, que salvara Constantinopla e agora os salvara a eles, ao decompor a enorme *Sirius* em nave pequenina e pacote de marmelada, e também

a Unamuno, pela sua coragem, e também

ao Secretariado Permanente do Congresso,

a Constance au Paradis,

a Malvestiti,

a Pavese,

a Helena,

a Apolónio,

ao Adido Cultural da Embaixada dos Estados Unidos.

- Ulisses – segredou-lhe a Liddida – vai-te deitar antes que comeces a dar ordens que o Sr.General não possa cumprir. Vai para o camarote 34 dormir a sesta e eu vou lá ter depois, quando ninguém estiver a reparar, para discutirmos com mais tranquilidade as grandes questões do universo. Faz-me caso. Eu sou médica.

Ulisses deitou-se e experimentou a vertigem de quem caía por vales intermináveis, mas sempre com uma grande vontade de rir.

Sentiu a presença da Liddida e admirou-se da forma como ela lhe estendeu a mão e o segurou a meio da vertente relvada por onde tinha vindo a cair. Depois foi tudo magia. Uma camisa de noite deslizou acetinadamente pelo corpo da nova Cavaleira, descobriu-lhe os ombros de um perfeito arredondado, os seios, e escorregou até cair inteiramente no chão. A Liddida guiou-o por entre montes e vales tépidos, macios e perfumados por essências raras. Até que, e bem a quente, com o sangue fervente, lhe pediu que pensasse na mulher que mais amava, não a tua Mãe, mas a mulher com quem desejas casar. E a Liddida transformou-se no que seria a Ester quando cumprisse os dezoito anos e se quedasse assim, nua nos seus braços, tão electrizante como a Ester que seduzira Artaxerxes, Rei dos Persas. Adormeceu, por fim, enquanto ela cantava “Endless pleasure, endless love” e despertou com um beijo que dizia “Já passámos pelo Portal da Glória. São horas de jantar”.

RAPSÓDIA XXIV

Ulisses aproveitou as horas que faltavam para sair do túnel espaciotemporal para fazer uma última revisão ao seu projecto de Constituição Imperial. Os Dez Mandamentos. A Lei das Dozes Tábuas. Os cinco passos para emagrecer ou deixar de fumar. Para Ulisses as normas fundamentais deveriam ser mínimas e garantir para todo o sempre a felicidade do Homem.

Sentado no sofá de comando, o jovem herói riscou, emendou e acrescentou o seu rascunho, até restar um texto que ainda podia ser emendado, revisto e alterado. Como tudo na vida.

Cinco normas que correspondiam exactamente àquilo que pensava, mas que não o deixavam satisfeito quanto à forma como as expressara. Uma Constituição com apenas cinco artigos tem de ser muito clara e não deixar lugar a dúvidas que se costumam resolver a favor da tirania e nunca da liberdade.

- Hei-de melhorar isto. Ainda tenho tempo.

O General Belisário aproximou-se e banhou com a sua luz hologramática o ombro de Ulisses.

- Dá-me licença que espreite, Comandante?

- À vontade, General.

O super-computador quântico demorou uns meros fragmentos de segundo a decorar o texto de Ulisses.

- Interessante – disse ele.

- Interessante, General? Isso é o que se costuma dizer de uma pessoa que é feia e diz mal de toda a gente.

- Não, é mesmo interessante. Passa-me um bocado ao lado, porque não alude a guerras e eu sou um General e, embora venha dos tempos de Justiniano e Teodora, não deixo de ser um militar, dividindo a vida entre os mapas e os campos de batalha. Por outro lado, o artº. 2. tem uma parte que é desnecessária. Por exemplo, na Arcádia as pessoas trabalham duas horas por dia e durante três dias por semana, ficando isentas dessa obrigação aos 35 anos de idade. Um regime mais favorável, portanto. Mas fixemos estes pontos – uma Constituição é uma espécie de acordo entre todos, estabelecendo os limites daquilo que a comunidade poderá exigir ao cidadão e daquilo que o cidadão poderá exigir à comunidade. O Sr.Comandante elegeu alguns valores fundamentais que não poderão ser postos em causa pelo poder – a vida, a liberdade e a felicidade. Só necessita de cercar esses direitos de garantias à prova de espertezas saloias. Foi o que fez ou tentou fazer. Conseguirá? Talvez. Poderá melhorar? Pode. E se a Constituição passar de 5 artigos para 3 ou para 7 ou 8, não vem daí mal ao mundo. Na minha opinião, tem margem para ir até aos 12. Sem problemas, se o que pretende é um texto que se possa colar nos vidros das camionetas ou nas portas das casas de banho, ou seja, um texto ao alcance de todos.

Houve solavancos ao saírem do túnel espacio-temporal e atravessarem a Cintura de Belén. Estavam já em plena galáxia Mar-Um-Mar e Arcádia cresceu no horizonte, porque as escotilhas da *Sirius* já deixavam passar a luz.

A estrela Madalena tinha um tamanho de vez e meia o Sol e ainda tinha carga para 7,5 mil milhões de anos. Arcádia ocupava no sistema o lugar onde Marte orbitava o seu Sol. Mais coisa menos coisa. Ulisses notou, com prazer, que o planeta para onde se dirigiam estava envolto por um halo azul.

O General Belisário desfiou informações à laia de Posto de Turismo – que a atmosfera de Arcádia era semelhante à da Terra, quase a mesma percentagem de oxigénio, quase a mesma percentagem de azoto, quase a mesma percentagem de árgon, xénon e cripton, e nas altas camadas da atmosfera havia ozono suficiente para proteger as células vivas da radiação ultravioleta. Tinham um excelente campo magnético que repelia a maioria das coisas desagradáveis. A pressão atmosférica era um tudo nada, só um bocadinho de nada inferior à que havia na Terra ao nível do mar, daí a sensação de leveza e descompressão que as pessoas vindas da Terra gabavam logo à chegada, e que lhes dava logo ganas de dançar, recitar poemas absurdos ou colocar uma bola vermelha no nariz e um relógio

despertador no sapato esquerdo. Para que nada faltasse, duas terças partes do planeta estavam cobertas de água e a temperatura era em geral de Primavera, menos nos pólos, que se destinavam a desportos de Inverno, e tinham as melhores pistas de saltos de esqui de toda a galáxia 2222-BXM-3K, ou Mar-Um-Mar em linguagem arcádica.

A *Sirius* era demasiado grande para pousar no cosmoporto de Kopernic, que ainda assim era o maior de toda a Arcádia. Ficou a orbitar o planeta, enquanto o transbordador *Vespucci* atracava para levar Ulisses e os seus companheiros para um cosmoporto mais pequeno, mas que ficava apenas a duas léguas mal medidas de Olimpo, a capital de Arcádia.

Tinham-se todos vestido de cerimónia – os procuradores levavam as suas togas de tribunos romanos, os observadores vestiam como vizires das Mil e Uma Noites, os jornalistas vestiam camuflados de seda às manchas, com um dístico “IMPRESS” colado no peito e nas costas, menos Constance au Paradis, que trazia um vestido a preto e branco que se casava bem com a cor dos olhos e do cabelo, lançava a cabeça para trás, em sinal de desafio, e não precisava do dístico “IMPRESS” para impressionar. A Liddida vinha de bata branca, mas substituíra o estetoscópio pelo Grande Colar de Brilhantes de Cavaleira da Ordem da Liga Atrevida. Ulisses hesitara entre a farda de Almirante e a sua toga de procurador ao Congresso, branca e com uma barra dourada, privativa dos plenipotenciários. Segundo as Tabelas de Cagliostro, tanto dava ir duma maneira como da outra, pois, embora os símbolos do seu poder vinculativo só fizessem falta nas instalações onde decorreria o Congresso, tinha todo o direito a usá-los onde e quando quisesse. E quem viera a comandar a *Sirius*, e naquelas condições tão difíceis, tinha direito a todas as prerrogativas do Almirantado. O General Belisário era de opinião diferente – tinha em alto conceito a carreira militar e achava que os civis não deveriam vestir farda nem sequer no Carnaval. Mas se os outros procuradores iam de toga, fazia todo o sentido vestir a sua toga também, com todos os sinais da plenipotencialidade. A Liddida foi da mesma opinião e quem nos inicia nas artes do amor tem uma autoridade que falta às Tabelas de Cagliostro. Por isso, Ulisses optou pela toga, embora bem lá no fundo preferisse ir de Almirante.

Abertas as portas da *Sirius*, Ulisses pôs-se na fila para sair em último lugar, porque o comandante é sempre o último a abandonar a nave, seja em que circunstâncias for – triunfo ou desastre.

À porta do transbordador *Vespucci* perfilavam-se dois comissários que parecia terem acabado de chegar da praia. Vestiam calções castanhos e uma camiseta florida, calçavam sandálias. Não pediram passaportes nem

credenciais. Limitaram-se a abraçar os passageiros, um a um, à medida que saíam da *Sirius* e passavam para dentro do transbordador. O abraço à Liddida foi interminável e foi para além dos limites da cortesia oficial. Só terminou com uma joelhada dada com toda a ciência de uma médica que sabe exactamente onde bater. Ulisses foi o último a sair e a ser abraçado à mistura com frases que diziam que ele era não só o maior pianista do Universo conhecido, como também o herói por que as 27 galáxias ansiavam.

- Não, o verdadeiro herói aqui não fui eu. Foi a Liddida, aquela senhora de bata branca que tem o Grande Colar de Brilhantes da Liga Atrevida. Foi ela que nos salvou de uma morte certa.

Eles encolheram os ombros e sorriram o pouco sorriso que é permitido às Esfinges, depois de tantos milénios a roer-lhes a pedra.

Já dentro da *Vespucci*, Ulisses foi acrescentando que a liberdade não pode estar nas mãos de nenhum salvador providencial, porque é assunto de todos, e só pode ser instituída e mantida por todos. Constance tomava notas, porque era a jornalista mais próxima e porque tinha um bloco ali mesmo à mão.

Os comissários, que se prepararam para distribuir caramelos pelos passageiros, entreolharam-se e murmuraram entre eles, o mais baixo possível, para não melindrar ninguém, o que estava fora dos costumes da Arcádia.

- Ainda não chegou ao Congresso e já começa com a política e os discursos. Promete.

- É normal. Ulisses é um animal político. Sem ofensa.

Quando o comissário da direita lhe deu a escolher entre caramelos de cor azul ou encarnada, escolha o que quiser que o sabor será sempre aquele de que mais gostar, trata-se de caramelos inteligentes, Ulisses perguntou:

- Preciso de ligar para os meus pais, para os tranquilizar.

- Assim que chegarmos ao cosmoporto pode ligar. Existem 132 telecabinas, porque não é um cosmoporto assim tão grande. É mais para voos domésticos. Mas os seus pais já estão ao corrente de tudo o que se passou. O ex-Comandante Horácio está detido e, neste momento, está de castigo, virado para a parede, a pensar no mal que fez.

O céu de Arcádia era azul como o da Terra, mas tinha um pouco mais de turquesa, o que o fazia ainda mais belo. As nuvens, que erravam para leste e eram poucas e aparentavam ser tão macias que dava vontade de tocar-lhes com a mão, parecia que tinham sido colocadas no cenário apenas

como enfeite e não como promessa de chuva. Por favor, qualquer dia menos hoje que é dia de festa.

O observador Iaxartes observou (e era essa a sua função principal - observar) que a questão de chover ou fazer sol (que aqui seria fazer Madalena) estava resolvida em Arcádia desde havia milhares de anos por um super-computador chamado Kreisler 21, que estava enterrado nas profundezas das Montanhas de Corydon, a umas boas centenas de metros para ficar a salvo das variações de temperatura, humidade e esse género de coisas.

- Melhor que o nosso General Belisário?

- Não se trata de ser melhor. O nosso era o último grito da técnica, com as suas válvulas de última geração. Mas não é o mesmo que um computador com milhares de anos e que ocupa quase todo um hectare, que tem susceptibilidades e tem de ser tratado como um monumento. De resto, apenas executa tarefas simples, que é a de escolher os sítios e as horas em que deve chover. Se lhe desse no real disco para provocar ciclones ou inundações, ou fazer com que alguém chegasse encharcado a casa, bastava desligá-lo da tomada, para que o Kreisler 21 fosse tomado do princípio da incerteza e deixasse de saber quem era e onde estava.

Avistavam-se colinas relvadas e suaves, e só muito ao longe a silhueta azulada das Montanhas Corydon. Espalhados no verde, viam-se os blocos que compunham a capital da Arcádia, a cidade de Olimpo, que era assim mesmo como se via do ar, um conjunto disperso de cidadezinhas e não uma gigantesca cidade como Megalópolis, que realmente existia, mas noutro planeta e noutra galáxia, muito longe dali, e que aos poucos e poucos fora ficando deserta, por os seus habitantes não conseguirem ser felizes numa cidade que não fora feita à sua medida. Era agora uma simples curiosidade do mundo antigo, uma prova evidente do que era cometer erros em matéria de urbanismo. E os erros públicos devem ficar bem à vista. Apagá-los e fazer de conta que nunca aconteceram é arriscar-se a repeti-los. A entrada em Megalópolis era grátis, menos aos Domingos, em que os adultos tinham de pagar uma caixa de bonbons com recheio de licor. Se viessem acompanhados por crianças, não tinham de pagar nada e podiam comer os bonbons.

Parte destas informações provinham do observador Iaxartes, outra parte estava na revista deixada no compartimento de rede colocado nas costas do banco imediatamente em frente, e o resto já Ulisses conhecia das histórias que seu pai Apolo lhe contava para o adormecer.

Pousaram com suavidade na pista do cosmoporto, onde os aguardava um autocarro que se deslocava sem tocar o chão, e por isso não precisava de rodas que aliás não tinha. Tal como na Nova Arganilense.

- Não vamos já directamente para Olimpo – informou um dos comissários, depois de os passageiros terem guardado as malas e mochilas no porta-bagagens do autocarro. – Não vamos, porque o herói Ulisses quer ligar aos pais, e assim vamos fazer uma paragem de 30 minutos na gare do cosmoporto.

Ulisses olhou em seu redor, à procura de caras felizes, e só viu aborrecimento – olha a grande chatice, meia hora, é mesmo azar.

- Sr. Comissário, uma vez que os meus pais já estão a par de tudo o que se passou, penso que podemos ir directamente para Olimpo e quando lá chegarmos então ligo.

Os companheiros de viagem, Liddida incluída, mostraram a cara de quem lhes acabou de passar a dor de dentes, e o comissário – então, nesse caso, vamos já directamente para Olimpo.

Olimpo estava repartida em diversas circunscrições, ou bairros, ou *demos*, ou como quisessem chamar as pequenas cidades que juntas formavam uma grande cidade, e era uma forma hábil de permitir que os cidadãos se juntassem fisicamente no mesmo local e deliberassem sobre os assuntos da cidade, o que era impossível numa grande metrópole. No fundo, era isso mesmo a democracia, o poder dos *demos*, nada a ver com coisas do demónio ou mercados, mas sim com as coisas mais corriqueiras da vida em comum das pessoas comuns.

O bairro onde iriam ficar instalados chamava-se Ariston Metron, e em língua Arcádica significava que o sítio tinha sido bem escolhido. Era onde ficavam os melhores hotéis, as residências dos atletas durante os Jogos Olímpicos, o Hospital Nosocomial e o Jardim Botânico. As Universidades e o Estádio Olímpico ficavam noutro bairro, conhecido como Liceu, onde os professores ensinavam passeando com os alunos. O ensino era peripatético, mas ninguém chamava peripatetas aos alunos, porque exalava um discreto cheirinho a ofensa. Os exames eram sempre orais e decorriam nas esplanadas das cafetarias.

- Onde é vai decorrer o Congresso? – perguntou Ulisses ao Comissário Castor.

- Na República do Monte Pnix. Entra na estação de “metro” junto do Hotel onde vai ficar hospedado, e apanha o Circular. Sai na estação de Pnix. Os comboios passam todos os 3 minutos. Também pode ir a pé, mas aí conte com 1h 35m em passo normal. É saudável mas corre o risco de

chegar atrasado. E sabe o que se diz de quem chega atrasado às sessões do Congresso...

- O que é que dizem?

- Nem queira saber – interveio o Comissário Pollux.

Ao contrário do Hotel Melhor, o Hotel Carpe Diem era uma estrutura que não excedia os quatro andares de altura, e tinha frontão e colunas. Não se pretendia impressionar os clientes, apenas queriam que eles se sentissem confortáveis, em casa, e rodeados de beleza e simetria, como num templo grego dedicado a uma deusa simpática.

A recepção foi calorosa, e a cada um dos viajantes foi oferecida uma pequena ânfora com a palavra “ambrosia” gravada no barro. Se era para beber já, ou se a deviam guardar para mais tarde? Não, era para beber já, como sinal de boas vindas e desejos de uma boa estada.

O sabor era a frutas raras e nunca vistas por Ulisses, com um toque de especiarias ainda mais raras. E o que mais admirava era que esse sabor não se mantinha constante, mas mudava à medida que se bebia o que dava à justa para encher um cálice de Porto. O último gole era como um fecho de sinfonia, com o seu saborzinho de apoteose.

- Que bom. Nunca tinha provado nada assim.

Na porta do quarto destinado à Liddida, estava já afixada uma placa de bronze muito polido e rebrilhante, em que se gravara que naquele quarto tinha dormido a semi-deusa em causa. No quarto de Ulisses, a porta fora deixada sem placa. Porventura estariam à espera de novas proezas por parte do jovem herói para completar a placa com desenhos e um pouco mais de texto. Pelo menos, era essa a opinião do Comissário Pollux, que iria ficar alojado ao fundo do corredor, e bastaria bater as palmas para ele aparecer e resolver qualquer problema que fosse surgindo.

Ulisses estendeu-se ao comprido no conforto da cama de casal. Talvez a Liddida o viesse visitar, e ela não precisava de bater à porta. Bastava insinuar-se pelo buraco da fechadura ou pela fresta rente ao chão, e logo recuperar a dimensão normal, a que usava em festas ou em conversas de gente séria.

E depois, como num acto reflexo, sentou-se na cama e ligou o televisor hologramático. A primeira chamada era para a sua Mãe.

Helena ergueu os braços como a Vitória de Samotrácia e toda ela era alegria pelas vitórias do seu menino que já deixara de ser menino e era um homem para todos os efeitos, quer lendários quer meramente civis.

- Que bom, meu filho. Eu sabia que estavas bem entregue e que a Liddida cuidaria bem de ti, mas, mesmo entre deuses, há sempre uma pequena margem para que tudo corra mal, e eu não sei o que faria se alguma coisa te acontecesse, Só sei é que, se fosse esse o caso, eu esquecia-me que sou uma deusa boazinha e moeria a cara desse Horácio à força de marteladas.

- Tenho tantas saudades, mamã.

- Também eu, meu querido, também eu.

Helena prosseguiu, com elogios à Liddida.

- Fizeste muito bem em condecorá-la com o Grande Colar de Brilhantes da Liga Atrevida. Ela mereceu-o. E que tal te dás com ela?

- Muito bem. É uma pessoa com quem se pode conversar, e tudo o que ela diz é interessante. Além de que devo-lhe a vida e isso liga duas pessoas para todo o sempre.

Helena informou-o de que o Congresso começaria no dia de amanhã, pois estavam só à espera que ele chegasse para dar início aos trabalhos. Convinha pôr o despertador para as sete e meia, e as sessões começariam às nove da manhã, que era um número cabalístico que dava sorte.

- Defende a liberdade com todas as tuas forças e nunca te deixes embaraçar com jogos de palavras. O que também já é pouco frequente, pois o mundo evoluiu e as pessoas deixaram de ser tão implicativas. Beijinhos, filho mitológico. Lembranças à Liddida.

De seguida, ligou para o Pai, que já não havia razões para tratar por Apolónio, mas sim por Apolo que era o seu verdadeiro nome. A *al-Oil* ficara para trás e perdera todos os trunfos de que pensava dispor.

Lá estava o seu Pai Apolo, mais dourado que bronzeado, mas isso era natural para quem tinha o Sol a seu cargo. Com o traço negro a envolver-lhe os olhos e as chispas que pareciam irradiar dos seus caracóis brilhantes.

- Ulisses, meu filho. Não calculas a alegria que me dás só por saber que te tornaste um herói e apenas com 15 anos de idade. Estava um tanto apreensivo, mas a tua Mãe sossegou-me por a Liddida ir com vocês na *Sirius*, embora como clandestina. E depois quando chegou ao Secretariado Permanente do Congresso a mensagem de que a nave fora sabotada e que o Comandante fugira, entregando-os a uma morte horrorosa, que só foi evitada pela pronta intervenção da Liddida, deu-me vontade de preparar Horácio em churrasco, mas a fogo lento. Bem sei que é impróprio dos deuses, que são todos magnânimos e sabem perdoar, mas o meu filho podia ter morrido. Mas pronto, pela intervenção da Liddida e pelo teu próprio

esforço, venceste todas as dificuldades, a operação “Underlord” foi um sucesso, e conseguiste chegar à Arcádia. Percebes agora a razão de todos aqueles exercícios que fazias no simulador? Era para preparar-te para o que te esperava. Valeu a pena, hem?

- Pai, se valeu! Estava eu a preparar um obstador alternativo de 280 nano-ciclos, e a pensar “Mas eu sei resolver estes problemas”.

- Vês? É tudo muito simples quando se está preparado. É verdade, já chegou aí ao Hotel a quarta-via das credenciais?

- Pai, nem perguntei. Mas de qualquer modo já recuperei os originais. Tinham-me sido furtados por uma espia que se fazia passar por Artemísia mas afinal é Adosinda. Estavam a bordo da nave *Efialta*.

RAPSÓDIA XXV

Os procuradores e observadores seguiram juntos no comboio subterrâneo que saía às 08h 22m e em três minutos estavam na estação de Pnix. Ulisses levava a sua toga de tribuno romano, que pertencera a Cícero e portanto estava um pouco gasta. A Medalha do Monte Olimpo brilhava-lhe no peito. As pessoas que passavam na gare trocavam comentários entre si – Olha, é o famoso Ulisses. Dizem que não é só um grande pianista, mas também um autêntico herói, e apenas com quinze anos.

Lá fora espalhava-se a República do Monte Pnix, onde tinham escavado o anfiteatro em que iam decorrer as sessões do Congresso Imperial.

Ulisses e os outros quatro procuradores debruçaram-se do parapeito que circundava o enorme recinto. As bancadas alegravam-se com as cores das togas e com a variedade da vida inteligente que as vestia. Os habitantes de Arcádia normalmente eram humanos do género que se popularizou no planeta Terra sob a designação vaidosa de *homo sapiens*. Mas o Congresso abrangia as 27 galáxias que se tinham confederado num Império, e portanto, dava lugar a seres como os que Ulisses vira no Hotel Melhor, e outros que nem sonhara que existissem a não ser na Odisseia de Homero, como os Ciclopes monoculares. As Sereias, que já conhecia, olhavam Constance au Paradis com uma insistência incomodativa. Através de potentes binóculos, claro, porque a bancada dos jornalistas situava-se num dos extremos do anfiteatro. Queriam perguntar-lhe qual o perfume que usava e só não perguntavam por timidez. Alguém de Kotilla espalhara que era a única fragrância capaz de eliminar o cheiro a peixe, comum às Sereias e às Varinas. Mais uma mentira. O sabão azul e branco servia muito bem, principalmente com uma gotinha de limão.

Ninguém pediu as credenciais a Ulisses, e uma ninfa chamada Calíope conduziu o jovem ao seu lugar, junto dos outros procuradores plenipotenciários, aqueles que tinham voto de qualidade – em caso de empate, o seu voto valia por dois, como nunca nos cansamos de repetir.

Olhou em seu redor e apercebeu-se de que a esmagadora maioria dos procuradores eram muito jovens. Que estranho! Aquele Congresso parecia as guerras que chamavam para a linha da frente jovens que ainda mal tinham vivido mas que se consideravam já aptos para morrer. Mas todos ali estavam em nome da paz e da liberdade, as coisas mais opostas à guerra que se possam imaginar.

Sacou do seu “chiribibi” (a toga tinha aberturas para as algibeiras) e entabulou conversa com os seus vizinhos mais próximos. Perguntou se tinham trazido com eles já projectos de Constituição e a resposta foi – hoje porquê? Amanhã ou depois. Hoje é mais uma espécie de aula de apresentação, porque é que estamos aqui, e um ou outro discurso de circunstância. Não lhe deram o programa?

A ninfa Calíope chegou esbaforida, perseguida por piropos, pois era bonita como todas as ninfas e tinha uma maneira muito sensual de correr. Trazia um volume encadernado que entregou a Ulisses – Desculpe, esqueci-me. Foi da emoção de estar ao pé de um verdadeiro herói.

Folheou o programa e realmente só no segundo dia é que se iriam começar a apresentar os projectos de Constituição. Ulisses, como fora o último a chegar a Arcádia, falaria em último lugar. Depois os diversos projectos seriam votados e os 28 que reunissem mais votos seriam decididos no Estádio Olímpico pelo método Zatopek.

- Zatopek? – perguntou Ulisses ao seu vizinho do lado, que também viera da Via Láctea. – Será uma espécie de método de Hondt?

- Não tem nada a ver. Significa que os 28 subscritores dos projectos finalistas vão disputar uma corrida de 5.000 metros e ficará aprovada a Constituição que for proposta pelo que chegar em primeiro lugar. Pensou-se em usar o método Maratona, mas era violento demais. Concluiu-se que 5.000 metros era já o suficiente para que um procurador mostrasse o que valia e, em consequência, o que valia a sua Constituição.

- Bom, parece... parece inovador – e Ulisses achou que todas as horas que tinha dedicado ao atletismo, no Liceu da Lapa ou no Estádio Primeiro de Maio ou no Estádio Universitário, tinham sido poucas, se por acaso o seu projecto viesse a fazer parte dos 28 finalistas.

- Eu pessoalmente preferia o salto à vara – explicou o colega do lado.
– Tenho o recorde do meu planeta e a medalha de ouro dos Jogos Lacónicos.

- Eu por mim preferia o lançamento do disco – lamentou-se o vizinho do outro lado, que vinha da galáxia gigante Maria da Luz, registada como ESO 325-6004. – Mas não há remédio, se é para defender aquilo em que acredito, correrei tanto como os outros.

Ulisses recostou-se melhor nas almofadas e pensou que o problema não era grande. Entre tantos projectos, os 28 finalistas seriam forçosamente os melhores e, portanto, escolher um ou outro daria sempre uma boa Constituição, pelo que fazia sentido que um procurador corresse o mais rápido que pudesse para que a sua fosse a vencedora, mas não valia a pena preocupar-se por causa disso. Ganhasse quem ganhasse, não haveria perigo de uma Constituição enganadora, daquelas que nem valem o papel em que foram impressas.

Às nove horas, tocaram os sinos, como se fosse um chamamento para a missa.

- Declaro oficialmente aberto o Congresso Imperial.

E não disse mais nada. Era o famoso Marduk, um velhinho decrépito que se sentava na mesa do Secretariado Permanente, colocado no cenário, de frente para procuradores, observadores e jornalistas. Trajava de púrpura como um imperador romano, com uma coroa de louros a cercar-lhe a calva.

O velho glorioso permaneceu sentado, enquanto se levantava outro dos membros do Secretariado, o escultor Pygmalion, que em primeiro lugar cantou “L’amour triomphe” e só depois foi à ordem do dia que estava um pouco desarrumada. Era assim:

Havia chegado ao conhecimento do Congresso que existia a possibilidade de alguns procuradores estarem por conta de uma organização criminosa chamada *al-Oil*, com origem no planeta Terra de onde todos provinham. Pelo menos um dos procuradores plenipotenciários ali presentes tinha sido ameaçado e, como não se deixasse intimidar, tinham tentado assassiná-lo. Podia não ser caso único. Quem estivesse nessas condições, deveria informar o Secretariado logo a meio da manhã, quando se fizesse o intervalo para o café.

Quem, tendo sido alvo de ameaças ou de tentativas de suborno, não o declarasse perante o Secretariado, o que seria feito com o maior recato, arriscava-se a ser exilado para a Ilha de Ostrakon, em pleno Mar do Esquecimento e num planeta bem longe de todas as delícias arcadianas.

A ordem das intervenções constava do programa que todos tinham, não falta nenhum, pois não? Pois é exactamente por essa ordem, a qual não é de modo nenhum arbitrária, pois é a ordem de chegada à nossa Arcádia, que agora é vossa também.

O primeiro a apresentar o seu projecto, logo amanhã de manhã, será o Procurador Kandinsky, do planeta Eros da galáxia de Flora que se encontra registada na Conservatória do Registo Estelar como STCP-TT-3344-XPTO.

O último, e ainda não é previsível quando chegará a sua vez, será Ulisses do Planeta Terra, a nossa origem comum.

Antes, porém, temos aqui connosco o Professor Heródoto que nos vai fazer uma resenha crítica da história universal, desde o nascimento da vida no planeta Terra, até ao momento actual. Depois haverá um tempo para perguntas e respostas. Não sei se preferem antes ou depois da pausa para o café.

Os gritos de “antes” alternavam com os de apoio ao “depois” e o escultor Pygmalion resolveu – primeiro as perguntas e respostas, depois a pausa. E agora peço uma salva de palmas ao Prof. Heródoto que gentilmente acedeu a vir prestar-nos a sua preciosa colaboração.

Um homem vestido de mujique entrou no cenário, fazendo vénias à esquerda e à direita. Colocou um maço de folhas de papel em cima da estante de uma peanha – Meu Deus, ele vai ler aquilo tudo? -, tossiu e começou por “Era uma vez”.

O resumo que Constance au Paradis deixou no seu bloco de pensamentos permite reconstituir que, “embora ainda só se conhecessem partes da teoria de tudo, era certo que a dimensão que todos partilhavam tivera o seu início num dado momento e tão extraordinário que só se pode exprimir por uma potência. Por razões que só Deus sabe, a vida tivera o seu início na Terra, as células que ao princípio eram simples, foram-se progressivamente complicando, e, de complicação em complicação, surgiu o Homem. Este ao princípio era assim um pouco abrutalhado, feito à imagem e semelhança do porteiro de uma discoteca, mas era falsa a ideia de que tinha passado milhões de anos, com um sorriso idiota, a colher amoras, a lascar pedra e a roer costeletas cruas. Quando vinha a glaciação, refugiava-se nas cavernas. Quando o tempo melhorava e aquecia, inventou a roda, as porcelanas, e o frigorífico. A seguir às canas de pesca, construiu os primeiros barcos e teceu as primeiras redes para perseguir o peixe que deixara de frequentar as zonas muito próximas das margens, e espalhara letreiros em língua de peixe – “Danger”, “Verboten” e “Trespassers shall be eaten”. Na glaciação que se seguiu, a Humanidade, no conforto das suas

cavernas, começou a dar-se à Filosofia, às Ciências em geral, e descobriu que para adormecer à noite não precisava de Xanax, bastava que alguém contasse uma história, verídica ou falsa pouco importava, o que importava é que ninguém lhe conseguisse ouvir o final. Outra vez o bom tempo, e a humanidade já era tanta que o que se apanhava à mão e o que se caçava já não era suficiente para todos. Os mais expeditos deitaram logo mão às melhores terras e traçaram sinais cabalísticos no terreno, que significavam que tudo o que os seus olhos viam agora era deles. Os outros, que não eram tão expeditos, ou não tinham tanta iniciativa, sempre que pensavam ter descoberto uma terra livre para cultivar, deparavam-se com sinais de “tabu” pintados em tábuas (e daí vinha o nome “tabu”), porque a terra já tinha dono. A única coisa que não era “tabu” era trabalhar para esse dono – não só não era “tabu”, como era altamente recomendado como alternativa a morrer de fome.

Havendo sempre alguém a interpor-se entre o comum das pessoas e o alimento de que precisavam para viver, criou-se o hábito de uns poucos mandarem e todos os outros obedecerem. Estes últimos descobriram os inconvenientes do Trabalho, com as graves questões do salário, das chicotadas e dos despedimentos. As férias ainda não tinham sido inventadas. Os donos das terras descobriram os prazeres de mandar em alguém. As ordens são como os murros e pontapés – é melhor dá-las que recebê-las.

Depois, quando havia quezílias entre os diversos donos das terras, quem é que normalmente era chamado para se matarem uns aos outros? Quem havia de ser senão quem nada lucrava com o assunto?

Surgida a desigualdade, a mesma não mais parou de crescer.

A técnica evoluiu, construíram-se as pirâmides, e o primeiro Centro Comercial surgiu em Stonehenge, uma enorme superfície circular com lojas de roupas de marca, e “stands” de automóveis, porque, como sabemos, a roda já tinha sido inventada.

A ciência evoluiu e as guerras tornaram-se tão mortíferas que houve que aumentar os salários dos sobreviventes e apaparicá-los um pouco para evitar birras.

Depois surgiu na Terra como que uma espécie de Império Global e acabaram-se os mimos. O poder e o conhecimento foram-se concentrando numa espécie de elite super-peneirenta, enquanto o restante da Humanidade recuperava o aspecto de porteiro de discoteca que tivera em milénios anteriores, e agora lascava pedras apenas para desafogar a sua raiva. Os bilhetes de identidade passaram a fazer a distinção entre “homo sapiens” e

“homo sapiens sapiens”, que era uma forma de achincalhar quem não tivera a oportunidade de frequentar uma boa escola.

A poluição na Terra desencadeou catástrofes tão monumentais que a elite imperial se refugiou em fortalezas nas zonas mais protegidas e desenhou a tinta da China os planos para abandonar a Terra. A sua avançada ciência, que contrastava com a avançada estupidez dos seus conterrâneos das zonas desabrigadas, fê-los descobrir o sistema da Estrela Madalena e o planeta Arcádia, que parecia que fora feito de propósito para albergar humanos exigentes em matéria de conforto. Era o lugar certo para levar uma boa vida, agora que dispunham de “robots” em número suficiente para dispensar a mão de obra humana.

Vinha a caminho uma nova glaciação. Já estava tudo pronto para a viagem, as bagagens arrumadas nos porões das naves, e assim que se detectou no Sol os sinais de que a glaciação vinha aí e chegaria em menos de oito minutos, o embarque foi rápido e a descolagem ocorreu ainda faltavam segundos para se iniciar a era glacial. Tinham muita pena de quem ficava, mas a vida era mesmo assim, os mais fortes deveriam prevalecer, quem era fraco que tivesse paciência.

Os que ficaram em Terra e lograram sobreviver não encontraram nada que saquear, tirando uma ou outra tablete de chocolate, e tiveram que fazer pela vida. Embora usassem computadores e telemóveis, não faziam a menor ideia como é que tais coisas se faziam. Tiveram que se resignar a regressar às cavernas porque não havia electricidade em casa, e uma caverna é sempre mais aconchegada, principalmente se tiver muita gente lá dentro.

Lascar pedra é apenas uma fase na evolução do Homem. Embrutece demasiado e não há quem o aguarde por muito tempo. Passada essa fase, e voltando o calor, redescobriu-se a civilização, que agora vinha com o picante da descoberta de entidades superiores terem habitado aquele planeta. Depois, claro, com a evolução, a Humanidade voltou a repetir o que tinha feito antes – separar os Homens entre uma elite que tinha tudo, sabia tudo, e tinha uma teoria a respeito de tudo, e os restantes a quem cabia fazer o papel de parvo. E vem uma nova glaciação, a aristocracia dá à sola e a ralé fica entregue ao frio e à fome.

Este ciclo repetiu-se por mais duas vezes, sempre igual, sempre inexorável, sempre fatal como o destino. A elite humana fugia e engrossava o número de extra-terrestres e dos planetas povoados. Os outros ficavam com o encargo de criar uma nova civilização quando o tempo melhorasse.

A Terra vai agora na 5ª. civilização e cedo despertou o interesse das novas gerações de vida inteligente. Servia perfeitamente para as teses de

doutoramento em Ciências Sociais. Começámos a visitá-la regularmente e a verdade é que nos trataram como deuses, príncipes ou qualquer outra espécie de casta superior. Dava gosto, e muita gente fez da Terra a sua segunda residência, como Apolo, pai de um dos digníssimos procuradores aqui presentes e cujo nome me abstenho de nomear.

E porque falo tanto da Terra, quando o Universo é tão incomensurável e tão variado?

Em primeiro lugar, porque é de onde todos provimos, qualquer que seja a galáxia onde tenhamos feito a nossa morada.

E depois, porque é uma espécie de reserva onde as pessoas podem dar largas aos seus piores sentimentos, o único lugar no Universo em que se faz a guerra, o mais cruel dos desportos, onde existe a pena de morte, e o único lugar onde ainda se pode morrer de fome, de sede ou da falta de médicos. Enfim, um lugar de grande valor histórico e que nos permite compreender a nossa própria evolução.”

(Ulisses ia estender o braço para esclarecer que em Devihaver também se praticavam algumas dessas abominações, mas achou preferível não dar nas vistas. Não é simpático desmentir um orador perante o seu auditório.)

Aqui terminava o primeiro caderno dos apontamentos de Constance e o resto que Ulisses ouviu directamente do conferencista já lhe tinha sido revelado por Marcos Urias. Como as diferentes levas de aristocratas fugitivos se guerreavam entre si, como tinham criado um Império Inter-Galáctico, com marcada tendência para o despotismo, e como se tinham afogado numa confusa massa de leis e regulamentos que pareciam não ter fim. Após o que acharam que já chegava e que a liberdade afinal era preferível. E era para isso que ali estavam, para garantir a liberdade para todo o sempre através de uma Constituição.

Seguiu-se um quarto de hora em que o moderador perguntava aos procuradores se queriam fazer alguma pergunta, e a resposta era o mais absoluto mutismo, porque o que todos queriam mesmo era fazer uma pausa para o café. Desesperado, ou seja, sem esperança que alguém lançasse uma pergunta ao Prof. Heródoto, o moderador Pygmalion informou onde eram as casas de banho e onde ficavam as cafetarias melhores e mais próximas.

Ulisses e os seus dois vizinhos do lado escolheram a mais gabada de todas, a Pastelaria Luanda, e foram atendidos por uma mulher de cabelos escuros e olhos grandes, castanhos e aveludados, que se chamava Mariana e talvez fosse daquelas musas que preferem o anonimato. Era encantadora e parecia impossível não gostar dela logo ao primeiro sorriso. Até a sua voz

era doce e simpática. O café era realmente delicioso e, servido pelas mãos da bela Mariana, dava uma enorme vontade de escrever poemas de amor em versos alexandrinos, o que é um desafio para qualquer poeta.

Provaram também os pastéis de nata, que eram uma especialidade da casa, feitos segundo uma receita que os deuses tinham encontrado num lugar chamado Belém, numa das suas aventurosas expedições pela actual civilização terrestre. Aventurosas porque as naves em que viajavam costumavam ser recebidas a tiro, embora as balas, os mísseis ou os raios “laser” resvassem na maior indiferença. Os beduínos do deserto eram mais hospitaleiros. Haveria que repensar o conceito de “civilização” e essa era também uma das tarefas do Congresso. Foi pelo menos o que disse Hermógenes, o conferencista que falou depois do intervalo.

RAPSÓDIA XXVI

A Liddida recomendou a Tasca do Brasileiro, onde os almoços eram muito em conta, quer dizer, as pessoas tinham em muito boa conta a qualidade da comida, que resumia em si tudo o que em milhões de anos se tinha descoberto em matéria de cozinha, desde o caldo de castanhas à feijoada com gambas. Foi onde almoçaram, Ulisses e a Liddida muito lado a lado, roçando as pernas, e na companhia de Heliogábalo, Marduk, Cléon, Laxante, Psikharpax e Constance, como não podia deixar de ser, porque ela preparava uma reportagem sobre as aventuras de Ulisses, hesitando ainda quanto ao título – Odisseia, Ulisseia ou Aventuras de um Rapaz – e não podia perder de vista o herói, para lhe registar as frases, os suspiros e as vezes em que metia os dedos no nariz.

Da parte da tarde falou o Prof. Amnesia von Taxis, Autokar und Alzheimer, que subordinou a sua longa tese (que sempre seria longa para quem acabara de almoçar) ao título bilingue de “*Actínio, Hermano, no te olvidaremos*” e “Mas como é que te podemos esquecer, ó meu grande sacana?” Tratou resumidamente dos erros da Ditadura do Império Esclarecido, assim chamado porque tinha múltiplas fontes de informação, umas pagas e outras não. Os erros eram tantos que o resumo durou horas e os auditores puxavam as pálpebras para cima para não fechar os olhos, que seria de muito má educação num planeta tão civilizado como Arcádia.

Quando finalmente foi permitido aos Procuradores que bocejassem, procedeu-se à eleição de dois cônsules, que iriam servir de moderadores durante os trabalhos constituintes, e que teriam de ser um homem e uma mulher, de idade entre os 14 e os 25 anos, com boa voz e com experiência do palco. À maneira da República Romana, o facto de os cônsules virem

aos pares destinava-se a evitar o arbítrio e o mau humor de um só. As decisões só valiam quando proferidas pelos dois em conjunto.

A eleição era feita à força de palmas. A Mesa lançava um nome ao público e eram rigorosamente medidas a intensidade, a resistência e a duração das palmas. Ganhavam os dois mais aplaudidos. Foram eleitos Cato Spherico e Constance au Paradis, cuja estranha sedução cativara todo um planeta. Mas Constance recusou a eleição – era jornalista, viera para ver, ouvir e contar, e não podia ser ela própria a notícia. Em seu lugar, foi eleita Aspásia, uma mulher tranquila e muito cortesã, com um sorriso bonito que contrastava com as trombas de Cato, um jovem muito austero que nunca ria, a conselho do médico.

Ulisses deitou-se depois de ver as Notícias da Noite, em que a notícia de abertura já tinha mais de dois dias - a captura de Horácio à sua chegada ao planeta Di Oxina. O detido fizera uma breve declaração aos jornalistas – era tudo mentira e não passava de uma cabala montada contra ele pelas elites que não lhe perdoavam o facto de ter ascendido por um golpe de sorte a Comandante da *Sirius*.

- O quê, chama sorte ao facto da doença do Comandante Páris?
- Só falo na presença do meu advogado.

Após o que fora colocado de castigo, virado para a parede.

Ulisses estava quase a adormecer quando a Liddida se introduziu pela frincha da porta e se deitou a seu lado, apertando-o contra si com toda a sua confortável elasticidade. Aproveitou aquele momento de transição da vigília para o sono e deu-lhe conselhos de travesseiro à mistura com muita meiguice. Ela era naturalmente carinhosa, mesmo quando não exercia a medicina.

No dia seguinte, depois do pequeno-almoço, entregaram-lhe na Recepção do Carpe Diem a quarta-via das suas credenciais, que tinha chegado por correio expresso. Ulisses calou por delicadeza o “obrigadinho, mas agora já não fazem falta” e depois também porque, sem o equipamento apropriado (uma boa bola de cristal bem transparente), nunca se sabe o que o futuro nos reserva.

Nesse mesmo dia começou a apresentação dos projectos de Constituição Imperial. Falou primeiro o Procurador Kandinsky, de uma forma aliás bastante colorida, e seguiu-se-lhe o Procurador Vichinsky, que era muito novo mas já atemorizava. Tinha a testa alta, os olhos de um azul desmaiado e os lábios finos. Teria muito futuro como Director de Cadeia se não estivéssemos em plena mudança de paradigma. Falava como quem rangia os dentes e a sua voz sibilava rancores pelos intervalos das vírgulas.

O seu projecto de Constituição parecia a Constituição Política de 1933, a dar com uma mão e a tirar com a outra.

- Procurador Vichinsky? Onde é que eu já ouvi este nome?

Era um dos nomes que constavam da documentação que Ulisses retirara da gaveta direita do aparador da nave *Efialta* e que provavam o comprometimento de alguns procuradores com a *al-Oil*, e que iam ao Congresso com o único propósito de defender o regresso à ditadura e a aliança com a aristocracia imperial terrena que destruíra o seu mundo ainda antes do tempo previsto e tinha pressa de o trocar por outro melhor. Para o que não dispunha de meios para além dos que lhe viessem a ser fornecidos pelo Império Inter-Galáctico. Mas tal só seria possível se o dito Império perdesse novamente a Razão.

Na noite passada, a Liddida recomendara-lhe, do outro lado do travesseiro, que, está bem, ninguém gosta de ser denunciante, a não ser quem já nasceu com alma de bufo, mas este caso é grave e tem de ser levado ao conhecimento do Secretariado Permanente, que aliás já está a par da conspiração e deu uma oportunidade aos implicados para se acusarem. Se a não aproveitaram, pior para eles. A bem da liberdade, amanhã de manhã, durante o intervalo para o café, entregas à Mesa a pasta com os documentos e dizes onde os encontraste. É melhor assim.

Os conselhos de quem nos salva a vida e ainda por cima nos ensina os rudimentos do amor são para ser levados à conta de ordens. E a Liddida não tinha suficiente elasticidade para deixar passar em silêncio coisas tão graves como a destruição de todo um mundo, só porque isso era bom e vantajoso para um grupo de indivíduos que se podiam contar pelos dedos na fotografia de uma reunião de amigos. Embora uma quadrilha de malfeitores dificilmente possa ser comparada a um grupo de amigos.

No dia seguinte, Ulisses levava a pasta, bem encostada à toga que tinha pertencido a Cícero e agora era dele. No intervalo para o café não foi ao “Luanda” inspirar-se na bela Mariana, e dirigiu-se ao escultor Pygmalion, que arrumava papéis com esboços a carvão de Constance au Paradis vista de todas as perspectivas possíveis.

- Penso que tenho aqui documentação que poderá interessar o Secretariado Permanente.

O que depois se passou não apareceu nas Notícias da Noite, mas o certo é que os Procuradores Vichinsky, Kappler, Pavolini, Wolff, Sachetti, Vassallo e Carlucius não regressaram ao Congresso depois do almoço e não mais foram vistos em Arcádia. Não ficaram registados como o “Grupo dos Sete” e as pessoas esqueceram-se deles. A verdade histórica é que foram

embarcados para a Ilha de Ostrakon, uma colónia de férias para condenados pelo crime de baixa traição. E ao que parece foram felizes. A liberdade não lhes convinha e eles não convinhavam à liberdade.

Os trabalhos do Congresso prosseguiram por longos dias, os suficientes para Ulisses ir burilando e aperfeiçoando o seu Projecto de Constituição e preparar a sua intervenção sobre a crise do Planeta Terra e as suas repercussões no Universo. As noites, quando adormecia e a Liddida não estava, eram povoadas por pesadelos, em que as Constituições eram sistematicamente revistas e deturpadas, em que se deixava ficar para trás na corrida dos 5000 metros, ou em que a Liddida encolhia de tal maneira, que coisas como beijos e abraços eram simplesmente impensáveis, por pura falta de espaço onde os dar. Mas quando ela estava ali a seu lado, quando sentia a sua respiração do outro lado da cama, os pesadelos davam lugar aos sonhos felizes.

Aproveitou os dias que ainda faltavam para a sua intervenção e foi recolhendo documentação sobre a *al-Oil* para poder fazer a lista de todos ou de quase todos os perigos que ameaçavam o seu planeta natal. A organização era o braço armado da aristocracia reinante na Terra e os seus atentados terroristas eram o pretexto dos pretextos para ir restringindo as poucas liberdades de que ainda gozavam os outros, a “escumalha” como era chamada nas reuniões dos dirigentes mundiais. Tratava-se de um esquema que, com designações parecidas, fora inventado pelas quatro civilizações que já tinham dominado o planeta Terra. Era difícil fazer algo de original, quando a tendência para os mais fortes sacanearem os mais fracos estava escrita no seu código genético a tinta indelével.

Para isso, o herói, fora das horas do Congresso, quando não namorava a Liddida, quando não tocava piano no salão de festas do Hotel, quando não fazia os seus 5000 metros no Estádio, quando não se ia embeber na doce escuridão dos olhos de Mariana, poderia ser encontrado, mas onde? No Arquivo Histórico ou nos Museus, rezando na Basílica do “Deus, esse Desconhecido”, ou simplesmente passeando nos jardins do Liceu, mas sempre obcecado pelos dois grandes temas

1 - Como é que vou conseguir escrever um projecto de Constituição que me satisfaça?

2 - Como é que vou conseguir ajuda para salvar o meu pobre planeta? “Meu” por assim dizer.

No Jardim das Dálías, ao pé do lago onde cisnes mergulhavam os longos pescoços e onde navegavam canoas, havia, junto ao embarcadouro, uma estátua representando Euterpe, filha de Zeus e de Mnemosina, e que era a musa que inspirava os músicos. As suas feições eram as de Helena, tal

como ela seria se fosse reproduzida em mármore. Mas Ulisses nem sequer suspeitou que pudesse ter uma avó materna chamada Mnemosina, para não falar num avô chamado Zeus, que dava arrepios só de pensar em tanta mitologia nos ombros de um simples rapaz. Para além do belo rosto da Mãe, o que lhe chamou mais a atenção foi a divisa gravada na base da estátua. A estátua era da autoria de Pygmalion em pessoa. A divisa era a que Gargantua tinha dado à Abadia de Thelème, estava escrita em Francês quinhentista e era **FAYCE QUE VOULDRAS** (Faz o que te apetecer).

Ao aproximar-se da estátua, Ulisses ouviu uma voz que saía da estátua e que recitava o princípio do Capítulo LVII de “A vida muito horrífica do grande Gargantua” de Rabelais:

“Toda a sua vida era empregada não por leis, estatutos ou regras, mas segundo a sua vontade e o seu livre arbítrio. Levantavam-se da cama quando bem lhes parecia, bebiam, comiam, trabalhavam, dormiam quando lhes apetecia. Ninguém os acordava, ninguém os obrigava nem a beber, nem a comer, nem a fazer qualquer outra coisa. Assim o tinha estabelecido Gargantua.”

RAPSÓDIA XXVII

Ulisses não duvidou de que aquela era uma mensagem de sua Mãe Helena, que transpusera todas as barreiras do espaço-tempo ou do tempo feito espaço para lhe sussurrar aos ouvidos algumas das primeiras verdades que se viram quando se acendeu a Luz no Universo.

Foi a correr para o Carpe Diem, sentou-se à secretária e tirou mais uma folha de papel B17. Riscou todas as Constituições que já escrevera e redigiu um texto novo que lhe viera à ideia no Jardim das Dálías.

O resultado era uma espécie de Sermão da Montanha, mas ainda não era bem aquilo o que tinha em mente. Porquê?

Depois do jantar, e enquanto a Liddida não vinha, riscou este último projecto e escreveu algo completamente diferente.

No dia seguinte, a sua intervenção encerrava a fase da apresentação dos projectos de Constituição Imperial, e logo a seguir iria proceder-se à eleição dos 28 melhores.

Ulisses subiu à tribuna e agradeceu mentalmente à Liddida a noite de amor que esta lhe proporcionara e a que devia a grande tranquilidade que o envolvia neste momento tão decisivo para a História dele próprio e de 27 galáxias, Via Láctea incluída.

Dirigiu-se aos Cônsules Cato e Aspásia, e requereu que, para além de apresentar à votação o seu projecto constitucional, fosse autorizado a fazer uma comunicação sobre a situação trágica que se vivia na Terra, berço da Civilização, e sobre as medidas que se impunham.

Os Cônsules desligaram os microfones, viraram as cabeças um para o outro e aproximaram-se tanto que parecia que estavam prestes a beijar-se. Mas era apenas para se porem de acordo sem que mais ninguém os ouvisse. Terminada a sua inaudível conferência, viraram-se para a frente e foi Aspásia quem falou:

- Pode fazer a comunicação, desde que não ultrapasse um quarto de hora. Como prefere? Constituição primeiro, comunicação depois? Ou comunicação primeiro e Constituição depois?

- Se não se importam, prefiro começar pela comunicação.

Os cônsules fizeram ambos, de comum acordo, um sinal afirmativo com a cabeça, à maneira dos gémeos Dupont e Dupond, glórias da Polícia Belga.

- Alfa, Beta, Gama. Pode começar.

Ulisses fez um breve panorama do que fora já dito sobre a Terra, sobre o papel sinistro da *al-Oil* e sobre os planos da aristocracia dominante para abandonar as gentes à sua infeliz sorte.

- Sabemos já que os aristocratas têm pressa de fugir, mas não dispõem por enquanto da tecnologia necessária. Razão pela qual procuraram cumplicidades junto do Império para lhes serem fornecidas naves para saírem da Terra e alcançarem um planeta favorável. Penso ser já do conhecimento geral que esse plano falhou.

Ulisses expôs o seu plano, para o qual era necessário que o Império pusesse momentaneamente de lado o seu rigoroso princípio de não-intervenção, e ajudasse a salvar os humanos da Terra.

- Se a aristocracia for convencida de que não pode abandonar a Terra, nem refugiar-se em cúpulas ou cavernas à prova das desgraças que ela própria criou, então perceberá que não pode continuar a infernizar a vida de todos os outros. Assim que perceber a ideia de que estão todos no mesmo barco, e que se o barco se afunda todos se afogarão, creio que procurará remediar todo o mal que fez. Se os aristocratas se aperceberem de que os extra-terrestres, com todo o seu tremendo avanço científico, estão do lado do Homem Comum e não deles, perceberão que o seu domínio chegou ao fim. Só que o mal feito ao planeta e às pessoas foi tanto e feriu tão fundo, que não poderemos dispensar a ajuda das 27 galáxias

confederadas no Império. Ajudem-nos, por favor, a limpar o ar, varrer o céu e a lavar o vento.

Tratava-se de um apelo a que só o Secretariado Permanente poderia dar andamento, e quando Ulisses se virou para trás viu que Marduk lhe piscava o olho, como quem diz “Deixe estar, não se preocupe, estamos do seu lado.”

O seu quarto de hora tinha chegado ao fim e agora era o momento de divulgar o Projecto de Constituição, que, à medida que falava, era impresso e distribuído por todos os Procuradores.

Ulisses colocou a voz e fê-la embater e ressoar por todo o vasto anfiteatro escavado na rocha do Monte Pnix:

“CONTRATO CONSTITUCIONAL

Primeiro Outorgante – Comunidade

Segundo Outorgante – Indivíduo

Entre a Comunidade e o Indivíduo, ambos representados por este Congresso Intergaláctico, que também se designa por Imperial, é estabelecido o seguinte conjunto de direitos e deveres recíprocos, constantes das cláusulas que seguem:

Cláusula Primeira

A Comunidade compromete-se a promover e respeitar:

A vida, a saúde, a educação, a felicidade e o conforto do Indivíduo;

A liberdade do Indivíduo, abstendo-se de, por qualquer forma, interferir no seu pensamento ou na formação e expressão da sua vontade;

O direito ao trabalho e o direito à preguiça;

A possibilidade de o Indivíduo dizer coisas que desagradem e não sofrer por isso qualquer represália;

O direito do Indivíduo a formar, em pé de igualdade com todos os outros Indivíduos, a vontade juridicamente imputável à Comunidade, e, desse modo, criar leis que se manterão em vigor até deixarem de ter o apoio da maioria.

Cláusula Segunda

A Comunidade compromete-se a não exigir do Indivíduo sacrifícios que excedam o estritamente necessário à manutenção da Comunidade em geral e dos Indivíduos em particular.

Cláusula Terceira

Em troca, o Indivíduo compromete-se a:

Fazer o que lhe apetecer e, por sua vez, deixar os outros fazer o que bem lhes aprouver, sem prejuízo do que adiante se dispõe;

Valorizar-se enquanto ser pensante e enquanto criador;

Pôr-se ao dispor da Comunidade quando esta precise do seu trabalho e oferecer-lhe o melhor das suas capacidades;

Só aceitar ideias feitas depois de as submeter ao seu próprio exame;

Participar periodicamente na formação da vontade política da Comunidade e respeitar as decisões da maioria, mesmo que diferentes da sua opinião e da sua vontade, salvo o que adiante se dispõe quanto ao direito de resistência;

Recusar cumprir quaisquer decisões que atentem contra os valores da vida, liberdade, saúde, educação, felicidade e conforto dos Indivíduos;

Nunca atentar ele próprio contra esses valores e, se o fizer, aceitar o castigo que o Código Penal prever em data anterior ao da prática do acto ilícito.

Cláusula quarta

O presente contrato tem duração indefinida.

Cláusula Quinta

Para a resolução de quaisquer dúvidas suscitadas pelo presente texto é competente a Assembleia Geral dos Cidadãos da Federação das 27 Galáxias, também conhecida por Império.

Monte Pnix, data “supra”.

Ulisses dobrou o papel em que escrevera o seu projecto. Enfim, já está. Foi para isto que eu fiz uma viagem tão longa, desde a Lapa até ao planeta Arcádia.

Desceu da tribuna e subiu vagarosamente os degraus do anfiteatro até alcançar a fila 33A, onde ficava o seu assento, o 138. No caminho, o seu ouvido apurado registava os comentários que se podiam quase todos resumir a “Só isto?”

Entretanto, a votação iniciar-se-ia logo depois de almoço e, para prevenir as dores, foi distribuída por todos os Procuradores, plenipotenciários ou não, um frasquinho de óleo de rosas, para untar as palmas das mãos antes dos aplausos, para não correrem o risco de ficar com elas a esquentar. De qualquer modo, o Secretariado Permanente fez circular o conselho de que era preferível que cada um apenas aplaudisse os 28

projectos que achasse melhores. A boa educação mandaria aplaudir todos, para não ferir susceptibilidades. Mas ficar com as palmas das mãos inchadas e em brasa era um castigo que ninguém merecia.

Almoçou na Tasca do Brasileiro, mas juntos à mesa só tinha Marduk, Pavese e a Liddida. Os outros tinham-se espalhado por outras mesas e por novos grupos que se tinham formado à medida que descobriam as afinidades que os aproximavam entre si e distinguíam dos outros.

Entre garfadas de filetes de pescada com arroz de grelos, o velho Marduk foi dando a sua opinião, que era também a do Secretariado Permanente. Compreendia que se pode viver perfeitamente sem uma Constituição escrita. Se todos os indivíduos tiverem a noção da honra, não faz falta um texto a exigir-lhes que sejam honrados.

- É a lei ordinária que tem o papel mais importante. E para isso se está a fazer agora um grande esforço para eliminar do ordenamento jurídico do Império todas as normas que sejam contrárias à auto-determinação e à consequente igualdade dos indivíduos. Vamos seleccionar as leis mais perfeitas e acrescentar o que estiver em falta. Mas sempre com a preocupação de que as leis sejam úteis, poucas, explícitas e bem feitas. Em suma, poucas mas boas. Por isso gostei do seu Projecto de Constituição, que é simples, conciso e é um contrato que em princípio é para cumprir. Quanto ao resto, quanto à intervenção do Império no seu planeta, é um assunto para ver com cuidado. O nosso princípio é, como sabe, o da não intervenção. Observamos, registamos e mais nada. Mas se se está realmente a preparar a destruição do planeta e da grande maioria dos seus habitantes, então esse poderá ser um caso para pôr os princípios de parte. Vê-lo-emos. E já agora, devo-lhe dizer que gostei da sua citação de T. S. Eliot em “Assassínio na Catedral”. Achei-a muito apropriada.

A Liddida apertou a mão de Ulisses, por baixo da mesa:

- Seja qual for o resultado (estou a falar da votação desta tarde), nunca o encares como uma injustiça. É apenas a democracia a funcionar. Queres-me guardar na algibeira da tua toga, só para dar sorte?

- Não. Os outros dariam logo pela tua falta.

RAPSÓDIA XXVIII

A estrela Madalena brilhava em todo o seu esplendor no céu azul turquesa de Arcádia. Soprava uma brisa ligeira e as nuvens, brancas e com uma sugestão de rosado, não eram promessa de chuva mas sim apenas mais

umas pinceladas na decoração. A temperatura nem se dava por ela. Eram as condições ideais para correr os 5000 metros no Estádio Olímpico.

A corrida ir-se-ia compor de duas eliminatórias e de uma final.

Como eram 28, haveria duas eliminatórias de 14 procuradores, sendo apurados os cinco primeiros de cada uma.

Ulisses disputaria a segunda eliminatória, porque o seu projecto de Constituição fora um dos 28 mais aplaudidos.

O herói segredara à Liddida, quando puderam estar a sós na noite que se seguiu à votação – se calhar não me votaram pelos méritos do meu Projecto, mas talvez por gostarem de... sei lá, a maneira como toco, a minha família, a viagem em que eu fiquei com a fama de herói, quando a verdadeira heroína foste tu, que nos salvaste da morte.

- E isso que importa, jovem Ulisses, se o teu projecto é mesmo bom, nem que seja para provar que uma Constituição se pode limitar ao essencial, não tem de ser obrigatoriamente o Comentário Conimbricense ao Código Penal, Parte Especial, em três pesadíssimos volumes?

A pista de atletismo do Estádio Olímpico era de um material elástico e muito fofo nas quedas. Tinha oito pistas, 600 metros de perímetro e a prova completava-se em doze voltas.

A primeira eliminatória iniciou-se às 10h 00m em ponto e foram apurados

1º. Jasão – 9m 22s 13c

2º. Filipe – 9m 25s 08c

3º. Sprée – 9m 31s 42c

4º. Demóstenes - 9m 54s 17c e

5º. - Psikharpax – 10m 01s 74c.

A segunda eliminatória iniciou-se às 10h 30m e foram apurados

1º. Laodamante – 9m 05s 23c

2º. Ulisses – 9m 07s 08c

3º. Hermes – 10m 12s 14c

4º. Trepper – 10m 31s 06c e

5º. Tóon – 10m 47s 55c.

Seriam estes os competidores da final, que ficou marcada para o meio dia em ponto, assim à hora de almoço já se saberia qual a Constituição que iria reger as 27 galáxias, Via Láctea incluída.

Ulisses vestia uma camisola vermelha, sem mangas, e calções verdes, por simples amor às cores do País onde nascera e que era agora uma simples província ou circunscrição militar do império global – *pro vincere*. Como todos, calçava asas nos pés. Não as de Marcos Urias, que estavam proibidas. As asas de Marcos Urias ou Mercúrio, o mensageiro alado dos deuses, eram para quem tinha de correr mais depressa que o som, a luz e outras coisas ligeiras, e para atletas era pura e simples batota.

O som do disparo ecoou ao meio dia e, ao fim da primeira volta, era Laodamante quem ocupava o primeiro lugar, seguido a pequena distância por um grupo de quatro atletas, de que faziam parte Jasão, Ulisses, Hermes e Psikharpax. A situação não sofreu qualquer alteração durante as cinco voltas que se lhe seguiram, mantendo-se constante a diferença que separava Laodamante do grupo de quatro perseguidores.

Quando já faltavam quatro voltas à pista, os quatro perseguidores aumentaram a velocidade e, um a um, foram ultrapassando Laodamante, que já não dispunha de forças para acelerar a passada. Agora, seguia Jasão em primeiro lugar, logo seguido por Ulisses, Psikharpax e Hermes.

Quando faltava apenas volta e meia para completar a prova, Hermes acelerou e começou a distanciar-se. Mas Ulisses reagiu de imediato, apressou-se até ao máximo das suas possibilidades e colocou-se à frente, ainda ultrapassando Tóon, que se atrasara e tinha uma volta a menos. Cortou a meta em primeiro lugar, com um tempo de 8m 10s 38c, que os altifalantes do Estádio anunciaram, ao som da “Entrada dos Convidados” do “Tanhäuser” de Wagner, como novo recorde olímpico. Hermes e Jasão ocupavam, respectivamente, o segundo e o terceiro lugar, a que correspondiam as medalhas de ouro e de prata, já que o primeiro classificado não receberia qualquer medalha, apenas lhe seria colocada uma coroa de louros. Os verdadeiros heróis contentam-se com a Glória, e é claro que não estamos a falar da caixa do supermercado da esquina, opulenta e de olhar meigo, que tem o nome “Glória” pregado ao peito.

A notícia da vitória de Ulisses foi emitida em todos os comprimentos de onda para todo o Universo.

- Temos Constituição. Assim um bocado a atirar para o original, mas em geral parece uma boa Constituição, daquelas que nem damos pela sua existência.

Antes do jantar de gala, Ulisses passou pelos estúdios da Televisão Olímpica. Estava agendada uma entrevista com o autor do projecto vencedor – e era ele, filho de Helena e de Apolo. Calhou no horário nobre, a hora dos aristocratas arruinados que ficavam em casa a ver televisão. A

entrevista foi conduzida por Constance au Paradis, que lhe fez a pergunta que mais temia.

- Já lhe passou pela cabeça que o seu pedido de intervenção do Império possa ser encarado como uma traição, e que o comparem ao Conde Julião a pedir a Tarik que atravessasse o estreito e invada a Península?

A jornalista falava em rajada, atropelando palavra atrás de palavra, como se tudo o que quisesse dizer lhe não coubesse inteiramente na boca. De resto, parecia uma professora a fazer-lhe uma prova oral particularmente difícil, por o achar aluno para 18 ou talvez mais.

- Em 711 d.C., exactamente – foi o início da resposta de Ulisses, tão irresistível era a tentação de exhibir os seus conhecimentos históricos a uma mulher tão eléctrica e a toda uma Humanidade para lá das câmaras. – Recordo que sempre se disse que a invasão árabe trouxe benefícios, como o limoeiro, a laranjeira, a nora, a matemática e as palavras começadas em “al”. E mostraram alguma tolerância religiosa, ao permitir aos cristãos continuar o seu culto, desde que pagassem imposto. Em suma, a invasão árabe teve semelhanças com a invasão da França em 1940, em que, ao princípio, diante de todos aqueles turistas fardados e de máquina fotográfica em punho, se espalhava a convicção de que os invasores eram “correctos”, o que foi uma ilusão que não durou muito.

Como é do conhecimento geral, os povos peninsulares voltaram a perder a sua independência, de uma forma gradual e calculada, quase a conta-gotas, até que, sem as pessoas darem por isso, estavam já sob domínio estrangeiro, e eram governadas por “Gauleiters” que se limitavam a obedecer às concretas instruções dos donos do mundo. Pelo que pedir a intervenção extra-terrestre não se pode comparar, mas mesmo nada, a qualquer tipo de traição. É antes um pedido de libertação urgente.

Por outro lado, não é só a liberdade dos povos do mundo que está em causa, mas a sua sobrevivência também – é preciso salvá-los da fome, do frio, da doença. Se o Império cruzar os braços, a maioria dos habitantes da Terra morrerá, isso é certo, mas o próprio Império terá de contar com a chegada de milhares de indivíduos sem moral e sem escrúpulos, autocratas educados na crença de serem geneticamente superiores, estarem para lá do bem e do mal, serem a lâmina da espada justiceira, e terem sido fadados para mandar nos outros, o que é inteiramente contrário ao princípio da liberdade e da consequente igualdade, que a partir de agora vigora no Império e, com a graça de Deus, para todo o sempre. Esperemos.

Constance au Paradis pareceu satisfeita, e mentalmente apontou 17,7 na sua caderneta interior. Era uma professora exigente e por princípio nunca dava notas superiores a 18.

E foi o jantar de gala para procuradores, observadores, Secretariado Permanente, **CAABE** (Conselho dos Anciãos Ainda em Bom Estado) e ainda para os respectivos acompanhantes. Era no Monte Olimpo, numa vasta esplanada banhada pelo luar de um satélite chamado Selene, que banhava as noites de Arcádia com uma luz que parecia polarizar o amor. A Liddida esteve sempre ao lado de Ulisses, naquela que seria a última noite que passavam juntos em Arcádia, que o regresso a casa é inevitável para um rapaz de 15 anos, que ainda não pode beber álcool nem meter-se em odisseias. Desta vez tingira o cabelo de ruivo, vestia um vestido preto decotado e cintado, com uma rosa vermelha presa no invertido vértice do decote. Era tão formosa que Ulisses pensava - como é que foi possível dançar com ela, no Hotel Melhor, ela tinha o cartão III, e não reparar na sua extraordinária beleza? Talvez porque acabara de dançar com a Cândida, e ainda estava sob a influência dos seus cornos e da sua cauda. Deve ter sido isso.

- Voltaremos a ver-nos? – perguntou Ulisses.

- Penso que sim. Porque não? Mais dia menos dia terei de ir à Terra tratar de negócios e, claro, visitar a minha amiga Helena. Há quarto para mim lá em casa?

- Claro, é uma casa grande. Antiga mas grande. E eu vou-te mostrar Lisboa. E tu nem precisas de quarto, podes dormir comigo.

- E a Ester?

- Não sei responder a essa pergunta. Ainda não tenho resposta para tudo. Desculpa.

A última noite em Arcádia ao som do alaúde e de poemas. Passos nus na alcatifa. Um abraço muito apertado e aquela voz tão doce a dizer coisas em murmúrios que arrepiavam. Um adeus. Uma lágrima sem explicação. E Ulisses desperta e está só naquela cama tão grande do Hotel Carpe Diem.

RAPSÓDIA XXIX

Ulisses já estava em Kopernik, de mochila às costas, quando foi abordado por Castor e Póllux, que falavam quase em uníssono, o que dava a impressão de se estar dentro de uma enorme caverna e com o eco ligado. Marduk convidava-o para um almoço de trabalho no **Restaurante Vatel**, no piso 2 do cosmoporto.

Não quero é chegar atrasado. O velho Marduk sossegou-o. Ainda tem tempo, faltam três horas para o seu voo.

Apresentou-lhe o outro convidado, Sir Hugh Dowding, que fazia parte do **CAABE** e quase não proferiu palavra durante o almoço. Ou eram os desgostos ou era a tradicional reserva britânica, onde se fecham os tesouros e algumas pessoas.

- Veja a lista e escolha o que mais gostar. Eu vou beber Bordéus e deixo-o provar uma gota. Os heróis não bebem nem jogam, mas uma gota de Bordéus reforça o sabor da comida.

Enquanto almoçavam, Ulisses pensou que Marduk tinha um papel na transição do mundo antigo para o mundo moderno que agora começava, mas esse papel não era papel vegetal, ou seja, era tudo menos transparente. Era inegável que o velho tinha uma autoridade natural, e era, por assim dizer, quase uma fonte natural de sensatez, em que todos procuravam mergulhar a sua concha e beber.

- Aquilo que disse, o pedido que fez da intervenção do Império nos assuntos da Terra... e há que procurar um nome melhor do que Império, dá sempre más ideias...

- Éden?... – sugeriu Ulisses.

- Já fechou.

- Nova Ordem Planetária?

- NOP? Não, soa mal.

- Associação de Pais e Amigos das Pessoas Amigas da Liberdade?

- Demasiado longo.

- Magna Carta?

- Não sei... Não sei...

E Marduk bebeu um gole, com um aceno de aprovação, não se sabia se à Magna Carta se ao vinho.

- É uma ideia a considerar. Entre muitas outras. Mas falávamos da intervenção do Império. O Secretariado Permanente e a **CAABE** vão-se reunir e elaborar um relatório, a que chamaremos Livro Branco, mas a capa vai ser de madrepérola, portanto de um branco mitigado. Depois a questão será submetida às assembleias de cidadãos. Subverter os princípios não é coisa fácil. Mas as pessoas mudam e mandam. Podem mudar de princípios e até alterar o final das histórias destinadas a acabar mal. Estou inteiramente de acordo com uma coisa que disse ontem à Constance au Paradis. Realmente, não nos sorri a ideia da chegada de mais uma leva da nata da 5ª.Civilização Terrestre. Têm um enorme complexo de

superioridade, e têm médicos que lhes dizem – Não é complexo nenhum. Você é mesmo superior.

Por isso, acham que são a nata do mundo, e não se dão conta de que essa nata azedou.

- E Marduk, como é que pessoas que se consideram feitas para mandar poderão conviver em pé de igualdade com pessoas livres? Ir-se-ão sentir como reis no exílio, não serão felizes, espalharão amargura em seu redor. Ora um dos corolários da liberdade é mesmo a alegria – uma descoberta do poeta Schiller na severa Alemanha.

- Sou também dessa opinião.

Comeram em silêncio durante coisa de dez minutos, até parecer que estavam zangados. Havia que romper o silêncio.

- Marduk, há uma coisa que acho que está mal e poderia ser melhorada.

- A acústica das nossas salas de concerto?

- Não, a acústica é perfeita. Refiro-me à questão de os extra-terrestres se apresentarem aos terrestres como deuses. A meu ver não é correcto, e lança os habitantes na Terra ou no cinismo ou no fanatismo. Deus é demasiado transcendente, para que simples humanos se arroguem o que está para lá da sua compreensão. Só que depois de se ganhar o hábito do tratamento como deus, esse hábito entranha-se e torna-se uma segunda natureza. Para a família e amigos da família sou filho dos deuses e neto de Zeus. É muita honra, mas sou um simples humano, e tenho esperança de morrer nem que seja daqui a muitos séculos, mas mesmo assim morrer. A vida eterna não é para mim.

- Compreendo.

- Daí a minha sugestão. Se o Império se decidir pela intervenção, o que será a maior alegria da minha vida, só peço é que evitem apresentar-se como deuses, e que não permitam que se lhes dê esse tratamento. Porque não se apresentam como parentes afastados, que por acaso até são? Tudo menos deuses.

Marduk sacou de uma pequena agenda e traçou caracteres com um estilete muito fino.

- É uma das ideias a apresentar à Comissão do Livro Branco. E que tal o almoço?

- Divinal. – Ulisses arrependeu-se de uma palavra tão superlativa e, apressadamente, emendou: - Delicioso. Muito bom mesmo.

- Foi em Arcádia que a sua Mãe Helena aprendeu a cozinhar.

À despedida, Marduk seguiu a tradição dos reis das ilhas visitadas pelo Ulisses homérico durante a sua odisseia de dez anos e ofereceu-lhe um anel de ouro em que estava embutida uma pedra negra com uma rosa gravada.

- Em qualquer aflição aperte com a rosa. Ela acabará por falar.

Sir Hugh Dowding despediu-se com uma palmada paternal e palavras amargas como “ter razão nem sempre é suficiente”.

Ulisses partiu à hora marcada. O transbordador *Vespucci* abordou a nave *Sirius* e Ulisses pôde enfim conhecer o seu primo Páris, já restabelecido e de volta ao trabalho.

- Já sei o que se passou. O General Belisário contou-me tudo o que não veio nos jornais.

- O General Belisário! E como está esse grande amigo? Sem ele, sem Unamuno e sem a Liddida, não estaria agora aqui. Só Deus sabe onde é que estaria.

Páris era um conversador nato, tinha um inesgotável reportório de anedotas e as horas na sua companhia passavam a correr. Nem se dava pela travessia da cintura de Belén nem pelos solavancos finais do Turbilhão de Coriolis.

- Sabes aquela da ninfa e do papagaio?

E enquanto Ulisses ria, pode-se dizer que homericamente, ao ponto de se pôr de gatas, o General Belisário mandava servir chá “Earl Grey” e uma fatia de bolo inglês. Em nome da respeitabilidade.

Páris deixou Ulisses na Nova Arganilense, que ainda tinha de seguir para Canis Major para fazer uma entrega urgente.

A Nelly acabara de cumprir o seu contrato com a Nova Arganilense e regressaria à Terra na *Thomas More*, na companhia de Ulisses.

- Sou um rapaz afortunado. Viajo na companhia da Beleza.

Ela tinha agora um contrato com a *Televisión de Galicia*, para apresentar o programa “Quanta à noite” e mais ninguém implicaria nem com a sua altura nem com os tacões dos seus sapatos. Estava no contrato.

- Está descansado, que não falarei de ti, apesar de seres actualmente a pessoa mais importante da Terra.

- O que para aí vai. Só por causa de uma Constituição e das mais simples, por sinal. E não acredites nessa história de eu ser um herói. Isso

não passa de poesia épica. É à Liddida que eu devo tudo e é ela a verdadeira heroína. Por falar nisso, que é feito da Cândida, aquela senhora dos chifres e da cauda?

Ainda mal Ulisses acabara de falar, quando sentiu o peculiar cheiro a enxofre. A seguir ao cheiro vinha a voz:

- Não, não se chegue. É para mim um grande prazer voltar a vê-lo, mas tenho um compromisso inadiável e já estou atrasada. Parabéns pelas suas glórias. Adeus.

E Cândida apressou-se para fora do salão, para não pôr em risco a sua maquilhagem que durara horas a completar-se.

- Sempre a mesma – compadeceu-se a Nelly. – Mas é boa rapariga e ter de viver com cornos e cauda não é nada fácil. Nessas condições, uma pessoa acaba sempre por ficar chamuscada. É uma fatalidade.

Seguiram na *Thomas More*, e Ulisses tinha a esperança de rever o Capitão Hard Rock. Mas este ficara no País dos Cogumelos e depois ainda iria gozar um mês de férias no seu castelo de Vaux-le-Vicomte.

- Mas que idade tem o Capitão Hard Rock?

- Vinte e oito.

- Então está muito estragado.

- É normal. O “rock” desgasta muito uma pessoa.

A nave era agora comandada pelo General Gordon, e era estranho como, sendo tão respeitáveis e tão parecidos, ele e a Tia Ernestina se entendessem tão bem.

Ao contrário do seu primo Páris, o General Gordon nunca ria. Todo ele era solenidade, e o pequeno bigode não lhe aligeirava a expressão - uma linha negra que ia de uma ponta à outra dos lábios, e se encaracolava em direcção às orelhas. Apesar dos seus 18 anos, fora educado na Velha Escola, e tinha uma enorme bagagem de cultura clássica e uma grande vontade de imitar os heróis da antiguidade.

O General lamentou a falta de um piano a bordo. Conhecia a fama de Ulisses, não só como herói mas também como pianista. Só conseguia dormir bem depois de ouvir Bach.

- Quando chegarmos a Pasaconsol, o Sr.General tem de seguir viagem ou pode tirar umas férias?

Não, até calhava bem. A nave ia ficar uma semana em Pasaconsol, para fazer a revisão trimestral. Poderia aproveitar essa semana para descansar e fazer algo diferente.

- Pois venha comigo até Lisboa. Fica lá em casa e vai ouvir a maior pianista do Universo, a autêntica, que é a minha Mãe Helena. Ela vai tocar, especialmente para si, as “Variações Goldberg”. Vai sentir um autêntico banho de felicidade. E dormirá como um bebé.

Ulisses olhava o jovem General e sentia sincera pena por já haver tão poucas oportunidades para o grande heroísmo. A verdadeira vocação do General Gordon era a de herói, à mistura com a de mártir, que uma coisa não impede a outra.

Falavam nos outros passageiros. Viajavam incógnitos, e não saíam dos seus camarotes.

- Por causa dos bosões de Higgs?

- Não sei. Por qualquer coisa secreta. Vão sair em Pasaconsol de cara tapada, como nos romances de capa e espada.

- Quanto mistério. Ao menos a Nelly Fernandez vai connosco até Madrid.

- É muito bonita.

- Eu diria mesmo mais. É muito, muito bonita.

Faltava meia-hora para saírem do túnel espacio-temporal e passarem para o ramal que dava acesso à estação de Pasaconsol. Era o momento para Ulisses e a Nelly ficarem encerrados nas câmaras de correcção temporal, uma espécie de câmara de descompressão para mergulhadores, mas que no caso deles servia para “acertar o relógio”, o que era indispensável depois de terem viajado nos túneis, em que o tempo simplesmente não corria, e em que atingiam velocidades fantasticamente superiores à da luz. Tratava-se simplesmente de pôr o tempo na ordem. Isto em termos terrestres, porque a alternativa à câmara de correcção temporal era a possibilidade de ir parar a outra idade geológica e a uma atmosfera que não fosse respirável, ou talvez até à companhia dos dinossáurios, que uma coisa são fósseis que não se mexem e ficam muito bem nos museus, e outra bem diferente é ter de correr à frente de um monstro alto como um prédio e veloz como um bólido a rilhar os dentes para o almoço. Ou, ao contrário, podia-lhes calhar na rifa a Terra depois de ter sido pilhada pela *al-Oil* e ter-se tornado novamente inabitável. Em qualquer dos casos, nem família nem amigos, o que era muito triste.

Quando Ulisses e a Nelly saíram das respectivas câmaras, a *Thomas More* já estava pousada na pista nº.7 da estação de Pasaconsol, era Março de 2014 e chovia lá fora.

RAPSÓDIA XXX

Dois anos depois, numa noite de Maio como esta, Ulisses e Ester, o General Gordon e a Nelly estavam sentados num banco do miradouro de São Pedro de Alcântara. Não estavam sentados por esta ordem. Como se pode ver na fotografia, e olhando da direita para a esquerda, primeiro a Nelly, depois o General, depois Ulisses e por fim a Ester.

Tinham ido passear ao Bairro Alto, e Ulisses mostrara-lhes o edifício do Conservatório, as redacções dos jornais, e dera-lhes a provar a diferença entre os restaurantes “nouvelle cuisine”, onde se comia pouco, mal e caro, e as velhas tabernas que ainda sobreviviam e onde era possível saborear iscas com batatas, imersas num molho espesso, e bacalhau com grão. Agora para a noite, talvez seja um pouco forte. Mas quase se tem a impressão de que a todo o momento chegará Eça de Queiroz, com um grupo de Vencidos da Vida, a reclamar em altos gritos o bacalhau de cebolada e o Bucelas fresco.

E agora estavam no jardim, numa noite fresca mas enluarada. Namoravam em silêncio. A Ester pousara a mão na de Ulisses e acariciava-a. O herói beijou-a e o nome Liddida esvoaçou por breves instantes no seu pensamento. Por vezes, não sabia distingui-las e tinha a ilusão de que Ester se iria encolher toda e refugiar-se-lhe no bolso das calças.

O General aligeirara muito a expressão algo torturada que trouxera na viagem de há dois anos, e a Nelly sorria-lhe. Ao princípio, Gordon pressentira que tudo não passaria de um *flash*, mas já lá iam dois anos enamorados e sempre que podiam evitar o “cotilleo” (e o General tinha uma espécie de radar que detectava objectivas a mais de 1.500 metros), lá estavam juntos – ele, com a sua farda de comandante inter-galáctico, mais alto do que ela, mesmo quando a Nelly punha os sapatos de tacão de agulha regulados para o máximo. Planeavam casar-se na Catedral de Santiago, para o que teriam de passar o Portal da Glória pelas vias normais.

Numa noite de Maio como esta, a Nelly sobressaltou-se e gritou:

- Rápido. Peçam todos um desejo.

Uma chuva de estrelas cadentes caía sobre Lisboa e sobre o outro lado do rio.

- Não é normal. Só costuma ocorrer em Julho. Agora em Maio...

Se não houvesse luar, e se as luzes da cidade se apagassem, seria infinitamente maior o brilho dos meteoros a arder à entrada na atmosfera. Mesmo assim, o espectáculo era impressionante.

Numa noite de Maio como esta, os jornais e as televisões noticiaram avistamentos de objectos não identificados em terras como Sagres, Portalegre, São Paulo, Cáceres, Albacete, Peñiscola, Clermont-Ferrand, Dortmund, Florença, Inverness, Uppsala, Adelaide, Sebastopol, Washington D.C., Boston, Bombaim e Durban, ou seja, um pouco por todo o lado.

A explicação veio dois dias depois – nuns casos tratava-se de balões meteorológicos, noutros de satélites que tinham efectuado uma experiência conjunta de iluminação da Terra a partir do espaço. Só restavam 0,5% dos casos para explicar. Era como se apenas meio caso não tivesse explicação, e com meio caso não se vai a lado nenhum.

O General Gordon despediu-se apressadamente da Nelly, porque acabara de saber que ia entrar de serviço, numa comissão de seis meses, e Ulisses, mesmo sem falar com os pais, pressentiu que algo estava a acontecer no universo, como se finalmente o problema da intervenção já tivesse sido votado e decidido por todas as assembleias das 27 galáxias confederadas.

Passada uma semana, o primeiro-ministro de Portugal pedia a demissão do cargo alegando razões de ordem pessoal, e sublinhando estritamente de ordem pessoal, para evitar os maus pensamentos, que é por esse lado que ainda se pode pecar politicamente.

Resistir por palavras e por obras está reservado a heróis como Vercingétorix ou Palma Inácio. Não é vergonha não ter nascido com alma de herói. Nem sequer é vergonha ser um tudo nada colaboracionista quando já não se come um jantar decente há vários anos e a mesa do vencedor é rica, contanto que não se franqueiem os limites de um Robert Brasillach - e se publiquem no jornal ***Je suis partout*** os nomes e moradas de judeus e comunistas, para poupar à ***Gestapo*** o trabalho de os procurar na lista telefónica. Colaboracionista no sentido de limpar as casas de banho dos vencedores e puxar o lustro às suas botas é uma coisa. Colaboracionista no sentido de ficar calado perante as maiores atrocidades, é próprio de quem tem amor à pele, e a modos que é desculpável a quem não tem vocação para sofrer. Denunciante é já outra coisa muito pior, e é tão grave como vender a alma ao diabo. *Have you no decency, sir?*

O certo é que na semana seguinte continuaram as demissões – os “Gauleiters” escolhidos pelo império global da 5ª.Civilização Terrestre e formalmente eleitos pelos cidadãos das respectivas províncias, iam à televisão, com cara de caso, e era a doença de um familiar, o falecimento da sogra, o desaparecimento do gato, a depressão, o não dormirem havia três dias, ou então o sentirem de que não estavam à altura dos novos

desafios que punha a conjuntura – sem esclarecer que desafios eram esses e se a conjuntura estava sólida ou se ameaçava desconjuntar-se.

Os dirigentes que punham o lugar à disposição convidavam os seus povos a desenrascarem-se, que já eram crescidinhos. Que escolhessem livremente o que mais gostassem – neo-realismo italiano, livros de Enid Blyton, gelados de chocolate e baunilha, o que quer que fosse. Bastava pedir por boca que para mim tanto se me dá como se me deu.

Queriam-se ir embora e o mais depressa possível, como se receassem um novo Tribunal de Nuremberga, agora para julgar todos os criminosos de guerra, mas mesmo todos, sem qualquer exceção – não só os que carregavam no botão como os que mandavam carregar no botão.

Apolo levou Ulisses ao Aqueduto das Águas Livres e apresentou-o a seres vestidos de mosqueteiros do Rei que, munidos de alicates, cortavam fios de todas as cores. Ulisses recordou os passageiros misteriosos que seguiam na *Thomas More* e que nunca vira, apenas sabia que tinham saído em Pasaconsol, por baixo da barragem de Alarcón.

- Estão a destruir toda a aparelhagem de controle do pensamento que foi montada no aqueduto. Daqui eram emitidas para o vale de Alcântara e para toda a zona ribeirinha de Lisboa mensagens subliminares. Depois as pessoas votavam como autómatos, sem vontade própria. Esse tipo de coisas é pura batota e não é digno de quem enche a boca com a democracia.

O mesmo se passava em todo o planeta, em que não havia máquina controladora ou aparelho partidário que não estivesse a ser desmantelado. As pessoas iriam pela primeira vez decidir livremente o seu destino, e os candidatos a dirigentes teriam de falar como adultos e teriam de expor autênticas ideias e não frases compostas em agências publicitárias por vendedores de cremes adelgaçantes.

- E o mais importante, é que quase ninguém sabe que a *Magna Carta* está aqui, em toda a força, a velar por que as regras do jogo sejam cumpridas e que a liberdade vença definitivamente.

- Pai, *Magna Carta*? Fui eu quem sugeriu o nome.

- Bem sei. Foi o que Marduk me disse.

FIM